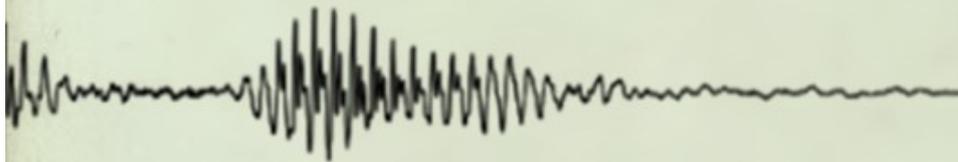


FILOLOGIA E
LINGUÍSTICA
PORTUGUESA

20(esp.) dez., 2018



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

e-ISSN 2176-9419

FILOLOGIA E
LINGUÍSTICA
PORTUGUESA

20(esp.), dez. 2018

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

e-ISSN: 2176-9419

Revista Filologia e Linguística Portuguesa

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa



Editores

Sílvio de Almeida Toledo Neto, *Universidade de São Paulo*, Brasil
Maria Clara Paixão de Sousa, *Universidade de São Paulo*, Brasil

Conselho Editorial

Ana Rosa Ferreira Dias, *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, Brasil
Anthony Julius Naro, *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Brasil
Ataliba Teixeira de Castilho, *Universidade de São Paulo*, Brasil
Esperança Cardeira, *Universidade de Lisboa*, Portugal
Evanildo Bechara, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Brasil
Graça Maria Rio-Torto, *Universidade de Coimbra*, Portugal
Ieda Maria Alves, *Universidade de São Paulo*, Brasil
João Wanderley Geraldi, *Universidade de Campinas*, Brasil
Leda Bisol, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Brasil
Leonor Lopes Fávero, *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, Brasil
Luiz Antônio da Silva, *Universidade de São Paulo*, Brasil
Manoel Luiz Gonçalves Correa, *Universidade de São Paulo*, Brasil
Maria Cristina Altman, *Universidade de São Paulo*, Brasil
Maria Filomena Candeias Gonçalves, *Universidade de Évora*, Portugal
Maria Helena de Moura Neves, *Universidade Estadual Paulista*, Brasil
Maria Teresa Lino, *Universidade Nova de Lisboa*, Portugal
Mary Kato, *Universidade de Campinas*, Brasil
Rodolfo Ilari, *Universidade de Campinas*, Brasil

A Revista *Filologia e Linguística Portuguesa* publica estudos em Filologia e Linguística, com atenção ao seu valor para as investigações sobre a linguagem em geral e a língua portuguesa em particular. Os trabalhos cobrem linhas diversas, como a crítica textual, a paleografia, a codicologia, a linguística histórica, os estudos gramaticais, a análise do discurso e a historiografia linguística.

Editada desde 1997, a Revista é apoiada pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A revista é uma publicação exclusivamente digital, com acesso exclusivo pelo Portal de Periódicos da Universidade de São Paulo, em <http://www.revistas.usp.br/flp>.

e-ISSN: 2176-9419

Copyright (c) 2018 Filologia e Linguística Portuguesa



Esta obra possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*. Os direitos autorais serão cedidos à revista para publicação on-line com livre acesso e impressa para arquivo em papel. Serão preservados, porém, para autores que queiram republicar seus trabalhos em coletâneas.

Filologia e Linguística Portuguesa,
vol. 20, número especial:

*Estudos em prosódia do português:
variedades africanas e brasileiras*

Flaviane Romani Fernandes-Svartman,
organizadora.

Sumário

Apresentação: Estudos em prosódia do Português: variedades africanas e brasileiras
Flaviane Romani Fernandes-Svartman
7-9

The Perception of yes-no questions across varieties of Brazilian Portuguese
Joelma Castelo Bernardo da Silva, Aline Fonseca, Gisela Collischonn †, Pedro
Henrique, Sónia Frota
11-25

Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações
Roberta Fiel, Luciani Ester Tenani
27-45

*Estrutura Entoacional de Sentenças Neutras em Português Brasileiro na variedade de
Minas Gerais*
Priscila Marques Toneli, Maria Bernadete Marques Abaurre, Marina Vigário
47-70

*Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do
fraseamento prosódico no Português Brasileiro*
Aline Ponciano dos Santos Silvestre
71-94

Observações sobre fraseamento prosódico e densidade tonal no Português de Moçambique

Carolina Ribeiro Serra, Ingrid da Costa Oliveira

95-118

Fraseamento prosódico em português: semelhanças e diferenças entre variedades africanas e brasileiras

Flaviane Romani Fernandes-Svartman, Vinícius Gonçalves dos Santos, Gabriela Braga

119-138

Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA: um corpus de fala espontânea informal do português angolano

Bruno Rocha, Heliana Mello, Tommaso Raso

139-157

Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo: um estudo inicial de base prosódico-pragmática

Márcia Santos Duarte de Oliveira, Maria de Lurdes Zanolli, Giovana Merighi de

Andrade

159-186

Apresentação

Estudos em prosódia do português: variedades brasileiras e africanas

O volume 20(especial) da revista *Filologia e Linguística Portuguesa* publica um conjunto de oito trabalhos que tratam de temas concernentes aos estudos sobre prosódia de variedades da língua portuguesa, particularmente, as faladas no Brasil e no continente africano.

O estudo sobre a prosódia de variedades de português, de um ponto de vista comparativo ou não, tem sido tema de grande interesse de pesquisas recentes, principalmente no tocante às variedades ainda pouco ou mesmo inexploradas linguisticamente, como as africanas. Assim, os artigos deste volume, ao abordarem dados de produção e de percepção da fala, dados de escrita e aspectos metodológicos de construção de corpus e de tratamento de dados de prosódia, trazem contributos significativos para os estudos gramaticais do português, seja no que diz respeito à metodologia de constituição de base de dados e de tratamento desses, seja para o conhecimento de características prosódicas inexploradas das diferentes variedades do português e ainda para uma maior compreensão da gramática fonológica dessa língua.

O texto intitulado *The perception of yes-no questions across varieties of Brazilian Portuguese* abre o volume e tem como autores Joelma Castelo, Aline Fonseca, Gisela Collischonn †, Pedro Henrique e Sônia Frota. O artigo visa ao estudo comparativo, entre as variedades do português brasileiro faladas na Paraíba, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, da percepção da entoação de interrogativas sim-não de busca de informação. Confirmando a hipótese de que as distinções encontradas nos estudos de produção, levando a grandes áreas dialetais, no caso, Norte e Centro-Sul, estão refletidas nos padrões de percepção dos falantes, tal estudo amplia o conhecimento sobre variação entoacional em português brasileiro, com base na integração de produção e percepção, abordagem que ainda merece ser mais explorada pelos estudos linguísticos brasileiros.

Em *Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações*, Roberta Fiel e Luciani Tenani trazem contribuições para os estudos sobre prosodização de clíticos em português brasileiro, ao tratarem de hipossegmentações envolvendo estruturas de clítico pós-hospedeiro em textos de estudantes brasileiros dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental. Segundo as autoras, os dados por elas analisados indicam que, em certas estruturas morfossintáticas e levando em consideração a configuração rítmica dos enunciados, a direção da prosodização clítica em português brasileiro é à esquerda.

O terceiro artigo, intitulado *Estrutura Entoacional de Sentenças Neutras em Português Brasileiro na variedade de Minas Gerais* e de autoria de Priscila Marques Toneli, Maria Bernadete Marques Abaurre e Marina Claudia Pereira Verga Afonso e Vigário, amplia os conhecimentos sobre entoação do português brasileiro, ao analisar a estrutura entoacional de sentenças declarativas neutras da variedade falada em Uberaba (Minas Gerais). Confirmando resultados obtidos por trabalhos prévios sobre a variedade paulista, os dados analisados pelas autoras revelam que, também para a variedade

mineira analisada, o grupo de palavras prosódicas e a palavra prosódica são domínios relevantes para a associação de acentos tonais e que o número de sílabas das palavras prosódicas em interior de sentença também desempenha papel relevante na associação desse mesmo tipo de evento tonal.

Por sua vez, Aline Ponciano dos Santos Silvestre apresenta uma descrição prosódica de orações adverbiais denominadas ‘desgarradas’ no artigo *Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no Português Brasileiro*. A autora, em análise prosódica inédita desse tipo de oração típica da fala, traz acréscimos aos estudos sobre fraseamento prosódico em português brasileiro. Os resultados alcançados no trabalho, com base na análise de dados da variedade carioca do português brasileiro, revelam que tais orações possuem características prosódicas que as diferenciam dos demais tipos de oração adverbial.

O artigo *Observações sobre fraseamento prosódico e densidade tonal no Português de Moçambique*, de autoria de Carolina Serra e Ingrid da Costa Oliveira, consiste em uma contribuição inédita para o conhecimento sobre aspectos prosódicos do português moçambicano. Com base na análise de dados de fala espontânea, o artigo apresenta resultados preliminares relativos ao fraseamento prosódico e densidade tonal para essa variedade de português. Segundo as autoras, a amostra de dados por elas analisada parece não apresentar características prosódicas que singularizam o português de Moçambique, mas características prosódicas também presentes em outras variedades de português, como as africanas e variedades do português brasileiro e do português europeu já descritas em estudos anteriores.

O trabalho de Flaviane Romani Fernandes-Svartman, Vinícius Gonçalves dos Santos e Gabriela Braga, *Fraseamento prosódico em português: semelhanças e diferenças entre variedades africanas e brasileiras*, compara as variedades brasileiras de português faladas em Salvador e Florianópolis (Brasil) e as variedades africanas faladas em São Tomé (República Democrática de São Tomé e Príncipe) e no Libolo (Angola) quanto ao fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras na estrutura sujeito-verbo-objeto (sentenças SVO). Os resultados indicam que (SVO), padrão de fraseamento no qual sujeito, verbo e objeto são fraseados no mesmo sintagma entoacional, é o padrão de fraseamento prosódico preferencial em todas as variedades de português, sendo outros padrões encontrados apenas a depender da ramificação e extensão de sujeitos e objetos (no caso das variedades brasileiras), e quando são considerados dados de fala espontânea e semiespontânea (no caso das variedades africanas). Tais resultados contribuem para uma maior compreensão das características prosódicas gerais da língua portuguesa e das que singularizam suas diferentes variedades.

Bruno Rocha, Heliana Mello e Tommaso Raso, no artigo *Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA: um corpus de fala espontânea informal do português angolano*, discutem minuciosamente critérios de constituição e de tratamento, inclusive prosódico, de dados de fala da variedade africana de português falada no município do Libolo (Angola). Ao discutir e problematizar a aplicação desses critérios, levando em conta o contexto plurilinguístico em que se encontra o português do Libolo, tal trabalho representa uma contribuição de grande relevância para os estudos linguísticos, na medida em que critérios metodológicos de constituição e validação de dados são essenciais para a obtenção de resultados fidedignos.

Fechando o volume, o trabalho de Márcia Santos Duarte de Oliveira, Maria de Lurdes Zanoli e Giovana Merighi de Andrade, intitulado *Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo – um estudo inicial de base prosódico-pragmática* consiste em uma descrição e proposta de análise iniciais sobre marcadores discursivos encontrados em um corpus de fala da variedade africana de português falada no Libolo (Angola). Baseando-se em uma análise prosódico-pragmática dos dados, as autoras trazem reflexões acerca do funcionamento dos marcadores discursivos do português do Libolo. Embora se trate de uma análise inicial de dados, destaca-se a relevância desse trabalho para o conhecimento linguístico de uma variedade africana de português ainda muito pouco estudada e marcada pela situação de contato linguístico.

Flaviane Romani Fernandes-Svartman
(Universidade de São Paulo)

FLP20(esp)

The Perception of yes-no questions across varieties
of Brazilian Portuguese
*A Percepção das interrogativas globais entre variedades
do Português do Brasil**

Joelma Castelo**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Aline Fonseca***

Universidade Federal da Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

Gisela Collischonn †****

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Pedro Henrique*****

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Sónia Frota*****

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Abstract: This paper studies the perception of information-seeking yes-no question intonation across varieties of Brazilian Portuguese spoken along the Atlantic Coast, namely Paraíba (North), Minas Gerais (Center) and Rio Grande do Sul (South). The hypothesis that the distinctions found in production studies, leading to major dialectal areas, are reflected in the perception patterns of native speakers was confirmed. Two main intonational areas were established: the

FLP20(esp)

* We would like to thank all the speakers that participated in the study. We also thank Joseph Butler for a revision of the English language. This study is part of the InAPoP Project – *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (PTDC/CLELIN/119787/2010), funded by *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, Portugal. Joelma Castelo was funded by *Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal* (CAPES – Ministério da Educação – Governo Federal do Brasil), process 0949-12-4, and Sónia Frota by PEst-OE/LIN/UI020214/2014 and UID/LIN/00214/2013.

Phonology and Prosody have now less variation, and the world (not only the world of sound) became less colorful. But we need to celebrate our colleague Gisela and all she has given us. She will always be around, through her work and in our memory.

** Lecturer, Faculty of Letters, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brazil; joelmacastelo@gmail.com

*** Assistant professor, Department of Letters, Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brazil; aline.fonseca@letras.ufjf.br

**** Full professor, Institute of Letters, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brazil.

***** Assistant professor, Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba, João Pessoa, PB, Brazil; pedrofelipelh@hotmail.com

***** Full professor, Center of Linguistics, School of Arts and Humanities, University of Lisbon, Lisbon, Portugal; sonia.frota@mail.telepac.pt

North, characterized by a rising nuclear contour, and the Center-South characterized by a rising-falling nuclear contour. Speakers from the North did not perceive differences between native and non-native patterns, whereas speakers from the Center-South clearly perceived them. This finding indicates a perception boundary across varieties. Developed within the *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* Project, this work contributes to extend and deepen current knowledge of the intonational system of Portuguese, by offering an integrated approach (that combines production and perception) to the study of intonational variation in yes-no questions.

Key-words: Yes-no questions. Intonational variation. Perception across varieties. Brazilian Portuguese.

Resumo: Este artigo apresenta um estudo da percepção da entoação das interrogativas globais entre variedades do Português do Brasil falado ao longo da costa atlântica, nomeadamente Paraíba (Norte), Minas Gerais (Centro) e Rio Grande do Sul (Sul). A hipótese de que as distinções encontradas nos estudos de produção, que definem grandes áreas dialetais, se refletem nos padrões de percepção dos falantes nativos foi confirmada. Duas grandes áreas foram estabelecidas: o Norte, caracterizado por um contorno nuclear ascendente, e o Centro-Sul, caracterizado por um contorno nuclear ascendente-descendente. Os falantes do Norte não percebem diferenças entre os padrões entoacionais nativos e não-nativos, ao contrário dos falantes do Centro-Sul. Estes resultados apontam para uma fronteira perceptiva entre variedades. Desenvolvido no âmbito do Projeto *Atlas Interativo da Prosódia do Português*, este trabalho contribui para ampliar e aprofundar o conhecimento atual do sistema entoacional do Português, oferecendo uma abordagem integrada (que combina produção e percepção) ao estudo da variação entonacional em interrogativas globais neutras.

Palavras-chave: Interrogativas globais. Variação entoacional. Percepção entre variedades. Português do Brasil.

FLP20(esp)

1 INTRODUCTION

Previous studies on the role of intonation in the perception of yes-no questions have contributed to our knowledge of the prosodic system of many languages, including Portuguese and Spanish (e.g., Falé and Faria, 2005; Face, 2011; Gussenhoven and Chen, 2000) and of how the perception of intonation develops in early infancy (Frota et al., 2014), as well as to our understanding of relation between intonation and gestures (Cruz et al., 2017). However, there is little research on the perception of intonational variation across varieties of the same language (e.g., Fintoft, 1970; Gussenhoven and Udofot, 2010). Unlike for production, perception studies of intonational variation have only very recently started to emerge (Frota and Vigário, 2000; Cruz and Frota, 2011; Cruz et al., 2017; Nunes and Seara, 2015).

This paper examines the perception of information-seeking yes-no questions in Brazilian Portuguese (BP), as spoken in Paraíba, Minas Gerais and Rio Grande do Sul. These regions geographically belong to different areas, respectively the North, Center and South. The goal of the present study is to analyze the perception of native and non-native speakers from each region with respect to dialectal differences found in previous production research (Castelo and Frota, 2015; Castelo and Frota,

2017). These production studies, based on the *Autosegmental Metrical Framework* (Gussenhoven, 2004; Ladd, 2008 among others), showed that the nuclear contours of yes-no questions display different phonological patterns in these regions, which can be divided into two groups: North and Center-South. In the Northern variety (Paraíba), a rising nuclear contour is found, usually composed of a low nuclear pitch accent (L*) and a high boundary tone (H%). By contrast, Center-Southern varieties are characterized by a rising-falling nuclear contour, which may show two different phonological patterns: a bitonal pitch accent (L*+H) and a low boundary tone (L%) in the Center (Minas Gerais), and a monotonal pitch accent (L*) and a bitonal boundary tone (HL%) in the South (Rio Grande do Sul).

The intonational patterns follow a geographical continuum in terms of their broad rising and rising-falling phonetic shapes. Although the rising nuclear contour is the major pattern in the North, the rising-falling nuclear contour is continuously distributed in a crescendo from the North to the Center-Southern varieties. In addition, dialectal differences were also found in the pre-nuclear region, in terms of initial peak height and tonal density (the relation between number of phonological words internal to the intonational phrase and number of pitch accents – Frota, 2014). By and large, higher peaks and less tonal density were found in Northern varieties compared to Center-Southern varieties (Cunha and Silva, 2015; Nunes, 2015). Nevertheless, other studies show that there are no differences between tonal density among Northern and Center-Southern varieties (Frota et al., 2015).

Based on the systematic variation found in yes-no questions, mainly in the rising and rising-falling nuclear patterns, this paper addresses the following research questions:

1. Do Brazilian speakers from different regions recognize the differences between native and non-native yes-no question nuclear contours?
2. Do speakers use the cues in the pre-nuclear region to identify native and non-native yes-no questions?
3. Are the dialectal areas found in the production studies of yes-no questions in BP reflected in the perception patterns of speakers?

Our hypothesis is that perception patterns will mirror production patterns. First, it is expected that the dialectal differences found in speech production impact on speech perception, i.e., the perception patterns of speakers from the Center and South are more similar compared to the perception of speakers from the North. Second, regional cues in the pre-nucleus stretch are expected to play a less relevant role than the nuclear contour, considering the fact that pre-nuclear cues are less systematic than the intonational patterns found in the nuclear contour.

This paper is organized as follows. Section 2 provides an overview of the studies on the production and perception of yes-no question intonation, specifically for Portuguese. In section 3, the methodology of the study is presented, including a detailed description of the stimuli and conditions used in the perception tests, and a description of task procedures and statistical analyses. In section 4, the results are presented, and in section 5 the answers for the initial research questions are discussed. The conclusions of the study are presented in section 6.

2 PREVIOUS STUDIES

The perception of yes-no question intonation seems to be an ability acquired early during language development. Infants from five to six months are successfully able to identify yes-no question contours as different from statement contours in European Portuguese (Frota et al., 2014). As noted in Frota et al. (2014), the acquisition of the ability to recognize the question/statement sentence types is an important skill that is required in interaction contexts and in communication. Studies on the perception of sentence types in adult speech have shown that yes-no questions are perceived as such in different languages (Gussenhoven and Chen, 2000; Face, 2011; D'Imperio and House, 1997), including Portuguese (Falé and Faria, 2005; Cruz and Frota, 2011; Cruz et al., 2017).

The nuclear contour is identified in many studies as the main intonational cue used by speakers to distinguish between sentence types (Ladd, 2008; Gussenhoven and Chen, 2000; Frota and Prieto, 2015). In many languages, statements are characterized by a final falling contour while yes-no questions are characterized by a final rising contour. Recent work on the foundations of intonational meanings shows that speakers use common cues in the frequency code, namely a high pitch feature, for expressing interrogatives in typological different languages, whether the high pitch is used in the boundary (H%) such as in Dutch, or is manifested in pitch height differences (higher in yes-no questions) such as in Chinese, or in alignment differences of the high tone (L* HL% interrogatives versus H* L% in statements) such as in Hungarian (Gussenhoven and Chen, 2000; Gussenhoven, 2002, 2016). This may suggest a bias both in the production and perception systems, thus favoring the recognition of yes-no questions when rising contours are involved (Gussenhoven and Chen, 2000). However, there are also languages (or language varieties) exhibiting rising contours in statements and low or falling contours in questions (Gussenhoven, 2004; Ladd, 2008). Thus, language-specific intonational systems may grammaticalize pitch cues in different ways, not always mirroring the frequency code (Gussenhoven, 2002, 2004; Ladd, 2008).

In Portuguese, yes-no questions are signaled through intonation. In Standard European Portuguese (SEP), as spoken in Lisbon, the distinction between statements and yes-no questions is marked with a rising boundary tone (LH%) in yes-no questions and a low tone (L%) in statements (Frota, 2002). Both sentence types share the same falling nuclear pitch accent (H+L*). Perception research, based on the SEP variety, demonstrated that listeners recognize a yes-no question differently from a statement in the presence of a clear final rise (Falé and Faria, 2005).

In most European and Brazilian Portuguese varieties, yes-no questions are unambiguously produced as different from statements in some categorical intonational dimension, namely the nuclear accent and/or boundary tone (Frota et al., 2015). Nevertheless, in some European Portuguese varieties the difference between statements and yes-no questions is not displayed by different categorical units. Studies on the varieties spoken in Castro Verde (Alentejo - ALE) and Ponta Delgada (Açores - PtD) show that the final nuclear contour is composed of the same units (falling nuclear contour - (H+)L* L%). Results from perception tests revealed that native speakers from SEP are not able to recognize the difference between

statements and yes-no questions from ALE and PtD. Interestingly, native speakers from these varieties are able to distinguish between the sentence types (Cruz and Frota, 2011; Cruz et al., 2017). The findings on the native perception of ALE and PtD suggest that other cues might be relevant, besides the phonological units that compose the nuclear contours, possibly including cues from the pre-nuclear stretch. Although the final contour is widely described in the literature as the pragmatic core for sentence type interpretation (Gussenhoven, 2002), recent perception studies have shown that there are languages (or language varieties) where speakers are able to distinguish yes-no questions from statements from the beginning of the utterance (Face, 2011; Petrone and D'Imperio, 2011; Nunes and Seara, 2015). This finding is demonstrated for Castilian Spanish (Face, 2011), where the main cue is the boundary pitch (high in yes-no questions and low in statements), but pre-nuclear cues also play a role. Following the final pitch cues, the second most relevant cue is tonal density (with fewer internal pitch accents in yes-no questions than in statements) and the third the height of the initial peak (higher in interrogatives than in declaratives).

In BP, yes-no questions display different intonational patterns across regions, while contrasting with statements in nuclear accent and/or boundary tone (Frota et al., 2015). In the North (Paraíba), a rising nuclear contour is found, showing a H% tonal boundary following a L* nuclear accent, as illustrated in Figure 1 top left panel, or a L*+H accent. In center varieties of BP, yes-no questions are intonationally marked by the nuclear pitch accent (as in Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais). Statements and yes-no questions have a common boundary tone (L%), and different nuclear pitch accents (H+L* for statements and L*+H for yes-no questions). Therefore, a rising-falling contour characterizes yes-no questions, as shown in Figure 1, top right panel (an example from Minas Gerais). Finally, a monotonal pitch accent (L*) and a bitonal boundary tone (HL%) are found in the South (Rio Grande do Sul), as another instance of a rising-falling contour shown in Figure 1, bottom panel. These intonational patterns have been extensively studied in previous production research (Castelo and Frota, 2015; Castelo and Frota, 2017; Frota et al., 2015).

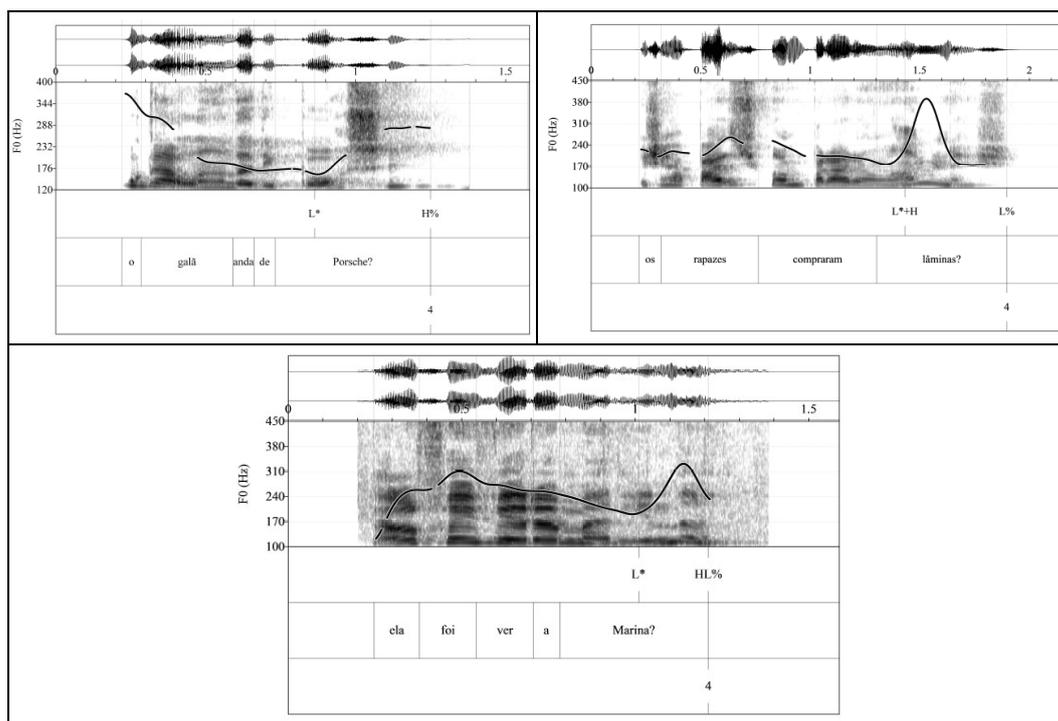


Figure 1 - The phonological patterns of yes-no question in BP: the rising contour L* H% (top left panel), the rising-falling L*+H L% (top right panel) and the L* HL% contour (bottom panel).

For BP, some studies have also shown that the pre-nuclear contour has slightly higher F0 values in interrogatives in the Rio de Janeiro (Moraes, 2008) and these values seem to be clearly higher for interrogatives in Northeastern varieties (Lira, 2009). It has been shown that the perception of yes-no questions in Sergipe, a Northeastern variety, and Santa Catarina, a Southern variety, may be guided by pre-nuclear cues, especially if the height of the initial peak is higher in yes-no questions than in the statements (Nunes and Seara, 2015). Results have also shown that speakers from Sergipe identify pre-nuclear cues more successfully than speakers from Santa Catarina.

The present study examines the perception of native and non-native speakers from Northern (Paraíba), Center (Minas Gerais) and Southern (Rio Grande do Sul) varieties with respect to the dialectal differences found in previous production research. From previous findings it is expected that BP speakers from different varieties show native-like perception patterns constrained by the set of cues that provides a more robust characterization of the sentence type distinction in their variety.

3 METHODOLOGY

3.1 Participants and language varieties

The perception experiments were conducted in three dialectal areas of BP: João Pessoa in Paraíba – PBA (North); Belo Horizonte in Minas Gerais - MG

(Center); and Porto Alegre in Rio Grande do Sul – RGS (South)¹. Forty-eight educated native speakers, of both genders (15 in Paraíba; 20 in Minas Gerais and 13 in Rio Grande do Sul) were tested by local researchers. Participants were aged between 18 and 55. Considering participants' performance in the training phase (cf. section 3.3 bellow), forty-five subjects were included in the final analysis: 15 in Paraíba; 18 in Minas Gerais and 12 in Rio Grande do Sul.

3.2 Materials

The stimuli were taken from the corpus of the InAPoP Project (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* - Frota, 2012-2015). They consist of read sentences, which were previously analyzed in a production study and evaluated for naturalness by native speakers. Both the natural versions and manipulated versions of the original sentences were used, in a total of 32 stimuli (16 natural and 16 manipulated). The natural and synthesized stimuli were equally distributed between each of two conditions, considering the melodic contour: the rising condition and the rising-falling condition. The rising condition was composed by 8 natural and 8 manipulated utterances showing a rising nuclear contour, as found in the North (either L* H% or L*+H H% as nuclear patterns). The rising-falling condition was composed by 8 natural and 8 manipulated utterances showing the rising-falling nuclear contour from the Center-South (either L*+H L% or L* HL%). Table 1 shows stimuli used according to nuclear contour shape, phonological representation, and location of word stress in the nuclear word.

In the manipulated condition, pre-nuclear cues (initial peak and internal pitch accents) were equalized using Praat in order to ensure that the perceived differences were restricted to the nuclear contour patterns. In other words, peak height and tonal density were the same for all the manipulated stimuli. Therefore, these features at the pre-nuclear region could not distinguish between varieties.

Three repetitions of each stimulus were randomly presented. Thus a total of 4320 responses were obtained (45 subjects x 32 stimuli x 3 repetitions).

Table 1 - Stimuli

Nuclear contour shape	<i>North</i>		<i>Center-South</i>	
	Rising		Rising-falling	
Phonological representation	L* H%	L*+H H%	L*+H L%	L* HL%
Penultimate stress	2	2	2	2
Antipenultimate stress	2	2	2	2
Total	8		8	

¹ The acronyms adopted follow the standardization defined in the InAPoP Project, which does not correspond to the official acronyms of the Brazilian states.

3.3 Perception task

The task consisted of an identification task divided into two phases: training and test. The utterances were presented randomly to the participant who must choose whether the sentence type was declarative or interrogative, on a scale from 1 (declarative) to 5 (interrogative). Participants were instructed to respond in a spontaneous way, and warned that they only had 3 seconds to respond. Otherwise, another utterance was automatically played and the item was left unanswered.

In the training phase, participants listened to natural native declarative and interrogative utterances. This phase was used to familiarize participants with the task and to measure participants' performance. Given that distinguishing between natural declarative and interrogative utterances was a baseline requirement, participants who obtained less than 50% accuracy at this phase were excluded from the final analysis. Participants could use the break at the end of the training phase for clarifying doubts. After the break, the test phase started. At this stage, participants must identify the sentence type of the utterances they hear. There were presented only yes-no question stimuli.

The task was implemented using the software *Super Lab 5.0*, which records participants' answers and reaction times. The entire task lasted 10 minutes and took place in a silent room, without external interferences.

3.4 Statistical analysis

A Mixed ANOVA was used to examine the effects of the variables region (North, Center and South) and type of stimulus (native versus non-native). Wilcoxon signed-rank non-parametric tests and Paired sample T parametric-tests were used to analyze the effect of the factor type of stimulus within each region. The non-parametric tests were used when significant results were found for the pre-tests of Normality and Homogeneity of data.

4 RESULTS

The analysis was based on the response scale used by the participants, where 1 means declarative and 5 interrogative. This scale represents the degree of certainty of the subject in relation to the given answer. The response groups 1 and 2 were taken to represent the choice of the declarative option, 1 (certainty) and 2 (almost certain); group 3 answers represent the choice of an uncertain response (doubt); and the response groups 4 and 5 were taken to represent the choice of the interrogative option, 4 (almost certain) and 5 (certainty). The results for the natural stimuli are presented first, followed by the results for the manipulated stimuli.

4.1 Natural condition

There was a significant main effect of type of stimulus in the perception of the native and non-native patterns of yes-no questions ($F(1,1032) = 21.503, p < .001$), and a significant interaction between type of stimulus and region ($F(2,1032) = 6.638, p = .001$). In other words, regional differences in intonation patterns of yes-no questions impact the perception of this sentence type as different from declaratives.

Table 2 shows the responses obtained for native and non-native questions in the three regions. The participants from PBA (North) did not show a different perception pattern for their native yes-no question contour and the non-native contour. The averages for the two groups were not statistically different: 4.3 for native and 4.28 for non-native perception ($Z = -0.008, p = .993$). By contrast, the participants from MG (Center) and RGS (South) display a different pattern of responses for native and non-native contours. In MG, the averages were 4.24 for native and 4.07 for non-native stimuli ($Z = -2.256, p < .05$). In RGS, the difference is even larger: 4.6 for native and 4.2 for non-native stimuli ($Z = -6.197; p < .05$) (see Table 3). These results suggest that there is a different perception behavior between speakers from the North, who are not sensitive to dialectal patterns, and the Center-Southern speakers, who are sensitive to dialectal differences, but are more so in the South than in the Center area. Brazilian speakers are gradually more sensitive to regional differences in the yes-no question pattern towards the South, and interestingly this perception pattern is parallel to patterns found in production data. Only the North is characterized by rising contours, and the distribution of the rising-falling contour gradually increases towards the South.

Table 2 - Mean and standard deviation of the responses to natural stimuli presented by condition (native and non-native) in the three regions analyzed.

	<i>Region</i>	<i>Mean</i>	<i>Standard Deviation</i>	<i>N</i>
Native yes-no question	PBA	4.3000	1.15242	350
	MG	4,2427	1,11583	412
	RGS	4,6227	,75766	273
	Total	4,3623	1,05787	1035
Non-native yes-no question	PBA	4,2829	1,23580	350
	MG	4,0728	1,29928	412
	RGS	4,1941	,94851	273
	Total	4,1758	1,19638	1035

Table 3 - Wilcoxon signed-rank test for the responses to natural stimuli within each region

	PBA	MG	RGS
Z	-,008b	-2,256b	-6,197b
Sig. (2-tailed)	,993	,024	,000

The differences among regions obtained in reaction times confirmed the findings from participants' responses. There was a main effect of stimulus type ($F(1,1033) = 5.914, p < .05$) and a significant interaction between stimulus type and region ($F(2,1033) = 13.160, p < .001$).

Table 4 shows the reaction times obtained for native and non-native questions in the three regions. Surprisingly, native speakers from PBA (North) did not process native stimuli faster than non-native stimuli (native, $M = 915.94$ ms; non-native, $M = 818$ ms), and the difference between native and non-native was statistically significant ($Z = -2,602, p < .05$). Native speakers from the Center-South, on the other hand, show the expected pattern, i.e., they processed native stimuli faster than non-native stimuli (see Table 4). The difference between the perception of native and non-native yes-no questions was significant both in MG ($Z = -4,646, p < .001$) and RGS ($Z = -2,144, p < .05$) (see also Table 5).

Table 4 - Mean and standard deviation of the reaction times of the responses to natural stimuli presented by condition (native and non-native) in the three regions analyzed.

	<i>Region</i>	<i>Mean</i>	<i>Standard Deviation</i>	<i>N</i>
Native yes-no question	PBA	915,9486	604,95967	350
	MG	831,5521	605,58745	413
	RGS	951,6447	587,91055	273
	Total	891,7104	602,34299	1036
Non-native yes-no question	PBA	818,0200	585,63611	350
	MG	1023,0339	671,46529	413
	RGS	1037,4725	615,81724	273
	Total	957,5772	636,21213	1036

FLP20(esp)

Table 5 - Wilcoxon signed-rank test for the reaction times to natural stimuli within each region

	PBA	MG	RGS
Z	-2,602b	-4,646b	-2,144b
Sig. (2 tailed)	,009	,000	,032

4.2 Manipulated condition

Unlike with natural stimuli, participants' responses with manipulated stimuli showed more uncertainty. Response means lower than 4 show a degree of uncertainty whether the utterances are or not interrogatives. In the manipulated condition, in which the pre-nuclear differences were equalized, a larger range of responses (between 3,8 and 4,5) was found than in the natural condition (between 4,0 and 4,6), reflecting the higher degree of uncertainty overall. This result suggests that participants also use pre-nuclear cues for perceiving yes-no questions.

There was a significant main effect of type of stimulus in the perception of the native and non-native patterns of yes-no questions ($F(1,1033) = 20.05, p < .001$), and a significant interaction between type of stimulus and region ($F(2,1033) = 16.420, p < .001$). Again, regional differences in intonation patterns of yes-no questions impact the perception of this sentence type as different from declaratives. Thus, the manipulated condition displays the patterns found in the natural condition.

Table 6 shows the responses obtained for native and non-native questions in the three regions in the manipulated condition. In PBA, no significant difference in the perception of native and non-native patterns of yes-no questions was found (native, $M = 4.08$; non-native, $M = 4.25$; $Z = -1.75, p = .079$), as with natural stimuli. Participants from the Center-South, by contrast, show differential perception between native and non-native yes-no question patterns, with significant differences for both MG ($Z = -3.010; p < .05$) and RGS ($Z = -6.718, p < .001$) varieties (see also Table 7). Thus participants' responses in the manipulated condition corroborate the differences in perception across regions found for natural stimuli. This suggests that the nuclear pattern is a crucial cue for the perception of yes-no questions.

Table 6 - Mean and standard deviation of the responses to manipulated stimuli presented by condition (native and non-native) in the three regions analyzed.

	<i>Region</i>	<i>Mean</i>	<i>Standard Deviation</i>	<i>N</i>
Native yes-no question	PBA	4,0891	1,31083	348
	MG	4,0807	1,17817	409
	RGS	4,4588	,82948	279
	Total	4,1853	1,15571	1036
Non-native yes-no question	PBA	4,2557	1,25236	348
	MG	3,7995	1,39814	409
	RGS	3,8602	1,09536	279
	Total	3,9691	1,28875	1036

FLP20(esp)

Table 7 - Wilcoxon signed-rank test for the responses to manipulated stimuli within each region

	PBA	MG	RGS
Z	-1,757b	-3,010b	-6,718b
Sig. (2-tailed)	,079	,003	,000

Results from reaction times in the manipulated condition also confirmed that native yes-no questions are processed differently from non-native yes-no questions (main effect of stimulus type, $F(1,1034) = 17,412, p < .001$), and that there are significant differences in perception across dialectal areas (interaction stimulus type*region, $F(2,1034) = 13,466, p < .001$).

Table 8 shows the reaction times obtained for native and non-native questions in the three regions, in the manipulated condition. Reaction times had similar patterns to those found in the natural condition. For PBA participants there was no significant difference between native yes-no questions and non-native ones (native, $M = 843$ ms, non-native, $M = 818$ ms; $t = 1,72$; $p = .085$), whereas Center-Southern participants responded faster to native stimuli. The differences between native and non-native yes-no question perception were significant in MG ($t = -5.56$, $p < .001$) and in RGS ($t = -3,25$, $p = .001$). The main difference between the natural and manipulated conditions consisted of reaction times to non-native stimuli being generally higher in the manipulated than the natural condition. The slight increase in reaction times might be due to the absence of secondary cues in the pre-nuclear region that help the speaker to distinguish non-native from native yes-no questions.

Table 8 - Mean and standard deviation of the reaction times of the responses to manipulated stimuli presented by condition (native and non-native) in the three regions analyzed.

	<i>Region</i>	<i>Mean</i>	<i>Standard Deviation</i>	<i>N</i>
Native yes-no question	PBA	914,3037	569,43814	349
	MG	846,7946	601,66689	409
	RGS	968,1147	643,67356	279
	Total	902,1553	604,23077	1037
Non-native yes-no question	PBA	843,0029	674,59339	349
	MG	1071,2396	668,82541	409
	RGS	1133,9928	664,23474	279
	Total	1011,3105	680,02833	1037

5 DISCUSSION

The results demonstrated differences in the perception of yes-no questions among the dialectal areas considered. The research questions we addressed are discussed in the light of these findings.

1. Do Brazilian speakers from different regions recognize the differences between native and non-native yes-no question nuclear contours?

Brazilian speakers' ability to differentiate between native and non-native patterns was found to depend on their native variety. Participants from the Center-Southern regions distinguished between native and non-native yes-no questions, unlike the participants from the North (PBA) whose responses (and reaction times) to native and non-native patterns were not significantly different. However, PBA participants' performance may be understood considering the fact that speakers from the North are generally bidialectal speakers, since they are exposed to, and also produce, the Center-South (non-native) yes-no question patterns, together with the North (native) pattern. The former pattern is usually taken to be the most prestigious one, and is frequently used as a standard variety in the media.

2. Do speakers use the cues in the pre-nuclear region to identify native and non-native yes-no questions?

The similarity in the findings for the natural and manipulated conditions clearly demonstrates that the nuclear pattern is a crucial cue for the perception of yes-no questions. In the manipulated condition, where potential pre-nuclear cues were removed, speakers from the Center-Southern regions kept their ability to differentiate native and non-native questions, as shown in their responses and reaction times. Although nuclear patterns were shown to play a decisive role, pre-nuclear cues also had an effect on perception. Unlike with natural stimuli, participants' responses with manipulated stimuli, where the pre-nuclear cues were absent, showed more uncertainty overall. In addition, reaction times to non-native stimuli were slower in the manipulated condition. These results suggest that participants also use pre-nuclear cues for perceiving yes-no questions. Pre-nuclear cues have a secondary role, but they were not distinctive and important enough to have a major impact on perception, as no differences were found in the performance of participants in the natural (containing pre-nuclear cues) and manipulated (without pre-nuclear cues) conditions.

3. Are the dialectal areas found in the production studies of yes-no questions in BP reflected in the perception patterns of speakers?

Production studies have described a North versus Center-South divide, with rising patterns in the North only, and rising-falling patterns in the Center and South. They have also found an increasingly more frequent use of the rising-falling contour from North to South (Castelo and Frota, 2015; Castelo and Frota, 2017; Frota et al., 2015). These two features were reflected in the perception data. Brazilian speakers from the Center-Southern regions, but not from the North, were shown to be sensitive to regional patterns. Furthermore, BP speakers were gradually more sensitive to regional differences in the yes-no question patterns towards the South, as speakers from RGS in the South were more sensitive than speakers from MG in the Center. The fact that both the rising and rising-falling nuclear contours were found in production in Northern varieties relates to the finding that subjects from the North do not distinguish their native rising pattern from the Center-Southern rising-falling patterns. By contrast, in the Center-Southern regions rising-falling contours were almost categorical in the production data, and speakers from these regions were sensitive to dialectal differences in perception. Thus, production and perception studies converge to indicate, first, that speakers from the North are bidialectal speakers, that is, they produce a local variant but they are also skilled at producing the Center-Southern variant, and that is why they have difficulties in perceiving the distinction between the native and non-native patterns. The variation found in yes-no questions in the North is probably conditioned to discursive styles and/or social variables, which need to be better investigated. Second, speakers from the Center-Southern areas are widely inclined to use their own variant, which they tend to recognize as standard BP and differentiate from the pattern that identifies Northern varieties, to which they are usually exposed mainly through immigration from the North to the Center-Southern areas.

6 CONCLUSION

Our hypothesis that perception patterns would mirror production patterns was borne out by the perception findings. Indeed, the perception patterns of speakers from the Center and South were similar, on the one hand, and different from the perception of speakers from the North, on the other. The prediction that regional cues in the pre-nuclear stretch would play a less relevant role than the nuclear contour patterns in the perception of yes-no questions was also confirmed. BP speakers showed native-like perception patterns constrained by the set of cues that provides a more robust characterization of the sentence type distinction in their variety.

In short, the current study demonstrated that examining the perception of intonational variation is a useful and complementary tool to our understanding of the intonational system. The correlations between production and perception in Portuguese point to a still unexplored field of research on PB prosody: the relation between production and perception of intonation. The more general question, which underlies the three research questions we addressed, ‘Do Brazilian speakers perceive the intonation differences between Brazilian Portuguese varieties?’, was answered by the present study through the main finding that perception patterns mirror production patterns. However, a limited number of varieties were investigated. Future studies need to include more varieties and examine whether dialectal areas found in production are indeed reflected in the perception of Brazilian Portuguese intonation.

FLP20(esp)

REFERENCES

- Castelo J, Frota S. Variação entoacional no Português do Brasil: uma análise fonológica do contorno nuclear em enunciados declarativos e interrogativos [Intonational variation in Brazilian Portuguese: a phonological analysis of the nuclear contour in declarative and interrogative utterances]. In: Moreno A, Silva F, Veloso J, editors. *Textos Seleccionados do XXX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: APL; 2015. p. 113-131.
- Castelo J, Frota, S. The yes-no question contour in Brazilian Portuguese: a geographical continuum. In: Barbosa P, Paiva C, Rodrigues C, editors. *Studies on Variation and Change in Varieties of Portuguese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 2017. p. 111-133.
- Cruz M, Frota S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção [The prosody of European Portuguese sentences types: production and perception]. In: M. Costa MA, Falé I, Barbosa P, editors. *Textos Seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística de 2010*. Lisboa: APL; 2011. p. 208-22.
- Cruz M, Swerts M, Frota, S. The role of intonation and visual cues in the perception of sentence types: Evidence from European Portuguese varieties. *Laboratory Phonology: Journal of the Association for Laboratory Phonology*. 2017;8(1):23. DOI: <http://doi.org/10.5334/labphon.110>
- D’Império M, House D. Perception of question and statement in Napolitanian Italian. *Proceedings of the 5th European Conference on Speech Communication and Technology*. Rhodes, Greece. September, 22-25; 1997. p. 251–254.
- Face TL. *Perception of Castilian Spanish intonation: implications for intonational phonology*. Munich: Lincom Europa; 2011.

Falé I, Hube Faria I. Intonational contrasts in EP: a categorical perception approach. *Interspeech'2005 - Eurospeech*. Lisbon, Portugal. September 4-8; 2005. p. 1705-1708.

Fintoft K. *Acoustical Analysis and Perception of Tonemes in some Norwegian Dialects*. Oslo: Universitetsforlaget; 1970.

Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB [Aspects of comparative prosody: rhythm and intonation in EP and BP]. In: Castro R, Barbosa P, editors. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 1. Coimbra: APL; 2000. p. 533-555.

Frota S, Butler J, Vigário M. Infants' Perception of Intonation: Is it a statement or a question?. *Infancy*. 2014;19(2):194-213.

Frota S. The intonational phonology of European Portuguese. In: Jun S, editor. *Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press; 2014. p. 6-42.

Frota S, Cruz M, Fernandes-Svartman F, Collischonn G, Fonseca A, Serra C, Oliveira P, Vigário M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editors. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.

Frota S, coordinator. *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese Project*. Webplatform. Available at <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP>. University of Lisbon; 2012-2015.

Gussenhoven C, Chen A. Universal and language-specific effects in the perception of question intonation. *Proceedings of the Sixth International Conference on Spoken Language Processing (ICSLP 2000)*. Vol 2. Beijing, China. October 16-20; 2000. p. 91-94.

Gussenhoven C. Intonation and interpretation: Phonetics and Phonology. *Speech Prosody 2002: Proceedings of the First Inter-national Conference on Speech Prosody*. Aix-en-Provence, ProSig and Université de Provence Laboratoire Parole et Langage; 2002. p. 47-57.

Gussenhoven C. *The phonology of tone and intonation*. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.

Gussenhoven C. Foundations of intonational meaning: Anatomical and physiological factors. *Topics in Cognitive Science*. 2016;8(2):425-434. -

Gussenhoven C, Udofot I. Word melodies vs. pitch accents: A perceptual evaluation of terracing contours in British and Nigerian English. *Speech Prosody 2010, Proceedings of the Fifth International Conference*. Chicago, IL, USA. May 10-14; 2010. Paper 015.

Ladd R. *Intonational Phonology*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2008.

Lira Z. *A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro*. [dissertation]. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba; 2009.

Moraes JA. The Pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Speech Prosody 2008, Proceedings of the Fourth International Conference*. Campinas, Brazil. May 6-9; 2008. p. 389-397.

Nunes V, Seara I. Distinção de variedades dialetais e de modalidades através de contornos de regiões pré-nucleares: Análises acústicas e perceptuais [Distinction of dialectal varieties and modalities through pre-nuclear contours: Acoustic and perceptive analyses]. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. 2015;17(2):34-51.

Petrone C, D'Imperio M. From tones to tunes: effects of the F0 prenuclear region in the perception of Neapolitan statements and questions. In: Frota S, Elordieta G, Prieto P, editors. *Prosodic categories*. London/New York: Springer; 2011. p. 207-230

Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações

Prosodization of clitics in Brazilian Portuguese: clues from hyposegmentations

Roberta Fiel*

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

Luciani Tenani**

Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil

Resumo: Elementos clíticos em Português Brasileiro (PB) são prosodizados predominantemente à direita de seu hospedeiro. Em textos escritos, alunos do Ensino Fundamental (EF) tendem a grafar clíticos junto a seu hospedeiro, como ‘puraqui’ (‘por aqui’). Essas grafias seriam, pois, motivadas pela prosodização típica dos clíticos no PB. No entanto, encontramos grafias como ‘tenque’ (‘tem que’), em que o clítico está à esquerda do hospedeiro, formando estruturas enclíticas. Identificamos características desse tipo de hipossegmentação em uma amostra de textos produzidos ao longo dos quatro últimos anos do EF. Interpretamos que essas hipossegmentações são efeito de práticas letradas, que prescrevem o uso de ênclise verbal, como ‘pegala’ (‘pegá-la’), e, simultaneamente, efeito de práticas orais em que a ênclise ocorre, como ‘tenque’. Argumentamos que essas últimas hipossegmentações são pistas de que em certas estruturas morfossintáticas e certa configuração rítmica do enunciado a direção da prosodização clíticos é à esquerda.

Palavras-chave: Prosódia. Clíticos. Fonologia. Escrita. Português Brasileiro.

Abstract: Clitic elements in Brazilian Portuguese (BP) are predominantly prosodized to the right of their host. In written texts, Elementary School students tend to write clitics next to their host, as ‘puraqui’ (‘por aqui’). These spellings would therefore be motivated by the typical clitic prosodization of BP. However, we find spellings such as ‘tenque’ (‘tem que’), in which the clitic is next to the left of the host, forming an enclitic structure. We identified characteristics of this type of hyposegmentation in a sample of texts written over the last four year of the Elementary School. We propose that these hyposegmentations are effects of literacy practices, which prescribe the use of verbal enclisis, such as ‘pegala’ (‘pegá-la’), and simultaneously oral practices in which enclisis occurs, such as ‘tenque’. We argue that the latter hyposegmentations are clues that the direction of clitic prosodization is to the left in certain morphosyntatic structures and rhythmic configuration of utterances.

Keywords: Prosody. Clitics. Phonology. Writing. Brazilian Portuguese.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil; roh_fiel@hotmail.com

** Livre-docente, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, Brasil; luciani.tenani@unesp.br

1 INTRODUÇÃO

Clíticos fonológicos são formas que não têm acento e, conseqüentemente, não são palavras prosódicas. Essa característica leva clíticos a serem prosodizados junto a um hospedeiro, uma palavra com acento. Em Português Brasileiro (PB), clíticos fonológicos (cl) são preferencialmente prosodizados à direita, seguindo a direção da recursividade sintática, e formam com seu hospedeiro um constituinte prosódico, de natureza pós-lexical, como proposto por Bisol (2005, 2000) e discutido na próxima seção. Em textos escritos, alunos do Ensino Fundamental (EF) II tendem a grafar clíticos junto a seu hospedeiro, como ‘puraqui’ (‘por aqui’), como descreveu Fiel (2018). Essas grafias seriam, pois, motivadas pela típica prosodização dos clíticos no PB. No entanto, há grafias como ‘tenque’ (‘tem que’), em que o clítico ‘que’ está posposto ao hospedeiro ‘tem’, indiciando a configuração de estrutura enclítica. A relevância da consideração desse tipo de dado para a análise linguística é apresentada na sessão *Hipossegmentação de palavras*. Em seguida, descreveremos, na seção *Descrição e discussão de resultados*, características desse tipo de hipossegmentação em uma amostra de textos produzidos ao longo dos quatro últimos anos do EF, cujas características são apresentadas na seção *Material e metodologia*. Interpretaremos que essas hipossegmentações são efeito de práticas letradas, que prescrevem o uso de ênclise verbal, como ‘pegala’ (‘pegá-la’), e, também, efeito de práticas orais em que a ênclise ocorre, como ‘alende’ (‘além de’). Argumentaremos que essas últimas hipossegmentações são pistas de que a ênclise é preferencial em PB em certas estruturas morfossintáticas. Concluiremos este artigo retomando a problematização inicial acerca da prosodização de clíticos em PB, para levantar a hipótese de que a prosodização dos clíticos, nesses casos, ocorre à esquerda de seu hospedeiro, podendo se dar em domínio diferente do grupo clítico.

2 PROSODIZAÇÃO DE CLÍTICOS EM PORTUGUÊS

A prosodização de clíticos em diversas línguas é tema controverso porque envolve um conjunto de formas que pertencem a diferentes classes gramaticais, as quais, por sua vez, apresentam variado leque de comportamento. Há propostas que defendem um domínio específico de prosodização dos clíticos, como o grupo clítico (Nespor; Vogel, 1986, 2007) ou o grupo composto (Vogel, 2009); outras propostas negam haver domínio específico de atuação de regras que afetam os clíticos e afirmam que essas formas se prosodizam em diferentes domínios prosódicos, como palavra prosódica, palavra prosódica recursiva, frase fonológica (Selkirk, 1984, 1986, 1996, 2004; Inkelas, 1990; Vigário, 2003, dentre vários outros).

Em PB, são exemplos de clíticos fonológicos monossílabos átonos como preposições ‘de, com, em’, conjunções, ‘e, se, que’, pronomes ‘me, te, lhe’ e artigos ‘o, os, a, as’. Esses elementos têm a palavra prosódica pós-lexical como domínio específico para sua prosodização, na interpretação de Bisol (2000, 2005) com base em Nespor e Vogel (1986); ou não, na visão de Simioni (2008), que defende que clíticos são prosodizados no domínio da frase fonológica, ao adotar a proposta de Selkirk (2004). Haveria, ainda, a possibilidade de haver diferenças na prosodização de clíticos no PB, segundo Guzzo (2015). Para essa autora, clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (conforme abordagem de Vogel, 2009), diferentemente dos clíticos não pronominais, que seriam prosodizados junto à frase fonológica. Nesses

trabalhos, é descrita a predominância de a direção da cliticização ser à direita do hospedeiro.

Essas possibilidades de prosodização do clítico em PB brevemente resumidas decorrem, em parte, de diferentes propostas teóricas no âmbito da chamada Fonologia Prosódica e, doutra parte, da natureza complexa de formas que são (como a preposição ‘de’) ou podem ser clíticos fonológicos (como a forma reduzida ‘pa’ da preposição ‘para’ – cf. Marcato, 2013).

No que diz respeito ao arcabouço teórico, retomamos uma (entre várias) crítica feita ao modelo proposto por Nespor e Vogel (1986). A crítica que interessa brevemente retomar diz respeito ao fato de o clítico ser analisado como pé métrico e palavra prosódica por força dos princípios de boa formação da hierarquia,¹ sem necessariamente haver evidências segmentais ou rítmicas que sustentem o grupo clítico em diferentes línguas. Na edição de 2007 da mesma obra, *Prosodic phonology*, as autoras reconhecem o problema da configuração da hierarquia prosódica decorrente da aplicação dos princípios (1) e (2), abaixo transcritos, e propõem “flexibilizá-los”.

Princípio 1. Uma unidade não-terminal dada na hierarquia prosódica, X^P , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{P-1} ;

Princípio 2. Uma unidade de um determinado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade hierarquicamente superior de que faz parte. (Nespor; Vogel, 1986, p.7)²

Por meio de flexibilização do princípio (1), ficaria permitido que um constituinte dominasse até dois domínios abaixo dele. A partir da nova formulação do princípio 2, resulta a possibilidade de a sílaba não ser dominada por pé métrico e, este, pela palavra prosódica. Dessa maneira, no grupo clítico (CG) as sílabas (σ) são prosodizadas junto à palavra prosódica (PW), como ilustrado na Figura 1, com o exemplo *me li ri separa* do italiano.

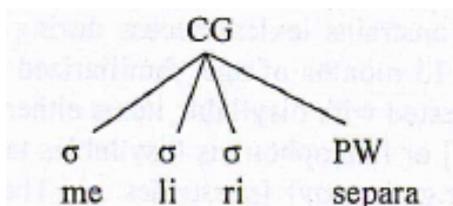


Figura 1 - O grupo clítico de Nespor e Vogel (2007, p. 16)

¹ Os quatro princípios da hierarquia prosódica são os seguintes (cf. Nespor e Vogel, 2007, p. 7):

Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^P , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{P-1} .

Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).

² A formulação dos princípios 1 e 2 no original é apresentada na nota precedente.

Na Figura 1, observa-se a nova proposta de mapeamento de clíticos e palavra prosódica em grupo clítico: os clíticos *me*, *li* e *ri* são sílabas ao lado da palavra prosódica *separa*. Nesse exemplo, os clíticos não são mapeados em pés métricos, nem palavras prosódicas, sendo as sílabas prosodizadas apenas quando da constituição do grupo clítico. O argumento dado pelas autoras para sustentar a existência do grupo clítico na hierarquia prosódica é o de que este constituinte é domínio de aplicação de regras segmentais, como em italiano (Nespor; Vogel, 1986, 2007). A alternativa de analisar esses processos como tendo outros domínios é refutada pelas autoras.

Para o PB, Bisol (2005, 2000) assume a existência do grupo clítico, defendendo ser esse o menor constituinte pós-lexical. Para a autora, é relevante um domínio para caracterizar a diferença da prosodização de prefixos, os quais sempre integram a palavra prosódica, completando-a ou aumentando-a, em relação aos clíticos que se anexam a uma palavra pronta, sem integrá-la. Bisol (2000) observa que o processo de integração que existe entre o prefixo e sua base em PB não existe entre o clítico e seu hospedeiro, uma vez que os elementos que compõem essa unidade mantêm sua independência. A autora traz evidências de que os clíticos se comportam diferentemente dos afixos, já que figuram como independentes na aplicação de regras fonológicas, como na neutralização de /e, o/, em final de palavra, onde [i, u], respectivamente, se manifestam. Nos exemplos a seguir, constata-se a neutralização nas vogais dos clíticos e das sílabas finais de palavra.

- (1) do menino > d[u] menin[u]
 (2) me leve > m[i] lev[i]
 (3) se sente > s[i] sent[i]

Nota-se, nos exemplos de Bisol (2000), que a regra se aplica tanto em palavras gramaticais, como a preposição ‘do’ e os pronomes ‘me’, ‘se’, quanto em palavras lexicais, como o substantivo ‘menino’ ou o verbo ‘leve’. Diferentemente é o que se observa nos exemplos abaixo, em que a neutralização não se aplica a vogais médias dos prefixos ou sílabas pretônicas, integradas a seu hospedeiro.

- (4) reanimar *rianimar
 (5) pospor *puspor.

Os prefixos são sempre ligados primeiramente a uma base morfológica, para somente depois integrarem-se à palavra como um todo. Os clíticos, por sua vez, nunca se integram à palavra, mas a ela se anexam, por adjunção, sob o domínio de um constituinte prosodicamente mais alto. Destaca-se que, para Bisol (2000), estabeleceu-se entre o clítico e seu cabeça uma relação de adjunção e não de integridade.

A autora ainda traz outras evidências a favor do grupo clítico, mas a principal delas é a elisão da vogal /e/, que só ocorre entre clítico e hospedeiro, como exemplificado a seguir.

- (6) Em outro dia > noutro dia
 (7) De outra vez > doutra vez
 (8) De um dia para o outro > dum dia para o outro
 (9) Em um espaço curto > num espaço curto

Em (6) e (7), a elisão ocorre entre os clíticos ‘em’, ‘de’ e a palavra gramatical que lhes segue, ‘outro’, ‘outra’; nos exemplos (8) e (9), entre dois clíticos: ‘de’ e ‘um’,

resultando ‘dum’; ‘em’ e ‘um’, resultando ‘num’. O mesmo processo é bloqueado na relação entre duas palavras lexicais, como exemplificado em (10) e (11).

- (10) Cidade antiga *cidadantiga
 (11) Grande amigo *grandamigo

A partir das evidências do processo de elisão de /e/, a autora conclui que o clítico, juntamente com a palavra a que se prosodiza, carrega uma natureza frasal, de uma locução, pois envolve elementos fonologicamente independentes. Assim, o clítico forma com seu hospedeiro um constituinte pós-lexical que não tem o tamanho da palavra prosódica de Selkirk (1984), mas o tamanho do grupo clítico de Nespor e Vogel (1986, 2007).

Contrária a essa visão é a interpretação proposta por Simioni (2008). Para essa autora, a elisão da vogal média /e/ pode ser analisada como evidência da prosodização do clítico anexado à frase fonológica. Em termos gerais, Simioni (2008) argumenta que essa prosodização se dá em função de que o clítico: (i) não se comporta como uma palavra prosódica independente; (ii) não se comporta como uma sílaba pretônica (no caso dos proclíticos) ou postônica (no caso dos enclíticos); e (iii) parece não se comportar como se estivesse no início de uma palavra prosódica. Com relação a (ii), a autora defende que em PB não parece haver uma distinção entre próclise e ênclise em termos de estrutura prosódica. Contrária a essa interpretação de Simioni (2008), Guzzo (2015) defende para o PB e Vigário (2003) para o PE que a prosodização dos pronomes é distinta, se em posição proclítica ou se enclítica.

Em suma, em PB (como em outras línguas) a pertinência de haver um domínio específico na hierarquia prosódica para prosodização de clíticos é tema sobre o qual não há consenso na literatura. E mesmo se admitida a pertinência desse domínio intermediário à palavra prosódica e à frase fonológica, não há consenso quanto à sua formalização. Neste artigo, reconhecemos essa problemática sem adentrar em possíveis soluções teóricas e assumimos a existência de um domínio prosódico para o clítico e seu hospedeiro. Admitimos que a prosodização do clítico à direita se dá no chamado grupo clítico, proposto por Nespor e Vogel (1986, 2007) e defendido por Bisol (2000, 2005) para o PB. Tomamos esse embasamento como ponto de partida para lançar o olhar sobre as grafias de palavras que tipicamente envolvem clíticos fonológicos pospostos a seu hospedeiro. Argumentaremos que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro ao longo do EF II seria pista de que, em PB, haveria assimetria na prosodização de clíticos, como defendido por Guzzo (2015) para os clíticos pronominais. O conjunto de hipossegmentações fornece, ainda, pista de quais construções morfossintáticas que, similarmente à estrutura de ênclise verbal, seriam prosodizadas no domínio da palavra prosódica.

A contribuição deste artigo aos estudos sobre fonologia está em fornecer pistas, com base em registros escritos, de haver clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização fosse à esquerda do hospedeiro. Identificar evidências fonéticas que refutem ou confirmem essa proposta é, pois, tarefa a ser feita em estudo futuro.

Antes de passarmos à descrição do material analisado, apresentaremos, a seguir, o quadro teórico em que a investigação de segmentações de palavra se insere.

3 HIPOSEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS

A hipossegmentação pode ser vista como um tipo de grafia que se caracteriza pela ausência de fronteira gráfica³ entre palavras, como ‘soque’ (‘só que’). Ao lado da hipersegmentação, que se caracteriza por presença de fronteira gráfica dentro de palavra (‘o portunidade’ para ‘oportunidade’), compreende os dois principais tipos de registro não convencional da fronteira de palavra⁴. Textos em que esses tipos de grafia ocorrem podem ser avaliados como característicos do processo de alfabetização, se os textos forem produzidos por alunos nos anos iniciais desse processo no EF I, mas passam a ser considerados índices de distúrbios de aprendizagem, se produzidos por alunos nos anos finais do EF I ou, ainda, no EF II⁵.

Neste artigo, tratamos justamente de textos do EF II em que ocorrem grafias que potencialmente indicariam os chamados distúrbios específicos de escrita de certa perspectiva escolar ou fonoaudiológica. Argumentaremos que características linguísticas, notadamente morfossintáticas e prosódicas, continuam a ter papel relevante para os alunos em processo de desenvolvimento da noção de palavra escrita. A explicitação dessas características é, de nosso ponto de vista, fundamental não apenas para descrever o funcionamento dessas grafias que ocorrem no EF II, contribuindo com o ensino de Língua Portuguesa, mas – principalmente – para demonstrar que os alunos se valem da competência linguística de ouvintes/falantes para produzirem seus textos. Nesse exercício argumentativo, as hipossegmentações são tomadas como dados linguísticos e não como meros erros ortográficos.

Interpretar erros ortográficos como índice de distúrbio de escrita em ambiente escolar dialoga fortemente com certas práticas clínicas de fonoaudiologia. Segundo Zorzi (2006), por exemplo, todas as crianças cometem ‘erros’ durante a aprendizagem da escrita; entretanto, esses erros não podem ser muito frequentes e devem diminuir ao longo dos anos letivos, tornando-se ocasionais, até que haja um total domínio do sistema ortográfico. O autor afirma ainda que as crianças que apresentam trajetória diferente dessa, exibindo grande diversidade e quantidade de segmentações não convencionais por um período longo, podem ser diagnosticadas como portadoras de transtornos de aprendizagem, uma vez que esse tipo de escrita de palavra é considerado sintoma de déficit de aprendizagem, um tipo de transtorno.

Fernández et al. (2010, p. 2) argumentam que o fato de o aluno se basear na oralidade para segmentar as porções do enunciado escrito é esperado no início do

³ Fronteiras entre palavras em português podem ser representadas na escrita por meio de espaço em branco e hífen. Tenani (2016) discute a diferença entre esses tipos de registros de fronteira entre palavras e defende que segmentações não convencionais de palavra sejam definidas pela ausência, no caso das hipossegmentações, ou pela presença, no caso das hipersegmentações, de fronteiras gráficas de palavra.

⁴ Um terceiro tipo pode ser identificado quando há simultaneamente os dois tipos de registros em uma sequência de duas palavras, como: “pura que” (“por aqui”). Nessa grafia, há hipossegmentação entre “por” e “aqui”, seguida de hipersegmentação de “aqui”. A esses registros Cunha (2004) denomina híbridos, justamente por haver características das duas possibilidades de segmentação de palavra, e Chacon (2013) denomina mesclas, por considerar que há mesclas de domínios prosódicos.

⁵ A partir de 2009 (Lei Federal Nº 11.274/2009), o sistema de ensino básico no Brasil passou a ter duração de nove anos, sendo organizado em dois ciclos principais: do primeiro ao quinto ano, Ensino Fundamental I; do sexto ao nono anos, Ensino Fundamental II.

processo de alfabetização e deve se extinguir quando os escreventes “compreenderem o que é o princípio alfabético, pois, dessa forma, eles poderão fazer uso de maneira mais eficaz da informação obtida pela decodificação letra-som”. Entretanto, se o aluno continua produzindo textos com segmentações não convencionais de palavra nos anos finais do EF, pode ser diagnosticado com *disortografia*, um distúrbio de aprendizagem.

Essa abordagem dos chamados erros ortográficos, incluídas as segmentações não convencionais de palavras, está embasada em uma concepção de escrita que considera haver relação de interferência da modalidade falada na escrita. Visão semelhante a essa, recorrente na área de fonoaudiologia, também é mobilizada por licenciandos em Letras chamados a analisar esses erros ortográficos em produções escritas de alunos do sexto ano do EF II, como demonstraram Capristano e Ângelo (2015). Nesse trabalho, as autoras argumentam que a visão predominante é aquela que vê interferências da fala na escrita, porque concebem fala e escrita como modalidades linguísticas dicotômicas, com base na semiose do fônico da fala e do gráfico da escrita.

Distanciamos-nos dessa perspectiva dos erros ortográficos e assumimos perspectiva defendida por Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997). As autoras, considerando dados de escrita nos anos iniciais do EF I, afirmam que:

‘erros’ cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura são, de fato, “[...] preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler”. (Abaurre; Fiad; Mayrink-Sabinson, 1997, p. 16-17).

Dessa perspectiva linguística, as grafias que ora consideramos são dados epilinguísticos, de trabalho do sujeito da linguagem (mesmo em se tratando de alunos do EF II), seja em seu modo de enunciação falado, seja em seu modo de enunciação escrito. No trabalho do sujeito com (sua) escrita, a organização prosódica dos enunciados falados é uma de suas ancoragens, ao mesmo tempo em que estaria ancorado no que supõe ser as convenções da escrita. Ao escrever, o aluno enquanto sujeito da linguagem produz o que ele imagina ser o registro convencional dos enunciados, baseado em suas práticas orais/faladas e letradas/escritas. De nossa perspectiva, não é a materialidade das modalidades linguísticas a base relevante para interpretação dos dados de escrita enquanto dado linguístico, mas as práticas sociais orais e letradas em relação aos modos de enunciação falado e escrito.

Essa perspectiva é adotada por autores como Capristano (2007), Chacon (2013) e Tenani (2016) para análise de dados de segmentações não convencionais de palavra produzidos por alunos do EF. Nesses trabalhos, as análises de características fonológicas passíveis de serem apreendidas da segmentação não convencional são feitas tendo por base a premissa de que características prosódicas dos enunciados são organizadas em constituintes, como proposto no modelo de Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007). Portanto, as segmentações de palavra seriam motivadas (ao menos em parte) na organização prosódica dos enunciados.

Capristano (2007) propõe a análise de produções textuais de crianças da primeira série EF I, observando na segmentação não convencional de palavras marcas que permitiram identificar pistas de um imaginário infantil sobre a escrita. Baseada nos resultados de sua pesquisa, argumenta que dois fatores pareceram atravessar fortemente as estruturas das segmentações não convencionais: (i) fator ligado aos

aspectos prosódicos dos enunciados; (ii) fator ligado àquilo que o escrevente imagina ser o código escrito institucionalizado (Corrêa, 2004).

Neste artigo, descreveremos que parte dessas características prosódicas descritas para dados de EF I permanecem como âncoras do processo de produção escrita no EF II. Interpretaremos essas características como resultados do que o aluno, enquanto escrevente e falante, imagina ser o registro ortográfico da palavra, notadamente dos monossílabos átonos que compreendem clíticos fonológicos do PB, com base em suas experiências com a escrita alfabética e de sua competência linguística. Dessa perspectiva, as hipossegmentações são, pois, pistas de possibilidades de configuração prosódica de enunciados.

4 MATERIAL E METODOLOGIA

Os dados a serem apresentados foram selecionados da pesquisa feita por Fiel (2018) que investigou ocorrências de hipossegmentação em uma amostra longitudinal de textos que integra o *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II* (Tenani, 2015)⁶. O banco é constituído por 5.519 textos escritos por 662 alunos do EF II, organizados em uma amostra transversal e uma longitudinal. Os resultados, a serem apresentados na próxima seção, foram obtidos a partir de 2.435 textos produzidos por 115 alunos, 67% dos 3.645 textos que constituem a amostra longitudinal. A definição desses textos como corpus de pesquisa foi feita tendo em consideração alunos que tivessem ao menos um texto por ano letivo. Desse modo, as produções de um mesmo conjunto de alunos poderiam ser observadas de forma contínua no decorrer dos quatro anos do EF II⁷.

Para melhor caracterização da amostra de textos investigada, faz-se necessário explicitar que os textos foram coletados por meio do projeto de extensão universitária *Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental*, realizado em uma escola pública estadual, situada no noroeste paulista, com a colaboração de alunos de graduação em Letras e de pós-graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. Portanto, os textos analisados não foram produzidos com propósitos de desenvolvimento desta pesquisa e guardam características da situação de produção textual no âmbito daquele projeto de extensão.

Quanto às características de produção textual relevantes para as questões que nos interessam aqui abordar, cabe informar que, inicialmente, era feita leitura de coletânea de textos, previamente selecionados pela equipe de coordenação das oficinas. Os textos, lidos conjuntamente pelos alunos, pertenciam a diversos gêneros e embasavam o debate, conduzido pelo professor ou monitor responsável pela atividade em sala de aula. O tema proposto para produção escrita era, pois, tratado sob distintas abordagens a partir dos textos lidos. Todas as discussões e atividades desenvolvidas na

⁶ O banco pode ser acessado por meio de cadastro no site:
<http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>.

⁷ A identificação dos alunos que atendiam a esse critério foi possível pelas ferramentas de busca do sistema de gerenciamento dos textos os quais, por sua vez, estão acessíveis em arquivos com a transcrição ortográfica do texto e em arquivo de imagem do texto original.

escola foram pautadas em uma concepção de escrita enquanto modo de enunciação inserida em um processo de letramento vinculado às práticas de oralidade (Corrêa, 2004), como relatam Tenani e Longhin-Thomazi (2014)⁸. Feitas oralmente colocações sobre as abordagens do tema proposto, os alunos eram convidados a produzirem seus textos, atendendo a características de diferentes gêneros e tipos textuais, conforme previsto pelo programa curricular do Estado de São Paulo para cada ano letivo⁹. Dessa produção textual, é importante ressaltar que todos os textos foram escritos sem a possibilidade de reescrita e a cada aluno era facultada a possibilidade de não escrever o texto solicitado, sem que essa recusa tivesse penalização na avaliação escolar. Desse modo produzidos, os textos, por hipótese, guardam marcas, relativamente acessíveis ao analista, do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas, como concebidas por Corrêa (2004).

Para a fase de identificação de hipossegmentação, adotamos dois critérios, a saber: (i) comparação dos espaços em branco entre palavras ao longo do texto; (ii) comparação entre as grafias das mesmas letras dentro de palavras semelhantes que ocorram no mesmo texto, conforme metodologia descrita em Tenani (2016). Também adotamos dois critérios de exclusão de dados, a saber: (i) formas homônimas, como ‘afim’, quando previsto ‘a fim’; (ii) dados de mesclas, como ‘pora qui’ (‘por aqui’). O primeiro critério de exclusão foi adotado por dois motivos: (1) morfossintático, pois esses casos de hipossegmentação que gerariam homonímias se particularizam em relação aos demais dados por estar em jogo duas grafias que correspondem a uma mesma cadeia fônica, sendo o critério morfossemântico que deveria ser considerado; e (2) quantitativo, porque houve muitas grafias semelhantes que viesariam os resultados quantitativos. O segundo critério de exclusão de dados justifica-se no fato de mesclas (Chacon, 2013) ou híbridos (Cunha, 2004) são dados de natureza particular em relação aos demais, pois partilham traços de ambos os outros dois tipos: envolvem tanto a hipossegmentação quanto a hipersegmentação, como em ‘a olado’ (‘ao lado’). Esses dados são considerados um terceiro tipo de ocorrência de segmentação não convencional de palavra, merecendo um estudo específico.

Atendendo aos critérios descritos, chegamos a um total de **750** dados de hipossegmentação, sendo 693 ocorrências com a ausência do branco entre fronteiras de palavras ortográficas e 57 ocorrências com a ausência do hífen.

Esses dados foram submetidos à análise estatística, por meio dos softwares *Excel* (versão 2016) e *Minitab* (versão 2017). Foram aplicados o teste paramétrico ANOVA e o teste Tukey. As seguintes informações foram consideradas: (i) total de hipossegmentação em cada ano do EF II; (ii) total de palavras escritas em cada ano do EF II; (iii) índice de ocorrência de dados gerado a partir da razão entre o total de hipossegmentação e o total de palavras escritas em cada ano do EF II¹⁰. O total de palavras foi obtido a partir do número total de palavras convencionais, contabilizadas por meio da ferramenta *contagem de palavras* disponibilizada pelo software *Word*,

⁸ Tenani e Longhin-Thomazi (2014) fazem descrição da metodologia e das atividades desenvolvidas no projeto de extensão.

⁹ A descrição dos gêneros e de tipos textuais que constituem o banco está disponível on-line.

¹⁰ Em Tenani (2016), encontram-se detalhes dessa metodologia de quantificação de dados.

*Microsoft*¹¹. Os resultados permitiram assegurar que há decréscimo de hipossegmentação com o aumento dos anos letivos. No entanto, esse decréscimo não implica ausência completa de hipossegmentações no final do EF II, como demonstrou Fiel (2018). Neste artigo, restringimos a análise, na próxima seção, ao conjunto de 72 dados em que o clítico é posposto ao hospedeiro, os quais ocorrem ao longo do EF II.

Os dados foram classificados a partir de dois critérios de análise, a saber: (i) configuração prosódica, que diz respeito à identificação de constituintes prosódicos envolvidas nas palavras hipossegmentadas, como grupo clítico e palavra prosódica, por exemplo; e (ii) configuração morfossintática, que tratou da identificação de classes das palavras, em gramaticais e lexicais, que foram hipossegmentadas.

Para a identificação da configuração prosódica das hipossegmentações, baseamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007), considerados os desenvolvimentos desse arcabouço particularmente em relação ao Português (Frota, 2000; Vigário, 2003; Fernandes, 2007). Essa identificação se deu a partir da estrutura prosódica da palavra convencional, por exemplo, ‘me ajude’ (grafado ‘meajude’) foi analisado em clítico (cl) seguido de palavra prosódica (ω), consideradas as definições e discussões de clítico e palavra prosódica para o PB, como sumarizados na primeira sessão deste artigo.

No desenvolvimento da análise prosódica, também consideramos o número de sílabas da palavra escrita convencionalmente e a localização do acento lexical de palavra. No que se refere ao número de sílabas, as palavras foram classificadas, segundo a tradição gramatical, em dissílabos, trissílabos ou polissílabos. Essa informação foi considerada como critério para identificar regularidades em relação ao tamanho tanto das palavras convencionais, quanto das pseudopalavras geradas a partir da hipossegmentação.

A seguir, passamos a descrever dados de hipossegmentações em que clítico é grafado junto a seu hospedeiro. Diferentemente de Fiel (2018), neste artigo interpretaremos que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro ao longo do EF II será pista de haver clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização for à esquerda do hospedeiro.

5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta seção, descrevemos o conjunto de hipossegmentações que se caracterizam por junção de uma palavra prosódica com clítico. Esse tipo de junção teve decréscimo de ocorrências ao longo do EF II, como se observa na Tabela 1. No sexto ano, houve índice de 0,05 ocorrências; no sétimo e oitavo ano, 0,03 ocorrências e, no nono ano, somente 0,01 ocorrência. Constata-se que o tempo de escolarização atua favoravelmente ao aprendizado das convenções ortográficas, como esperado.

¹¹ A tarefa de digitalizar e transcrever os textos do Banco de Dados do EF II foi realizada por bolsistas de auxílio à Pesquisa FAPESP (processo 2013/14546-5).

Tabela 1 - Índice de hipossegmentação 'ω+cI' ao longo do EF II

Ano	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	Total
Nº de hipo	27	19	12	14	72
Nº de palavras	50981	68499	42204	93267	254951
Coefficiente	0,05	0,03	0,03	0,01	0,12

Fonte: Adaptado de Fiel (2018)

Os resultados mostram que o aumento de escolarização tem efeito positivo no aprendizado de regras de segmentação de palavras, notadamente aquelas palavras escritas que não se configuram como palavra fonológica, porque não têm acento. Esse resultado também mostra que nem todos os sujeitos da amostra escreveram convencionalmente ao final do EF II¹². A análise que ora será realizada demonstrará algumas das características linguísticas dos enunciados que, em nossa interpretação, estariam motivando a manutenção dessas grafias de clítico posposto ao hospedeiro.

Iniciamos a descrição das características dessas hipossegmentações levando em conta a classe gramatical das palavras envolvidas.

Predominam hipossegmentações em que são grafados juntos verbo e pronome em posição enclítica. No sexto ano, ocorreram 21 hipossegmentações desse tipo; no sétimo ano, 7; no oitavo ano, 8, e, no nono ano, 12, como exemplificadas no quadro a seguir.

¹² Nessa tabela, estão excluídos dados de alunos cujos índices os levaram à classificação como *outliers*, por meio da análise estatística descrita por Fiel (2018). Em outras palavras, esses dados não são de alunos que poderiam ser classificados como portadores de distúrbios de aprendizagem.

Quadro 1 - Hipossegmentações de verbo e pronome

6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
‘achá-los’ > ‘achalos’	‘lembrá-lo’ > ‘lembralo’	‘vendê-lo’ > ‘vendelo’	‘preenchê-las’ > ‘preenchelas’
‘ajudá-los’ > ‘ajudalos’	‘ajudá-lo’ > ‘ajudalo’	‘ajudá-las’ > ‘ajudalas’	‘ajudá-lo’ > ‘ajudalo’
‘despistá-lo’ > ‘depistalo’	‘pagá-la’ > ‘pagala’	‘compra-lo’ > ‘compralo’	‘fazê-lo’ > ‘fazêlo’
‘derrotá-los’ > ‘derrotalos’	‘acalmá-la’ > ‘acalmala’	‘defende-los’ > ‘defenlos’	‘foi-se’ > ‘foise’
‘descrevê-lo’ > ‘descrevelo’	‘cumpri-las’ > ‘cumprilas’	‘seguí-lo’ > ‘seguilo’	‘levá-lo’ > ‘levalo’
‘estudá-los’ > ‘estudalos’	‘tê-la’ > ‘tela’	‘tratá-la’ > ‘tratala’ (2x)	‘matá-lo’ > ‘matalo’
‘imitá-los’ > ‘imitalos’	‘estava-me’ > ‘tavame’	‘pedi-la’ > ‘pedila’	‘passa-las’ > ‘pasalas’
‘pegá-lo’ > ‘pedalo’			‘perde-lo’ > ‘perdelo’
‘matá-lo’ > ‘matalo’ (2 x)			‘seguí-lo’ > ‘seguilo’
‘vê-los’ > ‘velos’ (2x)			‘sustenta-las’ > ‘sustentalas’
‘buscá-la’ > ‘buscala’			‘tê-las’ > ‘telas’
‘levá-la’ > ‘levala’			‘testá-lo’ > ‘testalo’
‘socorrê-la’ > ‘socorrela’			
‘pegá-la’ > ‘pegala’ (2x)			
‘casarem-se’ > ‘casarense’			
‘ajude-me’ > ‘ajudime’ (3x)			

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Esse tipo de junção parece menos motivada na configuração prosódica preferencial do PB, pois a direção da prosodização de pronomes em relação ao verbo é proclítica. Essa estrutura enclítica pode ser considerada como marcada quando se levam em conta enunciados falados do PB, segundo Abaurre e Galves (1996), notadamente porque a próclise é preferida quando consideradas possibilidades de colocação de pronome em relação ao verbo. Interpretamos que as hipossegmentações de verbo e pronome verificadas sejam efeito, em boa parte, da abordagem escolar do

conteúdo programático relativo à colocação enclítica do verbo¹³. A abordagem proposta nos documentos oficiais do Estado de São Paulo, à época da coleta, desconsidera a explicitação, por exemplo, das diferenças de usos desses pronomes em textos escritos ou falados, o que, de nossa perspectiva, aumenta a dificuldade de aprendizagem de estruturas linguísticas tipicamente empregadas na escrita, como é o caso da ênclise verbal. Acrescentamos que também está em jogo a aprendizagem do uso do hífen, marca gráfica que simultaneamente delimita fronteira e sinaliza dependência do pronome em relação ao verbo.

Embora essa colocação do pronome enclítico ao verbo seja aparentemente decorrente do aprendizado de regras das escritas, é importante destacar que também há características prosódicas subjacentes a essa colocação. Observamos que essas hipossegmentações resultam em grafias cuja configuração métrica se assemelha àquela predominante no domínio de palavra em PB. A maioria das junções desse tipo envolve verbo com duas ou três sílabas seguido do clítico, como em ‘pegala’ e ‘estudalos’, resultando em palavras paroxítonas semelhantes a trissílabos, como (pegala) Σ , ou a polissílabos com pés binários ((estu) Σ (dalos) Σ)¹⁴. A essas grafias subjaz uma configuração métrica de troqueu silábico, uma característica métrica do domínio de palavra mais geral do português, como observado por Bisol (2004). Tendo em conta essa potencial relação com a configuração métrica do domínio da palavra, as hipossegmentações ora descritas também encontram motivação em características prosódicas do PB. Haveria na hipossegmentação do clítico à esquerda do hospedeiro pista de projeção de configuração métrica de palavra prosódica pós-lexical, nos termos de Bisol (2000). De nossa parte, essas grafias também constituíram pistas de que os clíticos, quando à esquerda do hospedeiro, possam estar sujeitos a uma relação de integração à palavra.

Essa interpretação encontra respaldo também no fato de terem ocorrido poucas junções em que o resultado seja diferente desse padrão métrico típico do domínio de palavra. As hipossegmentações encontradas foram: (i) de um verbo monossilábico a um clítico que gerou um pé binário trocaico, como ‘velos’ (‘vê-los’) e ‘tela’ (‘tê-la’): houve duas ocorrências no nono ano, uma no sétimo ano, e duas no nono ano; (ii) de um verbo polissilábico a um clítico que gerou um pé ternário dátilo, como ‘tavame’ (‘estava-me’): houve duas ocorrências no sexto ano e uma no sétimo ano. Essa última possibilidade é a que mais se distancia da configuração métrica preferencial de palavra do PB, mas também é baixa sua ocorrência em relação aos demais dados encontrados. Explorando essas regularidades da configuração métrica das hipossegmentações de palavra hospedeira e clítico, lançamos a hipótese de que – nesses casos – essas grafias seriam projeção da relação de integração do clítico à palavra. Alternativamente, essas mesmas grafias seriam projeção do chamado grupo clítico, tal como inicialmente interpretado por Fiel (2018), seguindo Bisol (2005). Evidências fonéticas (como duração das sílabas nas fronteiras relevantes) poderiam

¹³ Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), no EF II deve ser trabalhado o “sistema pronominal (diferentes quadros pronominais em função do gênero): preenchimento da posição de sujeito, extensão do emprego dos pronomes tônicos na posição de objeto, desaparecimento dos clíticos, emprego dos reflexivos etc.” (PCN, 1998, p. 60).

¹⁴ O símbolo ‘ Σ ’ indica pé métrico.

trazer embasamento favorável a uma ou outra proposta de prosodização dos clíticos nesses casos.

Esse tipo de hipossegmentação de palavras também foi descrito para os dados de escrita infantil analisados por Cunha e Miranda (2007), por exemplo. Segundo as autoras, crianças do interior gaúcho tendem a não representar separadamente o clítico nessa estrutura de verbo e clítico, grafando-o como uma palavra, porque não reconheceriam a sílaba átona como clítico. Cabe observar que tanto crianças que produziram textos nos primeiros anos do EF I quanto adolescentes que ainda não grafam convencionalmente a ênclise verbal ao longo do EF II mobilizam simultaneamente a configuração métrica preferencial da palavra em PB, por um lado, e a ausência do hífen que, na escrita, marca justamente a dependência morfosintática do clítico em relação ao verbo, por outro lado. Nesta representação escrita, estão em tensão os limites (orto)gráficos da palavra e a projeção de relação sintática entre palavras (o hífen sinaliza uma relação entre verbo e seu complemento). Mais do que meros registros escritos de aprendizes (que eventualmente seriam diagnosticados com distúrbio específico de escrita ou disortografia – cf. Fernández et al., 2010), defendemos que esses registros são pistas de que, em PB como no Português Europeu, pronomes enclíticos ao verbo possam ser prosodizados no nível da palavra, como defendeu Vigário (2003).

Sobre esse tipo de estrutura, avançamos em relação à análise de Fiel (2018) ao problematizar a possibilidade de esses dados de hipossegmentação serem registros da palavra fonológica pós-lexical, na esteira dos resultados de Brisolara (2008) sobre a prosodização dos clíticos pronominais em PB. Ao investigar o status prosódico dos clíticos pronominais no PB (dados de Porto Alegre e Santana do Livramento), Brisolara (2008, p. 160) afirma que “os clíticos do PB se anexam ao hospedeiro, constituindo uma palavra fonológica pós-lexical, por recursividade”, independentemente de o pronome estar em posição pré ou pós-verbal. Esses resultados permitiriam, ainda, assumir a perspectiva interpretativa defendida por Guzzo (2015), para quem clíticos pronominais são prosodizados no grupo composto (conforme abordagem de Vogel, 2009). Essa prosodização do clítico em relação ao seu hospedeiro é relevante para sustentar a proposta da ancoragem de crianças e adolescentes na fonologia do PB ao produzirem estruturas enclíticas em sua escrita.

Não se pode desconsiderar, ainda, o fato de a junção do verbo ao clítico poder ser interpretada como marca linguística da tentativa de o escrevente projetar a (sua) escrita ao que ele imagina ser a escrita escolar. Essa tentativa de alçar a convenção ortográfica, segundo Corrêa (2004), é estabelecida por meio dos entrelaçamentos do oral/falado e do letrado/escrito que “se evidenciam sempre que o escrevente leva a extremos uma tal imagem sobre o código escrito” (Corrêa, 2004, p. 271). Os dados revelariam, nessa interpretação, a representação que o sujeito escrevente faz do escrito institucionalizado na sua escrita, projetando no gráfico características do oral/falado.

Retomando os resultados de hipossegmentação no EF II, encontramos sete dados decorrentes da junção de um verbo com uma preposição ou um artigo, como exemplificado no quadro a seguir.

Quadro 2 - Hipossegmentações de verbo e preposição ou artigo

6º ano	7º ano	9º ano
‘desci da’ > ‘desida’	‘tem que’ > ‘tenque’	‘tem de’ > ‘tende’
‘bateu a’ > ‘bateua’	‘vi o’ > ‘vio’	
‘achei o’ > ‘acheio’		
‘amei o’ > ‘ameio’		

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Do Quadro 2, observamos que, no sexto ano, predomina a junção de verbo (todos no pretérito perfeito) e artigo, além de um dado de verbo e preposição (‘desci da’). As formas verbais são constituídas de pé binário iâmbico e, após a junção, formam grafias que se configuram em pés ternários trocaicos. Algumas dessas hipossegmentações correspondem a palavras da língua: ‘desida’ (‘desci da’) corresponde a ‘descida’ (forma do verbo ‘descer’); ‘tende’ (‘tem de’) a ‘tende’ (forma do verbo ‘tender’); ‘vio’ (‘vi o’) a ‘viu’ (forma do verbo ‘ver’). Fiel (2018) verifica motivação lexical e ortográfica para essas grafias, além da motivação da configuração métrica de palavra. Cabe, ainda, observar que ‘tenque’ e ‘tende’, respectivamente, junção de ‘tem’ com ‘que’ (dado do sétimo ano) e de ‘tem’ com ‘de’ (dado do nono ano), constituem índice de emergência do que pode ser definido como gramaticalização de construções morfossintáticas. Segundo Barros (2012), a estrutura ‘ter que’ sofreu um processo de gramaticalização, na qual o verbo ‘ter’ passou por uma alteração categorial, inserindo-se no paradigma dos auxiliares. O mesmo processo teria ocorrido com ‘tem de’. Portanto, motivação morfossintática e lexical favoreceria grafia de preposição como conjunção enclítica à forma do verbo ‘ter’. Esses dados permitem observar a confluência de fatores que favoreceriam junções gráficas de formas que têm entre si fortes relações de dependência morfossintática, além de atenderem à configuração métrica de palavra predominante do PB. Essas características levam à interpretação de que clítico posposto a seu hospedeiro seria resultado de uma confluência de fatores linguísticos, além dos ortográficos. No que interessa à teoria fonológica, esses dados de escrita dão pistas de que, em PB, haveria contextos morfossintáticos específicos em que clítico se integraria à palavra prosódica e não seria, pois, adjungido à palavra formando o grupo clítico.

Seguindo com a descrição dos dados, apresentamos – no Quadro 3 – sete hipossegmentações que envolvem advérbio e conjunção, preposição ou pronome.

Quadro 3 - Hipossegmentações de advérbio e conjunção, preposição ou pronome

6º ano	7º ano	8º ano
‘só que’ > ‘soque’	‘sempre que’ > ‘sempreque’	‘agora se’ > ‘agorase’
‘além de’ > ‘alende’	‘não me’ > ‘nãome’ ‘só me’ > ‘some’ ‘lá em’ > ‘lem’ (4x)	

Fonte: Adaptado de Fiel (2018).

Em todas essas ocorrências, o advérbio funciona como hospedeiro dos clíticos que o seguem, constituindo estruturas enclíticas. Nessas junções, assim como naquelas que envolvem verbo e clítico, resultam a configuração de possíveis palavras prosódicas, na sua maioria paroxítonas constituídas por duas ou, no máximo, três sílabas. Esses registros do Quadro 3, mesmo poucos, trazem indícios de prosodização de clíticos à esquerda e, embora sejam semelhantes aos anteriormente descritos pelo tipo de configuração prosódica, diferem por envolverem palavras gramaticais distintas de verbos e pronomes, além de a fronteira gráfica em questão ser o branco (que apenas delimita fronteira entre palavras) e não o hífen (que delimita e sinaliza dependência entre palavras gráficas). Mais uma vez, a configuração métrica da hipossegmentação é aquela possível para palavras prosódicas do PB, trazendo indícios de que certas relações entre clítico e hospedeiro estão sujeitas a uma configuração prosódica distinta do chamado grupo clítico.

Para finalizar, vale mencionar que nesse conjunto de grafias também encontramos a hipossegmentação da sequência ‘para que’ > ‘praque’ (duas ocorrências no oitavo ano e uma no nono ano), na qual verificamos a redução ‘para’ > ‘pra’. Esses dados indiciam o processo de redução da preposição, tornando-se um clítico fonológico, somada à sua prosodização junto a um pronome que lhe segue. O resultado é uma sequência de dissílabo com acento na última sílaba, uma possível configuração métrica de palavra prosódica em PB. Reiteremos que essas grafias constituem pistas de que haja prosodização de clíticos à esquerda em determinadas estruturas linguísticas em PB. Identificar evidências fonéticas que refutem ou confirmem essas pistas é, pois, tarefa a ser feita em estudo futuro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tratamos das hipossegmentações de palavras em textos do EF II – notadamente, apenas os casos em que clíticos são pospostos ao hospedeiro, por se constituírem em uma configuração enclítica distinta da característica predominante das hipossegmentações encontradas nos textos escritos (cf. Fiel, 2018). Para a descrição desses dados, consideramos as classes das palavras envolvidas nas hipossegmentações e identificamos haver verbos seguidos de pronomes, uma configuração enclítica típica

de textos escritos, e verbos seguidos de artigos ou advérbios seguidos de pronomes, formando estruturas enclíticas caracterizadas como potenciais fontes da chamada gramaticalização de estruturas ou, ainda, como efeito de configuração métrica da palavra prosódica.

A regularidade da configuração métrica resultante da hipossegmentação no conjunto de grafias descritas permitiu aventar a hipótese de que haja potencial motivação na configuração métrica típica do domínio da palavra, a saber, pés binários ou ternários trocaicos. Nessa interpretação, haveria na hipossegmentação do clítico à esquerda do hospedeiro pista de projeção de configuração métrica de palavra prosódica. Na literatura sobre prosodização de clíticos em PB, pouca referência se faz a essa possibilidade de haver estruturas enclíticas, como em '(além de) Σ (fazer) Σ ', em que a preposição fica enclítica a 'além' e não proclítica a 'fazer'. Essas são estruturas diferentes daquelas que envolvem verbo e pronomes em construções enclíticas, como 'pegá-lo', sobre as quais há estudos.

Argumentamos, ainda, que a recorrência de hipossegmentação de clíticos pospostos ao hospedeiro seria pista de que, em PB, haveria assimetria na prosodização de clíticos, diferentemente do que propôs Simioni (2008). O conjunto de hipossegmentações fornece, ainda, pista de quais construções morfossintáticas seriam prosodizadas no domínio da palavra.

Concluimos este artigo apontando para a necessidade de se investigar, em dados de fala, evidências fonéticas (por meio de experimentos, por exemplo) da prosodização de clíticos que se integrariam à palavra prosódica, quando a direção da prosodização fosse à esquerda de seu hospedeiro. Acenamos, por fim, a favor da ampliação, por meio de estudos experimentais, do conjunto de estruturas em que o clítico fica enclítico a seu hospedeiro, notadamente quando essa possibilidade atender configurações métricas típicas do PB.

REFERÊNCIAS

Abaurre MBM, Fiad RS, Mayrink-Sabinson MLT. Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras; 1997.

Abaurre MBM, Galves C. Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonológica. In: Castilho AT, Basílio M, organizadores. Gramática do português falado: estudos descritivos. Campinas: Ed. da UNICAMP; 1996. p. 273-320.

Barros ECM. Construções modais com 'ter': gramaticalização e variação. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

Bisol L. Mattoso Câmara Jr e a palavra prosódica. DELTA. 2004;20(especial):59-70.

Bisol L. O clítico e o seu hospedeiro. Letras de Hoje. 2005;40(3):163-184.

Bisol L. O clítico e seu status prosódico. Revista de Estudos da Linguagem. 2000;9(1):5-20.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília; 1997.

Brisolara LB. Os clíticos pronominais do Português brasileiro e sua prosodização. [tese]. Porto Alegre: Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2008.

- Capristano CC. Segmentação na escrita infantil. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
- Capristano CC, Angelo CMP. Concepções de escrita de professores em formação de um curso de Letras. *Revista Todas as Letras*. 2015;17(29-42).
- Chacon L. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2013;15(2):369-383.
- Corrêa MLG. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
- Cunha APN. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. [dissertação]. Pelotas: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas; 2004.
- Cunha APN, Miranda ARM. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. 2007;5(1):1-19.
- Fernandes FR. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernández AY, et al. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. *Revista CEFAC*. 2010;12(3):499-504.
- Fiel RP. Estudo longitudinal de hipossegmentações de palavras em textos do EF II. [dissertação]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2018.
- Frota S. Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing; 2000.
- Guzzo NB. A prosodização de clíticos e compostos em português brasileiro. [tese]. Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
- Inkelas S. Prosodic constituency in the lexicon. New York: Garland; 1990.
- Marcato F. Análise prosódica de preposições monossilábicas. [dissertação]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2013.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris Publications; 1986.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology: with a new foreword. Berlin/New York: Mouton de Gruyter; 2007.
- Selkirk E. Phonology and Syntax: the relation between sound and structure. The Massachusetts Institute of Technology; 1984.
- Selkirk E. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*. 1986;3:371-405.
- Selkirk E. The prosodic structure of function words. In: Morgan J, Demuth K, editores. *Signal to syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*, Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum; 1996. p. 187-213.
- Selkirk E. The prosodic structure of function words. In: McCarthy J. *Optimality Theory in phonology: a reader*. Oxford: Blackwell; 2004. p. 464-482.

Simioni T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa: revista de linguística*. 2008;52(2):431-446. [Citado 15 dez. 2018]. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1526>.

Tenani L, Longhin-Thomazi S. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental. *Em Extensão*. 2014;13(1):20-34.

Tenani L. Banco de dados de escrita do ensino fundamental II. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP; 2015. [citado 10 nov. 2015]. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>.

Tenani L. Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper) segmentações de palavra. [tese de livre-docência]. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2016.

Vigário M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlim/New York: Mouton de Gruyter; 2003.

Vogel I. The status of the Clitic Group. In: Grijzenhout J, Kabak B, editores. *Phonological Domains: universals and deviations*. Mouton de Gruyter; 2009. p. 15-46.

Zorzi JL. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In: Maluf MI, organizadora. *Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade*. Rio de Janeiro: Vozes / São Paulo: ABP; 2006. p. 144-162.

Estrutura Entoacional de Sentenças Neutras em Português Brasileiro na variedade de Minas Gerais

Intonational Structure of neutral sentences in Brazilian Portuguese in the variety from Minas Gerais state

Priscila Marques Toneli*
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Maria Bernadete Marques Abaurre**
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Marina Vigário***
Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Resumo: O presente trabalho analisa a estrutura entoacional de sentenças declarativas neutras na variedade de Minas Gerais do Português Brasileiro (PB), destacando a influência do número de sílabas em palavra prosódica (PW) e a importância do grupo de palavra prosódica (PWG) para a distribuição de acentos tonais. Foram analisados dados da variedade mineira, falada no Triângulo Mineiro, os quais foram obtidos de modo controlado experimentalmente e analisados com base nos modelos teóricos da Fonologia Prosódica e Entoacional (Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd, 1996, 2008; Selkirk, 1982, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986). Os resultados apresentados e analisados estatisticamente mostram que há associação praticamente categórica de um acento tonal a cada PW(G) no interior da sentença. A análise mostrou que o número de sílabas das PWs em interior de sentença também desempenha um papel relevante na alta densidade tonal na variedade analisada, assim como na variedade paulista, tal como mostrado em Vigário e Fernandes-Svartman (2010) e Fernandes-Svartman e Romano (2017).

Palavras-chave: Português brasileiro. Entoação. Associação Tonal.

Abstract: This paper analyses the intonational structure of neutral declarative sentences of Brazilian Portuguese (BP) variety from Minas Gerais state, highlighting the influence of the number of syllables within prosodic words (PW), as well as of the prosodic word group (PWG) for the distribution of pitch accents (PAs). We analysed data from the variety of Minas Gerais, spoken in the Triângulo Mineiro, which was obtained in an experimentally controlled way, and analysed within the models of prosodic phonology and intonational phonology (Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd, 1996, 2008; Selkirk, 1982, 1984, 1986; Nespor and Vogel, 1986). The results presented and analysed statistically show that the association of PA at the level of PW(G) in the internal position of the sentence is almost categorical. The analysis also showed that the number of

* Pesquisadora colaboradora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil; pmttoneli@gmail.com

** Professora titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil; bernadete.abaurre@gmail.com

*** Professora associada no Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; marina.vigario@mail.telepac.pt

syllables of PWs also play a relevant role in the high tonal density in this variety of BP, patterning similarly to the variety spoken in São Paulo state, as described in Vigário and Fernandes-Svartman (2010) and Fernandes-Svartman and Romano (2017).

Key-words: Brazilian Portuguese. Intonation. Tonal Association.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, descreveremos e analisaremos dados de fala controlada referentes à estrutura entoacional de sentenças declarativas produzidas em contexto de foco amplo (sentenças neutras). Nosso objetivo central era observar a distribuição tonal na posição interna da sentença¹, correspondente a um único sintagma entoacional, posição essa que inclui o verbo e um objeto ou um adjunto adverbial. Nossa análise destaca apenas o sintagma pós-verbal subsequente ao verbo em uma variedade de Português Brasileiro (PB), mais especificamente a variedade falada no Triângulo Mineiro, região do estado de Minas Gerais (MG). Essa variedade é analisada em Toneli (2014).

Na literatura sobre o PB, não há ainda convergência quanto ao domínio relevante para a distribuição tonal em sentenças neutras. Os trabalhos de Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) chamam a atenção para o fato de o domínio de associação tonal no PB ser claramente mais baixo do que no Português Europeu (PE). A partir dos dados ali analisados, integrando fundamentalmente sintagmas fonológicos compostos por uma palavra prosódica (*prosodic word* - PW), estas autoras defendem que o domínio relevante é a frase fonológica (ϕ).

Pesquisas subsequentes, como as de Fernandes (2007) e Tenani e Fernandes-Svartman (2008), indicam que, para o mesmo tipo de sentença do PB, é a PW o domínio mínimo considerado para a associação dos acentos tonais (*pitch accents* - PA).

Nos vários estudos, há coincidência sistemática entre PW e o Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group* – PWG), proposto por Vigário (2007, 2010). De acordo com Vigário, o PWG é um domínio prosódico autônomo entre PW e ϕ , que corresponde essencialmente a uma palavra sintática e que pode incluir uma única PW (e.g. *borboleta*) ou duas ou mais PWs, como no caso por exemplo das palavras compostas por reanálise (e.g. *luso-brasileiro*). Com vista a determinar qual nível obriga à presença de um acento tonal, PW ou PWG, Vigário e Fernandes-Svartman (2010) investigam a distribuição tonal em PWG ramificados (e.g. *guarda-costas*) e PWG não ramificados (e.g. *engana*), concluindo que os acentos tonais são (praticamente) obrigatórios em cabeças de PWG e opcionais em não cabeças, sendo neste caso relevante o tamanho das PW no interior de PWG. Por fim, Toneli (2014), ao analisar tanto PWG ramificado quanto o não ramificado, defende, a partir de análises estatísticas, a relevância do domínio PW para a aplicação de tal regra entoacional.

¹ Destacamos que não é nosso intuito fazer uma análise sintática desta posição, pois o corpus não foi elaborado e controlado para tal verificação. Quando as sentenças foram construídas, foram levados em consideração fatores como o número de sílabas em PW, o tipo de domínio prosódico a ser analisado (PW, PWG e ϕ), a configuração morfológica dos elementos, sejam palavras funcionais ou lexicais, e a posição interna para evitar influências das fronteiras de I na distribuição dos acentos tonais.

Fernandes-Svartman e Romano (2017) destacam que, apesar de haver pontos discordantes entre os trabalhos mencionados acima, em todos são apresentados indícios de que o número de sílabas que antecedem o acento principal de ϕ e a ramificação sintática e prosódica dos constituintes influenciam a associação de acentos tonais às sentenças neutras do PB. Além de atestar a relevância desses fatores para a distribuição tonal em sentenças neutras no PB, os autores corroboram em sua análise a hipótese já pesquisada em Fernandes (2007), Tenani e Fernandes-Svartman (2008) e Toneli (2014), a qual defende que a associação tonal toma como domínio de aplicação a PW. É importante destacar que, se bem que Vigário e Fernandes-Svartman (2010) e Toneli (2014) compararam a distribuição tonal em sentenças que incluem PWG ramificado e não ramificado, também Fernandes-Svartman e Romano (2017) não distinguem PW e PWG não ramificado, o que pode gerar um ruído na defesa de que é PW e não PWG o domínio relevante para a distribuição tonal.

Em vista disso, nosso objetivo é mostrar que fenômenos entoacionais como a atribuição de PAs e de acento inicial de PW também na variedade mineira têm como domínio mínimo PW(G), tal como mostrado para a variedade paulista em trabalhos anteriores, como Fernandes (2007), Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli (2014), Fernandes-Svartman e Romano (2017). Argumentaremos ainda que, complementando o que trabalhos anteriores já apontaram para a variedade paulista, o número de sílabas e a ramificação prosódica são fatores determinantes na associação tonal em sentenças neutras na variedade mineira quando as palavras em análise estão na posição interna de I.

Com base nessa explanação inicial e para amparar nossa análise, na seção 2, faremos uma breve exposição do quadro teórico a ser utilizado e de outros trabalhos que analisam a estrutura entoacional em outras variedades do PB, dando destaque àqueles que exploram a relevância de PW para a distribuição tonal. Na seção 3, descrevemos o experimento realizado com sentenças declarativas produzidas em contexto de foco de escopo amplo – sentenças neutras –, destacando que nossa análise incidirá nos elementos internos à frase que seguem imediatamente o verbo, com o intuito de evitar influências de fronteira de sintagma entoacional.

Posteriormente, na seção 4, apresentamos e analisamos os resultados para as sentenças que incluem os elementos em análise, argumentando que o número de sílabas em PW aumenta a probabilidade de ocorrência de acento inicial de PW e de PA associado à não cabeça de PWG ramificado. Além disso, nossa análise será validada com testes estatísticos, realizados no programa R (versão 3.0.2), para justificar que a distribuição de PAs toma PWG e PW como domínios relevantes para a associação tonal no PB (há coincidência grande entre eles em grande parte dos dados), com associação tonal obrigatória de PA à PW cabeça de PWG ramificado e uma fortíssima probabilidade de associação tonal à PW não cabeça em função do número de sílabas de PWG. Por fim, finalizamos o artigo explicitando nossas contribuições e as considerações finais.

2 QUADRO TEÓRICO

Na presente seção, apresentaremos os pressupostos teóricos basilares que nortearam a análise dos dados de fala, no quadro da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1982, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986) e da abordagem autosegmental-métrica da

Fonologia Entoacional (Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd, 1996, 2008; entre outros). Fazemos também uma breve revisão dos trabalhos que exploraram a relação entre estrutura prosódica e estrutura entoacional em PB, dando destaque aos estudos realizados na variedade brasileira que investigam e/ou exploram a relevância de PW para a distribuição tonal: Fernandes (2007ab), Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli, Vigário e Abaurre (2013, 2014), Toneli (2014) e Fernandes-Svartman e Romano (2017). Convém destacar que, como o presente trabalho dialoga com o de Toneli (2014) e com o de Fernandes-Svartman e Romano (2017), a revisão será feita ao longo de todo o texto.

2.1 Fonologia Prosódica

Na proposta de Nespor e Vogel (1986), a estrutura fonológica a partir do nível da palavra mantém relação estreita com a sintaxe, sendo organizada em constituintes prosódicos que são universais, de acordo com princípios apenas fonológicos, no caso dos constituintes mais baixos da hierarquia, e de acordo com informação morfológica, sintática e/ou semântica e fonológica, no caso dos constituintes do nível da palavra e superiores. Tais constituintes prosódicos, indicados em (1), estão organizados hierarquicamente e servem de domínio para a aplicação de regras fonológicas específicas (Selkirk, 1982, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986).

(1)

U – Enunciado fonológico (*Phonological Utterance*)

I – Sintagma entoacional (*Intonational Phrase*)

ϕ – Sintagma fonológico (*Phonological Phrase*)

C – Grupo Clítico (*Clitic Group*)²

ω – Palavra fonológica (*Phonological Word*)³

Σ – Pé (*Foot*)

σ – Sílabas (*Syllable*)

Visto que nossa análise focará a distribuição de PAs em PW, sintetizaremos aspectos relacionados a tal domínio e ao constituinte imediatamente superior.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), PW é um domínio do nível da palavra morfossintática. Contudo, a sua definição nas línguas apresenta alguma variação, podendo corresponder a uma palavra sintática ou ser uma unidade mais pequena do que o átomo sintático. Nas línguas consideradas em Nespor e Vogel (1986), tipicamente uma PW é formada por pelo menos um radical e pode incluir sufixos e/ou prefixos. Para além disso, PW é portadora de acento, pelo que um afixo com acento independente, por exemplo, pode formar uma PW autônoma. Nesta fase do modelo, por exigências internas à própria teoria, entretanto abandonadas, os clíticos fonológicos, embora não sendo portadores de acento independente, formavam também PW autônomas.

² Neste texto, consideramos que domínio intermediário entre ϕ e PW é PWG, conforme proposta de Vigário (2007, 2010).

³ Usamos os termos ‘Palavra Fonológica’ e ‘Palavra Prosódica’ como sinônimos.

Como vimos, para o nosso estudo, para além do nível de PW, importa também crucialmente o domínio imediatamente superior, situado entre PW e ϕ . Nos trabalhos primordiais em fonologia prosódica, foi proposto um constituinte desse nível antes de mais com vista a dar conta de fenômenos fonológicos envolvendo clíticos fonológicos e seus hospedeiros, daí a designação deste constituinte como *Clitic Group* (Nespor e Vogel, 1986). Contudo, vários estudos posteriores mostraram que os clíticos se ligam de modos distintos a constituintes de diferentes níveis da hierarquia prosódica, indiciando que a organização prosódica que envolve clíticos e hospedeiros não corresponde a um constituinte específico único. Por outro lado, foi também notado na literatura que palavras compostas e outras palavras sintáticas contendo duas ou mais palavras prosódicas desencadeiam frequentemente um comportamento fonológico diferente do que caracteriza combinações de palavras sintáticas. O fato de esses agrupamentos de palavras formarem um domínio acima de PW e abaixo de ϕ justifica, de modo independente da cliticização, a existência de um constituinte desse nível. Entretanto, dada a sua motivação preponderante não envolver de fato clíticos, foi proposta a alteração do nome do constituinte relevante para *Composite Group* (CG) ou Prosodic Word Group (PWG) – ver referências e argumentação defendendo este nível da estrutura prosódica em Vigário (2007, 2010). Segundo Vigário (2007, 2010), o PWG corresponde no essencial a uma cabeça sintática (como *julga*, *alegremente*, *luso-brasileiro* ou *porta-óculos*), tornando-se evidente a diferença entre PW e PWG quando PWG ramifica, isto é, integra duas ou mais PWs. No presente trabalho, seguindo a literatura recente sobre o assunto nos estudos sobre o Português, adotamos a designação PWG para este constituinte prosódico.

2.2 Fonologia Entoacional e trabalhos sobre PB desenvolvidos a partir dessa perspectiva teórica

De acordo com a abordagem autosegmental-métrica da Fonologia Entoacional, conforme proposta de Pierrehumbert (1980), Pierrehumbert e Beckman (1986), Ladd (1992, 1996, 2008) e Frota (1998, 2000), a entoação tem uma organização fonológica própria e é observada em termos de frequência fundamental (F0), interpretada fonologicamente como uma sequência de eventos fonológicos discretos e não um contínuo caracterizado pela forma e pela direção (cf. Ladd, 1992; 2008). Tais eventos são categorizados em dois tipos: acentos tonais, formados pelos tons L (*low*) ou H (*high*), marcados com asterisco, indicando a sua associação com posições proeminentes, podendo ser simples/monotonais (L* ou H*) ou complexos (tipicamente bitonais, como H*+L, H+L*, L*+H ou L+H*); e tons de fronteira, marcados pelos tons L ou H (ou combinações destes tons) seguidos por diacrítico % no caso de fronteira de I ou U, ou acentos frasais, marcados por H- e L- e associados aos limites de um domínio prosódico mais baixo que I.

Já em relação aos trabalhos sobre a estrutura entoacional do PB, Tenani (2002) e Fernandes (2007), analisando a variedade paulista, observam que no PB, em posição inicial de I, ocorre preferencialmente um contorno ascendente, marcado pelos PAs L+H*/L*+H, associados à primeira sílaba acentuada de I, independentemente de essa sílaba ser a mais proeminente do primeiro ϕ de I. Também é notada na literatura a ocorrência de um evento tonal inicial de PW quando há uma distância superior a três sílabas entre o início de PW e a primeira sílaba acentuada no PB (Frota e Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007a,

2007b; Tenani e Fernandes-Svartman, 2008; Vigário e Fernandes-Svartman, 2010; Toneli, 2014; Frota et al., 2015; Fernandes-Svartman e Romano, 2017).

Tais estudos mostram ainda que a informação entoacional fornece pistas sobre domínios prosódicos como PW, ϕ e I no PB, sendo estes domínios relevantes para as regras de atribuição tonal. Destaca-se que, mesmo que as PWs não cabeças de ϕ s internos possam receber opcionalmente PA, há uma alta incidência de PA nessas posições. Nesse sentido, Fernandes (2007) afirma que o fato de haver PAs associadas a (quase) todas as PWs não cabeças de ϕ pode indicar a relevância do domínio PW para a distribuição tonal no PB. Em estudos subsequentes a esse, Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Toneli, Vigário e Abaurre (2013; 2014), Toneli (2014) e Fernandes-Svartman e Romano (2017) têm defendido a relevância de PW para a distribuição tonal em contexto neutro, enquanto Vigário e Fernandes-Svartman (2010) mostram que o domínio mínimo de associação tonal obrigatória é PWG com forte incidência de PA associado à PW não cabeça de PWG, dependendo do tamanho ou da distância entre acentos tonais no interior de PWG.

Toneli (2014) argumenta com base no resultado dos testes estatísticos realizados que, independentemente do tipo de PWG – ramificado e não ramificado – que estiver em posição interna de I, a probabilidade de ocorrer um PA por PW é maior do que a de ocorrer PA apenas nas cabeças de ϕ no PB e que a associação de um acento adicional de PW ocorre desde que haja distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário, o que é evidência da relevância do número de sílabas na atribuição tonal. Já Fernandes-Svartman e Romano (2017) mostram que há diferenças entre a associação de PAs às PWs que compõem o sujeito em relação aos PAs associados às PWs que compõem o predicado, pois, na primeira situação, a associação tonal a cada PW é praticamente categórica enquanto nos predicados é possível a associação de PA apenas à PW cabeça de ϕ . De modo geral, os dois trabalhos mostram que há uma alta densidade tonal⁴ em sentenças neutras, pois há praticamente um PA por PW nas variedades do PB analisadas.

O presente trabalho ampliará a base empírica já investigada, mostrando que na variedade falada no Triângulo mineiro o número de sílabas em PW é fator preponderante para a alta densidade tonal em sentenças neutras, o que sugere a relevância de PW para a distribuição tonal, e que o domínio obrigatório é PW(G), aspecto já observado para a variedade paulista, estudada por Fernandes (2007), Tenani e Fernandes-Svartman (2008), Vigário e Fernandes-Svartman (2010) e Fernandes-Svartman e Romano (2017).

3 CORPUS E METODOLOGIA DE OBTENÇÃO DOS DADOS E DE ANÁLISE

Nesta seção, descrevemos o corpus utilizado para nossa análise, que inclui sentenças produzidas em contexto neutro (foco de escopo amplo), as quais são

⁴ Também Frota et al. (2015) mostram uma alta densidade tonal em quatro variedades de PB - Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador -, não só em declarativas neutras, mas também em sentenças declarativas produzidas em contexto de foco estreito, sentenças interrogativas parciais e totais, sentenças que indicam ordens, pedidos e vocativos (chamamento e insistente). Ver mais informações sobre o projeto Interactive Atlas of the Prosody Portuguesees (InAPoP) na página: <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/InAPoP>.

formadas por sujeito, verbo e dois sintagmas pós-verbais – um logo após o verbo e o outro coincidindo com a fronteira de I, como apresentado em 2 –, sendo o sintagma pós-verbal construído com palavras morfológicamente simples, derivadas ou compostas (e.g. *Araraquara*, *parlamentaristas* e *luso-brasileiros*), duas palavras sintáticas (e.g. *onze elefantes*), ou uma palavra funcional seguida por uma palavra lexical (e.g. *a responsabilidade*).

É importante destacar que as palavras lexicais em análise vão variar em relação ao número de sílabas, contudo estão sempre na mesma posição sintática linear, ou seja, fazem parte do sintagma verbal e estão sempre imediatamente após o verbo, em interior de sentença – ver exemplos em 2.

Durante a elaboração do corpus experimental, foram consideradas as seguintes variáveis:

- (i) o contexto em que o foco é eliciado, no caso o de foco amplo;
- (ii) o tipo e a quantidade de palavra(s) morfológica(s) que será/serão comparada(s) - palavra funcional + palavra lexical (uma única PW - PWG não ramificado), uma palavra composta por duas PWs (PWG ramificado) e duas PWs independentes que formavam dois PWGs não ramificados e um ϕ ramificado;
- (iii) o número de sílabas pretônicas em relação à fronteira esquerda de cada palavra lexical;
- (iv) a posição das palavras-alvo na sentença – imediatamente após o verbo, em interior de sentença, a fim de evitar influências das fronteiras de I;
- (v) a estrutura sintática fixa (aqui entendida como ordenação linear dos constituintes): sujeito (clítico + PW) + verbo (PW) + palavra(s)-alvo + sintagma final (clítico + PW)⁵;

As sentenças a seguir em 2 exemplificam os dados do corpus.

(2)

- a. As bolivianas gostavam [das jabutiCAbas] da fazenda.
- b. Os estudantes encontraram [uma borboLEta] na janela.
- c. Os empresários demonstraram [responsabiliDAde] nos negócios.
- d. Os estudantes encontraram [LUso-brasiLEIros] no aeroporto.
- e. Os americanos encontraram [ONze eleFANtes] no safári.

O corpus é constituído por 80 sentenças no total: 18 sentenças incluíam a sequência palavra funcional monossilábica⁶ + palavra lexical, como exemplificado em 2.a; 30 sentenças incluíam a sequência palavra funcional dissilábica⁷ + palavra lexical, como exemplificado em 2.b; 12 sentenças incluíam uma única palavra lexical, como exemplificado em 2.c; 10 sentenças incluíam uma palavra composta formada por duas PWs, como exemplificado em 2.d; e 10 sentenças incluíam a sequência de duas PWs independentes que formam um ϕ ramificado, como exemplificado em 2.e.

⁵ Controlamos o tamanho dos sintagmas na posição sujeito e na posição pós-verbal no final da sentença para que tivessem sempre tamanhos proporcionais em número de sílabas (de quatro a seis sílabas) e a mesma configuração prosódica (palavra funcional monossilábica e palavra lexical).

⁶ Palavras funcionais monossilábicas analisadas: *o(s)*, *a*, *um*, *de*, *das*, *dos*, *por*, *na*, *no*.

⁷ Palavras funcionais dissilábicas analisadas: *uma*, *sob*, *pelo(s)*, *pela(s)*, *para*, *contra*, *entre*, *sobre*,

Primeiramente o investigador explicava o procedimento experimental às informantes que, em seguida, participavam de uma fase treino para que o investigador verificasse se elas haviam compreendido a tarefa. Na sequência, iniciava-se a fase teste que consistia em uma tarefa de leitura silenciosa de uma sentença contexto projetada na tela do computador, e três segundos depois ouviam uma pergunta nos fones de ouvido, dando uma resposta apropriada, utilizando a informação apresentada na tela.

Esperava-se que as informantes produzissem a mesma sentença que haviam lido na tela do computador de modo mais próximo a uma situação real de interação.

(3)

Procedimento experimental para obtenção de sentenças em foco largo:

Sentença projetada na tela do computador:

Os caçadores encontraram um hipopótamo na floresta.

Pergunta ouvida pela informante:

Eu não ouvi o que você disse. O que aconteceu?

Resposta alvo:

Os caçadores encontraram um hipopótamo na floresta.

As gravações foram feitas em uma sala silenciosa no Instituto de Ciências e Tecnologias Exatas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Para a gravação, foram utilizados um computador portátil, um gravador digital portátil, modelo Microtrack da M- Audio (mono, fonte de input 1/4TRS e taxa de amostragem 44.1) e um microfone de cabeça headset DPA, modelo d:fine omni com MicroDot (frequência ± 2 dB, 20 Hz – 20 kHz). Foram gravadas três informantes de sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, com nível universitário e residentes na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A tarefa foi dividida em duas etapas que foram realizadas em dias diferentes. Para cada sentença, foram feitas três repetições totalizando 720 produções (80 sentenças x 3 informantes x 3 repetições). As sentenças foram distribuídas aleatoriamente em slides, e cada slide continha um único contexto para que fosse produzida uma única sentença. Tanto a segmentação das sentenças, que foram salvas em arquivos formato wav, quanto a análise foram feitas no programa Praat (Boersma e Weenink, 2012).

A análise engloba a transcrição ortográfica em palavras e a transcrição entoacional, indicadas em camadas pelo programa Praat – ver exemplos na próxima seção. Para a análise entoacional, seguimos a notação P-ToBI na abordagem autossegmental-métrica da Fonologia Entoacional, conforme adaptações para o português feitas por Frota (2000, 2009, 2015), Tenani (2002), Fernandes (2007) e Frota et al. (2015). Convém destacar que as sentenças são segmentadas apenas em palavras funcionais e lexicais e na linha abaixo há a marcação tonal dos PAs observados – ver exemplos na próxima seção.

Em relação à análise estatística a que os resultados foram submetidos, realizamos um teste de proporções múltiplas. Para isso, o valor de α foi ajustado ao número de arranjos, 2 a 2. Por exemplo, quando foi realizado um teste de hipótese em que são comparadas duas proporções quaisquer, o valor de α foi de 0,05; quando o teste de hipótese englobava várias proporções, o valor de α considerava o número dos arranjos analisados, por exemplo, para um arranjo de 5 – 2 a 2, o valor de α era

de $0,0025 = 0,05$ dividido por 20. Para a análise dos resultados, foi considerado que a hipótese nula (H_0) significava que os valores de p (os valores analisados) eram iguais, enquanto a hipótese alternativa (H_1) considerava que os valores de p eram diferentes. Se p fosse maior do que o valor de significância (valor de α), a hipótese H_0 deveria ser aceita e H_1 rejeitada, enquanto se p fosse menor do que o valor de significância, a hipótese H_0 deveria ser rejeitada e a hipótese H_1 aceita. Todos os testes estatísticos foram feitos no programa R, versão 3.0.2.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como o experimento incluía sentenças que destoavam em relação à configuração interna após o verbo – ver 2 –, descreveremos os resultados obtidos para cada tipo separadamente e depois faremos uma comparação para mostrar que nossa hipótese é válida e confirma o que os trabalhos apresentados na seção 2 já afirmavam sobre a interação do domínio PW com a regra de distribuição tonal, já que o número de sílabas e a ramificação prosódica são também fatores preponderantes para a análise na linha do que defendem Frota e Vigário (2000), Vigário e Fernandes-Svartman (2010) e Fernandes-Svartman e Romano (2017). Com o intuito de manter uma uniformidade de análise e para controlar a influência de fronteiras de I, só mantivemos na análise as sentenças produzidas em um único I. Descrevemos também, além dos sintagmas alvo imediatamente posteriores ao verbo, os PAs associados à posição de sujeito na posição inicial de I e do sintagma adverbial na posição final para observar se a variedade mineira também é uma variedade de PB com alta densidade tonal, tal como aponta a literatura sobre a variedade paulista.

Começaremos nossa descrição apresentando as sentenças que incluíam palavras funcionais (monossilábicas e dissilábicas) seguidas de palavras lexicais que variavam de três a mais sílabas pretônicas (e.g. *jabuticabas* e *borboletas*) que formavam um PWG não ramificado na posição interna de I, ou seja, primeiro sintagma pós-verbal – ver 2.a e 2.b. No total, foram analisadas 432 sentenças (48 sentenças x 3 informantes x 3 repetições). Nosso objetivo com tais sentenças era observar se ocorreria associação tonal nas palavras funcionais, além de PA associado à sílaba tônica da palavra lexical.

Primeiramente, descreveremos os dados obtidos para as sentenças que compunham no sintagma em análise a sequência palavra funcional monossilábica seguida de palavra lexical, como em *Os professores discutiam a responsabilidade dos estudantes*. Do total de 162 gravações obtidas para tais sentenças, 150 sentenças foram pronunciadas em um único I. Em relação à distribuição tonal no sintagma alvo, no caso o sintagma pós-verbal imediato, houve a atribuição de PA à PW que contém a palavra lexical (portadora da proeminência de PWG e de ϕ) em 149 produções (99,33%), como exemplificado pela Figura 1 com o PA L^*+H associado à sílaba tônica *-da* da palavra *responsabilidade*.

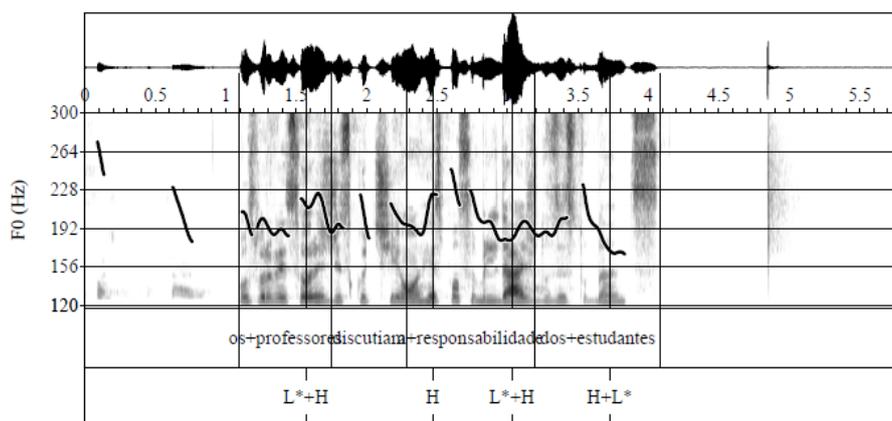


Figura 1 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os professores discutiam a responsabilidade dos estudantes.

No exemplo apresentado pela Figura 1, podemos notar que, além de uma PA associado à sílaba tônica de *responsabilidade*, há um acento adicional H associado à primeira sílaba pretônica de PW, no caso na sílaba *res-* que está à esquerda da cabeça de PW e mantém a distância de cinco sílabas átonas em relação à tônica. Em relação ao conjunto de sentenças analisadas nessa condição, ocorreu associação de acento inicial nas sílabas pretônicas iniciais de palavra lexical em 20% (30 sentenças) dos dados, preferencialmente em palavras que mantinham uma distância de pelo menos três sílabas pretônicas, sendo 13 sentenças com quatro pretônicas e 15 sentenças com cinco, como mostra a Figura 1. Esse fato corrobora a hipótese de que o número de sílabas pretônicas em PW é fator preponderante para a associação de um evento tonal adicional, fato também observado em trabalhos anteriores como Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Toneli (2014) e Fernandes-Svartman e Romano (2017), entre outros relativos ao PB. Por outro lado, não foi encontrado nenhum tipo de acento tonal alinhado às palavras funcionais monossilábicas, nem mesmo acento inicial de PW. Mesmo assim, notou-se uma alta densidade tonal nesse tipo de sentença, pois há praticamente um PA por PW da sentença, independente da posição em que se encontravam em I.

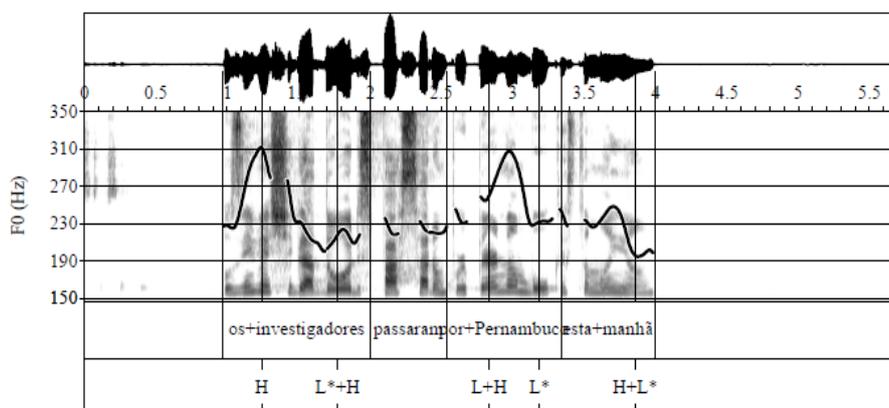


Figura 2 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os investigadores passaram por Pernambuco esta manhã.

Em relação às sílabas pretônicas imediatas, como em *gambá*, *jacaré* e *restaurante*, ocorreu uma marcação tonal mais enfática, como exemplificado na Figura 2⁸. Desse total, o acento enfático aparece associado à sílaba pretônica imediatamente precedente à tônica, como exemplificado pela Figura 2, na sílaba *-nam*, em *Pernambuco*. Aqui percebe-se que o tom H está alinhado à pretônica *-nam* enquanto o tom L está alinhado à sílaba *Per-*. Destacamos que há poucos casos em que o acento enfático incidu sobre a tônica e por isso não os contabilizamos aqui. Além disso, esses casos podem ser analisados como realizações enfáticas do PA associado à sílaba tônica e não um acento enfático independente. Esse dado então não se configura como uma evidência contrária à análise proposta de que o número de sílabas pretônicas é fator preponderante para a ocorrência de acento tonal adicional em PW.

A segunda sequência em análise é a que incluía palavras funcionais dissilábicas seguidas de palavra lexical – *Os governadores chegaram sob tempestade esta manhã*. No caso da preposição *sob*, ela foi considerada dissilábica, pois na variedade de PB analisada ela é sempre realizada com vogal epentética. Tais sentenças totalizaram 270 produções, sendo então 243 as sentenças mantidas para análise por terem sido as produzidas em um único I.

A Figura 3 ilustra um exemplo em que tanto a palavra funcional dissilábica quanto a palavra lexical recebem PAs.

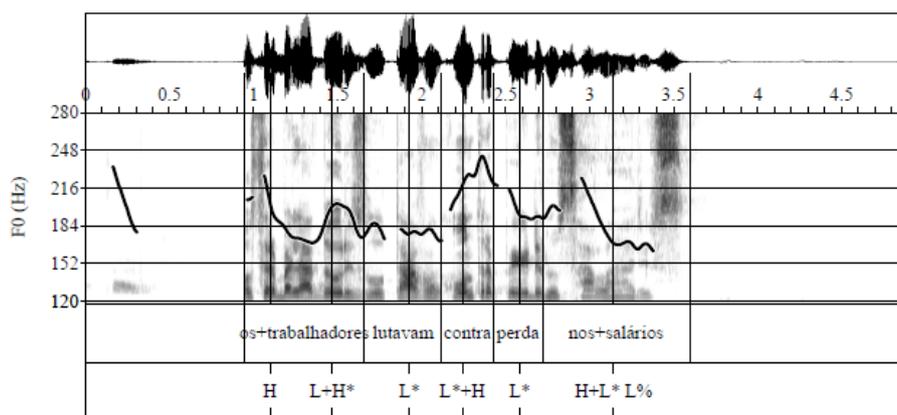


Figura 3 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os trabalhadores lutavam contra perda nos salários.

A Tabela 1 apresenta a distribuição tonal dentro do ϕ formado pela palavra funcional dissilábica seguida pela palavra lexical, como exemplificado em 2.b, que também é PWG não ramificado.

⁸ Apesar de não ter sido observada a ocorrência de acento inicial associado a alguma sílaba pretônica imediata à tônica (quando a palavra tinha uma ou duas pretônicas), ocorreu uma marcação enfática semelhante ao que Vigário (2003), Toneli, Abaurre e Vigário (2014) e Toneli (2014) descrevem como acento enfático associado às sílabas pretônicas de PW em 18,5 % das sentenças (28 sentenças), como exemplificado pela Figura 2. Essas autoras observaram que tal acento pode ser um evento bitonal (L+)H com gama de variação estendida, marcada pela maior amplitude F0, embora o contorno ascendente pareça ser opcional, sendo caracterizado obrigatoriamente por um tom H.

Tabela 1 - Distribuição tonal no sintagma pós-verbal formado por palavra funcional dissilábica + palavra lexical.

<i>Associação tonal</i> [func + lex]ϕ	<i>MG</i> ⁹
[- -]ϕ	1% (2)
[- T*]ϕ	90% (218)
[T* T*]ϕ	9% (23)
p-valor	<2,2e-16

Ao analisar os dados obtidos e apresentados na Tabela 1, vemos que há associação de PA à cabeça de PWG e do sintagma fonológico pós-verbal em 99% dos enunciados, o que pode ser considerado uma associação categórica de PA à palavra lexical na posição interna de I que estamos analisando. É importante destacar que apenas em 9% dos enunciados tanto a palavra lexical quanto a palavra funcional dissilábica receberam PA. Entretanto, tal resultado não indica de todo que a associação tonal ocorre de modo categórico em relação à palavra funcional, principalmente quando comparamos o número de PAs associados à palavra lexical, em posição proeminente de ϕ (99%). Outro aspecto importante é que houve associação de PA à palavra funcional quanto a sentença incluía apenas as preposições *contra*, *sobre* e *entre*. Contudo não foi controlado o número de sílabas pretônicas da palavra lexical que seguia essas palavras funcionais para podermos levantar como hipótese que esse PA associado à palavra funcional é decorrente do número de sílabas da palavra lexical. Assim como nas sentenças com palavras funcionais monossilábicas, as palavras lexicais que seguem as palavras funcionais dissilábicas podem receber acento inicial de PW, apresentando o mesmo tipo de comportamento observado nos dados anteriores: associado às sílabas iniciais pretônicas à esquerda, mantendo uma distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário, tal como exemplificado também na Figura 2.

Nos casos em que ocorreu uma marcação tonal inicial de PW que não respeitava a distância de no mínimo três sílabas pretônicas, percebe-se a realização enfática nas sílabas pretônicas imediatas à sílaba tônica. A Figura 4 ilustra a realização de acento enfático associado à sílaba inicial *tem-* da palavra lexical *tempestade* em sentenças que incluem palavras funcionais dissilábicas.

⁹ Sigla do estado ao qual pertence a variedade analisada.

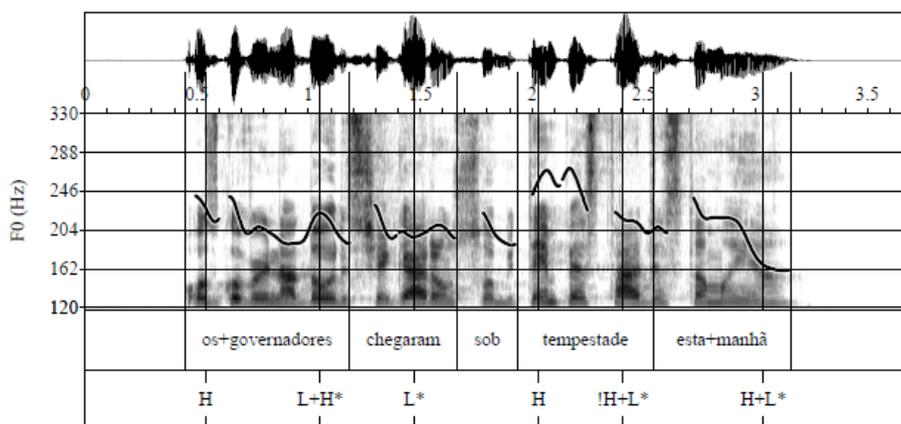


Figura 4 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os governadores chegaram sob tempestade esta manhã.

Novamente foi observado o mesmo tipo de configuração tonal marcada pelo tom H, sempre associado à palavra lexical e nunca associado à palavra funcional dissilábica. O fato de a funcional dissilábica nunca receber acento inicial ou acento enfático mostra que ela não se comporta prosodicamente como sílabas átonas da palavra lexical, o que evidencia que não formam juntamente com ela uma única PW que inclui a palavra lexical. Ademais a presença de tons iniciais nas sílabas pretônicas de palavras lexicais como *tempestade* quando antecedidas de palavra funcional fortalecem essa análise de que o processo de prosodização da categoria funcional não se dá a nível de PW.

Em termos gerais, os resultados obtidos para as sentenças que incluem as palavras funcionais analisadas mostram que essas palavras não recebem acento tonal. Isso sugere que as palavras analisadas são clíticos fonológicos, na linha do proposto por Bisol (2000, 2005) em relação a algumas destas palavras com base em argumentos de natureza segmental. A relevância do estatuto prosódico das palavras vai tornar-se mais clara quando compararmos a incidência de PA nas sequências envolvendo palavra funcional e palavra lexical com a incidência de PA em PWG que ramificam.

A terceira situação em análise é a exemplificada em 2.c, que engloba as sentenças com uma única palavra lexical que constitui uma única PW e um PWG não ramificado – *Os resultados mostravam insustentabilidade na economia*. No total, foram produzidos 108 enunciados, mas 96 delas foram analisadas por terem sido produzidas em um único I. Destacamos que foi considerada a distribuição tonal para o verbo, que constitui uma PW independente e um PWG não ramificado, para posterior comparação com todas as sequências pós-verbais em análise¹⁰.

Dos resultados obtidos, em 95% das sentenças há a atribuição de PA tanto ao verbo quanto à palavra lexical seguinte e apenas em 5% somente a palavra lexical que segue o verbo recebeu PA, sempre associado à cabeça de ϕ , ou seja, há associação de PA à cabeça da palavra lexical pós-verbal em 100% das sentenças analisadas (96 sentenças) – ver Tabela 2. Também ocorreu acento inicial de PW associado às sílabas

¹⁰ Como pretendíamos observar a relevância de PW para a distribuição tonal e para podermos comparar com as outras sequências internas de I, nesta situação de uma única palavra lexical ocorrer na posição pós-verbal, incluiremos na descrição a distribuição tonal associada ao verbo.

iniciais das palavras lexicais em análise em 37,5% das sentenças (36 sentenças de um total de 96), sendo dentre elas três ocorrências (3% do total) de acento enfático nas sílabas pretônicas de PW quando esta equivalia à palavra lexical pós-verbal.

A Figura 5 exemplifica um caso em que há PA associado à cabeça de ϕ e um acento enfático associado às sílabas iniciais de PW.

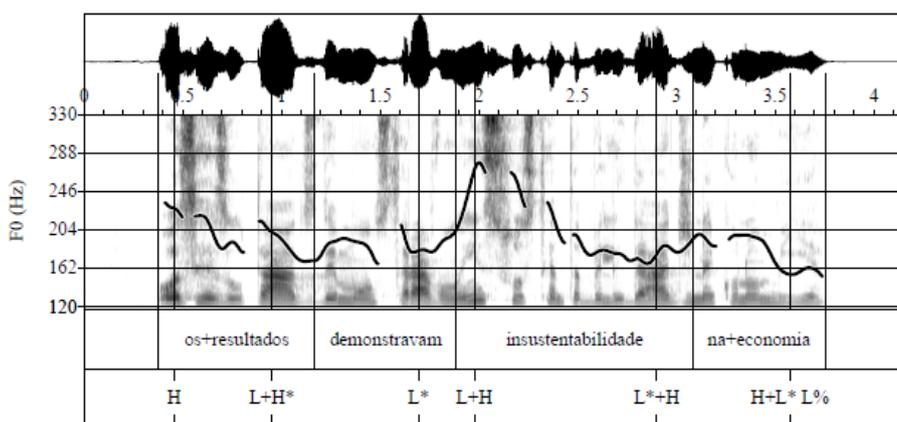


Figura 5 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os resultados demonstravam insustentabilidade na economia.

Na Tabela 2, apresentamos a distribuição tonal para o tipo de sentença analisado. Nesta tabela, são somados os resultados de acento enfático e acento inicial de PW na quarta linha.

FLP20(esp)

Tabela 2 - Distribuição tonal no sintagma verbal formado por um verbo e no sintagma pós-verbal formado por uma única palavra lexical

<i>Associação tonal</i> <i>[verbo + lex]ϕ</i>	<i>MG</i>
[- -]ϕ	0% (0)
[- T*]ϕ	5% (5)
[T* T*]ϕ	54% (52)
[T* (T) T*]ϕ	41% (39)
p-valor	<2,2e-16

Novamente, para validar nossa análise, realizamos o teste de proporções múltiplas para verificar se a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna em I é significativa (nesse caso estamos considerando o verbo e o sintagma pós-verbal imediato), já que há associação categórica de PA à PW pós-verbal. No entanto, o

teste de hipótese aplicado, considerando um nível de significância 0,004166, para um arranjo 4 de 2 a 2, mostra-nos que a hipótese H0 deve ser rejeitada, já que as proporções não são todas iguais.

Na sequência, analisamos qual das proporções, considerando os pares de valores, se sobrepõe às demais. Ao compararmos as proporções em que há PA associado a cada PW da sequência verbo + palavra lexical (91/96) – terceira e quarta linhas da Tabela 2 - em oposição à proporção de ocorrer PA apenas na palavra lexical (5/ 96) – segunda linha, o resultado do teste é de $<2.2e-16$. O teste de proporções em pares nos mostra novamente que a hipótese H0 deve ser rejeitada, pois a probabilidade de ocorrer PA associado a cada PW da sequência é estatisticamente maior do que a proporção de ocorrer PA apenas na palavra lexical pós-verbal em análise. Essa comparação mostra a relevância de PW(G) para a distribuição tonal, embora não indique se o domínio obrigatório para a distribuição tonal é PW ou PWG, pois ainda há coincidência entre PW e PWG não ramificado, no caso do verbo e do sintagma pós-verbal. O contexto descrito de seguida será mais esclarecedor a este respeito.

A quarta situação a ser analisada é a que inclui sentenças com uma palavra lexical composta morfologicamente formada por duas PWs independentes. Para esta configuração, foram obtidas 90 sentenças, contudo a análise inclui 80 delas, pois estas foram produzidas em um único I como no exemplo *Os venezuelanos encontraram luso-revolucionários no congresso* - ver Figura 6. Na Figura ilustrada, observa-se que há PA L* associado à sílaba tônica do verbo *encontraram* e na sequência notam-se PAs associados a cada PW da palavra lexical, um L*+H associado à sílaba tônica de *luso* e outro H+L* associado à sílaba tônica de *revolucionário*. Há ainda um tom H alinhado à primeira sílaba pretônica à esquerda *re-*.

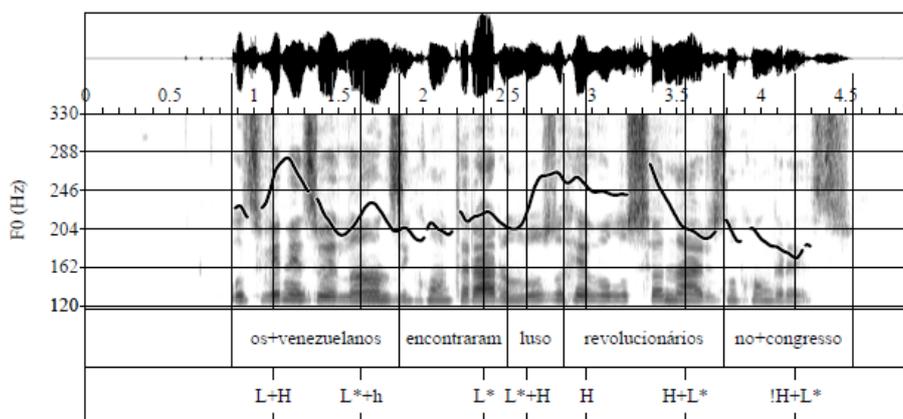


Figura 6 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os venezuelanos encontraram luso-revolucionários no congresso.

Na Tabela 3, apresentamos a distribuição tonal para as PWs internas de I desde o verbo até o sintagma pós-verbal imediato.

Tabela 3 - Distribuição tonal no sintagma pós-verbal formado por palavra lexical formada por duas PWs.

<i>Associação tonal</i> [verbo] [PW + PW]ϕ	MG
[-]ϕ [- -]ϕ	0% (0)
[-]ϕ [- T*]ϕ	1,25% (1)
[-]ϕ [T* T*]ϕ	3,75% (3)
[-]ϕ [T* (T) T*]ϕ	5% (4)
[T*]ϕ [- T*]ϕ	8,75% (7)
[T*]ϕ [- (T) T*]ϕ	5% (4)
[T*]ϕ [T* T*]ϕ	43,75% (35)
[T*]ϕ [T* (T) T*]ϕ	32,5% (26)
p-valor	<2,2e-16

FLP20(esp)

Como pode ser observado na Tabela 3, dos resultados obtidos, em 76,25% das sentenças (61 sentenças) há a atribuição de PA tanto ao verbo quanto às duas PWs que compõem a palavra lexical. Em 85% dos enunciados há um PA em cada PW do sintagma pós-verbal (65 sentenças – e.g. *luso-revolucionário*), enquanto um PA associado à cabeça do ϕ que contém o verbo ocorreu em 90% das sentenças (72 sentenças). O que pode ser percebido é que há um pouco mais de PA associados a essa posição do que à PW não cabeça de PWG ramificado.

Também ocorreu acento inicial de PW associado às sílabas iniciais da PW mais à direita – *revolucionário* – de PWG ramificado em 42,5% das sentenças (34 sentenças), uma vez que a PW cabeça de PWG ramificado da palavra composta possuía um número maior de sílabas pretônicas – até cinco sílabas – em comparação à PW não cabeça (e.g. *micropaleontologia vs civilizadamente*) com até três sílabas pretônicas. Assim como nos dados discutidos anteriormente, o acento inicial mantém uma distância mínima de duas sílabas átonas em relação ao acento primário – ver Figura 6. Desses 42,5% das sentenças (34 sentenças), observou-se que quanto maior o número de sílabas pretônicas, maior a probabilidade de um acento adicional, desde que a PW possuísse três ou mais sílabas pretônicas.

Em relação ao acento enfático, só foram notadas três ocorrências (3% do total) de acento enfático nas sílabas pretônicas de PW mais à direita – ver Figura 6. Também foi notada associação de acento enfático na sílaba tônica de PW não cabeça de PWG ramificado em 47,5% (38 sentenças) e apenas 5% na PW cabeça de PWG ramificado (4 sentenças). Tais dados não foram discriminados separadamente na Tabela 3.

Para validar a significância de tais resultados, aplicamos o teste de proporções múltiplas e avaliamos novamente a probabilidade de ocorrer um PA por PW na posição pós-verbal em I em oposição à possibilidade de ocorrer PA associado apenas à PW que equivalia ao verbo. O teste de hipótese nos mostra novamente que a hipótese H₀ deve ser rejeitada, considerando um nível de significância 0,00893, para um arranjo 8 de 2 a 2. O valor de p apresentado na Tabela 3 é menor do que o nível de significância, evidenciando que as proporções são diferentes, ou seja, a probabilidade de ocorrer um PA por PW na posição interna de I é estatisticamente maior.

Assim, para analisarmos quais dessas proporções se sobrepõem às demais, passamos a comparar as proporções em pares. Quando comparamos a possibilidade de ocorrer um PA por cada PW (61/ 80) – que incluía o verbo e o sintagma subsequente - em oposição à possibilidade de ocorrer PA apenas nas cabeças de PWG (19/ 80) – excluindo a PW não cabeça de PWG ramificado (e.g. *luso*), o resultado do teste é 9.011e-11, novamente menor que o nível de significância 0,05. Esse teste de proporções em pares nos mostra que a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna de I na posição pós-verbal é estatisticamente maior do que ocorrer PA apenas na cabeça de PWG ramificado¹¹.

Em síntese, ao comparar a probabilidade de ocorrer PA nos outros pares, todos os testes mostram que a probabilidade de ocorrer um PA por PW interna de I é alta, principalmente quando se compara com a possibilidade de ocorrer PA associado a cada PW de PWG ramificado. Tais dados respaldam a análise da relevância de PW para a distribuição tonal e também a alta densidade tonal das PWs, em torno de 85% dos enunciados de PA por PW em I. Sobretudo é importante ressaltar que por haver coincidência entre PW e PWG não ramificado, no caso do verbo e dos sintagmas pós-verbais exemplificados em 2a, 2b, 2c e 2e, não podemos afirmar categoricamente que o domínio obrigatório para a associação tonal não é PWG, ficando essa investigação a ser feita futuramente.

Por fim, descrevemos os resultados obtidos para as sentenças que incluíam duas palavras lexicais que constituem PWG não ramificado cada (e.g. *vinte republicanos*) e estão diretamente ligadas a ϕ , visto que, diferentemente da situação anterior, não formam uma palavra composta morfologicamente, mas são palavras lexicais independentes, como exemplificado em 2.e. De um total de 90 sentenças obtidas, nossa análise inclui 87 delas por terem sido produzidas em um único I, como no exemplo *Os estudantes encontraram vinte republicanos no parlamento* – ver Figura 7.

¹¹ Como o experimento não controlou um número proporcional de sentenças com poucas sílabas pretônicas na PW cabeça de PWG ramificado, é preciso expandir o corpus para afirmarmos que o número de sílabas dessa PW interfere na ocorrência de PA na PW não cabeça, o que fortificaria a afirmação de que é PWG e não PW o domínio obrigatório para a distribuição tonal. Essa questão fica aberta para trabalhos futuros.

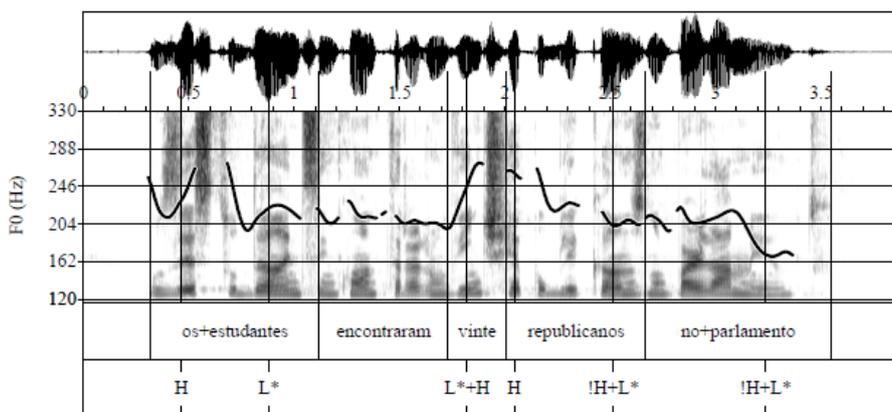


Figura 7 - Espectrograma da sentença produzida em contexto neutro
Os estudantes encontraram vinte republicanos no parlamento.

A Figura 7 exemplifica um caso em que há associação tonal nas duas PWs do sintagma pós-verbal, mas não há no verbo. Nesse caso, todas as PWs também constituem PWGs não ramificados.

Na Tabela 4, apresentamos a distribuição tonal para as PWs internas após o verbo, destacando que há também a notação da associação tonal ao verbo.

Tabela 4 - Distribuição tonal no sintagma pós-verbal formado por duas palavras lexicais.

<i>Associação tonal</i> <i>[verbo] [PW + PW]φ</i>	<i>MG</i>
[-]φ [- -]φ	0% (0)
[-]φ [- (I) T*]φ	1% (1)
[-]φ [T* T*]φ	14% (12)
[-]φ [T* (I) T*]φ	5% (4)
[T*]φ [- T*]φ	0% (0)
[T*]φ [- (I) T*]φ	1% (1)
[T*]φ [T* T*]φ	53% (46)
[T*]φ [T* (I) T*]φ	26% (23)
p-valor	<2,2e-16

FLP20(esp)

Conforme mostra a Tabela 4, em 98% dos dados a associação tonal ao PWG não cabeça do sintagma pós-verbal (85 sentenças), enquanto a cabeça do ϕ que inclui o verbo recebe PA em apenas 80% das sentenças (70 sentenças). Isso mostra que a posição pós-verbal parece ser mais proeminente que o verbo propriamente dito¹².

Assim como nas outras situações analisadas anteriormente, houve atribuição (i) de acento inicial de PW em 32% das produções (28 sentenças) quando a PW mais à direita tinha mais que duas sílabas pretônicas – ver Figura 7 –, (ii) de acento enfático associado à sílaba inicial da PW cabeça de ϕ (1% das sentenças), ou ao PWG cabeça de ϕ (3% das sentenças) ou ao PWG não cabeça de ϕ (20% das sentenças). Tais resultados do acento enfático não estão discriminados separadamente na Tabela 4.

Para reforçar mais uma vez nossa análise, aplicamos o teste de proporções múltiplas para avaliar a probabilidade de ocorrer um PA por PW(G) interna em I. Tal teste de hipótese mostra que o valor de p é menor do que o nível de significância (0,00893), ou seja, as proporções analisadas não são todas iguais. Como há associação categórica de PA ao PWG cabeça de ϕ em 100% das sentenças (*e.g. republicanos*) e praticamente categórica ao PWG não cabeça de ϕ em 98% das sentenças (*e.g. vinte*), passamos a compará-las em pares para testarmos qual dessas proporções se sobrepõe às demais. Quando comparamos a proporção de ocorrer um PA por cada PW(G) em I (69/ 87) em oposição à proporção de ocorrer PA apenas no PW(G) mais à direita (*e.g. republicanos*), o teste de proporções em pares nos mostra que o valor de p ($=3.43e-14$) é menor que o nível de significância 0,00893, o que mostra que a proporção de ocorrer um PA por PW(G) é estatisticamente maior.

Em suma, antes de passarmos à comparação das cinco situações analisadas e exemplificadas em 2 e pelas Figuras 1-7, mostramos que a variedade mineira analisada é uma variedade de PB com alta densidade tonal, visto que a probabilidade de ocorrer PA associado ao PWG que inclui o verbo e a cada PW(G) do sintagma seguinte em posição interna de I é estatisticamente maior do que ocorrer PA apenas em cabeças de ϕ e I. Em nossa análise, o número de sílabas mostrou ser relevante para tal resultado, visto que quanto maior a quantidade de sílabas em PW que estão em posição interna de I, maior a probabilidade de ocorrência de eventos tonais adicionais em início de PW. Nesse sentido, nosso estudo dialoga com os estudos anteriores sobre a variedade paulista ao mostrar a alta densidade tonal de outra variedade de PB e a associação tonal praticamente obrigatória em PW(G)s de I, principalmente em relação às PWs internas de I¹³.

Descrito o comportamento entoacional dos cinco tipos de sintagmas pós-verbais e imediatos ao verbo, passamos agora à comparação entre o comportamento entoacional das sequências em análise: (i) palavra funcional monossilábica + palavra lexical (PWG não ramificado); (ii) palavra funcional dissilábica + palavra lexical (PWG não ramificado); (iii) palavra lexical sozinha (PWG não ramificado); (iv)

¹² Uma hipótese a ser investigada futuramente é se há proeminência do predicado quando composto por dois sintagmas pós-verbais para comparar com o estudo de Fernandes-Svartman e Romano (2017) sobre a posição sujeito, controlando o tamanho do verbo em número de sílabas para posterior análise.

¹³ Como o corpus não foi elaborado para observar ramificação sintática em nenhuma posição de I, deixamos essa comparação para trabalhos futuros, para ser comparado com o estudo de Fernandes-Svartman e Romano (2017).

palavra lexical composta por dois radicais acentuados (PWG ramificado); (v) duas palavras lexicais (dois PWGs não ramificados). Nosso objetivo com essa comparação é mostrar a relevância de PW para a distribuição tonal na variedade mineira para além de PWG, uma vez que em algumas dessas sequências PWs e PWG não ramificado coincidem. Posteriormente, aproximaremos nossos resultados para a variedade mineira com os resultados de Fernandes-Svartman e Romano (2017) para a variedade paulista.

A primeira comparação é da sequência palavra funcional monossilábica + palavra lexical, como em *a responsabiliDAde* (ver também 2.a), com uma única PW que é uma palavra lexical, como em *agramaticaliDAde* (ver também 2.c), ambas com seis sílabas pretônicas, incluindo a palavra funcional átona do primeiro caso. Nos dois casos, notamos que as cabeças do sintagma fonológico pós-verbal, como as exemplificadas acima, recebem PA associado à sílaba tônica da PW (que é também o elemento proeminente de PWG e de ϕ) e acento inicial associado às sílabas pretônicas iniciais, primeira ou segunda sílaba à esquerda, mantendo a distância mínima de três sílabas pretônicas em relação ao acento primário, e não foi observado nem acento inicial nem PA associado à palavra funcional. Em relação à distribuição tonal, o que esses resultados mostram é que uma palavra funcional monossilábica não recebe PA tal como uma palavra lexical, o que parece ser evidência de que apenas palavras morfológicas que formam PW podem receber PA.

Por outro lado, quando comparamos (i) a sequência palavra funcional dissilábica + palavra lexical, como em *ENtre parlamentaRISTas* (2.b), em relação (ii) a uma palavra composta por duas PWs, como em *LUso-revolucioNÁrios* (2.d), e (iii) a duas PW(G) que formam um ϕ ramificado, como em *VINte republiCANos* (2.e), notamos que o comportamento entoacional é parcialmente semelhante: há um PA associado à sílaba tônica da PW cabeça do PWG e de ϕ , de modo praticamente categórico, enquanto que apenas nos dois últimos casos, (ii) e (iii), há uma elevada presença de PA na não cabeça. No entanto, no interior de PWG (condição ii) a incidência de PW à não cabeça é opcional (85%), enquanto no interior de ϕ (condição iii) o PWG não-cabeça recebe sempre PA (98%). É comum a todas as condições, (i)-(iii), a possibilidade de acento inicial associado às sílabas pretônicas iniciais da PW cabeça de PWG e de ϕ quando a PW tem mais que duas sílabas pretônicas. Sobretudo em relação a (i), isto é, nos casos com palavra funcional dissilábica + palavra lexical, há algumas diferenças que se salientam: a ocorrência de PA associado à sílaba (eventualmente) tônica da palavra funcional é rara.

Com base na comparação desses resultados, destacamos que, independente da configuração prosódica do sintagma pós-verbal, há atribuição categórica de PA à PW cabeça do domínio que ela compõe, seja PWG não ramificado, PWG ramificado ou ϕ ramificado. Somente quando analisamos os resultados de PAs associados às PWs de PWG ramificado em relação às demais é que confirmamos nossa hipótese inicial da relevância de PW para a distribuição tonal, além de também corroborar o papel do tamanho de palavra em número de sílabas pretônicas para a associação de PA adicionais (exemplos 2.b, 2.d e 2.e), como acento inicial de PW e PA à PW não cabeça de PWG ramificado, visto que quanto maior o número de sílabas de domínio PW, maior é a probabilidade de eventos tonais. É importante reforçar ainda que os resultados obtidos, devido à coincidência entre PW e PWG não ramificado em várias das condições analisadas, não permitem afirmar que não é PWG o domínio de

atribuição tonal obrigatória, mas sim a relevância não só de PWG como também de PW para as regras de atribuição de acentos tonais. Em qualquer caso, tal distribuição de acentos tonais na variedade mineira resulta numa alta densidade tonal em sentenças neutras, tal como observado em outras variedades do PB, em particular a variedade paulista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a distribuição tonal em sentenças produzidas em contexto de foco de escopo largo, sentenças consideradas neutras, em uma variedade de PB, que é a variedade mineira falada no Triângulo Mineiro, com ênfase na análise das sequências internas de I, mais especificamente a sequência após o verbo, com o intuito de neutralizar a influência das fronteiras de I e de verificar se a densidade tonal é alta como já observada em outras variedades de PB – ver seção 2. Nossas hipóteses eram as de que o número de sílabas de PW e a configuração prosódica seriam fatores que poderiam influenciar a densidade tonal, além de que os domínios relevantes para a associação tonal seriam PWG e PW, uma vez que já eram esperados PAs associados às cabeças lexicais dos ϕ s em todas as posições da sentença, como demonstrado em trabalhos anteriores apresentados na seção 2.

No geral, a análise confirmou tais hipóteses, corroborando o que os trabalhos anteriores sobre o PB já haviam mostrado em relação ao número de sílabas e à ramificação prosódica (cf. Frota e Vigário, 2000; Tenani, 2002, Fernandes, 2007; Vigário e Fernandes-Svartman, 2010; Toneli 2014; Fernandes-Svartman e Romano, 2017; entre outros), na medida em que foram encontradas diferenças entre a associação de PAs às PWs em PWG ramificado em comparação à associação de PAs à PW em PWG não ramificado dentro de ϕ s ramificados: em qualquer caso, nas cabeças de PWG a associação de PA é praticamente obrigatória, quer PWG seja cabeça de ϕ , quer não; enquanto nas PW não cabeça de PWG parece ser opcional, embora muito frequente; neste último caso, mas não no primeiro, a atribuição de PA mostra-se potenciada pelo tamanho das PW que integram PWG.

Tal comparação foi validada pela análise estatística, que mostrou que o domínio de PW, e não apenas PWG, é relevante para a atribuição tonal. Além disso, os resultados mostraram que quanto maior o constituinte prosódico pós-verbal imediato ao verbo, maior foi a probabilidade de associação de evento tonal adicional em início de PW. A alta densidade tonal na posição pós-verbal independente da quantidade de PWs e da ramificação ou não de PWG e ϕ parece indicar uma proeminência dessa posição, talvez motivada por fatores sintáticos ou mesmo prosódicos, como o número de sílabas das PWs, visto que quanto maior o número de sílabas pretônicas maior a probabilidade de ocorrer um tom adicional em início de PW.

Esses resultados nos mostram também que, embora ocorra raramente, a palavra funcional dissilábica sofre um processo típico de palavras lexicais que são PW, que é a associação de um PA na sílaba tônica, o que pode ser considerada evidência do estatuto de PW de pelo menos algumas dessas palavras. Como já destacado anteriormente, somente três das palavras analisadas (e.g. *contra*, *sobre* e *entre*) receberam PA. Esse fato não pode sozinho ser evidência de que palavras funcionais

dissilábicas como *pelo(a)(s)*, *sob* e *uma(s)* possuam estatuto de palavras clíticas e não de PWs. Ressaltamos a necessidade de mais estudos em prol de verificar o estatuto prosódico dessas palavras funcionais em outras variedades do PB, além da variedade mineira, tal como os realizados por Toneli (2009, 2014) para as variedades paulista e mineira e Vigário (2003) para o Português Europeu.

Por fim, com base nos resultados obtidos e nas análises apresentadas, algumas questões surgiram a serem exploradas em trabalhos futuros: 1. O número de sílabas na palavra lexical influencia a realização enfática? 2. A língua diferencia o tipo de palavra funcional dissilábica que receberá PA? 3. A distância entre sílabas tônicas dentro de PWG ramificado é fator preponderante para a ocorrência de PA na PW não cabeça do domínio prosódico de que faz parte? 4. Um corpus que controlasse a composição e o tamanho do sujeito e do predicado com mais de um sintagma pós-verbal tanto na variedade mineira do Triângulo Mineiro quanto de outras variedades de PB apresentariam resultados mostrando a proeminência da posição interna que não coincide com a fronteira final de I, como por nós mostrada, ou da posição sujeito, como mostrado por Fernandes-Svartman e Romano (2017) para a variedade paulista?

Fica assim claro que a identificação dos fatores que regulam a distribuição tonal na variedade mineira e também noutras variedades do PB carece de mais investigação, envolvendo recolha e análise de dados controlando, nomeadamente, as variáveis prosódicas e sintáticas identificadas acima, a qual ficará para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- Abaurre MBM; Fernandes-Svartman FR. Secondary stress, vowel reduction and rhythmic implementation in Brazilian Portuguese. In: Bisol L; Brescancini CR, organizadoras. *Contemporary Phonology in Brazil*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing; 2008. p. 54-83.
- Beckman M; Pierrehumbert J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, 1986;3(1):255-309.
- Bisol L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2000;9(1):5-30.
- Bisol L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Delta*. 2004;20(especial):59-70.
- Bisol L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de hoje*. 2005;40(3):163-184.
- Boersma P; Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. [programa de computador]. Versão 5.2.07. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam. [citado 24 dez. 2010]. Disponível em: <http://www.praat.org>.
- Fernandes FR. Ordem, focalização, e preenchimento em Português: sintaxe e prosódia. [tese]. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernandes-Svartman FR. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). *Estudos Linguísticos*. 2009;38:47-58.
- Fernandes-Svartman FR; Romano N. Fatores determinantes na associação tonal em sentenças neutras do português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 2017;59(3):537-553.

- Frota S. Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing; 2000.
- Frota S; Cruz M; Fernandes-Svartman F; Collischonn G; Fonseca A; Serra C; Oliveira P; Vigário M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S; Prieto P, editoras. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Frota S; Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro R V; Barbosa P, organizadoras. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL; 2000. v.1. p. 533-555.
- Hayes B. The prosodic hierarchy in meter. In: Kiparsky P; Youmans G. *Phonetics and Phonology – Rhythm and Meter*. San Diego, California: Academic Press; 1989. Vol. 1. p. 201-260.
- Hayes B; Lahiri A. Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*. 1991;9(1):47-96.
- Ladd DR. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press; 1996.
- Leiria LL. *Em busca da palavra prosódica*. [tese]. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2000.
- Nespor M; Vogel I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications; 1986.
- Nespor M; Vogel I. *Prosodic phonology: With a new foreword*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter; 2007.
- Pierrehumbert J. *The phonology and phonetics of English intonation*. [tese]. Cambridge, Mass., Massachusetts Institute of Technology; 1980.
- Selkirk EO. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The MIT Press; 1984.
- Selkirk EO. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, 1986;3:371-405.
- Selkirk EO. The interaction of constraints on prosodic phrasing. In: Horne M, editor. *Prosody: Theory and Experiment*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers; 2000. p. 231-261.
- Tenani LE. *Domínios prosódicos no Português*. [tese]. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.
- Tenani L; Fernandes-Svartman FR. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. *Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody 2008*. Campinas: RG/CNPq; 2008. p. 445-448.
- Toneli PM. *A palavra prosódica no Português Brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. [dissertação]. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2009.
- Toneli PM. *A palavra prosódica no Português Brasileiro*. [tese]. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2014.
- Toneli PM; Vigário M; Abaurre MBM. Distinguishing emphatic and prosodic word initial stresses: evidences from Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of the 4th International Symposium on Tonal Aspects of Languages*, Nijmegen; 2014.
- Vigário M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*. 2010;27(4)-485-530.

Vigário M. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: Lobo M; Coutinho MA, organizadoras. Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos seleccionados. Lisboa: Colibri Artes Gráficas; 2007. p. 673-688.

Vigário M. The prosodic word in European Portuguese. Berlin/New York: Mouton de Gruyter; 2003.

Vigário M. The prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: Hall TA; Kleinhenz U, editores. Studies on the phonological word. Current Issues in Linguistic Theory, vol. 174. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins; 1999.

Vigário M; Fernandes-Svartman FR. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: Brito AM; Silva F; Veloso J; Fiéis A, organizadoras. XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados. Porto: Tip. Nunes; 2010. Vol. 1. p. 769-786.

FLP20(esp)

Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico no Português Brasileiro

Contributions of the study on detachment in the spoken language for the description of prosodic phrasing in Brazilian Portuguese

Aline Ponciano dos Santos Silvestre*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O *desgarramento* foi postulado por Decat (1999, 2011), com base numa análise funcional-discursiva, afirmando que algumas orações entre as tradicionalmente chamadas de ‘subordinadas’ pela tradição gramatical podem ocorrer soltas ou sozinhas. Instigado pelo fenômeno, este artigo realiza uma descrição prosódica de orações *desgarradas* e correlaciona-a a reflexões referentes aos fraseamento prosódico no Português do Brasil. Para isso, leva em conta resultados de Tenani (2002) e Serra (2009), concernentes à estrutura entoacional de orações adverbiais e aos correlatos acústicos do fraseamento no PB, respectivamente, que revelam ser o contorno entoacional L+H*H% relativo a sintagmas entoacionais (IPs) hierarquizados e a pausa ser a pista mais robusta no fraseamento de IPs. Foram analisados os parâmetros acústicos duração, pausa e contorno de F0 em 900 orações adverbiais – 450 anexadas à oração matriz e outras 450 lexicalmente idênticas, *desgarradas*, produzidas por cinco informantes oriundas do estado Rio de Janeiro. Os resultados demonstram que a maioria das orações adverbiais produzidas em conjunto com a oração matriz foram delimitadas por contornos melódicos com fronteira baixa (72,7% dos dados - 38,5% de L+H*L% e 34,2% de H+L*L%), ao passo que o contorno L+H*H% esteve presente em 27,3% delas. No que se refere às orações *desgarradas*, completas, o contorno L+H*H% foi majoritariamente produzido (83,5%). Com isso, postula-se que o contorno L+H*H%, referido como “continuativo” na literatura de base prosódica (Gonçalves 1997; Cunha, 2000; Tenani 2002) só traria a ideia de continuidade quando o IP for fraseado sem a saliência de outra pista prosódica.

Palavras-chave: Prosódia. Desgarramento. Fraseamento.

Abstract: The *detachment* was postulated by Decat (1999, 2011), based on a functional-discursive analysis. The author states that some subordinate clauses can occur separated of the main clause or totally alone. Instigated by the phenomenon, this paper performs a prosodic description of *detachment* clauses and correlates it with reflections about prosodic phrasing in Brazilian Portuguese (BP). For this, it takes into account the results of Tenani (2002) and Serra (2009), about the intonational structure of adverbial sentences and the acoustic correlates of the prosodic phrasing in BP, respectively. These works reveal that the intonational contour L + H * H% is correlated with hierarchical intonational

* Professora Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; aponcianosilvestre@letras.ufrj.br

phrases (IPs) and the pause is the most robust clue in IP phrasing. Duration, pause and F0 contour were the acoustic parameters analyzed in 900 adverbial sentences - 450 attached to the matrix clause and another 450 detached, lexically identical, produced by five subjects from Rio de Janeiro. The results demonstrates that most of the adverbial clauses produced together with the matrix were limited by melodic contours with a low boundary (72,7% of data - 38,5% of L+H*L% and 34,2% of H+L*L%), whereas the contour L + H * H% was present only in 27,3% of data. In the other hand, *detached* clauses, which are complete, the melodic contour L + H * H% was produced in majority (83,5%). Thus, it is postulated that the contour L + H * H%, referred to as “continuation” in prosody-based literature (Gonçalves 1997; Cunha, 2000; Tenani 2002) would only bring the idea of continuity when the IP is phrased without another prominent prosodic clue.

Keywords: Prosody. Detachment. Phrasing.

1 INTRODUÇÃO

O *desgarramento*, como um procedimento sintático, foi postulado por Decat (1999, 2011) com base em uma análise funcional-discursiva. Ao descrever o fenômeno, a autora defende a possibilidade de algumas orações – principalmente as adverbiais, ainda que tratadas como subordinadas a outra oração pela tradição gramatical, poderem ocorrer sozinhas. Tal procedimento seria licenciado pelo fato de a oração que se ‘desgarra’ formar uma unidade de informação à parte, nos termos de Chafe (1980)¹.

As análises empreendidas por Decat estiveram sempre baseadas em textos escritos, conceituando como *desgarradas* tanto as orações que ocorrem totalmente soltas - como (1) ‘Se eu ganhasse na Sena!’² - quanto sentenças separadas da tradicional oração principal por uma pontuação não canônica - como (2) ‘Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval’. Com isso, e tendo como alicerce o referido conceito de Chafe (1980), a autora afirma, em análise preliminar, que o *desgarramento* na língua falada tende a se materializar, prosodicamente, através de um contorno final de cláusula e pela pausa que antecede a oração *desgarrada* (Decat, 2011, p.128), como exemplificaríamos os trechos em negrito a seguir:

¹Chafe (1980), em texto sobre o desenvolvimento da consciência na produção de narrativas, afirma que uma propriedade facilmente observável da fala espontânea é o fato de ela ser produzida em séries de curtos jatos, jatos esses que, de acordo com o autor, Halliday (1967) nomeou como “*information units*”, Gremis (1975) chamou de “*information blocks*”, Crystal (1975) cunhou como “*tone – units*” e Kroll (1977) verbalizou como “*idea-unit*”, termo que Chafe (1980) adota a princípio, afirmando que há critérios óbvios na identificação das “*idea units*”: “um é a entoação – a maioria das *idea units* termina com um contorno que pode ser apropriadamente chamado de ‘*clause-final*’ (...). O segundo fator é a pausa: *idea units* são tipicamente marcadas por pelo menos uma pausa breve, frequentemente uma quebra leve no tempo.” (Chafe 1980, p.14).

² Exemplo retirado de Decat (2011, p.25).

(3) os sindicatos são entidades portanto...que são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda...porque são entidades sem fins lucrativos (Neves, 1999 apud Decat 2011, p.106)

(4) e tinha o parto...que era outro risco...porque eu tenho uma queda de pressão::violentíssima né? (Neves, 1999 apud Decat 2011, p.106)

Apesar das colocações referentes à pausa e ao “contorno final de enunciado” como norteadores para o estabelecimento do fenômeno estudado na língua oral, Decat (2011) afirma que sua análise da língua falada considera somente o reconhecimento auditivo e que a análise dos dados submetidos às ferramentas do *Praat* confirmaria muito do que já se percebeu auditivamente.

Todavia, um olhar mais atento aos trechos exemplificados em (3) e (4) revela que, se considerarmos a pausa e o contorno final como parâmetros norteadores para a definição da oração causal como característica do *desgarramento* na língua falada, havemos, muito provavelmente, de considerar a completiva nominal e a relativa (sublinhadas) também como exemplos de cláusulas³ *desgarradas*, uma vez que são antecedidas pela mesma pontuação indicativa de pausa e, de acordo com nosso conhecimento da entoação do português brasileiro, também possuem a possibilidade de serem enunciadas com contorno final descendente.

Quando o ponto de vista prosódico de fato se coloca, portanto, o questionamento sobre a caracterização entoacional das ditas orações *desgarradas* nos faz posicionar o exemplo (1) e os exemplos (2), (3) e (4) em dois grupos distintos. Isso porque, ainda que com pontuação não prevista pela tradição gramatical na escrita ou com pausa na fala, a oração ‘principal’ das orações adverbiais em (2), (3) e (4) são facilmente recuperadas no texto, ao passo que a oração em (1) é *totalmente desgarrada*, uma vez que não há mais nada no enunciado.

Tendo em mente estudos sobre o fraseamento prosódico no PB (Serra, 2009; Fernandes-Svartman et al., a sair; Serra, 2016), sabemos que a pausa e o alongamento são estratégias recorrentes para a delimitação de constituintes. Desse modo, falar em *desgarramento* na língua oral com base em dados como os de (2), (3) e (4) parece prematuro e inconsistente quando se levam em conta, de fato, estudos sobre a estrutura prosódica do português. Tal inconsistência levou Silvestre (2017) a considerar, em estudo sobre o *desgarramento* na língua falada, apenas exemplos como os de (1) e, num recorte do trabalho da autora, é sobre a caracterização prosódica de orações cunhadas como *desgarradas totais* e sua contribuição para os estudos do fraseamento no PB que versa este artigo.

A fim de cumprir o propósito de refletir sobre a relação entre *desgarramento* na língua falada e as fronteiras prosódicas no PB, a seção seguinte elucidará o aporte teórico que suporta este trabalho. Na seção 3, explicamos o corpus e a metodologia adotada na análise dos dados para, na seção 4, demonstrarmos os resultados obtidos

³ O termo *cláusula* é majoritariamente citado nas análises funcionalistas, pois, nesta visão teórica, são assim definidas as estruturas que constituem unidades de informação e que podem conter ou não verbos, embora normalmente sejam tomados como sinônimo de ‘oração’.

sobre o *desgarramento* na língua falada e, por fim, na seção 5, tecermos nossas conclusões acerca da contribuição que a análise empreendida traz para as reflexões sobre o fraseamento prosódico no PB.

2 APORTE TEÓRICO

Tendo sido sedimentado, ao longo dos anos dos estudos funcionais-discursivos feitos por Decat (1999, 2011), o conceito de *desgarramento* e a possibilidade de orações adverbiais ocorrerem sozinhas, o ponto de vista que aqui se coloca prevê uma discussão que, muito diferentemente dos estudos da autora, tem como ponto de partida uma assunção fonológica: a oração *desgarrada total* é um sintagma entoacional (IP) e um enunciado (U). Uma vez que IP e U são, respectivamente, domínios de um contorno melódico e de uma unidade de sentido, tal oração traz consigo, necessariamente, uma caracterização prosódica própria que permite sua interpretação sozinha. Com base nessa afirmação, as subseções a seguir versarão brevemente sobre as correntes teóricas que embasam nossa análise (2.1 e 2.2) e sobre trabalhos que nos servirão de base na reflexão sobre como o *desgarramento* contribui para o conhecimento da realização de fronteiras prosódicas no PB (2.3).

2.1 A Fonologia Prosódica

Segundo os postulados da Fonologia Prosódica, a corrente fônica está dividida em fragmentos hierarquicamente organizados - os constituintes prosódicos - os quais estão delimitados por diferentes indícios. De acordo com a teoria formulada por Nespor & Vogel (1986, 1994), os constituintes prosódicos, distribuídos de forma decrescente na hierarquia, são o 'enunciado fonológico' (*U – Utterance*), o 'sintagma entoacional' (*IP – Intonational Phrase*), o 'sintagma fonológico' (*PhP – Phonological Phrase*), o 'grupo clítico' (*CG – Clitic Group*), a 'palavra fonológica' (*PW – Prosodic word*), o 'pé' (*F – Foot*) e a 'sílabas' (*Syl – Syllable*).

Uma das importantes asserções da referida teoria reside em admitir que a fonologia está em interface com outras áreas gramaticais e que os diversos constituintes prosódicos são definidos por regras que se utilizam de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia. Sendo assim, assume-se que a fonologia não é autônoma e que está em interface com a estrutura sintática; todavia, nos níveis mais altos da hierarquia, a relação entre fonologia e sintaxe é fortemente restrita, uma vez que, para além da sintaxe, há forte relação com outras áreas da gramática, como a semântica. Assim, o caráter geral do tipo de noções não fonológicas utilizadas nas regras de projeção aumenta de acordo com o avanço até domínios prosódicos maiores.

Além de processos estritamente fonológicos que licenciam a distribuição hierárquica dos constituintes (sejam eles segmentais, como o sândi e a elisão, ou suprasegmentais, como o acento e a entoação⁴), Nespor e Vogel (1994) afirmam que

⁴Cf. Tenani (2002), Fernandes (2007), Serra (2009), entre outros, para o PB.

os constituintes da hierarquia prosódica proporcionam estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala, o *parsing* inicial, fornecendo ao ouvinte a base para a reconstrução da estrutura sintática e para a compreensão da mensagem transmitida por uma dada sequência (Nespor e Vogel, 1994, p. 287). Baseando-se nas sugestões de Selkirk (1978) e nas afirmações de Nespor e Vogel (1983a, 1983b), que se utilizaram de dados perceptivos em seus estudos, as autoras salientam que

não são os constituintes sintáticos, mas os constituintes prosódicos os que proporcionam a informação relevante na primeira etapa de processamento de uma sequência de fala. Isso não quer dizer que a estrutura sintática seja irrelevante, mas que só é relevante indiretamente, uma vez que só se faz referência à informação sintática na construção dos constituintes prosódicos que se situam acima da palavra prosódica. *Da afirmação de que são os constituintes prosódicos, e não os sintáticos, os que proporcionam as unidades relevantes para o nível inicial de processamento se segue que toda distinção sintática não refletida na estrutura prosódica não pode ser captada nesse nível de percepção.* (Nespor e Vogel, 1994, p. 288, tradução nossa; grifo nosso)⁵

Ao desenvolver uma proposta prosódica para explicar casos de desambiguação – e tal fato nos interessa particularmente porque, como se verá na seção 3, as adverbiais *desgarradas totais* que estudamos têm interpretação diversa, mas possuem exatamente a mesma estrutura sintática de orações adverbiais anexadas à oração matriz – Nespor e Vogel (1994) declaram que os casos de maior possibilidade de desambiguação são aqueles em que há estruturas prosódicas diferentes no nível do IP, asseverando que

as orações que se podem desambiguar são aquelas em que os diferentes significados correspondem a diferentes estruturas prosódicas. Ao contrário, as orações em que os diferentes significados têm a mesma estrutura prosódica não são desambigáveis, independentemente de sua estrutura sintática. (Nespor e Vogel, 1994, p. 293, tradução nossa; grifo nosso)⁶

Tendo por base tais informações, assim como em Tenani (2002), nossa análise será pautada na observação dos três níveis mais altos da hierarquia prosódica – U, IP e PhP – uma vez que são esses os níveis largamente descritos como responsáveis pela percepção e diferenciação de estruturas. Por esta razão,

⁵ “no son los constituyentes sintáticos sino los constituyentes prosódicos los que proporcionan la información relevante en la primera etapa del procesamiento de una secuencia de habla. Lo cual no quiere decir que la estructura sintáctica sea irrelevante, sino que es relevante sólo indirectamente, puesto que sólo se hace referencia a información sintáctica en la construcción de los constituyentes prosódicos que se sitúan por encima del nivel de la palabra. De la afirmación de que son los constituyentes prosódicos, no los sintáticos, los que proporcionan las unidades relevantes para el nivel inicial de procesamiento se sigue que toda distinción sintáctica no reflejada en la estructura prosódica no puede ser captada en este nivel de percepción.” (Nespor e Vogel 1994, p. 288. Tradução de Ana Ardid Gumiel)

⁶ “las oraciones que se pueden desambiguar son aquellas en que los diferentes significados corresponden a diferentes estructuras prosódicas. En contraste, las oraciones en que los diferentes significados tienen la misma estructura prosódica no son desambiguables, independentemente de su estructura sintáctica.” (Nespor e Vogel 1994, p. 293. Tradução de Ana Ardid Gumiel).

acreditamos serem também esses níveis os mais importantes para que se possam verificar as marcas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento* e, aqui, tecermos considerações acerca do comportamento de parâmetros prosódicos nos fraseamentos de IPs.

2.2 Fonologia Entoacional

Para a análise prosódica de orações *desgarradas totais*, além de considerarmos a hierarquia prosódica e seus constituintes, lançamos mão das abordagens feitas pelo modelo autosegmental e métrico (AM) da Fonologia Entoacional, postuladas por Pierrehumbert (1980), Ladd (2008), entre outros. O modelo AM assume que a constituição das melodias se dá por sequências de dois tipos de tons (altos [H] e baixos [L]) e são também dois os tipos de eventos tonais suficientes para descrevê-las: os acentos tonais (*pitch accents*) e os tons de fronteira (*boundary tones*). Entretanto, importa salientar que, apesar de serem utilizados apenas dois tons – H e L – para as inúmeras descrições já existentes, isso não significa que

uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico de uma dada língua ou dialecto tenha sempre a mesma realização fonética noutra língua ou dialecto. Os acentos tonais devem ser entendidos como unidades fonológicas abstractas e, como tal, sujeitas a variabilidade contextual e a diferentes tipos de implementação em línguas distintas. O mesmo se aplica aos tons de fronteira. (Cruz e Frota, 2011, p.166)

A conjugação do modelo hierárquico e do modelo AM é feita, para o Português do Brasil, em trabalhos como os de Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007), Serra (2009), Fonseca (2010), Frota et al. (2015), Castelo (2016), Silvestre (2017), entre outros.

Brevemente elucidadas as correntes teóricas que baseiam nossa análise, a subseção a seguir tece considerações relativas aos trabalhos de Tenani (2002) e Serra (2009): este por ser o primeiro a tratar especificamente das características prosódicas do fraseamento no Português do Brasil e, aquele, por, além de ser pioneiro na análise com a visão integrada entre as fonologias prosódica e entoacional no PB, trazer considerações relacionadas aos contornos melódicos que delimitam orações adverbiais.

2.3 Configuração melódica de orações adverbiais e o fraseamento no PB: ideias iniciais

O importante trabalho de Tenani (2002) traz, além de análises detalhadas relativas à aplicação de processos fonológicos e sua relação com os domínios prosódicos, descrição relevante sobre a declaração neutra no PB, descrição essa que tem tido seus resultados corroborados em inúmeras pesquisas (Fernandes 2007, Serra 2009, Silvestre 2012, Castelo 2016, entre outros). Nesta seção, contudo, interessam-

nos especificamente os resultados obtidos pela autora na identificação de algumas estruturas como as de (5), a seguir, uma vez que, como se pode perceber em 5.a, 5.b, 5.c, 5.d e 5.e⁷, a autora acabou por verificar o comportamento prosódico de orações adverbiais anexadas à oração matriz, as quais configuram o primeiro IP de U e que, com vistas à descrição prosódica do *desgarramento*, têm papel importante neste artigo:

- (5)
- a. [[Se você se atrasar,]IP [a Marina vai embora.]IP]U
 - b. [[Antes de partir,]IP [assine o contrato da casa.]IP]U
 - c. [[Quando você vier,]IP [alimente os animais]IP]U
 - d. [[Assim que te viu chegar,]IP [Alice parou de chorar]IP]U
 - e. [[Apesar de haver riscos,]IP [a Alice vai para Souza]IP]U

Os resultados de Tenani (2002), no que tange à configuração do primeiro IP⁸ de U, revelaram que pode haver tanto um tom HL* quanto um tom LH* associado à última sílaba tônica do constituinte, mas que, preferencialmente, ocorre o tom LH* seguido de um tom de fronteira alto (H%). Esta configuração é conhecida, na literatura de base prosódica, como caracterizadora de um tom suspensivo (Cagliari 1992) ou de um “padrão continuativo” (Gonçalves 1997, Cunha 2000) e segundo a autora, em termos de organização de constituintes,

a presença de Hi não apenas delimita um constituinte entoacional, como também parece traduzir a relação hierárquica entre as sentenças. Em outras palavras, embora linearmente possa ser identificada a sequência de dois Is, a relação entre eles é assimétrica, ou seja, os constituintes irmãos não têm o mesmo valor, uma vez que um dos constituintes está incompleto em relação ao outro que se segue. Essa relação é assegurada juntamente com o acento tonal, que preferencialmente se realiza como LH*, associado à última sílaba tônica do I não final. (Tenani, 2002, p. 77)

A configuração melódica LH*H% foi majoritária nos IPs iniciais analisados por Tenani (2002), ainda que eles tenham configurações sintáticas diversas.

É importante mencionar, ainda, que não foi encontrada relação entre a variação na estrutura prosódica e a ordenação sintática dos constituintes, sendo os contornos entoacionais encontrados praticamente os mesmos, como exemplifica (6):

- (6)
1. [[A Alice vai pra Souza,] I [apesar de haver riscos.]I] U
LH* L* LH* L* HL* Li
 2. [[Apesar de haver riscos,] I [a Alice vai pra Souza.]I] U
LH* L* LH* L* L* HL* Li

(Tenani, 2002, p. 81)

⁷ Em Tenani (2002, p. 53), os exemplos 5.a, 5.b, 5.c, 5.d e 5.e são os de número 8.1, 8.3, 8.5, 8.7 e 8.9, respectivamente.

⁸ Tenani (2002) usa um *I* como referência ao IP e um *i* como referência a fronteira final (aqui, %).

Os resultados da autora vão, deste modo, ao encontro dos postulados da Fonologia Prosódica no que se refere ao não isomorfismo entre as estruturas sintática e prosódica. Além disso, são de nosso especial interesse por mostrarem que, independentemente da ordenação sintática ou da semântica veiculada pelas orações, o que importa, para a associação dos acentos tonais e consequente significação trazida pela prosódia, é que sejam sintagmas entoacionais (IPs) bem formados.

Serra (2009) estuda a relação entre estrutura prosódica, estrutura entoacional e realização e percepção de fronteiras prosódicas em dados de leitura (LE) e de fala espontânea (FE). A autora salienta a importância da verificação de pistas prosódicas como alongamento silábico pré-fronteira, a variação da frequência fundamental e a pausa para seu estudo, de acordo com outras pesquisas que tratam de questões relativas ao fraseamento (Frota 2000; Elordieta et al., 2005; Frota et al., 2007, entre outros).

As análises empreendidas pela pesquisadora corroboram as asserções de trabalhos anteriores sobre a fronteira de IP, em PE e em outras línguas, demonstrando que a pausa é o principal indicador de fronteira deste constituinte, realizada em 93% dos dados de leitura e 65% dos dados de fala espontânea por ela investigados. Importa mencionar, entretanto, que o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também se mostraram relevantes para percepção da fronteira de IP na fala de algumas informantes da autora, ainda que não produzidos de forma sistemática, o que a fez concluir que

nos dois estilos de fala, a pausa se mostrou determinante para a percepção de uma fronteira de IP, já que um IP percebido quase sempre é acompanhado de uma pausa, ao passo que IPs não percebidos normalmente não são assinalados, ou são assinalados de forma menos consistente, por essa pista duracional. (Serra, 2009, p.107)

A autora observa, ainda, que o número de sílabas ou o número de palavras prosódicas que formam o IP condiciona a percepção da fronteira do constituinte. De acordo com a pesquisadora, quanto maior o número de sílabas (oito ou mais) ou o número de PWs (quatro ou mais) no IP, maior a possibilidade de percepção das fronteiras do constituinte. Em artigo mais recente, Serra (2016, p.65) traz maiores considerações acerca das configurações melódicas observadas em seus dados e, no que tange aos tons de fronteira, afirma que “em termos gerais, fica muito clara a preferência por fronteiras baixas, principalmente em LE”.

Os resultados de Serra (2009, 2016) para o PB desempenham, desse modo, papel de grande relevância para a nossa análise dos dados, uma vez que a fronteira de IP e os correlatos fonético-fonológicos cuidadosamente observados pela autora, como pausa, alongamento e configuração melódica – auxiliar-nos-ão a refletir sobre o *desgarramento* na língua falada, considerando que são as diferenças de fraseamento que possibilitam o entendimento da oração adverbial sozinha.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O corpus deste trabalho foi montado a fim de que pudéssemos proceder a uma análise comparativa de orações adverbiais anexadas à chamada oração principal (a partir de agora, referidas por nós como *não desgarradas*) e *desgarradas totais*. Deste modo, as orações que serviram de base para o estudo foram obtidas através de gravações de um corpus de leitura, no qual foram descritas situações em que o uso de orações adverbiais *não desgarradas* e *desgarradas* é possível, o que permitiu a comparação de trechos lexicalmente idênticos.

Todas as situações foram apresentadas em slides e foi solicitado às informantes que, após pensados os contextos, somente as orações-alvo fossem lidas. A pesquisa contou com cinco informantes do sexo feminino, oriundas da região do Grande Rio – alunas de pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O corpus, como um todo, foi composto de 30 orações adverbiais base: 15 que fazem parte de estruturas complexas - com orações adverbiais anexadas à oração matriz, ou seja, *não desgarradas*; e outras 15, correspondentes, *desgarradas totais*. Cada oração foi lida três vezes por todas as informantes, a fim de que pudéssemos confirmar a regularidade das características prosódicas observadas.

Sendo o sintagma entoacional nossa unidade básica de análise, há, em nossos dados, orações adverbiais *não desgarradas* e *desgarradas totais* de estruturas diferentes: orações menores, de nove sílabas, sem ramificação no último PhP; e orações maiores, com treze sílabas, em que o último PhP é ramificado. Considerando os resultados de Serra (2009) para o PB e de estudos anteriores, tais estruturas foram pensadas a fim de que se pudessem testar as hipóteses concernentes à influência do tamanho do IP ou do peso fonológico⁹ na inserção das pistas prosódicas que caracterizam o *desgarramento*.

Foram analisadas 900 orações adverbiais: 225 *não desgarradas* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *não desgarradas* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições) e 225 *desgarradas totais* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições).

A seguir, exemplificamos como se deu o processo de obtenção das orações, sendo solicitado às informantes a imaginação dos contextos (indicados por [C:]) com posterior leitura das sentenças em destaque. O mesmo contexto foi apresentado quatro vezes, de forma randomizada, para que fosse feita a leitura das orações *desgarradas* e *não desgarradas*, com ramificação ou não no último PhP:

⁹ Frota e Vigário (2001, p.320), ao tratar de peso fonológico, definem que um constituinte é pesado se: (a) fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante); ou (b) portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos restantes (e.g. acento de foco prosódico).

[C: O Ricardo é um excelente profissional e não deseja mudar de emprego porque se sente bem onde está. Você, porém, adoraria que ele trabalhasse na sua empresa para que tivessem um grupo mais forte. Conversando com um amigo, você comenta:]

Se o Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso.

(Não *desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse...

(*Desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso.

(Não *desgarrada*, com ramificação no último PhP)

Se o Ricardo desejasse o emprego...

(*Desgarrada*, com ramificação no último PhP)

De acordo com a mesma configuração do exemplo anterior, todas as orações destacadas para a leitura, aqui apresentadas em sua ramificação ideal, foram as seguintes:

Estruturas com nove sílabas – sem ramificação no último PhP:

[[Se a Joelma]_{PhP} [a ganhou]_{PhP}]IP
 [[Se o Ricardo]_{PhP} [desejasse]_{PhP}]IP
 [[Se o Diogo]_{PhP} [conseguisse]_{PhP}]IP
 [[Quando o Fábio]_{PhP} [me chamasse]_{PhP}]IP
 [[Quando a Ana]_{PhP} [apontasse]_{PhP}]IP
 [[Quando a Carla]_{PhP} [imagina]_{PhP}]IP
 [[Já que o Lázaro]_{PhP} [desejava]_{PhP}]IP
 [[Já que o Leandro]_{PhP} [o procura]_{PhP}]IP
 [[Já que a Marina]_{PhP} [gostaria]_{PhP}]IP
 [[Pra aprovar]_{PhP} [os alunos]_{PhP}]IP
 [[Pra conquistar]_{PhP} [a garota]_{PhP}]IP
 [[Pra enviar]_{PhP} [os pedidos]_{PhP}]IP
 [[Embora a Vera]_{PhP} [suplicasse]_{PhP}]IP
 [[Embora a Lúcia]_{PhP} [o tentasse]_{PhP}]IP
 [[Embora a Carmen]_{PhP} [a quisesse]_{PhP}]IP

Estruturas com treze sílabas – com ramificação no último PhP:

[[Se a Joelma]_{PhP} [ganhasse na loteria]_{PhP}]IP¹⁰
 [[Se o Ricardo]_{PhP} [desejasse o emprego]_{PhP}]IP
 [[Se o Diogo]_{PhP} [conseguisse o trabalho]_{PhP}]IP
 [[Quando o Fábio]_{PhP} [chamasse ao escritório]_{PhP}]IP
 [[Quando a Ana]_{PhP} [apontasse a janela]_{PhP}]IP
 [[Quando a Carla]_{PhP} [imagina as tragédias]_{PhP}]IP
 [[Já que Lázaro]_{PhP} [desejava o perigo]_{PhP}]IP
 [[Já que Leandro]_{PhP} [procura o empregado]_{PhP}]IP

¹⁰ Sabemos que, de acordo com os algoritmos de formação do PhP, o sintagma adverbial ‘[na loteria]’ é usualmente estruturado como um PhP à parte. Entretanto, consideramos ser transitivo direto o verbo que precede tal sintagma e, de forma paralela aos outros IPs aqui analisados, em que o último PhP é composto por duas PWs, decidimos considerá-lo, juntamente com o verbo, como parte de um único PhP.

[[Já que Marina] PhP [gostaria dos enfeites] PhP]IP
 [[Pra aprovar] PhP [os alunos esforçados] PhP]IP
 [[Pra conquistar] PhP [a garota desejada] PhP]IP
 [[Pra enviar] PhP [os pedidos requeridos] PhP]IP
 [[Embora Vera] PhP [suplicasse aos juízes] PhP]IP
 [[Embora Lúcia] PhP [tentasse o resultado] PhP]IP
 [[Embora Carmen] PhP [quisesse a recompensa] PhP]IP

Importa lembrar que, considerando o ponto de vista fonológico aqui adotado, as orações *desgarradas totais*, além de serem um IP, são também um enunciado (U) e, por isso, acrescentamos tal indicação na representação dos constituintes sempre que nos referirmos aos exemplos de *desgarramento*.

3.1 Processo de análise do corpus

Para a efetiva notação prosódica, utilizamos sistema *P_TOBI* (Frota et al., 2007; Frota, 2014), o qual propõe o alinhamento do contorno de F0 a uma série de camadas: uma para anotação de eventos tonais, uma para transcrição ortográfica, uma para anotação de fronteiras prosódicas e outra para comentários da análise.

O sistema de notação *P_TOBI* é feito com o auxílio do programa *PRAAT* (Boersma e Weenick, 2015) de análise acústica e inclui as camadas para associação tonal, para a transcrição ortográfica e para a anotação de fronteiras prosódicas¹¹. Em nossos dados, além da notação feita nas três camadas postuladas pelo *P_TOBI*, utilizamos uma quarta camada para a anotação da duração das sílabas na palavra final (medida em milissegundos).

Uma vez que, como demonstram trabalhos construídos sob a mesma base teórica (Tenani 2002, Fernandes 2007, Serra 2009, Fonseca 2010), a fronteira final é o principal *locus* para a inserção de características prosódicas capazes de diferenciar estruturas em português, todas as aferições concentraram-se na palavra nuclear.

No que concerne especificamente ao alongamento final, alinhamo-nos ao que descreve Serra (2009) em sua análise sobre o fraseamento do PB, e esperamos que ele se manifeste de forma mais expressiva nas sílabas tônica e pós-tônica finais do que na sílaba pré-tônica, já que esta se encontra mais distante da fronteira. Seguindo os passos de análise da autora, assumimos que

para se observar se houve ou não alongamento, deve-se contrastar a sílaba ‘suspeita’ de alongamento, de preferência com outra ‘não suspeita’, pois se as duas alongam juntas, não se consegue evidenciar, em termos relativos, se houve ou não o referido alongamento. A rigor, qualquer sílaba que não alongue poderia ser escolhida para servir de referência, isto é, para contrastar com a postônica. A pretônica 1 é uma boa candidata, pois, (i) além de não alongar (razão principal), (ii) é conhecida a relação ‘ideal’ de sua duração com as demais (tônica e postônica) fora

¹¹ O detalhamento específico das camadas de notação pode ser encontrado em http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_cv.html

do contexto fronteira (cf. Moraes 1995), e (iii) é ela, como a postônica, uma sílaba átona, ou seja, têm elas durações em princípio mais próximas entre si (do que entre a postônica e a tônica, por exemplo), o que faz com mais frequência ser positivo o índice do alongamento, evidenciando-o melhor. Assim, é mais elegante dizer que a postônica alonga de X% em relação à pretônica, do que dizer que a postônica ‘desalonga’ menos do que o esperado em relação à tônica, por exemplo. (Serra, 2009, p.74)

Uma vez que analisamos estruturas lexicalmente idênticas para a comparação de orações *não desgarradas* e *desgarradas*, a observação da existência de alongamento se deu em duas etapas: 1) através da comparação interssilábica, em que medimos a duração das três sílabas finais da palavra nuclear e descrevemos, separadamente para cada tipo oracional, o percentual de aumento ou descenso das sílabas pré-tônica e pós-tônica em relação à tônica; 2) através da comparação interoracional, em que realizamos a comparação da duração média das sílabas da palavra nuclear em *orações desgarradas* e *não desgarradas*.

No que se refere à pausa, nossa análise priorizou a relação entre a existência ou não de pausa e o tipo de contorno associado a ela na fronteira da adverbial com oração matriz em estruturas *não desgarradas*. A anotação das modulações de F0 foi feita no programa PRAAT e todos os contornos observados – nas fronteiras inicial e final do IP – foram descritos em planilhas do Excel para que, posteriormente, fosse feita a contagem percentual dos contornos predominantemente encontrados.

4 RESULTADOS

4.1 Orações *não desgarradas*

4.1.1 Configuração melódica final de orações adverbiais anexadas à oração matriz

A análise melódica demonstrou que, nas orações *não desgarradas* que formam um IP sem ramificação no último PhP, houve marcação por uma fronteira baixa (L%) em 69% dos dados analisados, o que corrobora a preferência por uma fronteira baixa na delimitação do IP, conforme explicita Serra (2016).

É interessante notar que tal fronteira, em conjunto com o acento tonal L+H* ou com o acento tonal H+L* forma, respectivamente, os padrões melódicos mínimos que são caracterizadores da questão total e da asserção neutra na maioria dos falares brasileiros (Cunha 2000; Tenani 2002; Fernandes 2007; Moraes 2008; Silva 2011; Silvestre 2012, entre outros). Entretanto, tais orações não se confundem com perguntas ou afirmações neutras, o que exemplifica a afirmação de Cruz e Frota (2011) sobre o fato de uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico poder representar diferentes realizações fonéticas, devendo os acentos tonais e os tons de fronteira serem entendidos como unidades fonológicas abstratas.

Além disso, na produção das orações adverbiais *não desgarradas*, é clara a necessidade de complementação posterior, o que nos faz postular a hipótese de que não somente o contorno L+H*H%, preferido apenas pela informante 2 (cf. Tabela 1) e descrito na literatura da área como caracterizador do padrão “continuativo”, é, de fato, padrão melódico que transmite a ideia de continuidade.

Nos IPs *não desgarrados* com ramificação no último PhP, também houve preferência por uma fronteira baixa – L% (76%) dos dados, ainda que, como dissemos, a ideia veiculada seja de continuação. O contorno melódico L+H*H% foi, novamente, preferido apenas pela informante 2, sendo L+H*L% o preferido pelas informantes 4 e 5 e H+L*L% o preferido pelas informantes 1 e 3.

As Tabelas 1 e 2 sintetizam os resultados obtidos por informante e a Tabela 3 traz uma visão geral dos achados relativos ao contorno entoacional de orações produzidas em conjunto com a oração matriz:

Tabela 1 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado

<i>Contornos Php Final - Orações Com Php Não Ramificado</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
INF.1	7	14	24
INF.2	29	7	9
INF.3	20	10	15
INF.4	3	37	5
INF.5	10	20	15
TOTAL	69	88	68
%	31%	39%	30%

Tabela 2 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado

<i>Contornos Php Final - Ips com Php Ramificado</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
INF.1	9	3	33
INF.2	26	5	14
INF.3	5	16	24
INF.4	1	36	8
INF.5	13	25	7
TOTAL	54	85	86
%	24%	38%	38%

Tabela 3 - Contornos predominantes no PhP final de orações *não desgarradas*

<i>Contornos Php Final - Orações Não Desgarradas</i>	L+H*H%	L+H*L%	H+L*L%
Php Não Ramificado	69	88	68
Php Ramificado	54	85	86
TOTAL	123	173	154
%	27,5%	38,5%	34,2%

Em relação especificamente à existência de pausas, fator também em análise para a caracterização das orações *não desgarradas*, há, entre as informantes, comportamentos diferenciados, como mostra a Tabela 4:

Tabela 4 - Número de dados delimitados por pausa correlacionados ao contorno melódico

<i>Existência de Pausa</i>	LH*H%	H+L*L%	L+H*L%
Inf.1	4	28	11
Inf.2	0	0	0
Inf.3	4	8	10
Inf.4	5	14	67
Inf.5	0	6	14
TOTAL	13	56	102
%	8%	32%	60%

Os resultados revelam que pausa foi uma pista acústica utilizada consistentemente apenas pela informante 4. Dos 90 dados *não desgarrados* produzidos por cada informante, a fronteira de IP foi delimitada por pausa em 43 (48%) das orações verbalizadas pela informante 1, em 22 (24%) das orações produzidas pela informante 3, em 86 (96%) das orações ditas pela informante 4 e em 20 (22%) das orações verbalizadas pela informante 5. Desses dados, conforme demonstra o Gráfico 1 a seguir, a existência de pausa esteve relacionada aos contornos L+H*L% e H+L*L%, ou seja, à fronteira baixa, em 92% das orações analisadas, ao passo que a correlação de tal pista silenciosa à fronteira alta, referente ao contorno LH*H%, deu-se em apenas 8% dos dados. A informante 2, maior produtora da configuração final LH*H% (cf. tabelas 1 e 2), não delimitou com pausa nenhum dos IPs.

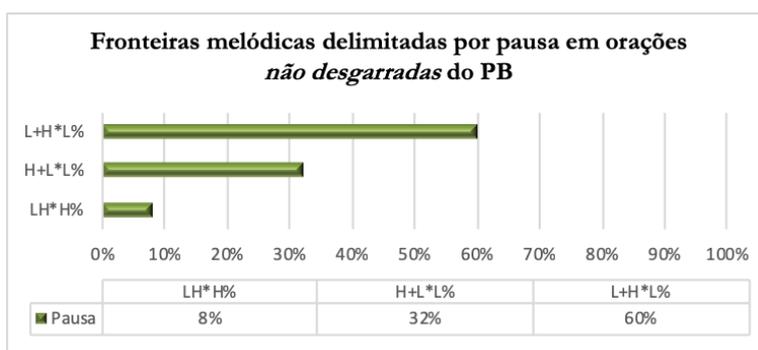


Gráfico 1 - Correlação entre contorno melódico e pausa em orações *não desgarradas* no PB

Tais resultados levam-nos a outras reflexões concernentes ao chamado contorno “continuativo”, que nos faz formular a seguinte hipótese: a configuração tonal LH*H% é, por excelência, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade em PB apenas quando não aparece combinado com pausa na delimitação do IP. Nos casos em que tal delimitação se dá com a existência de pausa, por exemplo, o conteúdo semântico de complementação é majoritariamente transmitido por contornos entoacionais que apresentam um tom baixo na fronteira do IP.

4.1.2 Configuração da duração no fim de *orações adverbiais anexadas à oração matriz*

Nas orações *não desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise do comportamento duracional revelou que, relativamente à sílaba tônica, a sílaba pré-tônica tem duração média 32% menor ao passo que, em relação à mesma sílaba, a pós-tônica dura, em média, 23% menos. Em relação à sílaba pré-tônica, a pós-tônica alonga 12% em média. A Tabela 5 apresenta as médias de duração mensuradas a partir das quais realizamos os cálculos de porcentagem descritos anteriormente:

Tabela 5 - Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP não ramificado

<i>Valores Médios Em Ips Com Php Não Ramificado</i>	<i>Pré-tônica (ms)</i>	<i>Tônica (ms)</i>	<i>Pós-tônica (ms)</i>
Inf.1	139	218	177
Inf.2	160	235	150
Inf.3	177	266	215
Inf.4	183	269	232
Inf.5	185	258	182
Média	168	249	191

A sílaba pós-tônica, portanto, dura mais que a pré-tônica na realização média da maioria dos dados, com exceção dos produzidos pelas informantes 2 e 5.

Considerando as afirmações de Serra (2009) e comparando os resultados relativos à duração com as análises concernentes ao comportamento da F0, podemos concluir, quanto ao fraseamento dos IPs constituídos por orações *não desgarradas*, que há também produtividade de marcação da fronteira pela duração, através do alongamento da sílaba final, uma vez que, à exceção da informante 4, mais de 50% dos IPs produzidos pelas demais informantes não foram delimitados por pausa.

Ademais, considerando que, como demonstrado na subseção anterior, mais da metade dos dados produzidos foi delimitado por um tom baixo na fronteira do IP (à exceção da informante 2, que não delimitou constituintes com pausa e, vemos aqui, também não alonga a sílaba final), fazemos um adendo à hipótese anteriormente formulada no que concerne ao padrão “continuativo”: a configuração tonal L+H*H% é, por excelência, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade em PB apenas quando não há outra pista prosódica saliente na delimitação do IP. Nos casos em que o fraseamento deste constituinte se dá com a influência de outras pistas – como pausa ou o alongamento das sílabas finais – o conteúdo semântico de complementação é majoritariamente transmitido por contornos entoacionais que apresentam um tom baixo na fronteira do IP. Isto é: o contorno L+H*H% transmite, sozinho, o conteúdo de complementação, porém, se há outras pistas prosódicas salientes na fronteira do IP, como pausa ou alongamento final, o referido conteúdo é dado pela combinação de tais pistas ao tom L%¹².

¹² Uma análise estatística inferencial, para comparação do peso dos três fatores e para comprovação da hipótese, é desejável e será posteriormente feita para validação dos resultados.

O confronto entre as Figuras 2 e 3, seguintes, ilustra o fraseamento de IP marcado pela pausa e pela duração:

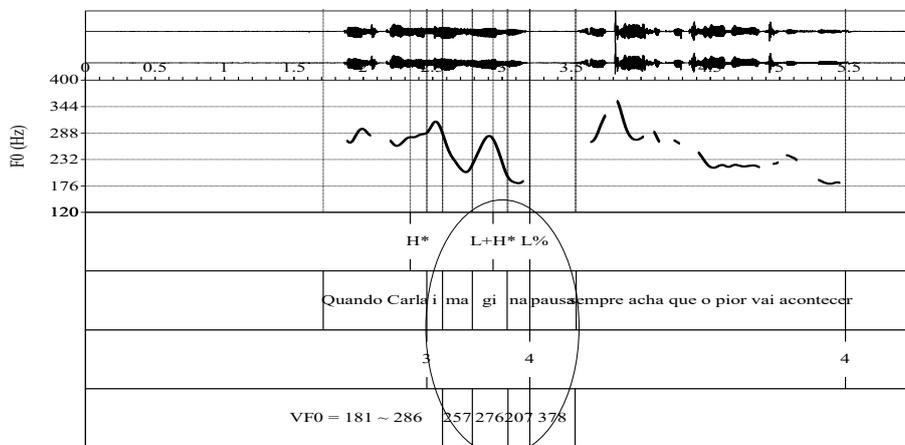


Figura 2 - Fronteira marcada pela pausa em oração *não desgarrada*: [Quando Carla imagina]IP

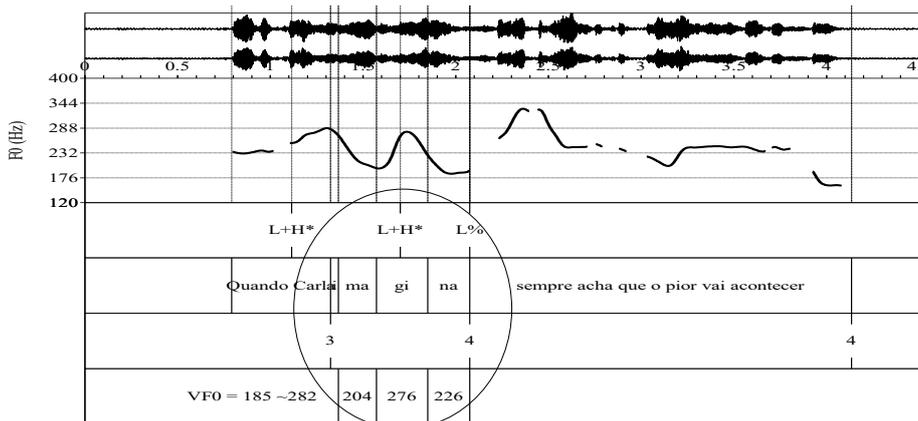


Figura 3 - Fronteira marcada pela duração em oração *não desgarrada*: [Quando Carla imagina]IP

Nas orações *não desgarradas* formadas por um PhP ramificado, também há, em relação à sílaba tônica, duração média menor das sílabas adjacentes: a pré-tônica dura 35% menos e a pós-tônica 30% menos. Em relação à sílaba pré-tônica, a pós-tônica alonga 9% em média. A Tabela 6 demonstra os resultados obtidos, por informante, no que refere à duração das sílabas finais em IPs não desgarrados com PhP ramificado e o Gráfico 2 revela a média geral dos valores encontrados:

Tabela 6 - Média de duração das sílabas finais em orações não desgarradas com PhP ramificado

Valores Médios Em IPs Com PhP Ramificado	Pré-tônica (ms)	Tônica (ms)	Pós-tônica (ms)
Inf.1	136	225	160
Inf.2	155	213	142
Inf.3	171	299	199
Inf.4	166	253	196
Inf.5	172	252	182
Média	160	248	175

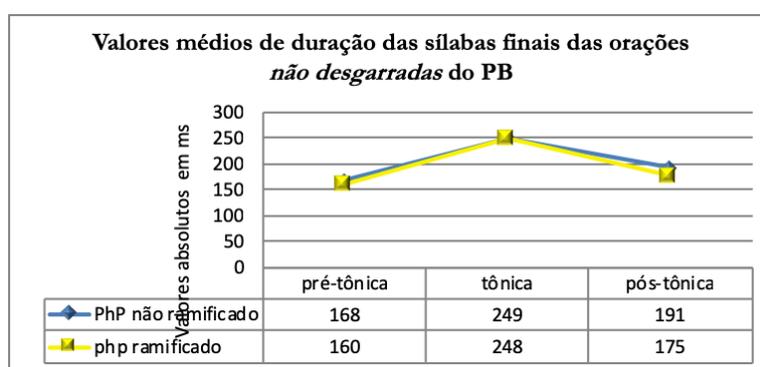


Gráfico 2 - Média da duração na palavra nuclear de orações não desgarradas no PB

Ainda que com números de diferença pouquíssimo robusta, percebe-se um percentual de alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho das orações: nas orações menores, com 9 sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica é numericamente maior (12% nos IPs menores e 9% nos IPs maiores). Consideramos que tal fato pode ser resultado da influência do tamanho ou do peso dos constituintes, contudo, somente uma futura análise estatística será capaz de nos dar segurança em relação a tal afirmação.

4.2 Orações desgarradas totais

4.2.1 Configuração melódica final de orações adverbiais desgarradas

A análise revelou que, nos IPs desgarrados com PhP não ramificado, a associação do tom L+H* à última sílaba tônica foi predominante, assim como nos dados sem desgarramento. Contudo, diferentemente de tais dados, a fronteira final mais produtiva nos IPs desgarrados é caracterizada pela presença de um tom alto, sendo, portanto, o contorno melódico L+H*H% o majoritariamente identificado (82% dos dados). Além dele, os contornos melódicos H+L*LH% e H+L*L% também foram encontrados, em 10% e 8% dos dados, respectivamente. Estes dois últimos contornos são diferenciados apenas pelo comportamento da F0 na fronteira do constituinte, revelando o contorno H+L*LH% que a descida melódica não é continuada na sílaba pós-tônica. Portanto, não há descida melódica na fronteira dos

IPs que representam orações *desgarradas totais* em 92% dos dados, como revela a Tabela 7:

Tabela 7 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Não Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
Inf.1	31	5	10
Inf.2	45	0	0
Inf.3	42	3	0
Inf.4	29	12	3
Inf.5	37	4	4
TOTAL	184	24	17
%	82%	10%	8%

Considerando nosso objetivo de relacionar o estudo do *desgarramento* às reflexões sobre o fraseamento prosódico no PB, cumpre notar que, como já dissemos ao efetuar a descrição das orações *não desgarradas*, o padrão melódico L+H*H% é característico do que se convencionou chamar, na literatura de base prosódica, de contorno “continuativo”. Todavia, ao procedermos a nossa descrição dos dados sem *desgarramento*, salientamos que o referido padrão nos parece ser, de fato, totalmente representativo de um contorno “continuativo” apenas quando não delimitado por pausa ou alongamento. Essa percepção nos é sugerida novamente ao analisarmos, agora, os resultados concernentes às orações *desgarradas totais*, uma vez que tais orações, sempre delimitadas pela pausa e pelo alongamento final, são majoritariamente acompanhadas pelo contorno L+H*H% no fim dos IPs, contorno esse que, nelas, não explicita a necessidade de continuação.

No que tange à configuração melódica final dos IPs com ramificação no último PhP que são orações *desgarradas totais*, os resultados são similares aos verificados nos IPs menores: há, na grande maioria dos dados, a associação do acento bitonal L+H* à última sílaba tônica do IP seguido da fronteira H% (85% dos dados) e também são encontrados, em menor quantidade, os contornos H+L*LH% (11%) e H+L*L% (4), como mostra a Tabela 8. A Tabela 9 posterior traz uma visão geral dos achados relativos ao contorno entoacional de orações *desgarradas totais*:

Tabela 8 - Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
Inf.1	37	7	1
Inf.2	42	0	3
Inf.3	39	6	0
Inf.4	32	11	2
Inf.5	42	0	3
TOTAL	192	24	9
%	85%	11%	4%

Tabela 9 - Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas* totais

<i>Contornos Php Final - Ips Com Php Ramificado</i>	L+H*H%	H+L*LH%	H+L*L%
PhP não ramificado	37	7	1
PhP ramificado	42	0	3
TOTAL	376	48	26
%	83,5%	10,7%	5,8%

Como se pôde notar nas descrições e tabelas, tanto nos IPs maiores quanto nos IPs menores, a configuração melódica de orações *desgarradas totais* no PB revela que há preferência pela não descida melódica no fim dos IPs (94,2% dos dados), o que, entretanto, não se configura como contorno melódico “continuativo”, no sentido de haver necessidade de complementação fonológica.

4.2.2 Configuração da duração no fim de orações *desgarradas*

Para as orações *desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise dos dados revelou que, relativamente à sílaba tônica, a pré-tônica tem duração 40% menor ao passo que, diferentemente do que acontece nos dados de *não desgarramento*, a sílaba pós-tônica tem duração 5% maior. Isto é, nas orações *desgarradas totais* compostas por um PhP não ramificado, a sílaba pós-tônica final alonga não somente em relação a pré-tônica (aqui, 42% maior, em média), mas também em relação à sílaba tônica, revelando ser expressivo o alongamento silábico final e nos fazendo postulá-lo, de fato, como uma das pistas caracterizadoras do *desgarramento*, como mostram os números da Tabela 10:

Tabela 10 - Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB

<i>Valores Médios Em Ips Com Php Não Ramificado</i>	<i>Pré-tônica (ms)</i>	<i>Tônica (ms)</i>	<i>Pós-tônica (ms)</i>
Inf.1	160	273	306
Inf.2	177	263	233
Inf.3	185	308	355
Inf.4	181	312	309
Inf.5	181	290	312
Média	176	289	303

Nos dados de *desgarramento* em orações com PhP não ramificado, portanto, é categórico o alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica e, no que se refere à tônica, a duração da última sílaba só não é maior, em média, nos dados das informantes 2 e 4. Abaixo, a Figura 4 exemplifica os robustos alongamentos constatados:

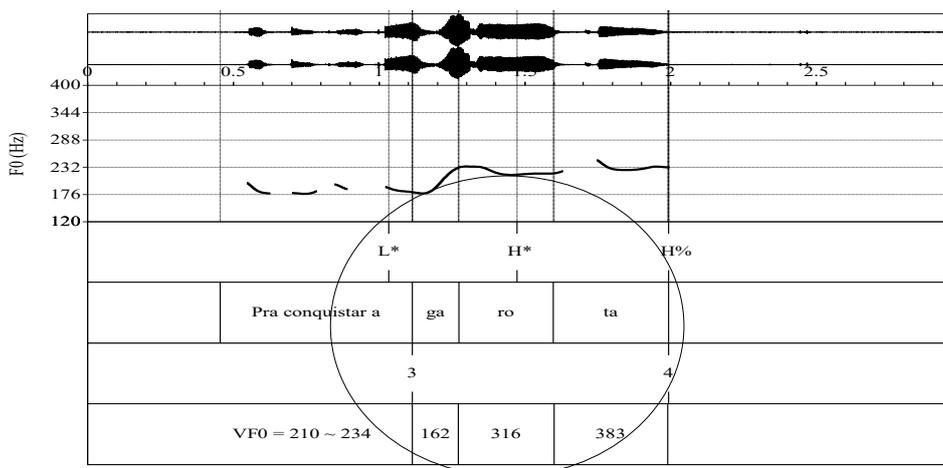


Figura 4 - Alongamento final observado em oração *desgarrada total*: [[Pra conquistar a garota]IP]U

Nos IPs com PhP ramificado que são orações *desgarradas totais*, foi igualmente verificada, em relação à sílaba tônica, duração menor da sílaba pré-tônica (42% a menos). A sílaba pós-tônica, diferentemente dos IPs com PhP não ramificado descritos anteriormente, também apresenta duração média menor do que a da sílaba tônica (menos 4%); entretanto, a porcentagem de decréscimo em relação à sílaba acentuada é consideravelmente menos saliente do que a identificada nos dados *não desgarrados*. Em relação à sílaba pré-tônica, a pós-tônica alonga 40% em média, como denotam os números da Tabela 11:

Tabela 11 - Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB

<i>Valores Médios</i> <i>Em Ips Com Php Ramificado</i>	<i>Pré-tônica</i>	<i>Tônica</i>	<i>Pós-tônica</i>
Inf.1	140	271	292
Inf.2	161	245	211
Inf.3	175	317	308
Inf.4	173	283	273
Inf.5	170	287	266
Média	163	280	270

Semelhantemente ao verificado nos dados sem *desgarramento*, percebe-se um alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho dos constituintes, uma vez que, nos IPs menores, com nove sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba pós-tônica em relação à pré-tônica é maior. Além disso, no caso das orações *desgarradas totais*, há, inclusive, alongamento da sílaba final também em relação à sílaba tônica nos IPs menores.

A comparação interssilábica revela que o alongamento final, já descrito em outros trabalhos também como caracterizador da fronteira de IP, existe tanto nas orações *não desgarradas* quanto nas orações *desgarradas totais*. Contudo, comparação interoracional da duração revela que tal pista prosódica atua, assim como o contorno melódico, de forma produtiva na caracterização de orações *desgarradas totais* do PB, uma vez que é utilizada de forma bastante saliente na produção das referidas orações.

Nos IPs com PhP não ramificado, a duração média das sílabas pré-tônica e tônica é, respectivamente, 5% e 14% maior nas orações *desgarradas totais* do que nas *não desgarradas*. A duração da sílaba pós-tônica, por sua vez, é em geral 37% maior que a da mesma sílaba em orações sem *desgarramento*. Nos IPs maiores, com ramificação no último PhP, a comparação entre os tipos oracionais leva-nos a resultados similares: a duração média das sílabas pré-tônica e tônica é, respectivamente, 2% e 12% maior nas orações *desgarradas totais* enquanto a duração da sílaba pós-tônica é, em média, 35% maior que a da mesma sílaba em orações *não desgarradas*, conforme demonstram os Gráficos 3 e 4 a seguir:

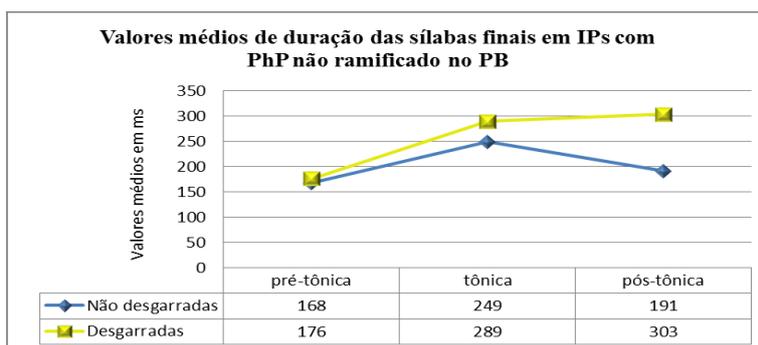


Gráfico 3 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas* totais sem ramificação no último PhP

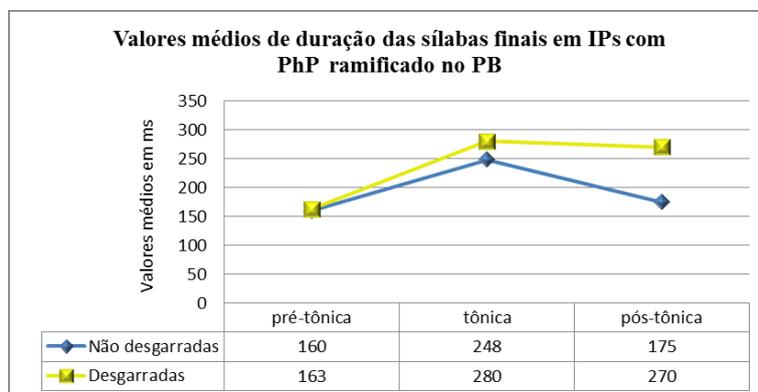


Gráfico 4 - Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas* totais com ramificação no último PhP – PB

Quando comparado o comportamento da duração em orações *não desgarradas* e em orações *desgarradas totais*, fica evidente ser alongamento da última pós-tônica característico dos dados de *desgarramento*. Ao analisarmos separadamente o comportamento de cada sílaba, vemos que, nas orações *desgarradas totais*, a duração média da pré-tônica, da tônica e da pós-tônica é relativamente maior do que a das mesmas sílabas em orações *não desgarradas*, o que comprova o alongamento. Entretanto, é o comportamento duracional da sílaba pós-tônica que evidencia, mais claramente, o alongamento final como caracterizador das orações *desgarradas totais*.

5 CONCLUSÕES

A descrição prosódica de orações adverbiais anexadas à oração matriz e de orações *desgarradas totais*, lexicalmente idênticas, revela dados interessantes no que se refere ao fraseamento prosódico do português brasileiro. Isso porque, como demonstrado por nossos resultados, apesar de a literatura da área cunhar o contorno melódico L+H*H% como caracterizador do padrão “continuativo”, sendo a fronteira alta o principal indicador de tal continuidade (cf. Cagliari 1991, Cunha 2000, Tenani 2002), as orações *não desgarradas* do PB, que necessitavam de continuação na produção, apresentaram mais expressivamente o contorno melódico L+H*L% no fim dos IPs¹³.

Tenani (2002) comenta que, além de delimitar o constituinte prosódico, a presença da fronteira alta no fim dos enunciados parece traduzir a relação de hierarquia entre as sentenças, fazendo com que se perceba que o domínio portador da referida fronteira estaria incompleto sem outro constituinte irmão. Nossos resultados, porém, refutam a possibilidade de a presença de H% necessariamente indicar incompletude, uma vez que as orações *desgarradas totais*, completas, foram assim majoritariamente produzidas, inclusive com o tom L+H* associado à sílaba tônica do final do IP. Ademais, as orações *não desgarradas*, incompletas, foram produzidas em sua maioria com uma fronteira baixa e com pausa ao final do IP, o que nos fez postular a hipótese de que o tom H% seria robustamente representante de um contorno ‘continuativo’ apenas quando não acompanhado por outra pista prosódica, como a pausa ou o alongamento silábico.

Além das considerações relativas aos contornos melódicos, o estudo do *desgarramento* na língua falada revela a importância do comportamento duracional no fraseamento prosódico das *desgarradas totais*, o qual funciona, aparentemente, como fator determinante para diferenciá-las das estruturas em que há uma oração matriz em conjunto com a adverbial. O fraseamento de *orações desgarradas totais*, deste modo, exibe duas características prosódicas salientes que permitem sua produção como enunciado completo: contorno melódico L+H*H% e notável alongamento silábico, ambas associadas à fronteira final do IP.

Por serem, em nossa análise, lexicalmente idênticas às orações que foram completadas por outra, os resultados relativos à prosódia de orações *desgarradas totais* nos faz, ainda, em consonância com as afirmações de Nespor e Vogel (1986, 1994), admitir que somente são desambigüizáveis as estruturas em que os diversos significados correspondem a diferentes fraseamentos prosódicos. Ou seja, ao contrário das primeiras descrições sobre *desgarramento* na língua falada, que antes defenderam uma distinção sintática e depois consideraram a pausa e a entoação como elementos auxiliares à materialização do fenômeno, advogamos que, pelos diversificados fraseamentos, é a prosódia, e não a sintaxe, que permite a sua existência.

¹³ Silvestre (2017) realiza teste perceptivo preliminar que confirma os achados na descrição da produção dos dados.

REFERÊNCIAS

- Boesma P, Weenick D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 5.4.08. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em: www.praat.org.
- Cagliari LC. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 1992;23:137-151.
- Castelo J. Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2016.
- Chafe WL. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: Chafe WL, editor. *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex; 1980.
- Cruz M, Frota S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In: Costa MA, Falé I, Barbosa P, editoras. *Textos selecionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL; 2011.
- Cunha CS. Entoação regional no português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
- Decat MBN. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de 'unidade informacional'. *Scripta (Linguística e Filologia)*. 1999;2(4):23-38.
- Decat MBN. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editora; 2011.
- Elordieta G, Frota S, Vigário M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*. 2005;59(2-3):110-143.
- Fernandes FR. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2017.
- Fernandes-Svartman F, Barros N, Santos V, Castelo J. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: Cruz M, Frota S, editors. *Prosodic variation (with)in languages: intonation, phrasing and segments*. United Kingdom: Equinox Publishing; A sair.
- Fonseca AA. O efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas. *ReVEL*. 2010;8(15):242-255.
- Frota S, Cruz M, Fernandes-Svartman F, Collischonn G, Fonseca A, Serra C, Oliveira P, Vigário M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editors. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro RV e Barbosa P, editores. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 1. Coimbra: APL; 2000. p. 533-555.
- Frota S, Oliveira P, Cruz M, Vigário M. P-ToBI: Tools for the transcription of Portuguese prosody. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.
- Frota S, Vigário M. Efeitos de peso no Português Europeu. *Saberes no tempo: homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri; 2001. p. 315-333.

- Frota S, et al. P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody. [internet]. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015. [citado 16 abr. 2015]. Disponível em <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.
- Goncalves CAV. Focalização no português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1997.
- Ladd R. Intonational phonology. Cambridge: Cambridge University Press; 1996.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic hierarchy and speech perception. In: La Perciozone del Linguaggio, Anais do Seminário. Florencia, Accademia della Crusca; 1983[a]. p. 339-362.
- Nespor M, Vogel I. Prosodic structure above the word. In: Cutler A, Ladd DR, editores. Prosody: models and measurements. Berlim, Springer-Verlag; 1983[b]. p. 123-140.
- Nespor M, Vogel I. La prosodia. Trad. Ana Ardid Gumiel. 1ª ed. 1986. Madrid: Visor Distribuciones; 1994.
- Neves MH de M. As construções concessivas. In: Neves MHM, organizadora. Gramática do português falado. São Paulo: Humanitas / Campinas: Editora da Unicamp; 1999.
- Pierrehumbert J. The phonology and phonetics of English intonation. [tese]. Cambridge, Massachusetts: Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology; 1980.
- Selkirk E. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: Fretheim T, editor. Nordic Prosody II. Trondheim: TAPIR; 1978. p. 111-140.
- Serra CR. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.
- Serra CR. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no Português do Brasil. *Journal of Speech Sciences*. 2016;5(2):47-86.
- Silvestre APS. “Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”: desgarramento e prosódia no Português Brasileiro e no Português Europeu. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017.
- Silvestre APS. A ‘entoação’ regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.
- Tenani LE. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.
- Tenani LE, Fernandes-Svartman FR. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. *Proceedings of the Fourth Conference on Speech Prosody*. Campinas: RG/CNPq; 2008. p. 445-448.

Observações sobre fraseamento prosódico e densidade tonal no Português de Moçambique

Some notes on prosodic phrasing and tonal density in Portuguese of Mozambique

Carolina Serra*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ingrid da Costa Oliveira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo traz uma investigação preliminar do fraseamento prosódico de frases declarativas neutras e sua densidade tonal, no português falado em Moçambique, África, no estilo de fala espontânea. Interessa, portanto, descrever as marcas melódicas das fronteiras de sintagma entoacional: os tipos de acentos tonais e de tons de fronteira, e a ocorrência de pausas silenciosas. A pesquisa faz uso do aporte teórico-metodológico da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica; a análise acústico-experimental bem como a notação entoacional são realizadas no programa de análise de fala *Praat*. Os dados são provenientes da fala de uma mulher jovem, com ensino superior e falante do português como língua materna. Relativamente às características do fraseamento prosódico, os resultados até agora indicam que H+L*L% é o contorno melódico mais frequente em IPs finais (60%). Em IPs mediais, esse contorno ocorre em 35% dos dados, seguido pelo L+H*H%, com 25%. Um cruzamento entre o tipo de acento tonal inicial e o contorno nuclear mais frequentes - L+H*_H+L*L% - indicou que 32,5% dos IPs da amostra (80) eram produzidos com essa configuração melódica. A pausa esteve presente na fronteira de 68,3% dos IPs mediais (41/60 dados) e em 80% das de IPs finais (16/20 dados). No que diz respeito à densidade tonal, obtivemos um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre as tônicas de PWs em posição interna de IP, nos dados de fala espontânea da informante moçambicana.

Palavras-chave: Fraseamento prosódico. Densidade tonal. Português de Moçambique. Fonologia prosódica. Fonologia entoacional.

Abstract: This paper brings a preliminary investigation on the prosodic phrasing of neutral declarative phrases and its tonal density, in the Portuguese spoken in Mozambique, Africa, in spontaneous speech. It is, therefore, important to describe the melodic marks of the IP boundaries: the types of pitch accents and boundary tones, and the occurrence of silent pauses. The study makes use of the theoretical and methodological apparatus of the Prosodic Phonology and the Autossegmental Metrical Intonational Phonology; the acoustic-experimental

* Professora Adjunta, Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; carolinaserra@letras.ufrj.br

** Doutoranda em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; oliver.ingrid@hotmail.com

analysis as well as the intonational notation are realized in the speech analysis software *Praat*. The data comes from the speech of a young woman, with a university degree, who is a native speaker of Portuguese. In relation to the aspects of the prosodic phrasing, the results found indicate that H+L*L% is the most frequent melodic contour in final IPs (60%). In non-final IPs, this contour occurs in 35% of the data, followed by L+H*H%, representing 25%. A matching between the most frequent initial pitch accent and nuclear contour – L+H*_H+L*L% -- indicated that 32,5% of IPs of the sample (80) were produced with this melodic pattern. The pause was present in 68,3% of the boundaries of non-final IPs (41/60 tokens) and in 80% of final IPs (16/20 tokens). Concerning the tonal density, we observed a percentage of 43,2% (70/162) of presence of pitch accents in the stressed syllables of the PWs in internal position of the IPs, in the spontaneous speech of the mozambican speaker.

Keywords: Prosodic phrasing. Tonal density. Portuguese of Mozambique. Prosodic phonology. Intonational phonology.

1 A PROPOSTA

À medida que vão emergindo as normas do Português faladas na África vão também se intensificando os estudos descritivos sobre essas variedades pelo interesse na investigação de como o português tem se expandido e que influências estaria recebendo de outras línguas. Em sua maioria, as pesquisas focalizam aspectos morfossintáticos, sintáticos e semântico-lexicais, mas no campo da Fonética e da Fonologia já há iniciativas de descrição, como as de Silveira (2013), Christofoletti (2013), Balduino, Bandeira e Freitas (2017), Balduino (2018), Bouchard (2017), Brandão et al. (2017), Nascimento (2018) – para o português de São Tomé e Príncipe; Carrasco (1988), Undolo (2014, 2016), Sassuco (2016) – para o português de Angola; Brandão e de Paula (2018), Brandão (aceito para publicação), para o português de Moçambique. Relativamente a aspectos de Prosódia/Entoação, até onde vai nosso conhecimento, os estudos se limitam aos de Santos e Silveira (2012) – para o português de São Tomé e Príncipe e de Angola, de Santos (2015) e Fernandes-Svartman et al. (a sair) – para o português da Guiné-Bissau, de Braga da Silva (2018) – para o português de São Tomé, e de Santos (em preparação) – para o português de Angola.

Este artigo avança, portanto, na investigação de aspectos da prosódia da variedade do português falada em Moçambique (doravante PM), no estilo de fala espontânea, como um ponto de partida para a compreensão da sua constituição fonológica no nível suprasegmental. Os dados de fala utilizados pertencem ao *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ)¹, e o aporte teórico-metodológico é o da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986, 2007) e o da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Beckman e Pierrehumbert, 1986; Ladd, 2008; Frota et al., 2015a, *i.a.*). Será realizada a análise acústico-experimental e a notação fonológica no programa computacional de análise de fala *Praat* (Boersma e Weenink, 2012-2017).

¹ Disponível em: www.concordancia.lettras.ufrj.br

Nosso objetivo mais geral é realizar a descrição e a análise do fraseamento prosódico de frases² declarativas neutras e da sua densidade tonal, apontando *tendências* no PM. Interessa, portanto, descrever as marcas melódicas das fronteiras prosódicas: os tipos de acentos tonais e de tons de fronteira e a ocorrência e duração de pausas silenciosas, e a densidade tonal das frases produzidas espontaneamente dessa variedade do português, ou seja, a ocorrência de eventos tonais por palavra prosódica/palavra portadora de acento lexical em um sintagma entoacional (IP).

Contribuímos, assim, para o conhecimento sobre a variação do fraseamento prosódico e da densidade tonal no português, na variedade africana de Moçambique, cotejando os resultados aqui alcançados com os de outras variedades e variantes do português descritas previamente (Frota e Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007; Serra 2009, 2010, 2016, para o português do Brasil; Frota, 2000; Frota e Vigário, 2000; Vigário, 2003; Vigário e Frota, 2003; Cruz, 2013; Barros, 2014, para o português de Portugal; Santos, 2015; Fernandes-Svartman et al., a sair, para o português de Guiné-Bissau; Braga da Silva (2018), para o português de São Tomé).

A seguir, na seção 2, apresentamos o perfil sociolinguístico de Moçambique; na seção 3, são apresentados os quadros teóricos que dão suporte ao estudo; em 4, detalhamos os materiais e os passos metodológicos adotados; em 5, são apresentados resultados do estudo piloto; em 6, esses resultados são discutidos em cotejo com os de outras variedades do português, e, em 7, fechamos o artigo com algumas considerações gerais.

2 UM POUCO SOBRE O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE

Ainda que esta seja a única língua aceita oficial e institucionalmente em Moçambique, apenas uma minoria da população tem o português como língua materna no país: em Moçambique, apenas cerca de 10% dos habitantes têm o português como L1 e 42,9%, como L2 (Gonçalves, 2010, p. 28). Essa situação é um pouco diversa na capital Maputo (cf. Quadro 1, a seguir). De acordo com dados de recenseamentos (Censo, 2007; INE, 2010) e de estudos anteriores realizados sobre a variedade (Gonçalves, 2010; Ngunga, 2012; Gonçalves e Chimbutane, 2015), fica explícito que o português coexiste com uma grande diversidade de idiomas nacionais – línguas próprias de Moçambique e diferentes do Português, inclusive nas províncias de Maputo, capital do país (Pissurno, 2017).

Moçambique possui população média de 20 milhões de habitantes, tendo apenas a língua portuguesa como oficial, apesar de, em seu território, serem faladas diversas outras línguas – mais de 20 da família Bantu e cinco línguas asiáticas (Pissurno, 2017). Segundo o Censo 2007, as línguas recorrentes na cidade de Maputo (capital) são as que constam no Quadro 1, a seguir, sendo o Changana a mais utilizada, falada por 31,5% da população, índice inferior à porcentagem de habitantes que usam preferencialmente o português em Maputo.

² Optamos por utilizar aqui o termo ‘frase’, englobando tanto aquelas com verbo quanto as sem verbo na sintaxe de superfície. Essas frases podem ser mapeadas, em termos de constituintes prosódicos, em sintagmas entoacionais (IP) finais ou não-finais (v. seção 4).

Quadro 1 - Distribuição percentual da população de 5 ou mais anos de idade em Maputo, segundo sua língua materna (adaptado de Pissurno, 2017, p. 29)

<i>Língua Materna</i>	<i>% de falantes</i>
Português	42,9
Xichangana	31,5
Xirhonga	9,7
Cicopi/Cichopi	3,3
Xitshwa	3,5
Bitonga	2,8
Outras línguas moçambicanas	4,4
Outras línguas estrangeiras	1,3
Desconhecida	0,5

De acordo com Pissurno, ao longo dos anos que se passaram entre os censos de 1997 e 2007, aumentou substancialmente a formação de crianças – em especial nas cidades em que o português é a língua principal – o que influencia diretamente no aumento de falantes do português nas áreas urbanas de Moçambique. Os habitantes de áreas rurais, especialmente os com mais de 50 anos de idade, têm as línguas nacionais como maternas. Sendo assim, o português apresenta nessas regiões um status de língua estrangeira (LE), isto é, uma língua mais artificial, restrita ao ambiente escolar. Há, entretanto, falta de contato cotidiano da população rural com o português, língua de prestígio em Moçambique.

Em áreas urbanas, o que ocorre é a situação do português como segunda língua (L2). Os indivíduos não estão expostos ao português apenas na escola, como ocorre nas zonas rurais, mas são levados a utilizá-lo em outros ambientes. A educação formal ocorreu de forma massiva principalmente nas zonas urbanas do país e isso fez com que a população dessas regiões adotasse o português como língua básica de circulação social. Em Maputo, os habitantes têm contato intenso e constante com o português nos lugares que frequentam e já chegam à escola com conhecimento da língua. Isso nos leva a concluir – e os estudos e os registros vão nessa direção – que a grande maioria da população de Maputo é ao menos bilíngue, faz uso no cotidiano tanto do português como das línguas nacionais. Existem ainda algumas famílias que afirmam usar exclusivamente o português em casa e, nesses casos específicos, as crianças tendem a adquiri-lo como primeira língua (L1).

Estudos sociolinguísticos e números do INE (Instituto Nacional de Estatística de Moçambique) de 1997 apontam um percentual de 72,4% de indivíduos que sabem falar português nas zonas urbanas e apenas 25,4% nas zonas rurais. Enquanto isso, somente 17% da população residente em zonas urbanas tem o português como língua materna (L1) e 2% em zonas rurais.

Segundo Gonçalves (2010), Moçambique não era o foco dos portugueses no período da colonização e por isso a implementação de políticas educacionais que estabelecessem o português como língua institucional ocorreu de forma tardia,

apenas em 1930. Somente a população que naquela época tinha acesso à escola adquiriu o português como L2, enquanto os mais velhos e os residentes de áreas rurais seguiram utilizando apenas as línguas nacionais. Com a independência de Moçambique (1975), o português é definido como língua oficial e começa a receber novos valores, visto que é a língua de prestígio e que permite ascensão social. As línguas nacionais, por outro lado, se tornaram estigmatizadas e foram consideradas línguas tribais.

A partir dessas informações, podemos concluir que grande parte da população de Moçambique sabe falar a língua portuguesa, seja como LE ou L2, porém o número de falantes que tem o português como língua materna ainda é muito baixo. De forma geral, em zonas rurais, o português recebe status de língua estrangeira (LE), enquanto nas zonas urbanas, de segunda língua (L2).

Qualquer estudo, portanto, que seja feito sobre o PM não pode deixar de levar em conta o complexo quadro linguístico de Moçambique, tendo em vista a forte presença de contatos linguísticos que ocorreram e ocorrem desde o início da colonização do país, e o lugar do português nesse processo através do tempo. O presente estudo é um ponto de partida para a descrição de aspectos da entoação do português falado em Moçambique, variedade que não tem correspondência com nenhuma outra, como o português de São Tomé e, sobretudo, com o português do Brasil, todas produto de transplantação do PE para outras localidades, mas estas últimas de perfis muito mais estabelecidos em relação ao uso do português.

3 APORTES TEÓRICOS

Neste artigo, serão utilizados os pressupostos da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984, 1986; Nespor e Vogel, 1986, 2007) para a análise relativa à formação de fronteiras e domínios prosódicos. Para a análise da estrutura entoacional, faremos uso da abordagem Autossegmental e Métrica da Fonologia Entoacional, na linha do proposto por Pierrehumbert (1980) e Ladd (2008). A aplicação desses modelos teóricos tem sido realizada em diversos trabalhos sobre variedades do português, como os de Frota (2000), Tenani (2002, 2004), Fernandes (2007), Moraes (2006, 2008), Serra (2009, 2010, 2016), Vigário e Fernandes-Svartman (2010), Frota et al. (2015a), Santos (2015), Braga da Silva (2018), entre outros.

Como se sabe, para a Teoria da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986, 2007), o contínuo de fala pode ser segmentado em constituintes hierarquicamente organizados. Embora esses constituintes prosódicos não coincidam, necessariamente, com os constituintes sintáticos, as fronteiras de sintagmas sintáticos, a ramificação sintática e a relação entre núcleos sintáticos e seus complementos são fatores a serem levados em conta no mapeamento de constituintes prosódicos (Selkirk, 1984; Truckenbrodt, 1999). Por outro lado, para a organização de alguns constituintes prosódicos, estão envolvidas regras puramente fonológicas e fatores como a velocidade da fala e o tamanho dos constituintes de uma sentença (em número de sílabas/palavras prosódicas) podem alterar a estrutura fonológica, independentemente da estrutura sintática. Cada constituinte prosódico funciona como o *locus* de aplicação/bloqueio de processos segmentais e de ocorrência de marcar melódicas as mais variadas (Nespor e Vogel, 1986, 2007; Frota, 2000; Tenani, 2004; Serra e Callou, 2015).

FLP20(esp)

Neste modelo, são postulados os seguintes domínios/constituintes hierarquicamente organizados: sílaba (σ) < pé métrico (Σ) < palavra prosódica (PW) < sintagma fonológico (PhP) < sintagma entoacional (IP) < enunciado fonológico (U). Os constituintes de níveis mais baixos (sílaba e pé) acessam apenas informações fonológicas para a sua constituição; a palavra fonológica acessa informações fonológicas e morfossintáticas; e os domínios superiores à palavra fonológica são constituídos a partir de informações fonológicas, sintáticas e até mesmo semânticas e pragmáticas.

Em função da sua importância para a observação da atribuição tonal, do fraseamento prosódico e da densidade tonal, levamos em conta a fronteira direita dos constituintes prosódicos PW, PhP e IP (medial e final dentro do U).

O algoritmo de formação da palavra prosódica prevê que esse constituinte tem um único acento lexical (um grupo de palavra prosódica tem um único elemento proeminente). Todo elemento com acento de palavra tem de estar incluído numa palavra prosódica (Vigário, 2003, 2007, 2010). Um sintagma fonológico deve ser formado por uma cabeça lexical (núcleos de sintagmas sintáticos cuja natureza é lexical e não funcional), todos os elementos do lado esquerdo dentro da projeção máxima dessa cabeça e ainda o seu complemento não ramificado, à direita, ou seja, que contenha apenas uma PW (Frota, 2000; Tenani, 2002). Dessa forma, atendendo às condições necessárias, um PhP deve ser constituído por mais do que uma palavra prosódica, formando um único PhP com um complemento não ramificado. Um sintagma entoacional deve conter toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de PhPs em uma oração raiz (Nespor e Vogel, 2007[1996]). A formação de IP está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único IP com um IP adjacente, o que leva à formação de sintagmas com tamanhos equilibrados (Frota, 2000; Serra, 2009, 2016). O agrupamento de IPs dá origem ao constituinte mais alto da árvore prosódica, o enunciado fonológico, que geralmente coincide também com o nó mais alto de uma árvore sintática (X^n).

O modelo da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Modelo AM) prevê que a entoação deve ser analisada em níveis de altura tonal, determinando, pela relação entre esses níveis de altura, o que é parte da gramática entoacional das línguas naturais e o que faz parte da variabilidade de produção relativa a um mesmo padrão frásico. Dentro da perspectiva teórica do modelo AM, a entoação apresenta uma organização fonológica própria, ou seja, constitui um nível independente da fonologia segmental, embora interrelacionado à cadeia segmental. A entoação se relaciona, do ponto de vista físico, com o uso de traços fonéticos suprasegmentais como a frequência fundamental (F0), principalmente, a intensidade e a duração. Esses parâmetros melódicos são capazes de revelar informações intrínsecas aos enunciados, como o tipo frásico, o ato de fala, o foco ou a estrutura informacional.

De acordo com essa abordagem, os elementos contrastivos do sistema entoacional que representam os contornos melódicos são os tons. Os acentos tonais são compostos por dois níveis de tons primitivos (níveis de altura) – H = tom alto (*high tone*) e L = tom baixo (*low tone*) – e são responsáveis por formar uma sequência de unidades representadas foneticamente a partir do contorno da F0 (frequência fundamental). Para Ladd (2008[1996]), devido à grande variação, os níveis alto (H) e

baixo (L) não possuem relação direta com a realidade fonética dos enunciados; H e L devem ser consideradas abstrações fonológicas que não se realizarão sempre da mesma forma.

Em línguas como o português e o inglês, os eventos tonais de maior relevância na cadeia da F0 são os acentos tonais e os tons relacionados às fronteiras de constituintes prosódicos. Os acentos tonais têm como alvo as sílabas portadoras de acento lexical e são formalmente acompanhados por um asterisco (*). Por outro lado, os tons relacionados à fronteira estão associados às fronteiras de constituintes prosódicos e não a sílabas propriamente ditas. Existem dois tipos de tons relacionados à fronteira: (i) os chamados tons de fronteira, que estão associados aos limites de um Sintagma Entoacional (IP) e são formalmente indicados por um (°) depois do H ou L e (ii) os acentos frasais, associados aos limites de constituintes menores e indicados por (–) após H ou L. Os tons também podem vir acompanhados de (!) representando o processo de *downstep* – um tom H é relativamente mais baixo que o tom H anterior – ou de (j) representando o processo de *upstep* – um tom H relativamente mais alto do que o tom H anterior, por exemplo.

Como dissemos, esses dois modelos serão importantes neste estudo preliminar, pois auxiliam na observação das marcas melódicas relacionadas às fronteiras de IPs mediais e finais – inventário de eventos tonais mais frequentes e o papel da pausa no fraseamento prosódico – e a incidência de acentos tonais por PW em cada IP, apontando tendências também sobre a densidade tonal das frases neutras no PM; permitem ainda comparar os resultados obtidos com os de um conjunto de trabalhos que vêm sendo realizados sobre outras variedades do português.

FLP20(esp)

4 MATERIAIS E METODOLOGIA

As amostras de fala constitutivas do *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (UFRJ), coordenado pelas professoras Silvia Vieira (UFRJ/CNPq) e Silvia Brandão (UFRJ/CNPq), são de informantes representativos das variedades africanas, brasileira e europeia do português, sendo distribuídos por sexo, três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e 56 a 75 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental: 5 a 8 anos; médio: 9 a 11 anos; superior). Para Moçambique, por exemplo, o estatuto do Português (L1 ou L2), bem como o grau de conhecimento/uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país foi registrado no processo de gravação das entrevistas.

Para este estudo piloto, coletamos um conjunto de dados de fala espontânea, que já pode nos dar alguma ideia sobre os aspectos entoacionais investigados. Utilizamos a fala de uma informante jovem (33 anos) do sexo feminino³, nascida em Inhambane – cidade localizada na costa Sul de Moçambique – e residente em Maputo há 15 anos. A informante é falante do português como L1 e apenas compreende as línguas nacionais Xitsua, Xope, Changana, Rhonga e Bitonga, esta

³ Escolhemos essa informante por ela ser falante do português como L1 e também em razão da sua entrevista apresentar boas condições de gravação relativamente a outras. O fato de ser uma voz feminina facilita ainda a comparação entre o nosso estudo e outros empreendidos para outras variedades do português, que tomam como base, em sua maioria, a fala de mulheres.

sendo a L1 de seus pais, e possui ensino superior completo. O assunto da entrevista, que durou cerca de 35 minutos, girou em torno do cotidiano na cidade de Maputo, envolvendo o relato da informante sobre as qualidades e as precariedades da cidade, sobre o modo de vida em geral dos habitantes, os custos, os tipos e a qualidade dos meios de transporte, sobre suas atividades diárias e as relações familiares e profissionais.

Maputo – a capital do país – é um grande centro urbano; as entrevistadoras⁴ que foram realizar as gravações encontraram lá um cenário de bastante diversidade, com pessoas de diferentes origens, o que dificultou de certa forma a constituição do corpus do projeto. Ainda que a intenção inicial fosse a de gravar apenas indivíduos nascidos em Maputo, algumas entrevistas foram realizadas com informantes nascidos em outras províncias de Moçambique ou com pelo menos um membro da família natural de alguma delas. Pela ficha de identificação, percebemos que quase todos os entrevistados falam o português e outra(s) língua(s) local(is). Todos os indivíduos gravados são, entretanto, falantes do português – seja como língua materna ou não – e a maior parte declara que o português é sua primeira língua (L1).

A partir da entrevista selecionada, coletamos os trechos de fala que contivessem frases declarativas neutras. Não foram incluídas, portanto, interrogativas, estruturas focalizadas ou topicalizadas, interjeições ou frases imperativas (Santos, 2015; Braga da Silva, 2018). Frases declarativas não-finais constituem o que conhecemos com IPs mediais, ou seja, aqueles sintagmas entoacionais internos ao enunciado fonológico (U), sendo o IP final aquele mais à direita do U, como ilustra o exemplo (1), a seguir, que apresenta também o mapeamento das palavras prosódicas e dos sintagmas fonológicos do enunciado.

- (1)
- ([não)pw vamos)pw negar)pw]Φ que há)pw oportunistas)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([porque)pw mesmo)pw antes)pw de haver)pw escassez)pw de produto)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([os preços)pw]Φ [já)pw tinham)pw sido)pw especulados)pw]Φ)IP_{MEDIAL}
- ([mas)pw vamos)pw assumir)pw]Φ [que pelo)pw menos)pw já)pw setenta)pw por cento)pw do custo)pw de vida)pw]Φ [está)pw (horrível)w]Φ)IP_{FINAL}

O material de áudio obtido foi segmentado em trechos menores com o auxílio do programa computacional de edição de áudio *Audacity* (versão 2.0.5). A seleção dos trechos de fala espontânea se deu a partir de alguns critérios (Serra, 2009): (i) não deveria pertencer aos 15 primeiros minutos de entrevista; (ii) não deveria conter interferência da entrevistadora; (iii) não deveria conter ruído de fundo; (iv) deveria ser o mais fluente possível, ou seja, conter o mínimo de hesitações (pausas preenchidas, falsos começos (*false starts*), repetições etc); (v) deveria conter o máximo possível de frases sintaticamente completas, ou seja, foram evitadas construções iniciadas e não acabadas; e (vi) deveria constituir uma unidade discursiva, ou seja, tratar de um único tópico conversacional, como vimos em (1).

⁴ O *Corpus Moçambique* foi coletado, em Maputo, pelas pesquisadoras Prof^{as}. Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ) e Karen Cristina da Silva Pissurno (na altura, mestranda do PPG em Letras Vernáculas UFRJ).

Com o objetivo de preparar os dados de fala para a análise, os trechos foram submetidos ao programa computacional de análise de fala *Praat* (Boersma e Weenink, 2012-2017). Por meio deste programa, temos acesso ao espectrograma, à forma de onda e ao contorno da frequência fundamental de cada uma das frases. A partir desses elementos, procedemos à descrição entoacional por meio da identificação e da notação dos eventos tonais associados ao contorno melódico e pudemos também realizar as medidas de duração das pausas. A notação prosódica (configuração tonal nuclear e inicial, e fronteiras de IP) foi feita de acordo com o sistema de notação *P_ToBI* (Frota et al., 2015b). Foram consideradas as pausas silenciosas a partir de 100ms, seguindo Serra (2009, 2010).

Das 100 frases (IPs)⁵ selecionadas para a análise, foram descartadas 20, por conta de ruídos externos, sobreposição de vozes, falha na curva de F0 e outras ocorrências que impossibilitavam a observação do contorno melódico da falante. No programa *Praat*, criamos ‘TextGrids’ com quatro camadas específicas de notações: 1. a de *tons*, na qual são anotados os eventos tonais associados aos contornos entoacionais; 2. a de *ortografia*, na qual é apresentada a transcrição grafemática das frases, segmentando palavras (e por vezes sílabas), como forma de facilitar a notação/alinhamento entoacional, com base no espectrograma, na forma da onda e na oitiva; 3. a de *fronteiras*, na qual são identificadas as fronteiras dos constituintes prosódicos PhP e IP, e 4. a camada *miscelânea*, na qual são realizadas anotações sobre a ocorrência de fenômenos segmentais, de apagamentos, de alongamentos e de pausas preenchidas, entre outros.

A identificação de fronteiras prosódicas no processo de fraseamento se deu com base na percepção e na observação do sinal acústico, levando em conta a presença de pausas, a presença de configuração de um contorno nuclear (acento tonal nuclear + tom de fronteira) expresso pela modulação da frequência fundamental (F0) e/ou retomada (*reset*) da F0, em nível diferente, depois da fronteira (Frota e Vigário, 2007; Serra, 2009, 2016; Fernandes-Svartman et al., a sair).

A notação dos acentos tonais internos a IP e dos eventos tonais relacionados a fronteiras de constituintes prosódicos se deu a partir dos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional (cf. seção 3).

5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Em relação ao fraseamento prosódico efetivamente realizado na produção da falante, pudemos observar que, nos 80 dados analisados, havia IPs que variavam de 1 a 11 PWs, a concentração dos dados sendo de 33,7% (27/80) para IPs com entre 1 e 2 PWs e de 66,3% (53/80) para IPs com mais de 3 PWs, como no exemplo (2), a seguir.

(2) ([mas a questão)pw da precariedade)pw]Φ [de serviços)pw prestados)pw]Φ [já)pw é)pw]Φ [de a:lgum)pw tempo)pw]Φ)IP

⁵ Até o momento, os dados foram transcritos entoacionalmente por apenas uma pesquisadora, uma das autoras deste artigo. Serão submetidos a uma segunda notação, por outro transcritor e, em caso de discordância, a um terceiro transcritor.

5.1 A porção inicial e final dos IPs: panorama geral

Para a observação mais detida da organização melódica das frases da amostra na porção inicial dos IPs, isolamos aqueles constituídos por apenas 1 PW ([NÃO]IP, por exemplo), por conta de, nesses casos, o acento tonal que ali ocorre dar conta da melodia final/nuclear da frase. Os IPs com 2 PWs em que a primeira delas era um monossílabo tônico e a segunda começava também por sílaba tônica ([NÃO]_{PW} 'Tenho')_{PW}]IP, por exemplo) também não foram considerados, em razão de o choque de acento de palavras ter prejudicado, em todos esses casos, a observação da ocorrência do contorno pré-nuclear. Além desses dados, também foi excluído da análise um outro, em que no início do IP ocorreu uma falha na curva de F0 (*creaky voice*) que impossibilitou a notação fonológica. Com isso, excluídos 19 dados, ficamos com 61 a serem analisados em relação ao tipo de acento tonal incidindo sobre a porção inicial do IP, ou seja, sobre a primeira PW.

O que notamos na Tabela 1, abaixo, é que o acento bitonal L+H* é o que ocorre na grande maioria dos dados, alcançando um percentual de 90,2%.

Tabela 1 - Tipos de acentos tonais no início do IP

<i>Acento inicial de IP</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>
L+H*	55/61	90,2%
H*	4/61	6,6%
H+L*	1/61	1,6%
H*+L	1/61	1,6%

No que diz respeito ao contorno final das frases, ou seja, aos contornos nucleares que incidem sobre a última palavra prosódica, mais propriamente sobre sua sílaba tônica, considerando conjuntamente IPs mediais e finais, obtivemos a distribuição exposta na Tabela 2, abaixo. Vemos que, no geral, prevalece o contorno descendente final, capturado pela notação fonológica H+L*L% (41,25%).

Tabela 2 - Tipos de contornos nucleares (IPs mediais + IPs finais)

<i>Contorno nuclear</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>
H+L*L%	33/80	41,25
L+H*H%	16/80	20%
L*L%	10/80	12,5%
H*+LL%	10/80	12,5%
L*+HH%	3/80	3,75%
L+H*L%	3/80	3,75%
H*L%	2/80	2,5%
L*H%	1/80	1,25%
L*LH%	1/80	1,25%

Sabendo que o comportamento melódico final de IPs mediais e finais é potencialmente diferenciado, analisamos separadamente cada um deles, na subseção seguinte.

5.2 Comportamento prosódico de IPs mediais e finais

A primeira observação a ser feita a partir da leitura das Tabelas 3 e 4, a seguir, é a de que houve uma variação maior de tipos de eventos tonais nucleares em IPs mediais em comparação com os de IPs finais: 10 e 5, respectivamente. Essa maior variação pode se dever às diferenças no número de dados, pois enquanto foram contabilizados 20 IPs finais, houve o triplo de IPs mediais (60 dados). Ou, alternativamente e mais provavelmente, ao fato de o contorno melódico final ser o mais proeminente do enunciado, e o que contém, em frases neutras, a informação mais relevante, do ponto de vista prosódico, indicando a diferença entre declarativas e interrogativas, por exemplo, no âmbito da entoação modal. Dessa forma, é mais esperado que o contorno de IPs finais varie menos, sendo mais estável⁶. Com a ampliação da amostra, poderemos constatar se essa maior variação de contornos melódicos em IPs internos se confirma, indicando uma característica desse contexto prosódico.

Podemos observar também que H+L*L% é o contorno mais frequente em IPs finais, 60% (Tabela 4 e Figura 1). Em IPs mediais, esse contorno ocorre em 35% dos dados, seguido pelo L+H*H%, com 25% (Tabela 3 e Figura 2). Fizemos ainda, para cada contexto prosódico, o agrupamento de contornos descendentes/baixos, de um lado, e o agrupamento de contornos ascendentes, de outro. Com isso, em IPs finais, temos uma frequência de 95% de contornos do primeiro tipo (vs. 5% de contornos ascendentes – 1 dado) e de 60% vs. 33,34%, respectivamente, em IPs mediais. Os 6,66% restantes de IPs mediais foram realizados com contorno nuclear ascendente-descendente (L+H*L%, 3 dados; L*+HHL%, 1 dado). Há uma grande prevalência, portanto, de contornos descendentes, em IPs finais, e uma ocorrência um pouco menos expressiva, embora ainda predominante, desse tipo de contorno nuclear, em contexto interno.

⁶ Agradecemos a Marisa Cruz (LabFon/FL/Universidade de Lisboa), pelos importantes comentários e contribuições dados a esta análise.

Tabela 3 - Tipos de contornos nucleares e distribuição percentual em IPs mediais

<i>Contorno nuclear – IP medial</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>	<i>Contornos nucleares agrupados</i>	<i>%</i>
H+L*L% L+H*H% H*+LL% L*L% L*+HH% L+H*L%	21/60 15/60 9/60 5/60 3/60 3/60	35% 25% 15% 8,33% 5% 5%	H+L*L% H*+LL% L*L% H*L%	60%
H*L% L*+HHH% L*H% L*LH%	1/60 1/60 1/60 1/60	1,67% 1,67% 1,67% 1,67%	L+H*H% L*+HH% L*H% L*LH%	33,34%

Tabela 4 - Tipos de contornos nucleares e distribuição percentual em IPs finais

<i>Contorno nuclear – IP final</i>	<i>Oco./total</i>	<i>%</i>	<i>Contornos nucleares agrupados</i>	<i>%</i>
H+L*L% L*L% H*+LL% H*L%	12/20 5/20 1/20 1/20	60% 25% 5% 5%	H+L*L% L*L% H*+LL% H*L%	95%
L+H*H%	1/20	5%	L+H*H%	5%

Realizamos ainda um cruzamento entre o tipo de acento tonal inicial e o contorno nuclear mais frequentes – L+H*_H+L*L% – e obtivemos um percentual de 32,5% dos IPs com essa configuração melódica (26/80 dados). Se considerarmos somente os IPs finais, essa configuração melódica acontece em 60% dos dados (12/20) – Figura 1.

FLP20(esp)

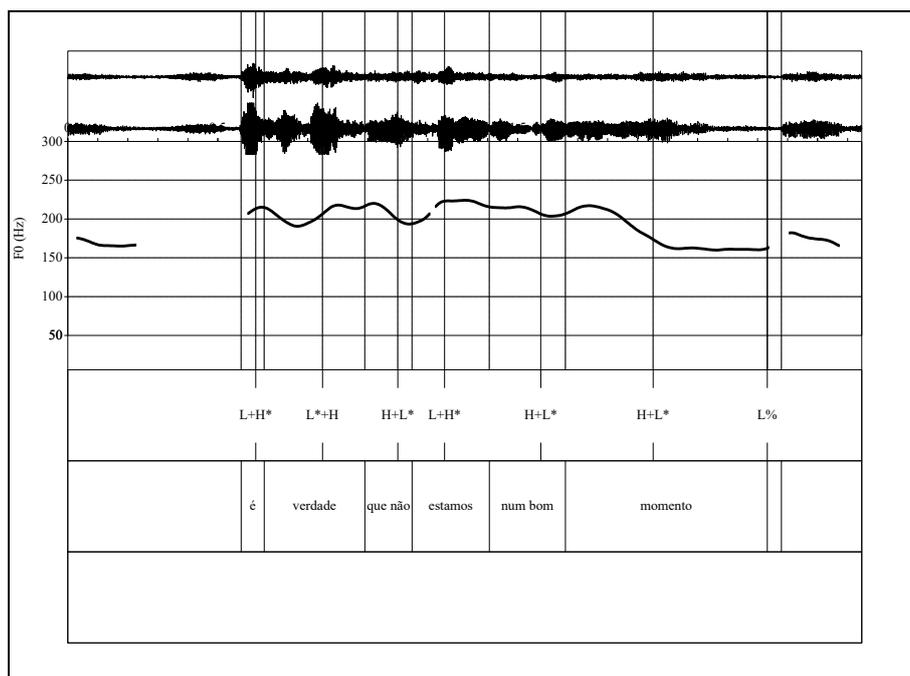


Figura 1 - Contorno inicial L+H* e contorno nuclear H+L*L% em IP final – *é verdade que não estamos num bom momento* (PM)

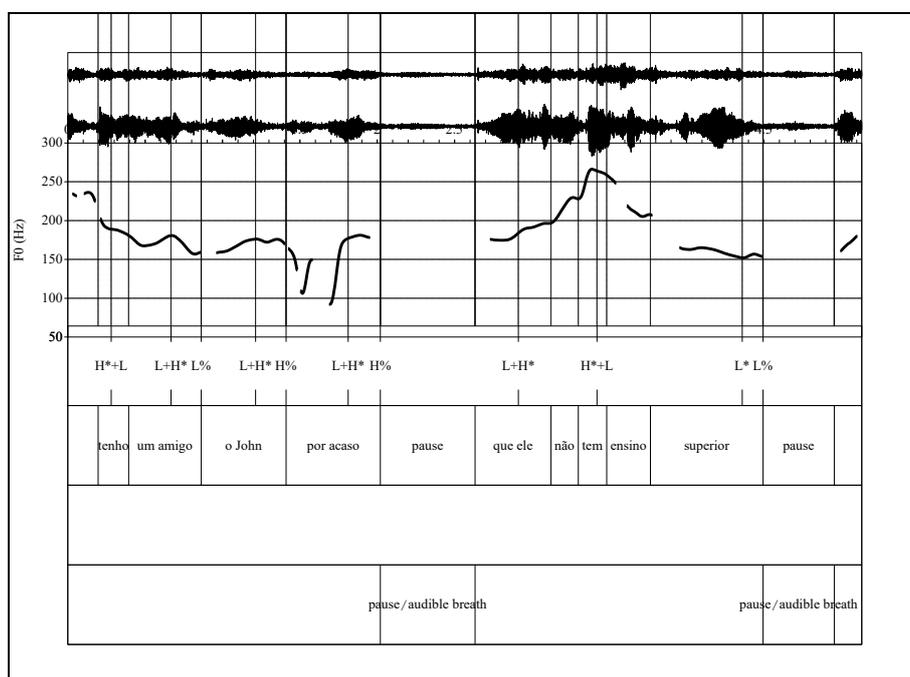


Figura 2 - Contorno nuclear L+H*H% em IP mediais (com e sem pausa) e L*L% em IP final (com pausa) – *tenho um amigo, o John, por acaso, que ele não tem ensino superior* (PM)

FLP20(esp)

5.2.1 O papel da pausa no fraseamento prosódico

Outra pista prosódica/acústica importante para a realização do fraseamento prosódico é a ocorrência da pausa. Nos nossos dados, ela esteve presente em 71,25% das fronteiras de IP (Tabela 5). Considerando separadamente os contextos de IP medial e final, temos que 68,3% dos IPs mediais são seguidos por pausa (41/60 dados) e 80% dos IPs finais são acompanhados pela pista acústica (16/20 dados) – Figura 3.

Tabela 5 - Ocorrência e duração da pausa em fronteira de IP

Ocorrência de pausas	Oco./total	%
Sem pausas	23/80	28,75%
Com pausas	57/80	71,25%
Média de duração das pausas	0,355s	

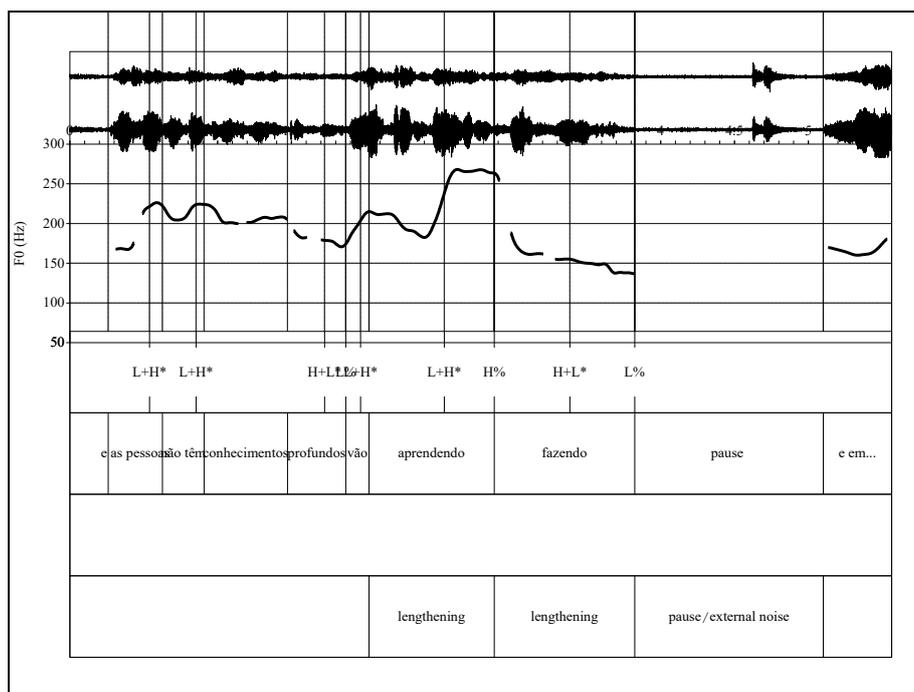


Figura 3 - Contorno nuclear L+H*H% no 2º IP medial (sem pausa) e H+L*L% em IP final (com pausa) – *e as pessoas não têm conhecimentos profundos; vão aprendendo, fazendo* (PM)

Devido à quantidade reduzida de dados ainda não foi possível estabelecer uma tipologia das pausas e um possível escalonamento da sua duração a depender do contexto (interno ou final de U). Em pesquisa futura, essa pista acústica tão importante para a produção e percepção do fraseamento prosódico (v., entre muitos outros, Tenani, 2002; Serra, 2009, 2010) será estudada com maior detalhe, a fim de verificar se a duração média das pausas em posição medial é menor do que em

posição final. Esses dados acústicos permitirão uma categorização mais fina dos domínios prosódicos de IP e U⁷.

A descrição dos resultados é complementada, por fim, pela observação da ocorrência de acentos tonais por palavra prosódica nos IPs constitutivos da amostra.

5.2.2 Observações sobre a densidade tonal

Relativamente à distribuição de acentos tonais em um sintagma entoacional, ou seja, à densidade tonal dos IPs, obtivemos um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre as tônicas de palavras prosódicas em posição interna a IP, nos dados de fala espontânea da informante (Figura 4).

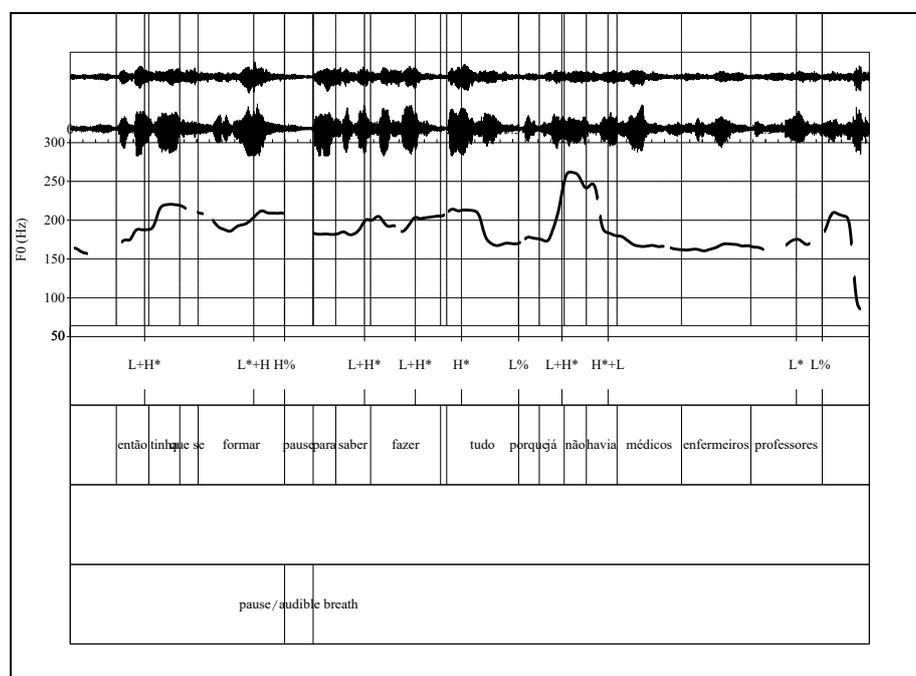


Figura 4 – Das 7 PWs internas aos 3 IPs, 2 receberam acentos tonais – *então tinha que se formar para saber fazer tudo, porque já não havia médicos, enfermeiros, professores* (PM)

A discussão dos achados apresentados aqui é complementada pela comparação com os aspectos de fraseamento prosódico e densidade tonal de outras variedades do português, realizada na seção 6, o que nos ajudará a enquadrar, ainda que muito preliminarmente, o português moçambicano no cenário das demais variedades do português.

⁷ Nossos agradecimentos a Marisa Cruz pelas observações.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E COTEJO COM OUTRAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Os resultados descritos até agora relativamente às características melódicas da fala da informante moçambicana convergem, em parte, com os constantes na literatura sobre outras variedades e variantes do português.

Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) foram as primeiras autoras a analisar o contorno entoacional de declarativas neutras no PB (dialetos carioca e baiano, no primeiro estudo, e paulista, nos dois últimos), utilizando o modelo da Fonologia Entoacional AM. Nos três estudos, as autoras atestam a existência de um padrão assertivo neutro final e outro padrão assertivo neutro não-final – o padrão chamado continuativo. O primeiro é comumente caracterizado por elas e outros autores por uma altura melódica média na parte inicial e medial do enunciado seguida de uma queda da frequência fundamental (F0) na última sílaba tônica (Moraes, 2008).

A notação fonológica proposta pelos autores supracitados é L+H* (ou L*+H) para o acento pré-nuclear (acento associado à primeira sílaba tônica da frase) e H+L*L% para o acento nuclear (acento associado à última palavra prosódica da frase). Essa configuração melódica de declarativas neutras foi sendo atestada em muitos trabalhos posteriores sobre o português do Brasil (Fernandes, 2007; Serra, 2009, 2016; Frota et al., 2015b; entre muitos outros), mas, à medida que vão se intensificando as pesquisas sobre prosódia regional, vai se configurando um quadro bastante diverso entre as regiões brasileiras, pela manifestação de outras configurações predominantes: H*_H+L*L%, a mais frequente no Norte e Nordeste; L+H*_H+H*L%, na região Sul do Brasil; a configuração melódica mencionada acima (L+H*_H+L*L%) se circunscrevendo apenas às regiões Sudeste e Centro-Oeste do país (Silvestre, 2012; Carta F07 P1 do ALiB, Cardoso et al., 2014; Castelo, 2016). Os materiais utilizados nesses estudos de prosódia regional são de fala semiespontânea (elicitada através de imagens e/ou contextos linguísticos apresentados ao falante previamente à produção).

Na amostra de fala espontânea que analisamos neste artigo, como vimos, temos a predominância da configuração melódica L+H*_H+L*L% em IPs finais (60%). A quantidade reduzida de dados (20) não permite, entretanto, qualquer generalização, apenas a verificação de uma possível tendência na fala dessa informante moçambicana. De toda forma, essa tendência vai em direção ao que se encontra em alguns falares do PB.

No que se refere ao contorno não-final, Serra (2009, 2016), com base em dados (falar carioca) de fala espontânea e de leitura (de trechos maiores transcritos de fala espontânea), encontra como características do contorno continuativo/suspensivo as configurações tonais L+H* H%, L*+H H% e H+L* H%. Como a autora não fez em sua análise a distinção entre IPs mediais e finais, não pudemos capturar ali o que era mais representativo de cada um dos contextos. Mas, relativamente à fala espontânea, há, no geral, um predomínio do contorno nuclear H+L*+L%, seguido de perto pelas configurações mencionadas acima.

Parece que nem sempre é o contorno melódico continuativo que ocorre no núcleo de IPs mediais (cf. Silvestre, neste mesmo volume, para o PB, dados experimentais). Também nos dados da falante de Moçambique houve grande

variação de configurações melódicas nucleares, principalmente em IPs mediais, mas os contornos nucleares ascendentes também foram menos frequentes ali (33,34%, Tabela 3). Se pudermos estabelecer uma relação entre contornos ascendentes (continuativos) e a presença/ausência de pausa, como propõe Silvestre (neste volume), talvez capturemos a distribuição complementar de duas pistas prosódicas, a direção do contorno – ascendente – e a presença de pausa, em IPs mediais: vimos que, nos nossos dados, 68,3% dos IPs mediais são seguidos por pausa (41/60 dados) e 80% dos IPs finais são acompanhados pela pista acústica (16/20 dados). Em outras palavras, poderíamos dizer que a pausa é uma pista forte de fronteira de IP e, na sua ausência, a subida melódica (sozinha) é o que garante a leitura não-final nos IPs mediais. Os dados de Silvestre para o PB são de leitura de frases (com estruturas sintáticas controladas) e os nossos, de fala espontânea, são reduzidos, mas parece que a hipótese da autora merece ser investigada de forma sistemática.

No corpus de Serra (2009), a presença de pausa se revelou uma importante pista para a percepção do fraseamento prosódico nos dois estilos de fala: em cerca de 96% das fronteiras de IP percebidas no corpus lido e 88% em fala espontânea foi verificada a presença de pausa. Além disso, a duração das pausas foi relativamente maior nos dados de fala espontânea, o que estaria relacionado com a maior demanda de tempo de processamento e produção exigida na fala espontânea em relação à leitura. Como dissemos anteriormente, é um objetivo nosso, em pesquisa futura, estabelecer uma tipologia das pausas e um possível escalonamento da sua duração a depender do contexto (interno ou final de U), capturando a função dessa pista acústica na identificação dos domínios prosódicos mais altos, na variedade por nós investigada.

Os primeiros estudos realizados sobre a estrutura entoacional do PE revelam que o contorno entoacional das declarativas neutras na fala de indivíduos de Lisboa é caracterizado por uma subida inicial, um platô intermediário e uma descida final pronunciada (Frota, 2000, i.a.). A partir da observação de dados de leitura de frases por falantes lisboetas, Frota (2003) afirma que o contorno declarativo no PE consiste em um tom H inicial, realizado na proximidade da primeira sílaba tônica e uma sequência HL final, na qual o L é atingido na última vogal tônica (H*_H+L*L%). Relativamente ao falar de Braga (dialeto do Norte de Portugal, Baixo Minho), o trabalho de Vigário e Frota (2003), também com leitura de frases, traz o contorno nuclear L* L% como o mais frequente na região, revelando a necessidade de observação da distribuição regional das melodias. No que se refere ao contorno continuativo, as autoras também observam diferenças: em Lisboa, é mais frequente a configuração L*+H H%; e, em Braga, L* H%. Mais duas variedades do PE são descritas por Cruz (2013): a alentejana – falada na região de Castro Verde – e a algarvia – falada na região de Albufeira (dialeto centro-meridional). A autora encontra a configuração tonal nuclear H+L* L% para as declarativas neutras (IPs finais) em ambas as regiões, embora em Castro Verde (Alentejo) também ocorra bastante L* L%. Seus dados são provenientes de diferentes tipos de tarefas: leitura, *discourse completion task*, *map task*⁸.

⁸ Para uma visão geral sobre a entoação de variados tipos frásicos em oito falares diferentes do português do Brasil e de Portugal, com base em tipos de *corpora* diversos, recomendamos a leitura de Frota et al. (2015a). Para uma observação dos contornos melódicos de declarativas neutras mais

Voltando os olhos para as variedades africanas, em trabalho recente, Santos (2015) analisa a prosódia das declarativas neutras no Português da Guiné-Bissau (PGB), a partir de *corpora* que derivam de fala controlada (leitura de frases) e também de fala espontânea. A respeito dos contornos nucleares de IPs mediais, no *corpus* de fala espontânea, o autor encontrou as seguintes configurações principais: H+L* L% (31,5%), L*+H H% (27,8%) e L* LH% (13%). Em IPs finais, os contornos nucleares mais frequentes foram os mesmos, mas com distribuição percentual um pouco diferente: 58,5%, 18,3% e 11,6%, respectivamente. O autor destaca que essas configurações tonais que são possíveis tanto em IPs finais quanto em IPs mediais, em fala espontânea, diferem dos seus resultados para a fala controlada, visto que, neste tipo de tarefa, os percentuais de L*+H H% (29,8%) e L* LH% (37,5%) são bem superiores ao encontrado para H+L* L% (1,9%), em IPs mediais. Por outro lado, em IPs finais, os contornos nucleares mais frequentes na leitura são os descendentes/baixos: H+L* L% (52,5%), L* L% (44,3%), H*+L L% (3%) *vs* L* LH% (0,2%). Percebemos então que, no PGB, há diferentes comportamentos a depender do estilo de fala e que, em comparação com as outras variedades do português exploradas até agora e mesmo com os nossos resultados para o PM, há também uma distribuição percentual e de tipos de melodias nucleares diferentes (cf. Tabelas 3 e 4). Vemos então que, na fala espontânea, tanto no português da Guiné-Bissau quanto na nossa amostra do português de Moçambique predomina o contorno descendente também em IPs mediais.

Santos (em preparação) avança na descrição entoacional de variedades africanas, desta vez, com a observação de dados do português de Angola (Libolo). Com base em uma tarefa de *Discourse Completion Test* (fala semiespontânea, produzida a partir de elicitación), a análise preliminar do autor refere uma variação de alinhamento dos tons que formam a descida melódica nas sílabas tônicas da porção nuclear da frase (H+L* L% ou H*+L L%), de forma que o autor prefere, na fase inicial do seu estudo, representar o contorno nuclear de IPs finais como H+L L%, sem a especificação sobre o alinhamento dos tons baixo e alto relativamente à tônica final. Vemos, entretanto, que o que predomina nos dados do autor é o contorno descendente para os IPs finais, como em muitas outras variedades e variantes do português, inclusive nos nossos dados do PM.

Para o português de São Tomé (PST), Braga da Silva (2018) encontra, em fala espontânea, o seguinte em termos de acentos tonais iniciais de IP: L*+H (60,4%) e H* (13,2%). Em nossos dados, o alinhamento do pico melódico com a tônica inicial é mais compatível com a notação L+H*, configuração predominante na amostra (90,2%), sendo encontrado o tom alto associado a essa sílaba em somente 6,6% na fala da nossa informante moçambicana (Tabela 1). Braga da Silva analisou uma quantidade maior de dados (106) e encontrou também uma variabilidade maior de acentos tonais nesse primeiro pré-núcleo (9).

No que diz respeito ao acento tonal dos núcleos em IPs mediais, a autora registra as duas configurações que têm sido verificadas como as mais frequentes nas demais variedades: L*+H (41,7%) e H+L* (33,3%) – 58,3% de fronteira alta (H%) e 41,7% de fronteira baixa (L%), mas o número de dados de IPs mediais da autora

comuns em 25 capitais brasileiras, confira o trabalho de Silvestre (2012) e a Carta F07 P1, do ALiB, em Cardoso et al. (2014).

também é reduzido (12). Para os IPs finais (40 dados), a autora encontra 67,5% de (!)H+L* e 25% de L* – sempre associados à fronteira baixa (L%); já em fala controlada, com um número maior de dados, L* ocorre em 74,9% dos IPs finais, enquanto H+L* aparece em 24,8% dos dados. A autora comenta que o número pequeno de dados de fala espontânea não lhe permitiu fazer afirmações categóricas sobre a preferência de acento tonal nuclear nesse estilo de fala. Em nossa amostra de fala espontânea do PM, o contorno nuclear L* L% ocorre em percentual semelhante ao de Braga da Silva no mesmo estilo de fala e no mesmo contexto de IP final (25%, Tabela 4 e Figura 4).

Passando para o comentário da distribuição de acentos tonais internos aos IPs, a primeira observação a ser feita é a de que se trata de um fenômeno que apresenta grande variação entre variedades do português e até mesmo entre falares regionais de uma mesma variedade.

O primeiro trabalho a investigar a densidade tonal em variedades do português é o de Frota e Vigário (2000), com base em dados de leitura de frases, por falantes paulistas (PB) e lisboetas (PE). As autoras atestam que os IPs produzidos por falantes do PB apresentam alta densidade tonal, enquanto os dados do PE apresentam distribuição esparsa de acentos tonais. As autoras fazem referência à atribuição de tom aos elementos cabeça de PhPs, mas todos os PhPs nos IPs do seu corpus são constituídos por uma PW, de forma que seus resultados podem ser comparados com os nossos. Levando em conta todos os PhPs que compunham os IPs, foi verificado que, no PB, 94% (do total de 80 dados) deles são assinalados com ao menos um acento tonal, ou seja, “é uma das propriedades deste domínio prosódico no PB a presença de um acento tonal no seu elemento mais proeminente” (Frota e Vigário, 2000: 12). Enquanto isso, no PE, apenas 79% (do total de 80 dados) dos PhPs são assinalados com acento tonal. Desconsiderando os PhPs em posição inicial e final de IP, nos quais há a incidência obrigatória de um evento tonal, os resultados de presença de acento tonal são de 80%, no PB, e apenas 27%, no PE.

Os estudos subsequentes de Tenani (2002), Fernandes (2007) e Fernandes-Svartman (2012), a respeito do falar paulista (PB), confirmam que as sentenças declarativas neutras apresentam uma densidade tonal alta se comparadas às declarativas não-neutras (focalizadas, por exemplo), demonstrando que a densidade tonal também pode variar a depender do tipo frásico/pragmático da frase (Frota et al., 2015a).

Para o português de Guiné-Bissau, em corpus de fala espontânea, os resultados de Santos (2015) apontam igualmente para uma alta densidade tonal nas declarativas neutras (85,4%, do total de 1216 dados). Em fala controlada (leitura), a ocorrência de acentos tonais em PWs internas a IP chega a 94,7% do total de dados (1920). O autor conclui que, devido à alta frequência de atribuição de acentos tonais a palavras fonológicas – sendo elas ou não cabeça de sintagma fonológico – é possível afirmar que a palavra fonológica é o domínio relevante para a associação de acentos tonais nas declarativas neutras do PGB.

No português falado em Libolo (Angola), em tarefa de *Discourse Completion Test* (fala semiespontânea, produzida a partir de elicitación), Santos (em preparação) encontra em 100% dos seus dados de declarativas neutras a ocorrência de acentos tonais em PWs internas; o número de dados da sua amostra ainda é reduzido (51).

Braga da Silva (2018), para o português de São Tomé, registra 76,3% (do total de 207 dados) de associação tonal a PWs internas, em fala espontânea, e 100% (do total de 1379 dados), em fala controlada (leitura).

Na fala espontânea da nossa informante moçambicana, chegamos a um percentual de 43,2% (70/162) de presença de acento tonal incidindo sobre PWs em posição interna de IP, o menor índice entre as variedades africanas estudadas até o momento e também, consideradas as demais variantes regionais do PB e do PE, o segundo menor índice, ficando o PM atrás somente do SEP, falar de Lisboa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo piloto, temos plena consciência de que estamos bem no começo... Contudo, seus resultados fornecem alguns elementos para o entendimento da gramática prosódica/entoacional do português, no seu conjunto de variedades e variantes regionais. Tomando como base a pequena amostra estudada, não podemos dizer que o PM apresenta indícios de uma gramática entoacional, em termos de fraseamento prosódico e de densidade tonal, com características próprias em relação a outras variedades do português. Antes, essa variedade revela compartilhar características presentes ora em outras variedades africanas, ora presentes em falares do PB, ora presentes nos falares do PE, parecendo haver, na verdade, uma distribuição percentual variável de aspectos comuns, mas gradientes, entre as variedades. Nós, estudiosos da prosódia, estamos no caminho para a configuração de um quadro mais claro de como se comportam *os falares em português*, e não podemos perder de vista, como dissemos no começo, que o português sofreu e sofre influências externas as mais diversas, em cada localidade em que é falado.

A descrição de qualquer aspecto da variedade moçambicana do português, ainda mais daqueles relativos à fala (espontânea), deve considerar o que se tem registrado na literatura: só na primeira metade do século XX se implementou, de fato, um projeto de colonização maciça de Moçambique, incluindo a difusão do português, estabelecido como língua oficial após a independência do país (25 de junho de 1975), a qual foi produto de uma guerra de aproximadamente 10 anos.

O português é a língua de prestígio, institucionalmente constituída, mas não é língua majoritária. Se, nos centros urbanos, há um avanço gradativo e recente de utilização do português, principalmente como L2 e entre os mais jovens, na vida rural, as línguas autóctones (línguas maternas Banto), mesmo estigmatizadas, continuam sendo as mais faladas, com o português se constituindo como língua estrangeira para essas populações. O português de/em Moçambique é, portanto, uma variedade nova do português, que permite a seus falantes ascensão social nos centros urbanos, e deve ser estudado no contexto de ter o português europeu como alvo.

As comparações realizadas em nosso estudo e em outros referidos aqui são uma tentativa de trazer elementos para pensar o processo de implementação e caracterização do português em diversas regiões do mundo, o que gerou, em cada uma delas, feições tão próprias. A descrição linguística não pode prescindir de uma descrição da situação socio-histórica das comunidades linguísticas, levando em conta os contatos que se processam e se processaram, em cada uma das variedades, e que impactam o modo de falar de africanos, brasileiros e europeus. Esse é o nosso desafio...

REFERÊNCIAS

- Balduino A. A nasalidade no português de STP. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.
- Balduino A, Bandeira M, Freitas S. Os processos de elisão e degeminação no português de São Tomé e Príncipe. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2017;19(1):163-197.
- Barros N. Fraseamento prosódico em Português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu. [dissertação]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2014.
- Beckman M, Pierrehumbert J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology year book*. 1986;3:255–309.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. [programa computacional]. Versões entre 2012-2017. [citado 19 out. 2015]. Disponível em <http://www.praat.org>.
- Bouchard M. Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé. [tese]. Nova Iorque: Department of Linguistics, New York University; 2017.
- Braga da Silva G. Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.
- Brandão SF, et al. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*. 2017;27(2):293-315.
- Brandão SF, et al. Apagamento de r em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. A sair;20(esp).
- Brandão SF, Paula A. Róticos nas Variedades Urbanas Santomense e Moçambicana do Português. In: Brandão SF, organizadora. *Dois Variedades Africanas do Português: Variáveis Fonético-Fonológicas e Morfosintáticas*. São Paulo: Blucher; 2018. p. 93 -118.
- Cardoso S, et al. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1. Vol. 2. Londrina: EDUEL; 2014.
- Carrasco A. Subsídios para a norma do Português falado em Angola. [tese de licenciatura]. Lubango: Instituto Superior de Ciências da Educação, Universidade Agostinho Neto; 1988.
- Castelo J. Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2016.
- Christofoletti A. Ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2013.
- Cruz M. Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties. [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2013.
- Cunha CS. Entoação Regional no Português do Brasil. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
- Fernandes FR. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernandes-Svartman FR. A entoação das sentenças clivadas em português brasileiro e a interface sintaxe-fonologia. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2012;14(2):37-56.

Fernandes-Svartman F, et al. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: Cruz M, Oliveira P, Frota S, editores. *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. Sheffield: Equinox Publishing; a sair.

Frota S. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing; 2000.

Frota S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*. 2003;2:133-152.

Frota S, et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editores. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015[a]. p. 235-283.

Frota S, et al. P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody. [internet]. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL; 2015[b]. [citado 02 jan. 2016]. Disponível em <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI>.

Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro RV, Barbosa P, editoras. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol.1. Coimbra: APL; 2000. p. 533-555.

Frota S, Vigário M. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: Riad T, Gussenhoven C, editores. *Tones and Tunes*. Vol. 1. Berlim: Mouton de Gruyter; 2007. p.263-289.

Gonçalves P. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM; 2010.

Gonçalves P, Chimbutane FS, organizadores. *Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique: em direção a uma coerência entre discurso e prática*. Moçambique: Alcance Editores; 2015.

Ladd DR. *Intonational Phonology*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2008.

Moraes JA. Melodic contours of yes/no questions in Brazilian Portuguese. *Proceedings of ISCA Tutorial and Research Workshop on Experimental Linguistics*. Athens; 2006. p.28-30.

Moraes JA. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. *Speech Prosody 2008, Proceedings of the Fourth International Conference*. Campinas, Brazil. May 6-9; 2018. p. 389-398.

Nascimento F. *O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias em contexto pretônico*. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2018.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris; 1986.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Walter de Gruyter GmbH, Berlim; 2007.

Ngunga A. Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane Série Letras e Ciências Sociais*. 2012;1(0):7-20.

Pierrehumbert J. *The phonology and phonetics of English intonation*. [tese]. Cambridge, Massachusetts: Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology; 1980.

Pissurno KCS. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do português: uma abordagem sociolinguística*. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2017.

Santos EF, Silveira A. Análise preliminar da palavra prosódica no português vernacular de São Tomé e Príncipe e no português falado em Angola. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico. 2012;22(1):77-89.

Santos VG. Aspectos prosódicos do português de Guiné-Bissau: a entoação do contorno neutro. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2015.

Santos VG. Aspectos prosódicos do português do Libolo, Angola: entoação e fraseamento. [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; em preparação.

Sassuco DP. Pistas essenciais para um Português de Angola. In: Leite IB e Severo CG, organizadoras. Kadila: culturas e ambientes: diálogos Brasil-Angola. [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher; 2016. p. 199-218

Selkirk E. Phonology and syntax: the relation between sound and structure. Cambridge: MIT Press; 1984.

Selkirk E. On derived domains in sentence phonology. Phonology Yearbook. 1986;3:371-405.

Serra CR. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.

Serra CR. Fraseamento prosódico e percepção no português do Brasil: para o estudo dos estilos de fala. Sitientibus. 2010;jan-jul(42):33-58.

Serra CR. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. Joss Journal of Speech Science. 2016;5(2):47:86

Serra C, Callou D. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: De Dominicis A, editor. pSprominenceS: Prominences in Linguistics, Proceedings of the International Conference. Department of Human Sciences and Tourism. University of Tuscia. Disucom Press, Viterbo, Italy; 2015.

Silveira AC. Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2013.

Silvestre APS. A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

Tenani LE. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.

Tenani LE. Segmentações não convencionais e teorias fonológicas. Letras de hoje. 2004;39(3):233-244.

Truckenbrodt H. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. Linguistic Inquiry. 1999;30(2):219-255.

Undolo M. A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo. Caxito: ESP-Bengo; 2016.

Undolo M. Caracterização do sistema vocálico do português culto falado em Angola. Revista de Filología Románica. 2014;31(2):181-187.

Vigário M. Prosody and sentence disambiguation in European Portuguese. Catalan Journal of Linguistics. 2003;2:249-278.

Vigário M. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: Lobo M, Coutinho MA, organizadores.. XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística: textos Seleccionados. Lisboa: Colibri Artes Gráficas; 2007. p. 673-688.

Vigário M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*. 2010;27(4):485:530.

Vigário M, Fernandes-Svartman F. A atribuição tonal em compostos no Português do Brasil. In: Brito AM, Silva F, Veloso J, Fiéis A, editores. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: textos seleccionados. Porto: Associação Portuguesa de Linguística; 2010. p. 769-786.

Vigário M, Frota S. The intonation of Standard and Northern European Portuguese: a comparative intonational phonology approach. *Journal of Portuguese Linguistics*. 2003;2(2):115-137.

FONTES

Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. www.ine.gov.mz

Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português (UFRJ). www.concordancia.lettras.ufrj.br

FLP20(esp)

Fraseamento prosódico em português: semelhanças e diferenças entre variedades africanas e brasileiras

*Prosodic phrasing in Portuguese: similarities and differences across African and Brazilian varieties**

Flaviane Romani Fernandes-Svartman **
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Vinícius Gonçalves dos Santos ***
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Gabriela Braga ****
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise do fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras na ordem de estrutura sujeito-verbo-objeto (sentenças SVO) em sintagmas entoacionais (Is) nas variedades brasileiras de português faladas em Salvador (Bahia) e Florianópolis (Santa Catarina) e nas variedades africanas de português faladas em São Tomé (República Democrática de São Tomé e Príncipe) e no Libolo (Angola). O intuito desse estudo é a investigação de semelhanças e diferenças entre essas variedades quanto ao fraseamento prosódico. Os resultados obtidos revelaram que (SVO)I é o padrão de fraseamento prosódico preferencial em todas as variedades de português. Padrões de fraseamento diferentes também são encontrados para as variedades brasileiras de português, ainda que com baixa frequência e levando em conta a ramificação e a extensão dos constituintes sujeito e objeto. Já para as variedades africanas, só são encontrados outros padrões de fraseamento quando são considerados dados de fala espontânea ou semiespontânea. Esses resultados contribuem para o conhecimento de um tópico que merece ser melhor explorado para as variedades brasileiras e africanas do português e para uma maior

* Agradecemos: (i) às agências de fomento à pesquisa *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* - Brasil (CNPq) - 459634/2014-3, *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* - Portugal (FCT) - PTDC/CLE-LIN/119787/2010 pelo apoio a este trabalho; (ii) aos alunos de iniciação científica integrantes do projeto *Fraseamento prosódico e variação em português brasileiro*, desenvolvido no âmbito do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo, pela análise inicial dos dados de fraseamento de Salvador e de Florianópolis; e (iii) aos avaliadores da versão preliminar deste trabalho pelos valiosos comentários e sugestões feitos.

** Professora Doutora, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; flavianesvartman@usp.br

*** Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; vinicius.santos@usp.br

**** Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; gabriela.silva@usp.br

compreensão sobre as características prosódicas gerais da língua portuguesa e sobre aquelas que singularizam suas diferentes variedades.

Palavras-chave: Fonologia. Fraseamento prosódico. Português do Libolo. Português de São Tomé. Variedades do português brasileiro.

Abstract: This paper aims at analyzing the prosodic phrasing of neutral declarative sentences in subject-verb-object word order (SVO sentences) into intonational phrases (Is) in Brazilian varieties of Portuguese as spoken in Salvador (Bahia) and Florianópolis (Santa Catarina) and in African varieties of Portuguese as spoken in São Tomé (Democratic Republic of São Tomé and Príncipe) and Libolo (Angola). The purpose of this study is the investigation of similarities and differences across these varieties regarding the prosodic phrasing. The results showed that (SVO)I is the preferential prosodic phrasing pattern in all Portuguese varieties. Different prosodic phrasing patterns are also found for Brazilian varieties of Portuguese, although with low frequency and considering branchingness and extension of the subject and object. As for African varieties, other prosodic phrasing patterns are only found when spontaneous or semi-spontaneous speech data are considered. These results contribute to the knowledge of a topic that deserves to be more explored for Brazilian and African varieties of Portuguese and to a greater understanding of the general prosodic characteristics of Portuguese and of those that distinguish their different varieties.

Keywords: Phonology. Prosodic phrasing. Portuguese of Libolo. Portuguese of São Tomé. Brazilian Portuguese varieties.

FLP20(esp)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa à análise comparativa entre variedades brasileiras e africanas da língua portuguesa, no que se refere ao fraseamento prosódico. As variedades de português abordadas em nosso estudo são as seguintes: as brasileiras faladas em Salvador (Bahia) e Florianópolis (Santa Catarina) e as africanas faladas em São Tomé (República Democrática de São Tomé e Príncipe) e no Libolo (Angola). Nossa hipótese é que variedades ultramarinas de português, atualmente faladas nas ex-colônias de Portugal, compartilham semelhanças quanto ao fraseamento prosódico, na esteira do que já foi atestado por outros autores para características morfossintáticas (Petter, 2007, 2008, 2009; Gonçalves, 2010; Alexandre; Gonçalves; Hagemeyer, 2011; Alexandre; Hagemeyer, 2013; Figueiredo; Oliveira, 2013; Figueiredo, 2018; entre outros).

Neste trabalho, abordamos o fraseamento prosódico no que tange especificamente ao estudo do fraseamento de sentenças declarativas neutras na ordem sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) do português em sintagmas entoacionais (Is)¹.

¹ O algoritmo de formação de I adaptado de Nespor e Vogel (1982, 1986) por Frota (2000, p. 57) para o estudo do português é o seguinte:

Intonational Phrase (I) Formation

- a. I-domain: (i) all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree (i.e. parenthetical expressions, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose

O fraseamento prosódico nas línguas românicas e suas variedades tem sido o tópico de um grande número de pesquisas recentes importantes. Em catalão (Elordieta et al., 2003; D'Imperio et al., 2005; Prieto, 2005; Frota et al., 2007; Feldhausen, 2011), francês (Avanzi; Christodoulides; Delais-Roussarie, 2014), italiano (D'Imperio et al., 2005; Feldhausen, 2014), português (Frota, 2000, 2014; Elordieta et al., 2003; Vigário; Frota, 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al., 2007; Frota; Vigário, 2007; Cruz, 2013; Cruz; Frota, 2013; Fernandes-Svartman et al., a sair) e espanhol (Elordieta et al., 2003; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; D'Imperio et al., 2005; Prieto, 2005; Frota et al., 2007; Rao, 2007, 2008; Feldhausen; Gabriel; Pešková, 2010), há variação quanto ao fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras SVO, sendo (SVO) e (S)(VO) os padrões de fraseamento mais frequentes nessas línguas. No padrão de fraseamento prosódico do tipo (SVO), S, V e O são fraseados no mesmo I e no padrão de fraseamento prosódico do tipo (S)(VO), S é fraseado em um I diferente do I no qual V e O são fraseados. Os exemplos em (1a) e (1b), constantes do corpus utilizado em nosso trabalho (ver seção 3), ilustram, respectivamente, esses dois tipos de padrão de fraseamento em português.

(1)

- a. [(A nora da mãe)_s (mimava)_v (meninos)_o]I
 b. [(A nora da mãe)_s]I [(mimava)_v (meninos)_o]I

No que diz respeito ao português em particular, o fraseamento prosódico vem sendo mais explorado para variedades do português europeu (PE) (Frota, 2000, 2014; Vigário; Frota, 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al., 2007; Frota; Vigário, 2007; Cruz, 2013; Fernandes-Svartman et al., a sair) e ainda preliminarmente para variedades africanas e brasileiras do português (Fernandes-Svartman et al., a sair; Santos; Fernandes-Svartman, a sair). Tais estudos sobre o português revelam que é encontrada variação quanto ao fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras SVO e quanto à relevância dos fatores sintáticos e prosódicos que desencadeiam os diferentes tipos de padrões de fraseamento, sendo os padrões (SVO) e (S)(VO) os mais frequentes nas diferentes variedades dessa língua. (SVO) é o padrão predominante de fraseamento prosódico das variedades do PE faladas em Lisboa (Frota, 2000, 2014) e Algarve (Cruz, 2013), das variedades do português brasileiro (PB) faladas em São Paulo (capital) e Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul) e das variedades africanas de português falada em Bissau (capital da Guiné-Bissau) (Fernandes-Svartman et al., a sair) e no Libolo (Angola) (Santos; Fernandes-Svartman, a sair). Embora (SVO) seja o padrão preferencial nessas variedades, cabe observar que: (a) sujeitos longos (mais de oito sílabas) desencadeiam o padrão de fraseamento (S)(VO) na variedade lisboeta do PE; (b) a ramificação sintática e prosódica desencadeia o mesmo padrão no Algarve; e (c) (SV)(O) é um padrão possível, ainda que pouco frequente, no português de Bissau. Por sua vez, (S)(VO) é o padrão de fraseamento predominante de variedades do centro-sul e do

boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.

- b. I-restructuring: (i) restructuring of one basic I into shorter Is, or (ii) restructuring of basic Is into a larger I. Factors that play a role in I restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.

norte de Portugal (Vigário; Frota 2003; D'Imperio et al. 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al. 2007; Frota e Vigário, 2007; Cruz, 2013; Fernandes-Svartman et al., a sair), sendo tanto a extensão quanto a ramificação (prosódica e sintática) fatores determinantes no fraseamento prosódico das sentenças SVO dessas variedades.

Assim, este trabalho visa a contribuir para o estudo de um tema ainda pouco explorado para variedades brasileiras e africanas do português e para uma maior compreensão sobre as características prosódicas gerais da língua portuguesa e sobre características prosódicas que singularizam suas diferentes variedades.

Este artigo é organizado conforme o seguinte: na seção 2, apresentamos os resultados de estudos prévios sobre fraseamento prosódico em português; na seção 3, discorreremos sobre os corpora e sobre a metodologia de coleta e de análise de dados; na seção 4, descrevemos e discutimos os resultados encontrados para as diferentes variedades de português abordadas; e finalmente, na seção 5, apresentamos nossas considerações finais e os encaminhamentos futuros do nosso trabalho.

2 ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE O FRASEAMENTO PROSÓDICO EM PORTUGUÊS

O fraseamento prosódico em português tem sido estudado principalmente em relação às variedades do PE. Estudos comparativos recentes em variedades do PE mostram variações nos padrões de fraseamento em sentenças SVO, a saber, diferentes tendências para o fraseamento (SVO) e (S)(VO), bem como diferenças quanto aos fatores sintáticos e prosódicos que afetam tais padrões.

No PE lisboeta (SEP), (SVO) é o padrão de fraseamento predominante (Frota, 2000, 2014; Elordieta et al., 2003; Vigário; Frota, 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al., 2007). Por outro lado, no português europeu setentrional de Braga (NEP), (S)(VO) é o padrão dominante (Vigário e Frota, 2003; Elordieta et al., 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta, Frota e Vigário, 2005; Frota et al., 2007; Frota e Vigário, 2007; Fernandes-Svartman et al., a sair). As comparações entre SEP e NEP revelam uma tendência a formar constituintes prosódicos mais curtos e uma maior sensibilidade ao número de palavras/ramificações do constituinte no fraseamento prosódico do NEP (Vigário e Frota, 2003; Frota e Vigário, 2007). Ainda quanto a variedades setentrionais do PE, Fernandes-Svartman et al. (a sair) mostram que, no Porto, (SVO) é o padrão ligeiramente mais frequente, mas, na condição de ramificação do sujeito, (S)(VO) é o padrão de fraseamento preferencial. Quanto a variedades centro-meridionais do PE, o fraseamento prosódico foi estudado, primeiramente, em duas regiões – Castro Verde, no Alentejo (ALE), e Albufeira, no Algarve (ALG) – em que foram encontrados padrões dominantes distintos: (S)(VO) em ALE, como no NEP, mas (SVO) em ALG, como no SEP (Cruz, 2013; Cruz e Frota, 2013). Nessas regiões, a complexidade sintática e o tamanho fonológico (em termos de número de sílabas) desempenham diferentes papéis no fraseamento prosódico. Em ALG, a ramificação sintática/prosódica promove o padrão (S)(VO), enquanto que no SEP, o tamanho do sujeito (mais de 8 sílabas) promove esse padrão de fraseamento. No caso do ALE, como no NEP, tanto o tamanho quanto a ramificação são fatores determinantes no fraseamento (S)(VO), embora com pesos diferentes, já que o tamanho é mais relevante no ALE e a ramificação é mais relevante no NEP. Em acréscimo aos estudos de Cruz (2013) e Cruz e Frota (2013) sobre variedades centro-meridionais do PE, Fernandes-Svartman et al. (a sair) analisam o

fraseamento prosódico das regiões de Castelo Branco, Coimbra e Évora. Os resultados obtidos pelos autores para essas variedades centro-meridionais do PE confirmam os resultados de Cruz (2013) e Cruz e Frota (2013) para as de Castro Verde e Albufeira, mostrando que (S)(VO) é o padrão de fraseamento mais frequente em todas as regiões e que a ramificação e o tamanho do sujeito são fatores relevantes que propulsionam o padrão de fraseamento (S)(VO). Todos esses estudos revelam que a ramificação e o tamanho dos constituintes têm um peso diferente no fraseamento prosódico das sentenças SVO nas diferentes variedades do PE.

No que diz respeito ao estudo do fraseamento prosódico em variedades brasileiras e africanas do português, os resultados são advindos do trabalho de Fernandes-Svartman et al. (a sair) e de Santos e Fernandes-Svartman (a sair).

Conforme os resultados descritos por Fernandes-Svartman et al. (a sair), nas variedades de português brasileiro (PB) faladas em São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS), o padrão de fraseamento prosódico mais frequente é (SVO). O padrão de fraseamento alternativo (S)(VO) também é encontrado, com uma frequência ligeiramente maior em Porto Alegre do que em São Paulo na condição de sujeito ramificado. Já no português falado em Bissau (PGB), na Guiné-Bissau, (SVO) é também o padrão de fraseamento prosódico mais frequente nos dados dos autores, embora (S)(VO) e (SV)(O) também sejam atestados nas condições de sujeito e de objeto ramificados, respectivamente.

Por sua vez, de acordo com a descrição de Santos e Fernandes-Svartman (a sair) para dados de fala semiespontânea do português falado no Libolo (PLB), em Angola, (SVO) é o padrão de fraseamento majoritário, embora também sejam encontrados, em menor frequência, os padrões (S)(VO), (SV)(VO) e (SV)(O).

Os padrões de fraseamento (SV)(O) e (SV)(VO), portanto, foram encontrados apenas no PGB e no PLB e não tinham sido atestados em outras variedades de português em estudos anteriores.

Levando em conta o estado da arte dos estudos sobre fraseamento prosódico em português, o presente artigo se propõe a: (i) contribuir com a análise de variedades de português inexploradas quanto a essa temática, utilizando-se dos mesmos procedimentos metodológicos e arcabouço teórico sobre prosódia utilizados nos estudos anteriores; e (ii) identificar semelhanças e diferenças em relação ao fraseamento prosódico nas variedades de português discutidas aqui em comparação com os resultados sobre o fraseamento prosódico de outras variedades de português descritos em estudos anteriores. Nossa hipótese, já referida anteriormente, é a de que as variedades brasileiras e africanas de português compartilham semelhanças quanto ao fraseamento prosódico, na esteira do que já foi atestado por outros autores para características morfossintáticas (Petter, 2007, 2008, 2009; Gonçalves, 2010; Alexandre, Gonçalves e Hagemeyer, 2011; Alexandre e Hagemeyer, 2013; Figueiredo e Oliveira, 2013; Figueiredo, 2018, entre outros). Para alcançar nossos objetivos, usaremos o corpus e a metodologia descritos na próxima seção.

3 METODOLOGIA

O material de fala analisado neste estudo resulta da adaptação, para todas as variedades de português aqui consideradas, da estrutura do *Romance Languages Database* (RLD), um corpus empregado em estudos anteriores sobre o fraseamento prosódico

das línguas românicas (Elordieta et al., 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Prieto, 2005; Frota et al., 2007; Frota; Vigário, 2007) e que foi incorporado às tarefas de leitura do projeto InAPoP, no âmbito do qual este trabalho foi desenvolvido². Ressalta-se que a utilização desse corpus, bem como da metodologia de coleta e análise de dados do projeto InAPoP, permitem uma comparação intra e interlinguística com outros estudos sobre fraseamento que seguem esses mesmos procedimentos metodológicos. O corpus do RLD consiste em 76 sentenças declarativas SVO decorrentes da combinação exaustiva das seguintes condições de formação de seus constituintes: (i) tamanho, variando entre constituinte curto (até três sílabas) e longo (quatro ou mais sílabas); e (ii) ramificação sintática e/ou prosódica de S e O, variando entre constituinte não ramificado (uma cabeça lexical e/ou uma palavra prosódica - PW)³, ramificado (duas cabeças lexicais e/ou duas palavras prosódicas) e duplamente ramificado (três cabeças lexicais e/ou três palavras prosódicas), visando à verificação da influência da extensão e da ramificação sintática dos constituintes no fraseamento prosódico. Exemplos das sentenças são dados de (2) a (4).

- (2) Sujeito curto não ramificado, Verbo curto e Objeto curto ramificado
A nora levava velhinhas lindas.
- (3) Sujeito longo ramificado, Verbo longo e Objeto longo não ramificado
A libanesa maravilhosa memorizava uma melodia.
- (4) Sujeito curto ramificado, Verbo curto e Objeto curto não ramificado
A jovem de Lima levava a linha.

Para a coleta de dados, cada enunciado foi apresentado individualmente em slides em tela de computador, em ordem aleatória. Os participantes foram instruídos a lerem em silêncio o contexto e a sentença e, então, produzirem a última em voz alta, em uma velocidade de elocução normal. Antes da produção das sentenças alvo, os participantes passaram por uma sessão de treinamento. Todos os participantes produziram pelo menos duas repetições de cada sentença.

As leituras não fluentes (com pausas não gramaticais e hesitações) foram excluídas, de modo que o corpus deste estudo é formado por um conjunto de 1198 enunciados das quatro variedades de português.

Para o PB, os dados foram coletados em duas regiões: Salvador (Bahia) e Florianópolis (Santa Catarina) (ver mapa na Figura 1). Duas mulheres naturais de cada região (falantes MB e MA de Salvador e falantes CS e DC de Florianópolis), com idades

² O *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (InAPoP), projeto coordenado pela Profa. Dra. Sónia Frota (Universidade de Lisboa, Portugal), visa a desenvolver pesquisas sobre a prosódia de variedades europeias, brasileiras e africanas de português, baseadas em um conjunto de procedimentos metodológicos (englobando tarefas para a coleta de dados lidos, semiespontâneos e espontâneos) que permite o estudo comparativo da variação. Um dos principais resultados pretendidos pelo projeto é a construção de um Atlas Interativo da Prosódia do Português, a ser acessado livremente por uma plataforma online (<http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/InAPoP>) e que contemple a variação prosódica, entoacional e rítmica do português, incluindo a cobertura completa do português europeu quanto a esses três aspectos, contando ainda com variedades do português brasileiro ao longo da costa do Atlântico, assim como variedades do português falado na África.

³ A palavra prosódica (PW) é o domínio prosódico no qual pode haver apenas um acento primário (ou lexical). Conferir, entre outros, Schwindt (2000, 2001), Vigário (2003, 2010), Simioni (2008) e Toneli (2009, 2014) sobre esse domínio em português.

entre 20 e 45 anos e ensino superior completo, produziram os dados. Um total de 590 enunciados foi selecionado para análise (76 sentenças × 2 falantes × 2 regiões × 2 repetições - 18 leituras não fluentes).

Já para o português de São Tomé (PST)⁴, os dados foram coletados em uma pesquisa de campo na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), em Redenção, no Ceará. Este estudo conta com as produções de duas mulheres naturais da cidade de São Tomé (MAQJ e NDR), entre 20 e 27 anos, falantes maternas de PST e com nenhuma fluência (ou com conhecimento passivo) em uma língua crioula (*santome*), e que residiam no Brasil há no máximo 15 meses. No total, foram selecionadas para análise 304 sentenças (76 sentenças × 2 falantes × 1 região × 2 repetições). Ainda quanto ao PST, cabe acrescentar que foram coletados dados de fala espontânea através de entrevistas em que as participantes eram incitadas a falar sobre si, seu país de origem, costumes, infância e família, visando a suscitar uma fala natural, sem monitoração. Dessas entrevistas, selecionamos 28 sentenças declarativas neutras, que foram analisadas através da mesma metodologia utilizada para os dados de fala controlada (descrita a seguir).

Os dados do português do Libolo (PLB), por sua vez, foram coletados *in loco*, a partir de uma pesquisa de campo no âmbito do projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, históricoculturais, antropológicos e sócio-identitários*.⁵ Para este estudo a produção de dois libolenses foi considerada: um homem (SF) de 23 anos, bilíngue em português e quimbundo libolenses, natural da área rural do Libolo, e uma mulher (FM) de 18 anos, monolíngue em português, natural da área urbana do Libolo, ambos escolarizados. Um total de 304 sentenças foi selecionado para análise (76 sentenças × 2 falantes × 1 região × 2 repetições).

⁴ Diferentemente das variedades brasileiras aqui consideradas, as variedades africanas de português pertencem a um cenário de multilinguismo. Em São Tomé, embora o português seja a língua mais falada no país (de acordo com o INE (2012), mais de 98% dos santomenses se declaram falantes dessa língua), além de ser atualmente a língua materna da maioria da população (Gonçalves, 2010, entre outros), são também faladas ao menos três línguas crioulas: *santome*, *lung'le* e *angolar*. O Libolo, por sua vez, é uma área linguística banta, formada predominantemente por falantes de quimbundo, na qual grande parte dos mais jovens tem o português como língua materna. Estudos linguísticos, sobretudo na área da morfossintaxe, defendem que o processo de nativização do português e o contato (contínuo) com línguas crioulas e bantas são responsáveis por características encontradas no português santomense e no libolense que os distinguem do português europeu, embora essa seja a norma vigente nos órgãos oficiais e na escolarização (Hagemeijer, 2009; Gonçalves, 2010; Alexandre; Gonçalves; Hagemeijer, 2011; Alexandre; Hagemeijer, 2013; Figueiredo; Oliveira, 2013; Figueiredo, 2018; entre outros).

⁵ O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, históricoculturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é coordenado pelos Profs. Drs. Carlos F. G. Figueiredo (Universidade de Macau, China) e Márcia S. D. Oliveira (Universidade de São Paulo, Brasil) e é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Filologia e Ações Pedagógicas. Na área de linguística, tal projeto visa ao estudo das variedades de português e de quimbundo do Libolo e o contato linguístico. O *Projeto Libolo* está devidamente patentado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por "Copyright © 2016, R&DAO University of Macau".



Figura 1 - Mapa: localização das variedades brasileiras (Salvador e Florianópolis), santomense (São Tomé) e angolana (Libolo) de português⁶.

A metodologia de análise do fraseamento prosódico nos dados incluiu a execução das seguintes tarefas: (i) segmentação das sentenças SVO em palavras; (ii) identificação e marcação de fronteiras de I nas sentenças, com base nos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 2007[1986]) e levando em conta a adaptação do algoritmo de formação de I de Nespor e Vogel (2007[1986]) para o estudo do português por Frota (2000); e (iii) análise quantitativa (em termos absolutos e percentuais) dos tipos de fraseamento encontrados para as sentenças SVO a partir da identificação das fronteiras de I.

A identificação e a marcação das fronteiras de I nas sentenças foi feita pela detecção, com base na análise perceptual e acústica, das seguintes pistas: (i) pausas, definidas como um trecho de silêncio presente na fronteira dos constituintes prosódicos; e (ii) configuração nuclear do contorno da frequência fundamental (F_0), composta por acento tonal nuclear e tom de fronteira, associados, respectivamente, à última PW e à fronteira direita de I. A análise dos acentos tonais nucleares e dos tons de fronteira foi realizada à luz da Fonologia Entoacional (Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd, 2008[1996]; Frota; Prieto, 2015; entre outros). De acordo com essa teoria, os acentos tonais são associados a sílabas proeminentes da cadeia segmental e podem ser simples (monotonais) – L^* (baixo, do inglês *low*) ou H^* (alto, do inglês *high*) – ou complexos (bitonais) – H^*+L , $H+L^*$, L^*+H ou $L+H^*$ – e os tons de fronteira são associados a fronteiras de Is e são representados, em português, como $L\%$, $LH\%$, $H\%$, $!H\%$ e $HL\%$ (Frota; Cruz et al., 2015; Frota; Oliveira et al., 2015).

Os dados foram anotados no programa computacional *Praat* (Boersma; Weenink, 2017), com base no sistema de anotação prosódica P-ToBI (Frota; Oliveira et al., 2015), sendo criadas as seguintes camadas de anotação: (i) *Tones*, na qual foi feita a notação fonológica dos acentos tonais nucleares e tons de fronteira; (ii) *Orthography*, na qual foi feita a segmentação das sentenças em palavras (transcritas ortograficamente); e (iii) *BI* (do inglês, *break indices* – índices de codificação de fronteiras de constituintes prosódicos), na qual foram assinaladas as fronteiras de I por meio do índice 4, conforme os critérios estabelecidos pelo P-ToBI e pelo projeto InAPoP já referido anteriormente.

⁶ Fonte: Adaptado de *Location São Tomé and Príncipe AU Africa* de Alvaro1984 18/Wikimedia Commons/Public domain (<https://tinyurl.com/LocSaoToPrinc>).

Cada conjunto de dados de uma determinada variedade de português foi transcrito e anotado por um dos autores, falantes nativos de PB, e sempre que havia dúvidas sobre a anotação, outro autor entre eles era consultado.

4 RESULTADOS

Apresentamos nas subseções seguintes os resultados encontrados em nossas análises das variedades do português do Brasil (4.1), da variedade de São Tomé (4.2) e da variedade do Libolo (4.3) no que diz respeito ao fraseamento prosódico das sentenças de ordem SVO e à configuração tonal do contorno nuclear de I.

4.1 Português do Brasil

Confirmando os resultados encontrados para outras variedades do PB, nomeadamente, as variedades de Porto Alegre e de São Paulo, descritos por estudo anterior (Fernandes-Svartman et. al., a sair), as variedades de Salvador e de Florianópolis também exibem o padrão (SVO) como o padrão de fraseamento preferencial, como revelam os resultados apresentados nas Tabelas 1 e 2: 90% de ocorrências do padrão (SVO) em Salvador e 95% de ocorrências do mesmo padrão em Florianópolis.

Através da observação das mesmas tabelas, constata-se que a condição de ramificação do sujeito não afeta tal padrão preferencial das referidas variedades. Levando em conta essa condição, (SVO) ainda continua sendo o padrão de fraseamento preferencial em Salvador (85%) e em Florianópolis (90%), sendo os padrões (S)(VO) (11%) em Salvador e (S)(SVO) (7%) em Florianópolis os segundos preferenciais, embora com frequências bem mais baixas em relação às frequências de ocorrência do padrão (SVO) nas duas variedades.

Seguem as Tabelas 1 e 2, nas quais é apresentada a quantidade total, em porcentagem e em números absolutos, de ocorrências de cada padrão de fraseamento, respectivamente, em Salvador e Florianópolis, e levando em conta as condições de ramificação e não ramificação do sujeito.

Tabela 1 - Padrões de fraseamento geral das sentenças SVO, considerando a ramificação e a não ramificação de S na variedade do PB de Salvador (%).

Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

<i>Padrão de fraseamento</i>	<i>Salvador</i>			
	(S)(VO)	(S)(S)(VO)	(SVO)	(SV)(O)
Geral	8% (24)	1% (2)	90% (264)	1% (4)
Com S não ramificado	7% (9)	-	93% (114)	-
Com S ramificado	11% (15)	2% (2)	85% (150)	2% (4)

Tabela 2 - Padrões de fraseamento geral das sentenças SVO, considerando a ramificação e a não ramificação de S na variedade do PB de Florianópolis (%). Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

Padrão de fraseamento	Florianópolis				
	(S)(SVO)	(S)(VO)	(SVO)	(SV)(O)	(SVO)(O)
Geral	-	1% (4)	95% (282)	1% (2)	1% (2)
Com S não ramificado	-	1% (1)	98% (123)	1% (1)	1% (1)
Com S ramificado	7% (7)	3% (3)	90% (159)	-	-

As Figuras 2 e 3, relativas à produção de uma falante de Florianópolis e de outra de Salvador, ilustram, respectivamente, os padrões de fraseamento (SVO) – preferencial nas duas regiões - e (S)(VO) – segundo padrão mais frequente nos dados.

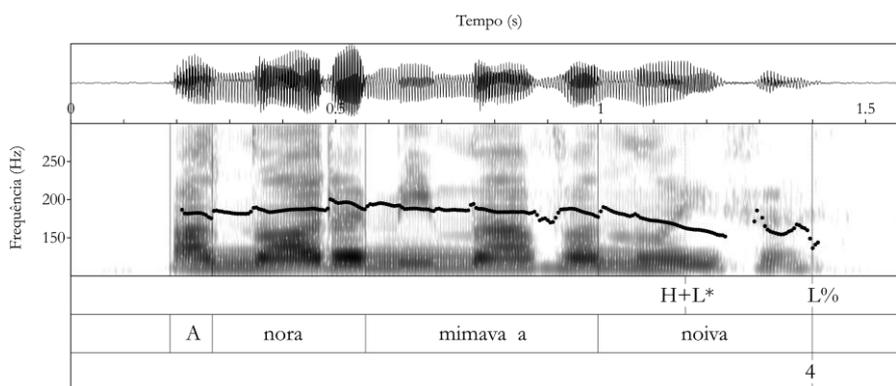


Figura 2 - Contorno entoacional da sentença *A nora mimava a noiva*, padrão de fraseamento (SVO), produzida pela falante CS, de Florianópolis.

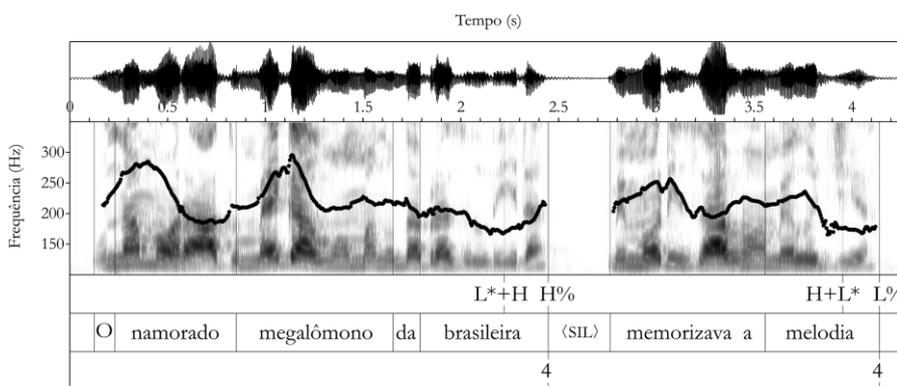


Figura 3 - Contorno entoacional da sentença *O namorado megalômano da brasileira memorizava a melodia*, padrão (S)(VO), produzida pela falante MB, de Salvador.

Considerando as condições de ramificação e extensão do sujeito e do objeto, obtivemos os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4 concernentes aos diferentes tipos de fraseamento encontrados em Salvador e Florianópolis respectivamente.

Tabela 3 - Padrões de fraseamento das sentenças SVO, considerando as condições de ramificação e extensão de S e O na variedade do PB de Salvador (%).

Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

Ramificação	Extensão de S	Salvador			
		(S)(VO)	(S)(S)(VO)	(SVO)	(SV)(O)
S e O não ramificados	S curto	7% (1)	-	93% (14)	-
	S longo	6% (1)	-	94% (15)	-
S não ramificado / O curto ramificado	S curto	7% (1)	-	93% (14)	-
	S longo	7% (1)	-	93% (14)	-
S não ramificado / O longo ramificado	S curto	6% (1)	-	94% (15)	-
	S longo	7% (1)	-	93% (14)	-
S ramificado	S curto	2% (1)	-	97% (60)	2% (1)
	S longo	11% (7)	-	87% (54)	3% (2)
S duplamente ramificado	S curto	4% (11)	-	91% (21)	4% (1)
	S longo	26% (6)	9% (2)	65% (15)	-
O duplamente ramificado / S não ramificado	S curto	7% (1)	-	93% (14)	-
	S longo	13% (2)	-	88% (14)	-

Tabela 4 - Padrões de fraseamento das sentenças SVO, considerando as condições de ramificação e extensão de S e O na variedade do PB de Florianópolis (%).

Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

Ramificação	Extensão de S	Florianópolis				
		(S)(SVO)	(S)(VO)	(SVO)	(SV)(O)	(SVO)(O)
S e O não ramificados	S curto	-	-	100% (15)	-	-
	S longo	-	-	100% (16)	-	-
S não ramificado/ O curto ramificado	S curto	-	-	100% (16)	-	-
	S longo	-	-	94% (15)	6% (1)	-
S não ramificado / O longo ramificado	S curto	-	-	100% (16)	-	-
	S longo	-	-	100% (15)	-	-
S ramificado	S curto	-	2% (1)	97% (61)	-	2% (1)
	S longo	3% (2)	-	95% (60)	2% (1)	-
S duplamente ramificado	S curto	4% (1)	4% (1)	92% (22)	-	-
	S longo	19% (4)	5% (1)	76% (16)	-	-
O duplamente ramificado / S não ramificado	S curto	-	-	94% (15)	-	6% (1)
	S longo	-	6% (1)	94% (15)	-	-

Os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4 indicam que o padrão de fraseamento (SVO) ainda é o preferencial em Salvador e Florianópolis, mesmo consideradas as condições de ramificação e extensão dos constituintes sujeito e objeto. Entretanto, cabe notar que, em ambas as variedades de PB, sujeitos longos duplamente ramificados propiciam um aumento de ocorrência de padrões em que S é fraseado em Is diferentes do predicado ou mesmo em mais de um I: 26% de ocorrência de (S)(VO) e 9% de ocorrência de (S)(S)(VO) em Salvador e 19% de ocorrência de (S)(SVO) e 5% de ocorrência de (S)(VO) em Florianópolis. Sujeito longo e ramificado e objeto duplamente ramificado também propiciam um aumento do padrão (S)(VO) em Salvador: 11% de ocorrência do padrão (S)(VO) considerando a condição 'sujeito longo e ramificado' e 13% de ocorrência do mesmo padrão, considerando a condição 'objeto duplamente ramificado'.

Quanto às pistas acústicas utilizadas na identificação das fronteiras de I nos dados, ressalta-se que a pausa foi encontrada em 100% dos casos de fronteira de Is não finais. Associada ao contorno nuclear desse tipo de I foi encontrada frequentemente a configuração tonal $L^*+H H\%$ (ver Figura 3) e associada ao contorno nuclear dos Is finais foi encontrada, em 100% dos casos, a configuração tonal $(j)H+L^* L\%$ (ver Figuras 2 e 3), sendo a configuração $jH+L^* L\%$ encontrada somente nos dados de Salvador. Esses resultados confirmam os resultados de estudos prévios que: (i) revelam ser a pausa o correlato mais frequente na marcação de fronteiras de I em PB (Serra, 2009; Fernandes-Svartman et al., a sair; entre outros); (ii) atestam as configurações tonais $L^*+H H\%$ e $H+L^* L\%$ como caracterizadoras do contorno nuclear, respectivamente, de I não final e de I final em PB (Cunha, 2000; Frota; Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007; Serra, 2009; entre outros); e (iii) descrevem $jH+L^*$ como um acento tonal frequentemente encontrado associado ao contorno nuclear de I final em variedades nordestinas do PB (Cardoso et al., 2014; entre outros).

4.2 Português de São Tomé

Em nossas análises dos dados de fala controlada do PST, diferentemente do PB, encontramos unicamente o fraseamento prosódico do tipo (SVO), sendo as sentenças declarativas neutras do PST fraseadas em um único I, mesmo naquelas em que sujeito ou objeto são ramificados ou duplamente ramificados sintática e/ou prosodicamente. Os resultados do fraseamento encontrado para o PST são apresentados na Tabela 5 e ilustrados através da Figura 4, em que a sentença-alvo é duplamente ramificada sintática e/ou prosodicamente tanto no sujeito quanto no objeto.

Tabela 5 - Padrões de fraseamento geral das sentenças SVO, considerando a ramificação e a não ramificação de S no PST (%). Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

<i>Padrão de fraseamento</i>	<i>São Tomé</i>
	(SVO)
Geral	100% (304)
Com S não ramificado	100% (128)
Com S ramificado	100% (176)

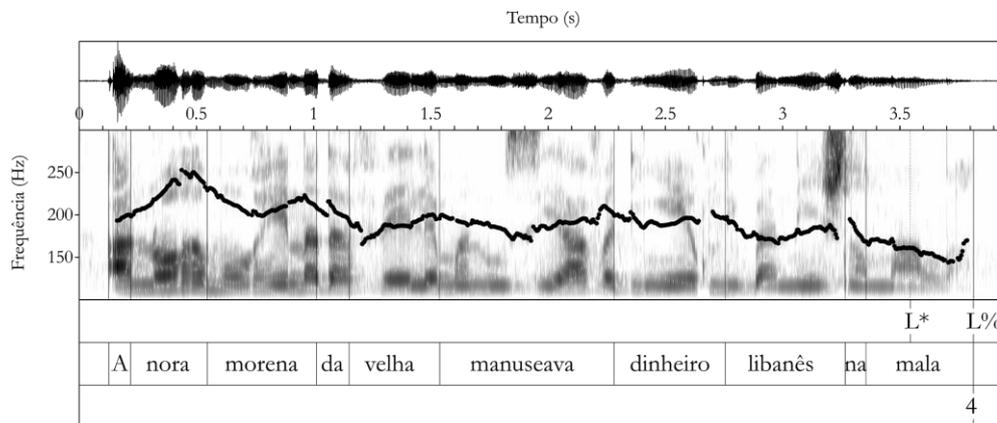


Figura 4 - Contorno entoacional da sentença *A nora morena da velha manuseava dinheiro libanês na mala*, padrão de fraseamento (SVO), produzida pela falante MAQJ de PST em contexto de fala neutra controlada.

Dessa forma, é possível questionar se, na verdade, tais resultados não estariam enviesados pelo tipo discursivo, retratando um comportamento entoacional característico de leitura, e não propriamente das sentenças declarativas neutras do PST.

Partimos então para a análise do corpus de fala espontânea (Braga, 2018), para verificar como se daria o fraseamento prosódico nesse tipo de discurso. Na Figura 5 ilustramos o padrão de fraseamento das sentenças de ordem SVO encontradas nos dados de fala espontânea de PST⁷.

⁷ Cabe notar que, na sentença ilustrada pela Figura 5, há uma locução adverbial (*Aqui em Brasil*) antecedendo os elementos S, V e O.

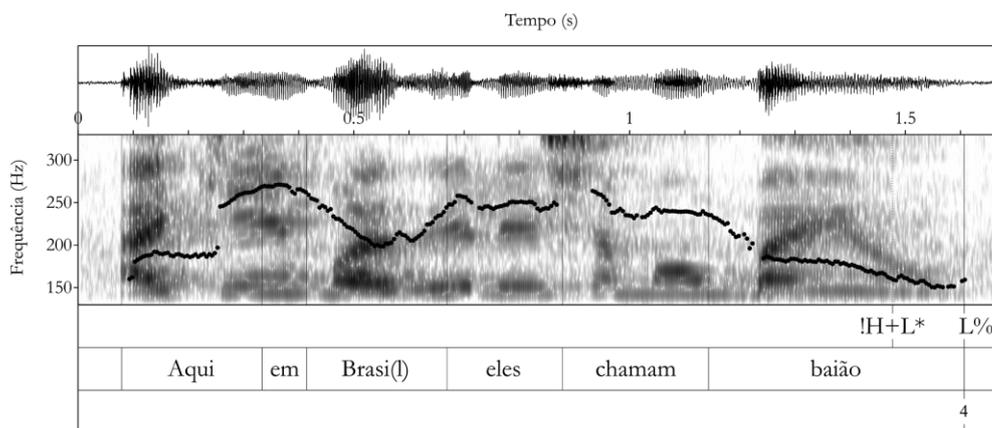


Figura 5 - Contorno entoacional da sentença *Aqui em Brasil eles chamam baião*, padrão de fraseamento (SVO), produzida pela falante NDR de PST em contexto de fala neutra espontânea.

Através da Figura 5 é possível notar que a sentença declarativa neutra do PST, realizada em contexto de fala espontânea, foi mapeada em um único I, apresentando o fraseamento prosódico (SVO). Tal comportamento foi observado para todas as sentenças SVO encontradas nesse tipo discursivo.

Entretanto, verificamos em nossos dados de fala espontânea a existência de sentenças declarativas neutras mapeadas em mais de um sintagma entoacional, embora sejam poucos os dados em que isso ocorra ($n=9/28$). Nessas sentenças, a pausa foi a única pista acústica encontrada em 100% das fronteiras de Is não finais. Outra pista acústica encontrada para a fronteira de I não final foi a configuração tonal $L^*+H H\%$, embora ela só tenha aparecido em pouco menos de 50% dos casos, como veremos mais adiante.

Averiguamos, porém, que as sentenças mapeadas em mais de um I são formadas por sentenças relativas explicativas, que constituem naturalmente mais de um sintagma entoacional, conforme o algoritmo de formação de I (cf. seção 1). Desse modo, parece ser possível que as sentenças declarativas neutras do PST apresentem, de fato, o fraseamento (SVO), não sendo esse tipo de fraseamento decorrente de uma fala controlada obtida através da tarefa de leitura.

Quanto à configuração tonal das sentenças do corpus de fala controlada, conforme a descrição realizada por Braga (2018) para os mesmos dados, o contorno nuclear de I final (único tipo encontrado para esse tipo de discurso) é majoritariamente $L^* L\%$ (72,4%, para $n=220/304$), sendo também encontrada, em menor escala, a configuração $H+L^* L\%$ (27,6%, para $n=84/304$). Já nos dados de fala espontânea, em que foram encontrados Is não finais, foram verificadas as configurações tonais $H+L^* L\%$ e $L^*+H H\%$ em praticamente igual proporção (5/9 e 4/9, respectivamente) para o contorno nuclear de I não final, e as configurações tonais $H+L^* L\%$ (71,4%, para $n=20/28$) e $L^* L\%$ (28,6%, para $n=8/28$), para o contorno nuclear de I final das sentenças declarativas neutras produzidas em fala espontânea, o inverso do que foi encontrado em fala controlada.

Dessa forma, embora uma análise que conte com mais sentenças declarativas neutras coletadas em contexto de fala espontânea seja necessária, conjectura-se que a configuração tonal do contorno nuclear de I final possa de fato ser $H+L^* L\%$, sendo $L^* L\%$ a configuração tonal característica das sentenças declarativas neutras realizadas

em contexto de leitura, cuja velocidade de fala seria mais lenta. Estudos futuros que levem tal hipótese em consideração poderão atestá-la ou refutá-la.

4.3 Português do Libolo

Assim como no PST, (SVO) é o único padrão de fraseamento encontrado no PLB, conforme revelam os resultados apresentados na Tabela 6. Desse modo, constata-se que as condições de tamanho e de ramificação sintática/prosódica dos constituintes parecem não afetar o fraseamento da sentença. A Figura 6 ilustra o padrão de fraseamento (SVO) que caracteriza as sentenças do PLB.

Tabela 6 - Padrões de fraseamento geral das sentenças SVO, considerando a ramificação e a não ramificação de S no PLB (%). Os valores absolutos estão apresentados entre parênteses.

<i>Padrão de fraseamento</i>	<i>Libolo</i>
	(SVO)
Geral	100% (304)
Com S não ramificado	100% (128)
Com S ramificado	100% (176)

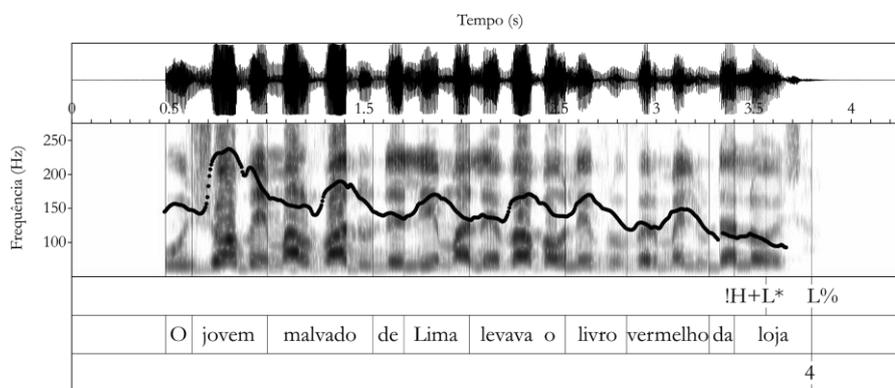


Figura 6 – Contorno entoacional da sentença *O jovem malvado de Lima levava o livro vermelho da loja*, padrão de fraseamento (SVO), produzida pelo falante SF de PST.

Em relação às pistas acústicas empregadas para identificar as fronteiras de I, foi encontrado, em 100% dos casos, a configuração tonal IH+L* L% associada ao contorno nuclear, isto é, uma curva de F₀ descendente realizada em um nível abaixo do nível tonal precedente (ver Figura 6). Esse resultado confirma o que foi atestado por Santos e Fernandes-Svartman (a sair) acerca de enunciados declarativos neutros do PLB em dados de fala semiespontânea.

Embora todas as sentenças lidas do PLB deste estudo tenham sido fraseadas em um único I, Santos e Fernandes-Svartman (a sair) encontraram, entre as declarativas neutras de ordem SVO semiespontâneas, sentenças fraseadas em dois Is, os quais são delimitados por pausa em praticamente todos os casos. Contudo, essas sentenças não são frequentes nos dados: apenas 22% (n=18/82) das sentenças são fraseadas em dois

Is, das quais a maioria ($n=12/18$) exibe o padrão (S)(VO) (formadas, em geral, por sujeitos e objetos curtos não ramificados), embora os padrões (SV)(VO) e (SV)(O) também tenham sido encontrados ($n=6/18$). Ademais, os autores observam que, à semelhança das demais variedades de português, a configuração tonal L+H* H% está associada ao contorno nuclear de todos os Is não finais (à exceção de um dado, em que a configuração tonal associada é L*+H L%).

Desse modo, diferentemente do PST, a ocorrência de diferentes tipos de padrões de fraseamento no PLB parece estar atrelada não só a fatores sintático-prosódicos, mas também à natureza do estilo discursivo envolvido. No entanto, o padrão de fraseamento preferencial no PLB é (SVO), tanto na fala lida quanto na fala semiespontânea, em que ele é, respectivamente, categórico e dominante.

5. CONCLUSÃO

Os resultados alcançados neste estudo confirmam nossa hipótese inicial, segundo a qual as variedades brasileiras e africanas de português compartilham semelhanças quanto ao fraseamento prosódico. Os resultados revelaram que, em todas as variedades de português abordadas, tanto brasileiras (faladas em Salvador e em Florianópolis) quanto africanas (faladas em São Tomé e no Libolo), (SVO) é o padrão de fraseamento preferencial, confirmando estudos prévios (Fernandes-Svartman et al., a sair) sobre o fraseamento prosódico de outras variedades brasileiras (variedades de São Paulo e Porto Alegre) e africanas do português (variedade de Bissau). Essa característica aproxima as variedades brasileiras e africanas da variedade lisboeta do PE, cujo padrão de fraseamento preferencial é o (SVO) (Frota, 2000, 2014; Elordieta et al., 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al., 2007), e as afasta das variedades setentrionais e centro-meridionais do PE que exibem o padrão (S)(VO) como preferencial (Vigário; Frota, 2003; D'Imperio et al., 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota et al., 2007; Frota; Vigário, 2007; Cruz, 2013; Cruz; Frota, 2013; Fernandes-Svartman et al., a sair). Conclui-se, portanto, que as variedades brasileiras e africanas se assemelham entre si, mas se distanciam das variedades do PE, uma vez que o padrão de fraseamento (SVO), mais frequente nas variedades ultramarinas, é diferente do padrão (S)(VO) presente na maioria das variedades não ultramarinas (setentrionais e centro-meridionais de Portugal) estudadas quanto ao fraseamento, com exceção da variedade de Lisboa. Ainda quanto às semelhanças entre as variedades brasileiras e africanas, atestaram-se a pausa como um correlato robusto para a identificação de fronteiras de Is não finais e as configurações tonais L*+H H% / L+H* H% e H+L* L% como as mais frequentemente associadas ao contorno nuclear, respectivamente, de I não final e I final,⁸ confirmando os resultados de estudos prévios sobre outras variedades de português.

Com relação às diferenças entre as variedades africanas e brasileiras quanto ao fraseamento prosódico, destacamos que, diferentemente das variedades africanas, as variedades brasileiras exibem, ainda que com baixa frequência, outros tipos de padrão

⁸ Para PST, também foi encontrada a configuração tonal H+L* L% associada ao contorno nuclear de I não final. Entretanto, como vimos nos dados dessa variedade, os Is não finais correspondem a sentenças relativas explicativas, de modo que maiores estudos são necessários para verificar se esse é ou não o fator que desencadeia a associação de tal configuração descendente ao contorno nuclear de Is não finais.

de fraseamento, como (S)(VO), (S)(SVO), (S)(S)(VO), (SV)(O), (SVO)(O), considerando dados de leitura. No que diz respeito a esses diferentes padrões, são um pouco mais frequentes, nas variedades brasileiras, os padrões em que o sujeito é fraseado em I(s) diferente(s) do predicado ou mesmo em mais de um I – (S)(VO), (S)(SVO) e (S)(S)(VO) –, levando-se em conta as condições ‘sujeito longo duplamente ramificado’, ‘sujeito longo ramificado’ e ‘objeto duplamente ramificado’. No caso das variedades africanas, padrões de fraseamento diferentes de (SVO) só são encontrados quando considerados dados de fala espontânea ou semiespontânea e, mesmo para esse tipo de dado, o padrão (SVO) ainda é o preferencial.

Os resultados apresentados neste artigo trazem contribuições para o conhecimento da variação prosódica em português, no que tange especialmente ao fraseamento prosódico. Todavia, em pesquisas futuras que deem continuidade a esse trabalho, ainda é necessário considerar: (i) a inclusão de mais dados produzidos por mais falantes e outras regiões brasileiras e africanas; (ii) diferentes tipos de corpora para todas as variedades (fala espontânea e semiespontânea); (iii) outras pistas para identificar fronteiras de I, como alongamento final, tom suspensivo, padrão continuativo, *pitch reset* (‘redefinição de altura’) após a fronteira e variação do intervalo de *pitch* (‘altura’) na fronteira (Frota et al., 2007); e (iv) a aplicação de modelagens estatísticas aos dados quantitativos que confirmem, para cada variedade linguística abordada, a relevância estatística dos padrões de fraseamento prosódico mais frequentemente encontrados. A consideração dessas variáveis nos permitirá apresentar conclusões consistentes sobre a relação entre os diferentes padrões de fraseamento prosódico e diferenças diatópicas ou diferentes gramáticas.

REFERÊNCIAS

- Alexandre N, Gonçalves R, Hagemeyer T. A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In: Costa A, Falé I, Barbosa P, editoras. XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: textos seleccionados. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística; 2011. p. 17-34.
- Alexandre N, Hagemeyer T. Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. In: Moura MD, Sibaldo MA, editores. Para a história do português brasileiro – Volume III: sintaxe comparativa entre o português brasileiro e língua crioulas de base lexical portuguesa, Tomo IV. Maceió: EDUFAL; 2013. p. 49-71.
- Avanzi M, Christodoulides G, Delais-Roussarie E. Prosodic phrasing of SVO sentences in French. Proceedings of the 7th International Conference on Speech Prosody; 20-23 May 2014; Dublin, Ireland. Ireland: SProSIG; 2014. p. 703-707.
- Beckman M, Pierrehumbert J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*. 1986;3(1):255-309.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Versão 6.0.26. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2017 [citado 15 out. 2018]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>.
- Braga G. Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018. doi:10.11606/D.8.2018.tde-13082018-154538.
- Cardoso SAMS, et al. Atlas linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL; 2014.

- Cruz M. Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties [tese]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2013.
- Cruz M, Frota S. Correlação entre fraseamento prosódico e distribuição de acentos tonais: evidências da variação no português europeu. In: Silva F, et al. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: textos selecionados. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística; 2013. p. 325-339.
- Cunha CS. Entoação regional no português do Brasil [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000.
- D'Imperio M, et al. Intonational phrasing in Romance: the role of syntactic and prosodic structure. In: Frota S, Vigário M, Freitas MJ, editors. Prosodies. Berlin-New York: Mouton de Gruyter; 2005. p. 59-97.
- Elordieta G, et al. Effects of constituent weight and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. In: Solé MJ, Recasens D, Romero J, editors. Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences. Barcelona: Causal Productions; 2003. vol 1. p. 487-490.
- Elordieta G, Frota S, Vigário M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*. 2005;59(2-3):110-143. doi:10.1111/j.1467-9582.2005.00123.x.
- Feldhausen I. The prosodic phrasing of sentential objects. *Lingua*. 2011;121(13):1934-1964. doi:10.1016/j.lingua.2011.06.009.
- Feldhausen I. Intonation and preverbal subjects in Italian. Proceedings of the 10th International Seminar on Speech Production (ISSP); 5-8 May 2014; Köln, Germany. Köln: ISSP; 2014. p. 118-121.
- Feldhausen I, Gabriel C, Pešková A. Prosodic phrasing in Argentinean Spanish: Buenos Aires and Neuquén. Proceedings of the International Conference on Speech Prosody 2010; 11-14 May 2010; Chicago, Illinois, United States. Chicago: SProSIG; 2010.
- Fernandes FR. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2007.
- Fernandes-Svartman F, et al. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: Cruz M, Frota S, editors. Prosodic variation (with)in languages: intonation, phrasing and segments. United Kingdom: Equinox Publishing; a sair.
- Figueiredo CFG. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In: Oliveira MSD, Araujo GA, organizadores. Português na África Atlântica. São Paulo: Humanitas-FAPESP; 2018. p. 47-100.
- Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA*. 2013;23(2):105-185.
- Frota S. Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing; 2000.
- Frota S. The intonational phonology of European Portuguese. In: Jun SA, editor. Prosodic typology II: the phonology of intonation and phrasing. Oxford: Oxford University Press; 2014. p. 6-42.
- Frota S, Cruz M, et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editors. Intonation in Romance. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Frota S, et al. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: Prieto P, Mascaró J, Solé MJ, editors. Segmental and prosodic issues in Romance phonology. Amsterdam: John Benjamins; 2007. p. 131-153.

Frota S, Oliveira P, et al. P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2015 [citado 15 out. 2015]. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/>.

Frota S, Prieto P, editors. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015.

Frota S, Vigário M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: Castro RV, Barbosa P, editors. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística; 2000. vol. 1. p. 533-555.

Frota S, Vigário M. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: Riad T, Gussenhoven C, editors. *Tones and tunes*. Berlin: Mouton de Gruyter; 2007. vol. 1. p. 265-291.

Gonçalves R. *Propriedades de subcategorização verbal no português de São Tomé [dissertação]*. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 2010.

Hagemeyer T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*. 2009;1:1-29.

Ladd R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press; 1996.

Ladd R. *Intonational Phonology*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press; 2008.

Nespor M, Vogel I. Prosodic domains and external sandhi rules. In: Hulst H van der, Smith N, editors. *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris; 1982. p. 222-255.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris; 1986.

Nespor M, Vogel I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter; 2007.

Petter MMT. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. *PAPIA*. 2007;17:9-19.

Petter MMT. *Varieties linguísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano [tese de livre-docência]*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2008.

Petter MMT. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. *PAPIA*. 2009;19:201-220.

Prieto P. Syntactic and eurhythmic constraints on phrasing decisions in Catalan. *Studia Linguistica*. 2005;59(2-3):194-222.

Rao R. On the phonological phrasing in the Spanish of Lima, Perú. *Southwest Journal of Linguistics*. 2007;26(1):81-111.

Rao R. Observations on the roles of prosody and syntax in the phonological phrasing of Barcelona Spanish. *The Linguistics Journal*. 2008;3(3):85-131.

Santos VG, Fernandes-Svartman FR. Padrões tonais nucleares de declarativas e interrogativas neutras do português angolano do Libolo. *Linguística*. 2020;36. A sair.

Schwindt LCS. O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica [tese]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2000.

Schwindt LCS. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A.* 2001;17(2).

Serra C. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.

Simioni T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica do português brasileiro. *Alfa*. 2008;52(2):431-446.

Tenani LE. Domínios prosódicos no português: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.

Toneli PM. A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais [dissertação]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2009.

Toneli PM. A palavra prosódica no português brasileiro [tese]. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2014.

Vigário M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter; 2003.

Vigário M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*. 2010;27(4):485–530. doi:10.1515/tlir.2010.017.

Vigário M, Frota S. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. 2003;2(2):115-137.

FLP20(esp)

Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA: um corpus de fala espontânea informal do português angolano

Toward the compilation of C-ORAL-ANGOLA: an informal spontaneous speech corpus of Angolan Portuguese

Bruno Rocha*

Universidade Federal do Pará, Altamira, PA, Brasil

Heliana Mello**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Tommaso Raso***

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O trabalho apresenta a arquitetura e os critérios de compilação de um corpus de fala espontânea do português angolano. Após uma breve contextualização da realidade linguística de Angola, são apresentados em detalhe as modalidades de gravação e o tratamento das diferentes variações sociolinguísticas documentadas, destacando-se a atenção à variação diafásica. Em seguida, são detalhados os primeiros 27 textos gravados, que formarão um minicorpus de pelo menos 30.000 palavras, segmentado prosodicamente e oferecendo o texto alinhado ao sinal sonoro. A última parte do artigo é dedicada à discussão dos passos metodológicos da compilação do corpus: definição da qualidade acústica, critérios de transcrição, procedimento de segmentação prosódica, revisão, alinhamento e validação estatística.

Palavras-chave: Português angolano. Fala espontânea. Corpus. Compilação.

Abstract: The paper introduces the architecture and compilation criteria for an Angolan Portuguese spontaneous speech corpus. After a brief introduction about the linguistic scenario in Angola, we present an in-depth description of the recording modalities and treatment related to the multiple sociolinguistic variations documented, with special attention to diaphasic variation. The first twenty-seven recorded texts are then detailed. These will make up a minicorpus, portraying at least 30,000 words. The minicorpus will be prosodically segmented and will display text-to-speech alignment. The last part of the article is dedicated to the methodological steps taken for the corpus compilation: acoustic quality definition, transcription criteria, prosodic segmentation procedures, revision, alignment and statistic validation.

Keywords: Angolan Portuguese. Spontaneous speech. Corpus. Compilation.

* Professor Adjunto, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Altamira, PA, Brasil; bbruno791@gmail.com

** Professora Titular, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil; hmello@ufmg.br

*** Professor Titular, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil; tommaso.raso@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os primeiros textos relativos à compilação de um corpus de fala espontânea do português angolano, pensado segundo os moldes da família C-ORAL, mais precisamente o C-ORAL-ROM (Cresti, Moneglia 2005), para as quatro principais línguas românicas europeias, e o C-ORAL-BRASIL (Raso e Mello 2012 e no prelo) para o português brasileiro (PB).

Entre os dias 10 e 20 de julho de 2018 foram realizadas 28 gravações do português falado em Angola. Entre elas foram escolhidos os textos destinados a entrar no corpus e principalmente aqueles que serão utilizados para compor um minicorpus de português angolano etiquetado informacionalmente com base na *Language into Act Theory* (L-AcT; Cresti 2000; Moneglia, Raso 2014). Chamamos de minicorpus o conjunto de textos destinados a serem etiquetados informacionalmente e a serem inseridos em um corpus mais amplo. Ao longo do artigo, nos referimos portanto ao minicorpus, objeto específico deste texto, e ao corpus como duas entidades distintas, mesmo se fortemente correlacionadas.

L-AcT é uma extensão da teoria dos atos de fala de Austin (1962) que individualiza no enunciado, pragmaticamente e prosodicamente marcado, a interface entre ato locutivo e ilocutivo. A ilocução é a única unidade informacional necessária e suficiente para a realização do enunciado, mas frequentemente (cerca de 50% dos casos) os enunciados são compostos pela ilocução e outras unidades informacionais não ilocucionárias. As unidades informacionais são tendencialmente isomórficas com as unidades entoacionais. Portanto, um corpus estudável segundo os pressupostos da L-AcT (mas não somente com base nela) precisa possuir pelo menos duas características (aprofundadas ao longo do trabalho): uma forte variação diafásica (o que estimula a emergência da variabilidade ilocucionária e informacional) e uma segmentação prosódica, que marca as fronteiras das unidades entonacionais/informacionais e dos enunciados.

O minicorpus será formado por pelo menos 30.000 palavras, distribuídas em no mínimo 20 textos, e será perfeitamente comparável com os minicorpora já constituídos no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da UFMG e no laboratório LABLITA da Universidade de Florença. No LEEL foram desenvolvidos minicorpora de PB informal (Mittmann, Raso 2011), de PB em contexto telefônico (Raso et al. em preparação), e de inglês americano informal (Cavalcante, Ramos 2016); no LABLITA foram desenvolvidos minicorpora de italiano (Panunzi, Mittmann 2014) e de espanhol (Nicolas Martínez, Lombán no prelo). Com a exceção do minicorpus de inglês, os minicorpora são acessíveis através da plataforma IPIC (Panunzi, Gregori 2011), que permite também diferentes tipos de busca nos corpora que a integram.

Ao longo do artigo, para cada aspecto metodológico relativo à compilação do minicorpus, discutiremos em que medida os diferentes recursos da família C-ORAL podem ser considerados comparáveis.

O corpus angolano integra o projeto Libolo¹, coordenado por Carlos Figueiredo da Universidade de Macau e por Márcia Oliveira Santos da USP que, entre outros méritos, tornaram possível essa missão em Angola. Além do apoio e logística proporcionados pelos coordenadores do projeto Libolo, foi muito importante a participação de Graciette Matta, que proporcionou a viabilização de muitas das oportunidades de gravação e deu assistência constante à nossa equipe.

As gravações foram todas realizadas no município do Libolo situado na região do Kwanza Sul, não distante da região da capital Luanda. A maior parte dos textos foi coletada na cidade de Calulo, enquanto outros foram coletados na comuna do Quissongo, uma comunidade rural próxima de Calulo e na comuna de Kabuta. Os falantes gravados são todos falantes de português língua materna ou falantes bilíngues equilibrados de português/kimbundu ou português/kibala, sem que seja possível identificar uma única língua de competência nativa.

2 O CONTEXTO LINGUÍSTICO

Segundo os dados do Ethnologue (Simons, Fenning 2018), em Angola estão presentes falantes nativos de 4 grandes famílias linguísticas (dados de 2016): (i) a família indo-europeia, com cerca de 12.300.000 falantes cuja língua nativa é representada quase exclusivamente pelo português; (ii) a família níger-congo com quase 14.000.000 de falantes nativos é representada por 41 línguas; (iii) a família kx'a com pouco mais de 11.000 falantes é representada por 2 línguas; (iv) a família khoe-kwadi com apenas 200 falantes é representada por uma única língua. As duas últimas famílias são limitadas a enclaves presentes apenas no extremo sul do país, mais ou menos próximos à fronteira com a Namíbia.

A região do Libolo, situada ao sudeste da capital, é uma região onde, além do português, se fala o kimbundu ou uma variedade dele chamada kibala ou ngoya (ou identificada através de outros nomes também), própria da transição entre kimbundu e umbundu. Trata-se de uma região prevalentemente cristã, com cidades pequenas e uma ampla área rural. O umbundu é a principal língua africana falada em Angola com cerca de 6.000.000 de falantes nativos (dados de 2012). O kimbundu é língua materna de cerca de 1.500.000 de falantes (dados de 2015). Sua importância é devida também ao fato de ser a língua tradicionalmente falada em Luanda, apesar de a guerra civil ter mudado profundamente a identidade linguística da capital. O kibala, próprio do Libolo, tem, segundo dados de 2000, apenas 2.600 falantes nativos, mas é a variedade banta com a qual se identificavam diversos dos falantes bilíngues gravados, que a chamavam de ngoya.

¹ O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, históricoculturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Filologia e Acções Pedagógicas. O *Projeto Libolo* está devidamente patenteado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente protecção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por “Copyright © 2016, R&DAO University of Macau”.

Segundo dados da Central Intelligence Agency relativos a 2015, Angola possui um índice de alfabetização da população a partir dos 15 anos de 71,1% (82% entre os homens e 60,7% entre as mulheres), ocupando o 130º lugar entre 162 países. Como dados comparativos, citamos apenas o Brasil (86º lugar) com 92,6%, Portugal (62º lugar) com 95,7% e a média mundial com 86,2%.

3 MODALIDADES DE GRAVAÇÃO

As gravações foram realizadas em duas modalidades técnicas distintas, dependendo do número dos participantes de cada sessão. Na primeira modalidade, com apenas um ou dois falantes principais, foram utilizados um gravador Marantz (pmd 660) ou Tascam (DR-100 MKII) e microfones de lapela sem fio (Transmitters Bodypack Transmitter SK 100 G3 e Receivers Diversity Receiver EK 100 G3), permitindo assim que os falantes se locomovessem com liberdade durante o período de gravação, resultando portanto em gravações de uma maior variedade de situações. Na segunda modalidade, quando os falantes principais eram mais de dois, era utilizado também um *mixer* (Behringer Xenyx 1222fx) para além dos equipamentos já descritos, a fim de permitir o uso de mais de dois microfones para os dois canais de gravação. O número máximo de microfones usados foi seis, mas em algumas gravações se superou esse número de participantes. Nesse caso os microfones foram posicionados de modo a aumentar as probabilidades de gravar todas as vozes com a melhor qualidade possível. Todo o equipamento era móvel, com a exceção do *mixer*. Isso significa que apenas as gravações de conversações (diálogos com mais de dois participantes principais) obrigavam os falantes a estarem a uma distância de não mais de 30-50 metros do gravador, que não podia ser movido por estar ligado ao *mixer*. Nas gravações com 2 microfones o gravador podia ser movido no caso de os participantes se afastarem do ponto de início da gravação.

Por *falantes principais* entende-se aqueles falantes que estavam previstos na fase de planeamento da gravação e aos quais foram aplicados os microfones. Contudo, nas situações de fala espontânea em um contexto natural é frequente que durante a situação planejada para a gravação se insiram outros falantes não previstos. Quando isso acontece, os falantes não previstos podem ou não ser captados adequadamente pelos microfones. Isso, somado a outros fatores, condiciona a qualidade da gravação. Em situações específicas, aconteceu de os falantes se afastarem do gravador em direções opostas por alguns minutos. Nesses casos o gravador não podia ser movido, já que a direção do movimento dos falantes gravados era distinta; as consequências, dependentes das decisões tomadas pelos pesquisadores no momento em que isso ocorria foram várias; as diversas decisões tomadas, finalizadas a minimizar os danos à qualidade acústica, foram as seguintes: excluir momentaneamente um ou mais falantes da gravação, desligando um ou mais microfones (essa foi a decisão tomada tipicamente em casos de conversações com muitos falantes); isolar um canal para evitar que o afastamento de um dos falantes gerasse ruído que comprometesse a fala do outro falante principal, que continuava interagindo com falantes sem microfones (essa decisão foi frequente em situação como aquelas em que dois vendedores de uma loja ou de um mercado, portadores dos microfones, interagem com clientes, e um dos falantes principais se afastava, ou em situações comparáveis). Em geral, as gravações duraram muito tempo (em média entre uma e duas horas), tornando

possível a recuperação de um trecho suficientemente longo com qualidade acústica adequada.

Os textos que serão transcritos para composição do minicorpus terão uma duração média de 1.500 palavras, ou seja, pouco mais ou pouco menos de 10 minutos, dependendo da tipologia textual, do grau de interação, das quantidades de silêncio propiciadas pela situação e da velocidade de fala dos falantes. Em nenhum caso os textos do minicorpus serão significativamente maiores que esse marco, para evitar a falta de balanceamento; em alguns casos os textos poderão ser menores, mas sempre salvando a integridade textual.

Vale uma observação de ordem ética. Na realidade angolana, e ainda mais em uma cultura substancialmente tradicional e rural como aquela do Libolo, não é possível apresentar aos falantes o termo de consentimento que é elaborado por um comitê de ética a ser lido e assinado, como aconteceu no caso de todos os corpora da família C-ORAL. Quem concede a permissão para a gravação e transmite aos falantes a garantia de confiabilidade nos pesquisadores, em geral, é o *Soba*. O *Soba*, assistido pelos *Sobetos*, é de fato a maior autoridade civil da comunidade, desde os tempos pré-coloniais. Ele exerce a função de ligação entre a comunidade e o governo. Mesmo em centros maiores, cada bairro possui o seu *Soba*. O *Soba Grande* tem autoridade sobre os *Sobas* de uma determinada região. De fato, antes de começar as gravações, nos encontramos com o *Soba Grande* de Calulo, para nos apresentar e pedir a autorização para as gravações. A autorização nos foi concedida e o *Soba Grande* tornou-se, inclusive, um dos falantes em uma de nossas gravações. As gravações futuras, que serão realizadas em grandes centros urbanos, serão acompanhadas por um termo de consentimento nos moldes dos outros corpora.

FLP20(esp)

4 A VARIAÇÃO DIAFÁSICA

O corpus tem como um de seus objetivos principais retratar a variação diafásica da fala angolana. A primeira divisão interna do corpus é em três grandes modalidades comunicativas: monólogos, diálogos e conversações (esta com mais de 2 e um máximo de 8 falantes principais, alcançando apenas o número máximo de 6 no minicorpus). Cada modalidade será representada no minicorpus com pelo menos 10.000 palavras. Para o corpus o objetivo é de cerca de 50.000 palavras por modalidade, de modo a alcançar um corpus de pelo menos 150.000 palavras. Se essa é a proporção ideal para representar as três modalidades (e constitui o objetivo do trabalho), o que importa mais é manter uma proporção de um terço de fala monológica e dois terços de fala dialógica (diálogos e conversações), já que a diferença estrutural entre conversações e diálogos é pequena (Raso, Mittmann 2012; Cresti 2005)

Dentro da modalidade monológica se buscou variação entre gêneros textuais: explicações profissionais, relatos de experiências de vida, relatos de eventos ligados à história recente ou à cultura do lugar. Dentro das modalidades dialógica e conversacional se buscou a maior variedade situacional em função da maior variedade acional. Ao variarem a modalidade de fala e a situação, variam também a tipologia de atos de fala eliciados e a estruturação informacional dos enunciados, permitindo assim que sejam coletados dados com uma variação não limitada apenas ao nível morfossintático e lexical. Portanto, os pesquisadores buscaram gravar a

maior variação possível de situações comunicativas, evitando a repetição da mesma situação e situações pouco acionais e repetitivas como bate-papos e entrevistas. As pessoas gravadas nas modalidades dialógica e conversacional estavam sempre empenhadas em uma atividade específica, como mostraremos mais à frente. É isso que garante o alto grau de interatividade e acionalidade das gravações da família C-ORAL, explicitamente desenhada para o estudo das ilocuções e da estruturação informacional em contexto natural (Moneglia 2005; Raso 2012; Raso, Mello 2014).

5 AS OUTRAS VARIAÇÕES

A variação *diatópica* do minicorpus já foi indicada previamente. Contudo, se esse minicorpus reflete apenas a fala do Libolo, o corpus maior é destinado a refletir a fala de uma região mais ampla e com prevalência clara (pelo menos 50%) da fala de Luanda, assim como os outros corpora da família C-ORAL escolheram a diatopia de uma grande área urbana (Madri, Marselha, Florença, Lisboa, Belo Horizonte).

Quanto à variação *diatrática*, o minicorpus (na medida do possível) e o corpus (com maior rigor) buscam equilibrar em número de palavras a fala masculina e aquela feminina, assim como os falantes das diversas faixas de escolarização e das diferentes faixas etárias. A distribuição das faixas de escolarização e de idade é ainda objeto de discussão, pois Angola não possui uma distribuição comparável àquela dos outros países da família C-ORAL². Será portanto necessário conciliar as exigências de comparabilidade com os outros corpora com aquelas de representatividade da sociedade angolana. Em princípio, está sendo seguido o critério adotado no C-ORAL-BRASIL: três faixas de escolarização (1: até o primeiro grau incompleto; 2: até o terceiro grau, mas não usado na ocupação exercida; 3: superior) e cinco faixas etárias (M: menor de idade; A: até 25 anos; B: até 40 anos; C: até 60 anos; D: mais de 60 anos). A indicação do sexo é marcada com F (feminino) e M (masculino). Quando um dado é desconhecido, é marcado com 'X'.

Nos metadados aparece também a ocupação profissional e a origem específica dos falantes, além da descrição da situação, do lugar e do tópico da interação.

Tomou-se especial cuidado para que houvesse diversidade de falantes no minicorpus. Nenhum falante poderá ultrapassar 1.700 palavras. Se um falante aparece em mais de uma gravação, o que acontece em apenas dois casos, será considerada a soma das palavras, nunca superior a 1.700. Nas gravações algumas poucas vezes aparece também a fala dos pesquisadores (que são brasileiros com a exceção de um italiano). As palavras dos pesquisadores não serão levadas em conta na contagem mínima de palavras.

² O próprio C-ORAL-BRASIL modificou um pouco a indicação das faixas de escolaridade, pelo fato de o Brasil apresentar um quadro um pouco diferente daquele da realidade europeia.

6 OS TEXTOS

6.1 Monólogos

1. *Experiência de guerra*. O falante conta para os pesquisadores a própria experiência na guerra civil como responsável da artilharia no sul do país. Falante de Luanda: sexo M; idade C; escolaridade 2; ocupação: dono de um escritório de despachante. Qualidade acústica B (veja a seção 7 sobre a qualidade acústica).
2. *Passeio*. Um jovem do lugar acompanha um dos pesquisadores em uma rápida visita no centro de Calulo. Falante 1 de Calulo: sexo M; idade B; escolaridade 2; ocupação: auxiliar lingüístico do projeto. Falante 2 brasileiro: sexo M; idade B; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Qualidade acústica AB.
3. *Monólogo no hotel*: A falante explica aspetos da própria profissão aos pesquisadores. Falante 1 de Calulo: sexo F; idade D; escolaridade 2; ocupação: oficial de notário. Falante 2 brasileira: sexo F; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: professora universitária. Falante 3 italiano: sexo M; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Qualidade acústica AB.
4. *Saudade do Libolo*. Um falante da antiga elite colonial conta a própria parábola de vida ao pesquisador. Falante 1 de Calulo (que deixou aos 17 anos para Portugal e para onde voltou 20 anos depois): sexo M; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: contábil. Falante 2 italiano: sexo M; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Qualidade acústica AB.
5. *Na escola*. Dois pequenos monólogos de professores de escola em reunião com visitantes do projeto Libolo. Falante 1 de Gabela (Ambuim, Kwanza Sul): sexo F; idade B; escolaridade 2; ocupação: professora de ensino primário. Falante 2 de Kabuta (Libolo): sexo F; idade B; escolaridade 2; ocupação: professora de ensino pré-escolar. Falante 3 de Calulo: sexo F; idade B; escolaridade X; ocupação: professora. Falante 4 de Calulo: sexo M; idade C; escolaridade 2; ocupação: professor de ensino primário. Falante 5 brasileiro: idade C; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Qualidade acústica B.
6. *Passeio na fazenda*. (Kabuta) O falante conta uma história de guerra acontecida no lugar. Falante de Calulo: sexo M; idade B; escolaridade 3; ocupação: funcionário do município. Qualidade acústica: A.
7. *No Kissingo*. Falante de Calulo: sexo F; idade A; escolaridade 2; ocupação: supervisora de compras na fazenda. Qualidade acústica C.

6.2 Diálogos

1. *Atendimento médico 1*. Um médico atende alguns pacientes. Falante 1 de Lubango (Huila); sexo M; idade B; escolaridade 3; ocupação: médico. Falante 2 de Calulo: sexo F; idade M; escolaridade 1. Qualidade acústica AB.
2. *Atendimento médico 2*. O médico é o mesmo do *Atendimento médico 1*. Falante 1 de Lubango (Huila); sexo M; idade B; escolaridade 3; ocupação: médico. Falante 2 de Calulo: sexo F; faixa etária M; escolaridade 1. Qualidade acústica AB.
3. *Pasteleiros*. Dois confeitores que trabalham em um restaurante preparando pães e bolos a serem servidos em um evento no dia seguinte. Falante 1 de

- Calulo; idade: B; escolaridade: 1; ocupação: confeitiro. Falante 2 de Calulo; idade: B; escolaridade: 2; ocupação: confeitiro. Qualidade acústica AB.
4. *Balneários*. Duas faxineiras limpam os vestiários do estádio de Calulo depois de um jogo de futebol. Falante 1 de Calulo: idade B; escolaridade 1; ocupação: faxineira do clube Libolo. Falante 2 de Kabuta (Libolo): idade B; escolaridade 1; ocupação: faxineira do clube Libolo. Qualidade acústica BC.
 5. *Lavando o carro*. Dois jovens de Calulo lavam carros a pagamento no Rio de Calulo. Falante 1 do Quissongo (Libolo): sexo M; idade A; escolaridade 2; ocupação: lavador de carro. Falante 2 do Quissongo (Libolo): sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: lavador de carro. Qualidade acústica B. Durante a gravação outros lavadores de carro intervêm rapidamente. Qualidade acústica AB.
 6. *Cadastro no hospital*. Dois atendentes do hospital conversam entre si enquanto fazem cadastro dos pacientes. Falante 1 de Mussafo (Malanje); sexo: M; idade B; escolaridade 2; ocupação: atendente no hospital de Calulo. Falante 2 de Calulo; sexo: F; faixa etária B; escolaridade 2; ocupação: atendente no hospital de Calulo. Qualidade acústica AB. Alguns pacientes aparecem rapidamente na interação.
 7. *Mercado*. Uma cozinheira de restaurante vai ao mercado e negocia com uma vendedora. Falante 1 de Calulo; idade B; escolaridade 1; ocupação: cozinheira de restaurante. Falante 2 de Calulo; idade B; escolaridade 1; ocupação: vendedora no mercado de Calulo. Qualidade acústica AB.

6.3 Conversações

1. *Dominó*. Um grupo de jovens joga um jogo de dados típico da região, que é chamado de *dominó*, na frente da casa de um deles. Falante 1 de Calulo: sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 2 de Calulo: sexo M; idade M; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 3 de Calulo: sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 4: sexo M; idade M; escolaridade 1; ocupação: estudante. Qualidade acústica B.
2. *Lanche*. 5 Faxineiras lanchando em pausa do serviço. Falante 1 de Calulo: sexo F; idade B; escolaridade 2; ocupação: faxineira. Falante 2 de Calulo: sexo F; idade A; escolaridade 2; ocupação: faxineira. Falante 3 de Luanda: sexo F; faixa etária B; escolaridade X; ocupação: faxineira. Falante 4 de Calulo: sexo F; idade B; escolaridade 2. Falante 5 de Calulo: idade C; escolaridade 2; ocupação: faxineira. Qualidade acústica C.
3. *Discoteca*. Três jovens de Calulo conversam enquanto desmontam o equipamento de uma discoteca. Falante 1 de Calulo: sexo F; idade B; escolaridade 2; ocupação: secretária. Falante 2 de Calulo; sexo M; idade B; escolaridade 2; ocupação: dono de discoteca. Falante 3 de Calulo; sexo M; idade B; escolaridade 2; ocupação: colaborador linguístico do projeto. Qualidade acústica B.
4. *Montando os gols*. Três funcionários do Clube Recreativo Desportivo do Libolo montam pequenas traves para treinos de futebol. Falante 1 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: funcionário de serviços gerais. Falante 2 de Calulo; sexo M; idade B; escolaridade 1. Falante 3 da Uíge; idade C; escolaridade 1; ocupação: funcionário de serviços gerais. Qualidade acústica B.
5. *Funcionários da fazenda Cleonas*. Três funcionários da fazenda Cleonas conversam após o fim do expediente. Falante 1 de Calulo; sexo M; idade C;

- escolaridade 2; ocupação: administrador da fazenda. Falante 2 de Bangu-Uanga; idade D; escolaridade 1; ocupação: funcionário da fazenda. Falante 3 de Calulo; sexo M; idade D; escolaridade 1; ocupação: funcionário da fazenda.
6. *Conversa na escola*. Gravação realizada na escola da Missão Católica de Calulo, em um encontro com um professor brasileiro para discutir questões sobre a juventude em Calulo. Falante 1 de Calulo; sexo F; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 2 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 3 do Kwanza Norte; sexo F; idade M; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 4 de Dondo (mas mudou para Calulo no primeiro ano de vida); sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 5 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 6 de Calulo; sexo F; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 7 de Calulo; sexo M; idade A; 1; ocupação: estudante. Falante 8 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: estudante. Falante 9 brasileira; sexo F; idade A; escolaridade 2; ocupação: estudante. Falante 10 brasileiro; sexo M; idade C; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Qualidade acústica B.
 7. *Cozinha da pousada*. Falante 1 de Calulo: sexo F; idade C; escolaridade 1; ocupação: chefe de cozinha. Falante 2 de Calulo: sexo F; idade C; escolaridade 1; ocupação: camareira. Falante 3 de Calulo: sexo M; idade A; escolaridade 2; ocupação: garçom. Falante 4 de Calulo: sexo M; idade A; escolaridade 2. Qualidade acústica AB.
 8. *Embalando presentes*. Quatro amigas embalam presentes. Falante 1 de Calulo; sexo F; idade C; escolaridade 3; ocupação: conselheira e gestora hoteleira. Falante 2 de Luanda; sexo F; idade C; escolaridade 1; funcionária de serviços gerais no hotel. Falante 3 de Calulo; sexo F; idade C; escolaridade 1; ocupação: camareira de hotel. Falante 4 brasileira; idade C; escolaridade 3; ocupação: professora universitária. Qualidade acústica BC.
 9. *Papelaria*. Os dois donos de uma papelaria interagem com os clientes. Falante 1 de Calulo; sexo M; idade B; escolaridade X; ocupação: dono de papelaria. Falante 2 de Calulo; sexo M, idade B; escolaridade X; ocupação: dono de papelaria. Qualidade acústica B.
 10. *Cozinha na fazenda*. Conversa na cozinha do restaurante da Kabuta. Falante 1 da Kabuta; sexo M; idade B; ocupação: recepcionista. Falante 2 de Mucula dos Dambos; sexo F; idade B; escolaridade 1; ocupação cozinheira. Falante 3 do Libolo; sexo M; idade B; escolaridade 1; ocupação: cozinheiro. Falante 4 de XXX; idade X; escolaridade X; ocupação: dono do restaurante. Qualidade acústica B.
 11. *Soba*. O *Soba Grande* de Calulo recebe a equipe do projeto e, junto com tia Ká, explica como é eleito o Soba e como são a vida e a morte de um Soba. Dois professores estrangeiros intervêm para fazer perguntas e comentários. Falante 1 de Calulo: M; faixa etária D; escolaridade 1; ocupação: Soba. Falante 2 de Calulo; F; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: conselheira e gestora hoteleira. Falante 3 de Calulo (mas vive fora de Calulo desde os 19 anos de idade); M; faixa etária D; escolaridade 3; ocupação: professor universitário. Falante 4 brasileira; F; faixa etária C; escolaridade 3; ocupação: professora universitária. Qualidade acústica AB.
 11. *Volta no mercado*. Uma cozinheira e uma vendedora, que são amigas, dão uma volta nas várias lojas do mercado. Falante 1 de Calulo; faixa etária B; escolaridade 1; ocupação: cozinheira de restaurante. Falante 2 de Calulo; faixa etária B; escolaridade 1; ocupação: vendedora no mercado de Calulo.

Outros falantes: donos de outras lojas. Não estão disponíveis os dados sobre estes falantes. Qualidade acústica B.

12. *Cozinhando na fazenda*. Conversação durante a preparação do almoço na fazenda Cleonas. Falante 1 de Kabuta (Libolo): sexo M; idade B; escolaridade 2; ocupação: recepcionista do restaurante. Falante 2 Mucula dos Dambos (Libolo); idade B; escolaridade 1; ocupação: cozinheira. Falante 3 do Libolo; idade B; escolaridade 1; ocupação: cozinheiro. Falante 4 de X; idade X; escolaridade X; ocupação: proprietário do restaurante. Qualidade acústica B.
13. *Regando a grama*. Três funcionários do Clube Recreativo Libolo regam a grama depois do jogo. Falante 1 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: funcionários de serviços gerais. Falante 2 de Calulo; sexo M; idade A; escolaridade 1; ocupação: funcionários de serviços gerais. Falante 3 de Calulo; sexo M; idade B; escolaridade 1; ocupação: funcionários de serviços gerais. Qualidade acústica C.

7 A QUALIDADE ACÚSTICA

A qualidade acústica foi classificada nas opções A (melhor qualidade), AB, B, BC, C (pior qualidade aceita para o corpus). A avaliação leva em conta os seguintes critérios, com base na classificação de Raso (2012), integrada parcialmente com os critérios de Carrenho, Constantini, Barbosa (2017), considerando que este último trabalho classifica os áudios para finalidades diferentes das nossas:

- a) verificação da possibilidade de escuta;
- b) cálculo da relação sinal ruído do áudio, que deve ser feito em, no mínimo, dois pontos do arquivo (em trecho com maior presença de ruído e em trecho com menor concentração de ruído, escolhidos pela observação da forma de onda);
- b) verificação da possibilidade de cálculo da curva de frequência fundamental (f_0);
- c) verificação da possibilidade de cálculo dos dois primeiros formantes nas vogais;
- d) identificação das fricativas e de sua concentração de energia;
- e) verificação da presença de ruído de fundo;
- f) verificação da presença de trechos com sobreposição de voz.

Uma qualidade ideal deve permitir a análise dos formantes e uma curva de f_0 confiável para quase toda a gravação. Uma gravação com o mínimo de aceitabilidade deve permitir a extração da f_0 confiável para pelo menos 60% da gravação e ter uma boa resposta dos microfones. A tolerância é menor para os monólogos, média para os diálogos (que dependem fortemente da situação de gravação) e mais alta para as conversações (que, além de depender das características da situação, inevitavelmente levam a uma quantidade maior de sobreposições). É importante considerar que a variação situacional é objetivo prioritário do corpus, e portanto é inevitável aceitar gravações com qualidade acústica não ideal.

Apresentamos a seguir imagens em *Praat* (Boersma, Weenink 2018) através de duas figuras. A Figura 1 mostra um enunciado típico na qualidade muito alta (A) e alta (AB), e a Figura 2 mostra um enunciado típico nas outras qualidades. As imagens

ilustram principalmente a relação do sinal de voz com o ruído de fundo; os outros critérios levam à classificação específica dentro dos dois grandes grupos.

Mais especificamente, um áudio avaliado como de qualidade muito alta ou alta possui quase sempre uma qualidade apropriada para quase todo tipo de análise fonética, poucas sobreposições de voz, quase nenhum ruído de fundo, computação da f_0 possível em (quase) todo o arquivo, calculabilidade dos dois primeiros formantes das vogais, boa ou média identificação das fricativas e da concentração de energia das mesmas. A relação sinal-ruído do áudio é acima de 20 dB e frequentemente alcança ou supera 30 dB.

As qualidades média e baixa indicam um áudio com uma boa quantidade de trechos apropriados para a análise fonética e, no mínimo, 60% dos trechos com um cálculo confiável da f_0 . São possíveis algumas dificuldades na identificação das fricativas e, em alguns casos, no cálculo do F2 das vogais. A escuta é sempre clara, com exceções muito localizadas. As sobreposições podem ser frequentes, mas sem comprometer os critérios mínimos mencionados. A relação sinal-ruído de fundo pode variar muito abaixo dos 20 dB, chegando em alguns trechos a ser até inferior a 10 dB.

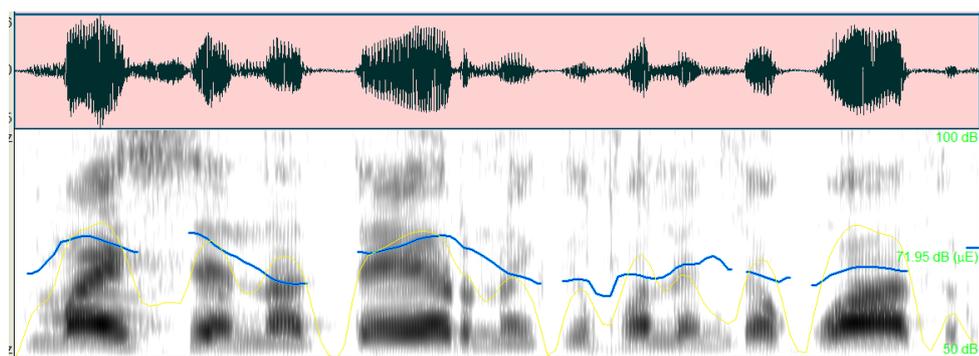


Figura 1 - Espectrograma de um enunciado com qualidade A ou AB

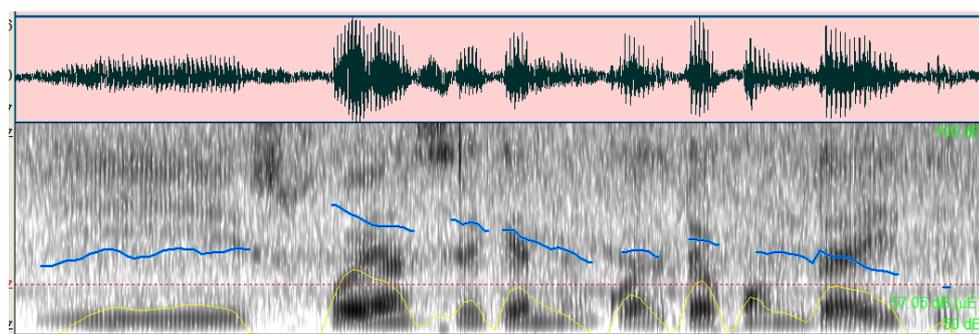


Figura 2 - Espectrograma de um enunciado com qualidade B, BC ou C

Contudo, em gravações como estas, a indicação da qualidade acústica deve ser tomada como uma síntese das características acústicas da gravação, e não necessariamente como uma referência constante. De fato, em contexto natural as condições acústicas são sujeitas a mudanças contínuas: dependendo das atividades, certos ruídos podem ser constantes ou não; em gravações com posição variável dos falantes o contexto acústico pode mudar rapidamente e constantemente; as sobreposições podem ser frequentes ou muito localizadas; as sobreposições podem

se concentrar em alguns trechos ou serem distribuídas ao longo da interação. Portanto, se em alguns casos o julgamento da qualidade acústica pode ser tomado como uma característica mais ou menos constante do texto, em outros casos o mesmo texto apresenta características acústicas muito variáveis, e a qualidade deve ser considerada mais como uma média aproximada de características, até muito diferentes, que coexistem no texto. Essa observação é importante para quem busca somente trechos de qualidade alta: o fato de a gravação ter sido etiquetada como de qualidade média ou baixa não significa que não possua trechos de qualidade alta.

8 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados serão tratados como nos casos dos outros corpora da família C-ORAL, tentando melhorar os aspectos qualitativos, como sempre tem ocorrido ao longo dos mais de dez anos de atividade do LEEL. As fases do tratamento dos dados são descritas em 8.

8.1 A transcrição

Os textos serão transcritos com base na lógica adotada principalmente nos corpora de italiano e de PB (Mello et al. 2012). Nesses corpora os critérios preveem que, a partir da base dos critérios ortográficos, sejam individualizados os fenômenos potencialmente em curso de gramaticalização e lexicalização, e que esses casos sejam transcritos não ortograficamente a fim de que possam ser recuperados automaticamente através de um *parser* (veja-se Bick 2012 e 2014).

Os critérios devem contudo garantir um equilíbrio entre exigências diversas: a legibilidade dos textos, a recuperabilidade dos fenômenos interessantes, as exigências do *parser*, a necessidade de consistência por parte dos segmentadores. Esta última exigência merece talvez uma explicação, que pode melhor ser oferecida através de um exemplo: o PB apresenta formas dos pronomes pessoais plenas e reduzidas em todas as pessoas; contudo, se é fácil distinguir com coerência as variantes da segunda e da terceira pessoa (tanto no singular quanto no plural) *você(s)/ocê(s)/cê(s)*; *ele(s)/e, es, ea(s)*, não parece possível manter coerência nas formas ditongada e variamente monotongadas da primeira pessoa singular, ou nas formas com a vogal e sem a vogal da primeira pessoa plural (quando *nós* pode ser pronunciado com variantes aproximadamente constituídas por uma sibilante precedida por uma nasalização); portanto se mantem sempre as formas *eu* e *nós*. Nas primeiras pessoas é muito difícil encontrar acordo entre os transcritores e até entre momentos diferentes do mesmo transcritor. Isso não contribui para a recuperabilidade do fenômeno e apenas gera confusão; portanto é melhor renunciar a preservar o fenômeno através de um critério não ortográfico.

No caso do corpus angolano os critérios adotados para o corpus de PB podem constituir uma boa base de partida, mas quase certamente deverão ser modificados em parte. De fato as duas variedades não compartilham todos os fenômenos que podem ser considerados potencialmente em curso de lexicalização ou gramaticalização; em alguns casos, formas que são candidatas interessantes a serem diferenciadas em PB podem ser transcritas ortograficamente na variedade angolana, a qual, por outro lado, apresentará outros fenômenos que merecem uma transcrição não ortográfica. As decisões a esse respeito podem ser tomadas somente depois de

uma primeira transcrição de diversos textos e com base em uma discussão que envolve todos os transcritores. Durante a fase de transcrição do C-ORAL-BRASIL, com sete transcritores, se chegou a fechar os critérios somente depois de cerca de seis meses. Provavelmente, dada a experiência adquirida, o processo para este corpus poderá ser mais rápido, mas devemos ser prudentes a esse respeito, considerando que a maioria dos transcritores não será falante nativa da variedade angolana do português.

8.2 A segmentação prosódica

É amplo o consenso na comunidade científica que um nível importante da organização da fala é constituído pelo agrupamento de poucas (às vezes apenas uma) palavras em unidades chamadas de unidades tonais, unidades entonacionais, grupos prosódicos ou com outras denominações (Barth-Weingarten 2016; Barbosa, Raso 2018; Izre'el et al. no prelo). A essas unidades, dependendo da teoria adotada, é atribuído um preciso valor funcional ou cognitivo. Essas unidades são separadas por fronteiras nitidamente perceptíveis pelos falantes (os testes mostram um acordo claramente superior a 80%, inclusive na fala espontânea). Na abordagem teórica que adotamos (que não é necessária para se utilizar o corpus), a unidade entonacional é tendencialmente isomórfica com a unidade informacional, incluindo a unidade que carrega a função ilocucionária. Portanto a segmentação prosódica é considerada essencial para os nossos estudos. Mas recentemente a segmentação prosódica tem se tornado quase a norma na compilação de corpora de fala espontânea (além dos corpora da família C-ORAL, vejam-se Du Bois et al. 2000-2005, Mettouchi et al. 2015, Izre'el e Rahav 2004, entre outros).

A segmentação prosódica, de fato, não é importante apenas para quem atribui valor funcional linguístico às unidades entonacionais, mas parece o elemento proeminente para identificar unidades necessárias para delimitar um âmbito de análise da sequência de fala, frequentemente chamadas de unidades de referência, do ponto de vista comunicativo na fala em contexto natural. De fato, nós precisamos construir as relações linguísticas para interpretar os enunciados, e segmentar a fala é crucial para isso. A segmentação feita apenas a partir de pausas é completamente inconfiável no caso da fala espontânea, como mostrado amplamente na literatura (Raso et al 2015; Mittmann e Barbosa 2016, entre outros). Por exemplo, uma sequência como *João vai pro Rio até amanhã* pode ser segmentada como um ou mais enunciados:

- João vai pro Rio (asserção ou pergunta, ou outro ato comunicativo) // até amanhã (despedida) //
- João (chamamento ou pedido de confirmação ou outro ato) // vai pro Rio até amanhã (ordem ou pedido de confirmação ou outro) //
- João (chamamento ou outro) // vai pro Rio (ordem ou outro) // até amanhã //

Esses exemplos mostram como é importante segmentar a fala para definir o âmbito em que acontecem as relações linguísticas. A mesma sequência sintático-semântica pode adquirir muitos valores comunicativos diferentes dependendo de informações que são de natureza exclusivamente prosódica e em que as informações de fronteira são decisivas, mesmo se se combinam como informações prosódicas de outra natureza.

Quanto à unidade que deve ser tratada como referência, ou seja como âmbito das principais relações linguísticas, alguns autores privilegiam a unidade entonacional (Mettouchi et al. 2015), outros uma unidade entonacional ou um conjunto delas que se conclua com uma fronteira de um tipo específico, ou seja, uma fronteira que carrega a percepção de conclusão (Izre'el no prelo; Cresti 2000). Para estes últimos, a percepção de fronteira deve ser acompanhada de um valor ilocucionário e da percepção de terminalidade para que se possa constituir uma unidade de referência. Essa é também a nossa proposta.

Portanto, na segmentação, distinguimos entre uma fronteira não terminal (/) e uma fronteira terminal (/ /). Dois outros símbolos completam a anotação prosódica: o símbolo (+) indica enunciado interrompido (seja por motivo interno ou externo ao falante) e o símbolo ([/n]) indica retratação (o número associado à barra entre colchetes indica o número de palavras retratadas).

8.3 O alinhamento do texto ao som

Os corpora de fala de terceira geração apresentam todos o alinhamento do texto ao som. Se na primeira geração se considerava suficiente trabalhar nas transcrições, e se na segunda geração o áudio acompanha as transcrições porém sem nenhum alinhamento, agora se considera essencial que o som seja alinhado ao texto para que a fala possa ser realmente estudada (Mello, 2014). De fato, somente nesse caso podemos utilizar as informações veiculadas pelo canal sonoro tantas vezes quanto acharmos necessário e com extrema facilidade. Não podemos esquecer que a fala é um processo, e não um produto como a escrita; a fala, portanto, desaparece imediatamente, e a única maneira para observá-la é repetir através de meios tecnológicos o processo dela. Anexar o áudio a um corpus transcrito, sem o alinhamento, não produz uma diferença significativa para o estudo da fala, que de fato continuará a se basear somente, ou quase somente, na transcrição, ou seja, em um texto que tem sua origem na fala, mas que não é mais fala, mas sim escrita, tendo portanto perdido todas as informações do canal sonoro, *in primis* a prosódia (Linell, 2005).

8.4 A revisão

Uma vez transcrito, segmentado e alinhado, o corpus deverá ser revisado. As fases de transcrição e segmentação, por serem ambas de natureza perceptual, podem ser (e normalmente são) realizadas em concomitância. A revisão pode ser realizada depois dessa fase ou depois da fase de alinhamento, segundo o que se achar mais oportuno para o andamento do trabalho. Contudo a fase de revisão de transcrição e segmentação é delicada. Principalmente quanto à revisão da segmentação (mas, em medida menor, também quanto à fase de transcrição), a revisão normalmente não deve ser feita por todos os que participaram das primeiras fases. O corpus deve alcançar o maior grau possível de consistência, e nem todos temos a mesma percepção prosódica, a mesma capacidade de não atribuir à fronteira prosódica fenômenos perceptuais que podem ser devidos a outros objetivos que não são os de marcar fronteira (os casos mais clássicos são a confusão entre proeminência e fronteira e a confusão entre fronteira sintática e fronteira prosódica) e a mesma atenção na aplicação dos critérios de transcrição. É provável portanto que alguns componentes do grupo de pesquisa demonstrem uma maior sensibilidade para uma

tarefa ou para outra. Geralmente é aconselhável se utilizar um teste Kappa de Fleiss (1971) para definir a melhor estratégia para a fase de revisão, identificando os segmentadores com maior consistência. Normalmente uma única revisão não é suficiente e frequentemente são necessárias três ou quatro fases de revisão, para garantir que a fase de validação seja bem sucedida.

8.5 A validação estatística

Tanto a fase de segmentação quanto aquela de transcrição devem ser validadas. A validação da segmentação é principalmente uma validação prévia, ou seja, uma validação da capacidade dos segmentadores em realizar a sua tarefa. A validação das transcrições é principalmente uma validação *a posteriori*, ou seja, uma validação dos resultados alcançados.

No C-ORAL-BRASIL, um grupo de potenciais segmentadores (ou mais frequentemente apenas uma parte deles) foi considerado pronto somente depois de ter alcançado um acordo superior a 0,8 em um teste Kappa de Fleiss (1971). Antes das revisões a seleção foi mais rígida: não contava apenas o acordo geral, mas 0,8 era o objetivo mínimo não somente para o acordo geral mas também para o acordo relativo a cada tipo de fronteira (terminal e não terminal) (cf. Mello et al., 2012). Normalmente, o acordo para as terminais é significativamente maior do que aquele para não terminais. Por experiência, os dois acordos tendem a ser parecidos somente quando o resultado é especialmente bom. O acordo geral entre os revisores do C-ORAL-BRASIL foi de 0,86 (0,87 para as terminais e 0,86 para as não terminais), o que é considerado excelente.

Na validação das transcrições do C-ORAL-BRASIL foi necessário considerar em separado: (a) cada critério não ortográfico (que normalmente são muitos e constituem portanto um grupo amplo de validações); (b) os critérios ortográficos em conjunto; (c) a acurácia das marcas de fronteira (por exemplo a presença dos colchetes nas retratações e a real correspondência dos números associados às marcas prosódicas com as palavras realmente canceladas pelo falante); (d) a acurácia em marcar as palavras interrompidas (marcadas pelo símbolo '&' antes da palavra); (e) a quantidade de erros por enunciado (cf. Mello et al., 2012).

O C-ORAL-BRASIL se deu como objetivo que nenhum critério ultrapassasse 5% de erros. O grupo (a) normalmente é o mais desafiador, pois a quantidade de erros não é homogênea para todos os fenômenos, e porque a maior dificuldade para os transcritores reside exatamente na aplicação dos critérios não ortográficos. Se um ou mais dos critérios ultrapassarem esse limiar, o corpus inteiro deve ser novamente revisado, limitadamente aos critérios que apresentaram resultados insatisfatórios. O primeiro C-ORAL-BRASIL, dedicado à fala informal, não precisou de uma nova revisão após a validação, mas o segundo C-ORAL-BRASIL, dedicado à fala formal, a mídia e a telefone, precisou que os transcritores revisassem novamente todas as 300.000 palavras do corpus em busca de erros relativos a um pequeno grupo de fenômenos. Naturalmente, isso acarretou uma segunda fase de validação que garantisse que essa última revisão tivesse resolvido os problemas identificados na primeira validação.

A validação, dado o seu custo de tempo, não pode ser realizada no corpus inteiro, mas uma revisão devida a uma validação insatisfatória deve ser feita sobre o corpus inteiro, mesmo se limitadamente aos fenômenos com erros superior a 5%.

A metodologia seguida no C-ORAL-BRASIL é a seguinte: são extraídos aleatoriamente 10% dos enunciados de cada texto, e são analisados para cada um dos critérios. O que acontece nesses casos é que alguns critérios apresentam um número de ocorrência suficiente para uma avaliação considerada significativa dos erros (um mínimo de 50 ocorrências) e outros não. O primeiro grupo é portanto avaliado, tomando-se desde já uma decisão sobre a necessidade ou não de uma revisão posterior. Para todos os outros casos, se extraem novamente 10% de enunciados de cada texto (naturalmente não coincidentes com a primeira amostra) e se procede da mesma maneira. Pode acontecer de alguns fenômenos ainda não alcançarem uma quantidade de ocorrências significativa. Nesse caso é necessário distinguir entre aqueles que estão próximos desse limite e aqueles que são de frequência tão baixa que se deveria fazer a validação sobre o corpus quase inteiro. No primeiro caso se justifica um aumento tardio da amostra; no segundo provavelmente não.

Mas o mais importante é que o usuário do corpus saiba o grau de confiabilidade dos critérios para cada fenômeno. Se um usuário desejar, por exemplo, fazer uma pesquisa sobre as duas séries (plena e reduzida) de formas pronominais, ele deve saber qual é a margem de erro que o corpus apresenta e poder decidir se para seus objetivos é uma margem aceitável ou não. Contudo, os erros não são todos iguais. Por exemplo, no caso do C-ORAL-BRASIL, nós distinguimos entre as formas *vamos*, *vamo* e *vão*. Analogamente distinguimos entre formas verbais com normalização do sufixo verbal (tal como a alternância *es fazem/es faz*). Casos como o primeiro são fáceis de se buscar automaticamente. Qualquer problema na acurácia da transcrição pode facilmente ser resolvido pelo usuário do corpus. Bem diferente é o segundo caso, porque os lexemas aos quais o fenômeno se aplica são muitos e não previsíveis. Essa é uma outra reflexão a se fazer quando se avalia se é o caso ou não de assumir um certo custo em termos de tempo e trabalho humano para aperfeiçoar a transcrição. Um problema que pode facilmente ser enfrentado pelo usuário é naturalmente menos grave que um problema que o usuário não pode corrigir, e que, portanto, deve ser resolvido na fase de compilação do corpus.

8.6 A etiquetagem

O minicorpus angolano, assim como todos os minicorpora da coleção C-ORAL, será etiquetado informacionalmente com base na L-AcT (Moneglia, Raso 2014; Cresti 2000). A etiquetagem é um processo manual, realizado por etiquetadores treinados, e produz uma anotação que permite estudos sobre a estruturação informacional comparáveis entre as diversas línguas e entre as diversas tipologias textuais anotadas (para o PB e o italiano veja-se Panunzi, Mittmann 2014. Outros estudos estão em curso sobre o espanhol e o inglês americano). Já existe uma plataforma especializada para a consulta dos minicorpora anotados no laboratório LABLITA (Panunzi, Gregori 2011; <http://www.lablita.it/app/dbipic/>); em breve o laboratório LEEL permitirá a consulta também em uma plataforma própria.

9 CONCLUSÃO

Neste artigo apresentamos pela primeira vez o projeto de um corpus de fala espontânea do português angolano e os textos já gravados e que estão sendo tratados para a realização de um minicorpus de pelo menos 20 textos e 30.000 palavras (mas provavelmente mais) segmentado prosodicamente e etiquetado informacionalmente. Ainda não existe, até onde seja do nosso conhecimento, um corpus de fala espontânea do português angolano. Os dados que se tornarão disponíveis com a realização do corpus aqui anunciado, e já com o minicorpus, representam portanto uma contribuição importante para o estudo científico dessa variedade do português de maneira comparável com o PB, retratado nos corpora C-ORAL-BRASIL, e, mesmo se em medida menor, com o PE, retratado no corpus C-ORAL-ROM ou em outros corpora (Santos e Freitas 2008; Bettencourt Gonçalves e Veloso 2000; Bacelar do Nascimento 2001).

REFERÊNCIAS

- Bacelar do Nascimento F, editora. Português falado - documentos autênticos: gravações áudio com transcrições alinhadas. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões; 2001. [citado 17 dez. 2018]. Disponível em: http://clul.ulisboa.pt/equipa/fbacelar/portugues_falado_2001_nascimento.pdf
- Barbosa PA, Raso T. Spontaneous speech segmentation: functional and prosodic aspects with applications for automatic segmentation. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2018;26(4):1361-1396.
- Barth-Weingarten D. Intonation units revisited caesura in talk-in-interaction. Amsterdam: John Benjamins; 2016.
- Bettencourt Gonçalves J, Veloso R. Spoken Portuguese: geographic and social varieties. Proceedings of the Second International Conference on Language Resources and Evaluation. Volume II. Athens, Greece: National Technical University of Athens Press; 2000. p. 905-908.
- Bick E. A anotação gramatical do C-ORAL-BRASIL. In: Raso T, Mello H, editores. C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG; 2012. p. 223-254.
- Bick E. The grammatical annotation of speech corpora. Techniques and perspectives. In: Raso T, Mello H, editores. Spoken corpora and linguistic studies. Amsterdam: John Benjamins; 2014. p. 105-128.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer [programa de computador]. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2018. [citado 17 dez. 2018]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>.
- Carrenho JM, Constantini AC, Barbosa PA. Qualidade acústica para análises na fonética forense: construção de uma proposta de classificação. Comunicação ao XXIV Congresso Nacional de Criminalística, VII Congresso Internacional de Pericial Criminal, XXIV Exposição de Tecnologias Aplicadas à Criminalística.
- Cavalcante F, Ramos A. The American English spontaneous speech minicorpus: architecture and comparability. *CHIMERA: Romance Corpora and Linguistic Studies*. 2016;3(2):99-124. [citado 17 dez. 2018]. Disponível em: <https://revistas.uam.es/index.php/chimera/article/view/6507>.
- Central Intelligence Agency. The world factbook. [citado 5 out. 2018]. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2103.html>.

- Cresti E. *Corpus di italiano parlato*. Firenze: AccademiadellaCrusca; 2000. 2 Vols.
- Cresti E. Notes on lexical strategy, structural strategies and surface clause indexes in the C-ORAL-ROM spoken corpora. In: Cresti E, Moneglia M, editores. *C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken Romance Languages*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2005. p. 209-256.
- Cresti E, Moneglia M, editores. *C-ORAL-ROM: integrated reference corpora for spoken Romance Languages*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2005.
- Du Bois J W, Chafe WL, Meyer C, Thompson S, Santa Barbara Corpus of Spoken American English. Washington DC: Linguistic Data Consortium; 2000-2005.
- Fleiss JL. Measuring nominal scale agreement among many raters. *Psychological Bulletin*. 1971;76:378-382.
- Gregori L, Panunzi A. DB-IPIC: An XML database for informational patterning analysis. In: Mello H, Pettorino M, Raso T, editors. *Proceedings of the 7th GSCP International Conference. Speech and Corpora*. Florence: Firenze University Press; 2012. p. 121-127.
- Izre'el S. Syntax, prosody, discourse and information Structure: the case for unipartite clauses. A View from Spoken Israeli Hebrew. *Revista de Estudos da Linguagem*; no prelo.
- Izre'el S, Mello H, Panunzi A, Raso T, editores. In search for a reference unit of spoken language: a corpus driven approach. Amsterdam: John Benjamins; em preparação.
- Izre'el S, Rahav G. The corpus of spoken Israeli Hebrew (CoSIH); Phase I: the pilot study. In: Oostdijk N, Kristoffersen G, Sampson G, editors. *LREC 2004 Sattelite Workshop, Fourth International Conference on Language Resources and Evaluation: Compiling and Processing Spoken Language Corpora*. Lisbon, Portugal. Paris: ELRA - European Language Resources Association; 2004. p. 1-7.
- Linell P. *The written language bias in linguistics*. New York: Routledge; 2005.
- Mello H. Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation. The case of C-ORAL-BRASIL. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies*. Amsterdam: John Benjamins; 2014. p. 27-68.
- Mello H, Raso T, Mittmann M, Vale H, Côrtes P. Transcrição e segmentação prosódica do corpus c-oral-brasil: critérios de implementação e validação. In: Raso T, Mello H, editores. *C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG; 2012. p. 125-174.
- Mettouchi A, Vanhove M, Caubet D, editores. *Corpus-based studies of lesser-described languages: the CorpAfroAs corpus of spoken Afro Asiatic languages*. *Studies in Corpus Linguistics* 68. John Benjamins: Amsterdam-Philadelphia; 2015.
- Mittmann MM, Barbosa PA. An automatic speech segmentation tool based on multiple acoustic parameters. *CHIMERA: Romance Corpora and Linguistic Studies*. 2016;3(2):133-147.
- Mittmann MM, Raso T. The C-ORAL-BRASIL informationally tagged minicorpus. In: Mello H, Panunzi A, Raso T. *Pragmatics and prosody: illocution, modality, attitude, information structure and speech annotation*; 2011. p. 151-183
- Moneglia M. 2005. The C-ORAL-ROM resource. In: Cresti E, Moneglia M, editors. *C-ORAL-ROM: Integrated reference corpora for spoken romance languages*. Amsterdam: John Benjamins; 2005. p. 1-70.

- Moneglia M, Raso T. Notes Language into Act Theory (L-AcT). In: Raso T, Mello H, editors. In: Spoken Corpora and Linguistic Studies. Amsterdam: John Benjamins; 2014. p. 468-495.
- Nicolas Martinez C, Lombán M. Mini-Corpus del español para DB-IPIC. CHIMERA. Romance Corpora and Linguistic Studies. No prelo.
- Panunzi A, Gregori L. DB-IPIC. An XML database for the representation of information structure in spoken language. In: Mello H, Panunzi A, Raso T, editors. Pragmatics and prosody. Illocution, modality, attitude, information structure and speech annotation. Florence: Firenze University Press; 2011. P. 19–37.
- Panunzi A, Mittmann MM. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese In: Raso T, Mello H, editors. Spoken corpora and linguistic studies. Amsterdam: John Benjamins; 2014. p. 129-151.
- Raso T. O corpus C-ORAL-BRASIL. In: Raso T, Mello H, editores. C-ORAL-BRASIL I Corpus de referência do português brasileiro falado informal; 2012. 55–90.
- Raso T, Mello H, editores. C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG; 2012.
- Raso T, Mello H. C-ORAL-BRASIL: description, methodology and theoretical framework. In: Tony Berber Sardinha T, São Bento TL, editors. Working with Portuguese Corpora. London-New Delhi-New York-Sydney: Bloomsbury; 2014. p. 257-278.
- Raso T, Mello H, editores. C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro da fala formal em contexto natural, de mídia e de telefone. Em preparação.
- Raso T, Mittmann MM. As principais medidas da fala. In: Raso T, Mello H, editores. C-ORAL-BRASIL I. Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 177-220.
- Raso T, Mittmann MM, Oliveira A. O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala. Revista de Estudos da Linguagem, v. 23; 2015. p. 883-922-922. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/9536/8799>.
- Raso T, Soares E, Miranda I. Um minicorpus de fala telefônica do português brasileiro etiquetado informacionalmente; em preparação.
- Santos F, Freitas T. CORP-ORAL: Spontaneous speech corpus for European Portuguese. In: Proceedings of the International Conference on Language Resources and Evaluation, LREC; 2008. Disponível em: <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2008>.
- Simons GF, Fenning CD, editors. Ethnologue: languages of the world, languages of Angola, Twenty-first edition. Dallas, Texas: SIL International; 2018. Disponível em: www.ethnologue.com.

Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo: um estudo inicial de base prosódico-pragmática

*Discourse Markers in the Portuguese spoken in Angola,
Libolo's subvariety: an initial prosodic-pragmatic basis study**

Márcia Santos Duarte de Oliveira**
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Maria de Lurdes Zanoli***
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Giovana Merighi de Andrade****
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Neste trabalho apresenta-se uma descrição e análise iniciais de 'Marcadores Discursivos' (MDs) do português falado no Libolo (PLB), uma subvariedade do português falado em Angola. Os dados selecionados para a análise são parte do acervo do *Projeto Libolo* e os dados selecionados do chamado *Corpus 1*, especificamente, integram um projeto de pesquisa de corpora orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção). O estudo de MDs no PLB é orientado pela teoria L-AcT que propõe que o fluxo da fala só pode ser propriamente analisado se for segmentado em enunciados (atos de fala) e unidades tonais (que correspondem a unidades de informação) que são

FLP20(esp)

* As autoras deste trabalho, pesquisadoras do *Projeto Libolo*, agradecem a Heliana Mello (UFMG), Tommaso Raso (UFMG), Giulia Bossaglia (UFMG) e Bruno Rocha (UFPA) – pesquisadores do *C-Oral-Brasil* e do grupo de pesquisa LEEL/UFMG (e também parceiros do *Projeto Libolo*) – que as introduziram às questões teórico-metodológicas ligadas à análise que se apresenta neste estudo por meio de *workshops* realizados entre os grupos de pesquisa: GELIC/USP, LEEL/UFMG e *Projeto Libolo* em 2017 e 2018. Estendem seus agradecimentos ainda: (i) a Carlos Figueiredo (UMAC) por comentários pessoais sobre 'Marcadores Discursivos' (MDs) no português do Libolo e por todo o apoio oferecido durante os trabalhos de campo de Márcia Oliveira no Libolo/Angola em (2013), (2016), (2017) e (2018) extensivo a Giovana Merighi que esteve em trabalho de campo no Libolo em julho de 2018; (ii) a João Alberto A. Pereira pela atenção em 'traduzir' trechos da fala do 'filho do soba' (*corpus 1* deste trabalho). No entanto, as autoras ratificam ser de inteira responsabilidade a análise sobre MDs no português falado no Libolo que se apresenta neste trabalho e ainda os possíveis problemas ligados a ela.

Agradecem, ainda: (i) ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq) pela Bolsa de Produtividade (Processo: 306848/2018-0) da Prof^a. Márcia Santos Duarte de Oliveira e pela bolsa PIBIC (2018/2019) de Iniciação Científica de Giovana Merighi de Andrade; (ii) à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES), Código de Financiamento 001, pela bolsa de doutorado de Maria de Lurdes Zanoli.

** Professora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; marcia.oliveira@usp.br

*** Doutoranda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; maluzanol@yahoo.com.br

**** Graduanda em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; giovanamerighi@usp.br

guiados por parâmetros prosódicos. Dessa forma, é possível a identificação de MDs que correspondem a unidades de informação dialógica e que carregam funções diferentes por estarem submetidos a condições prosódicas distintas – ver, entre outros, Moneglia e Raso (2014, p. 469), Raso (2014, p. 411). Assim, neste trabalho, a partir de critérios prosódico-pragmáticos, são descritos e analisados os MDs *tás a ver*, *eh pa*, *ya* e *Júlia* que atestam as seguintes funções: ‘Conativa’ (CNT), ‘Expressiva’ (EXP), ‘Fática’ (PHA) e ‘Alocutiva’ (ALL). MDs ‘alocutivos’ pertencem à categoria chamada de ‘vocativos’, que não são analisados como MDs em estudos fora da L-AcT. No trabalho, a ocorrência do MD *ya* na fala do português de Angola, e especificamente na fala do Libolo, é creditada ao contato linguístico entre falantes de português angolano e falantes de alemão.

Palavras-Chaves: Marcadores discursivos. Análise prosódico-pragmática. Português falado em Angola. Subvariedade português do Libolo.

Abstract: In this paper we present an initial description and analysis of discursive markers (MDs) of Portuguese spoken in Libolo (PLB), a subvariety of Portuguese spoken in Angola. The data for the analysis are part of the *Libolo Project* collection and the data selected from the so-called *Corpus 1*, specifically, integrate an oral corpora research project for the study of spontaneous speech that is called *C-Oral-Angola* (under construction). The study of MDs in PLB is guided by the theory L-AcT that proposes that the flow of speech can only be properly analyzed if it is segmented into utterances (speech acts) and tonal units (that correspond to units of information) that are guided by prosodic parameters. In this way, it is possible to identify MDs that correspond to units of dialogic information and that carry different functions because they are subject to different prosodic conditions - see, among others, Moneglia e Raso (2014, p. 469), Raso (2014, p. 411). Thus, in this work, from the prosodic-pragmatic criteria, the MDs *tás a ver*, *eh pa*, *ya* and *Júlia* are described and analyzed, attesting to the following functions: ‘Conative’ (CNT), ‘Expressive’ (EXP), ‘Phatic’ (PHA) and ‘Allocutive’ (ALL). ‘Allocutive’ MD belong to the category called ‘vocatives’ which are not analyzed as MDs in studies outside of L-ACT. In the work, the occurrence of MD *ya* in the speech of the Portuguese of Angola, and specifically in the speech of Libolo, is credited to the linguistic contact between Angolan Portuguese speakers and German speakers.

Keywords: Discursive markers. Prosodic-pragmatic analysis. Portuguese spoken in Angola. Subvariety Libolo’s Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa que versa sobre ‘Marcadores Discursivos’ (MDs), baseamos-nos em corpus do português falado em Angola, subvariedade de português falado no Libolo. O corpus específico em que se centra o trabalho é parte de um novo e particular banco de dados do *Projeto Libolo*: o ‘corpus mínimo do Libolo’ – *C-Oral-Angola* – que está sendo construído em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*.

Angola é um país plurilíngue localizado na região centro-sul africana. Entre os grupos etnolinguísticos de Angola, destacamos: os ambundos (que falam quimbundo), os ovimbundos (que falam umbundo), os bakongos (que falam quicongo), os herero (que falam herero), os chokwe (que falam chokwe). Neste

trabalho, a área linguística enfocada é a região de fala bilíngue quimbundo-português, localizada na Província do Kwanza Sul e especificamente no Município do Libolo¹.

O Libolo, que é um município que se localiza à margem sul do rio Kwanza na Província do Kwanza Sul, é composto por quatro comunas administrativas (distritos): Calulo, Munenga, Cabuta e Quissongo. O município tem uma população de cerca de 87.244 habitantes que são, majoritariamente, ambundos que falam quimbundo e português L1/L2². A região do Libolo, que encontra-se em confluência com regiões de falantes de outras variedades de quimbundo (kissama e kibala), insere-se na área linguística banta: zona H23, que é área de transição para a zona R10 (Gutherie, 1948; Lewis; Simons; Fennig, 2015). Segundo Figueiredo e Oliveira (2013, p. 118-119), a área linguística do Libolo conflui também com a área dos songos (um dos subgrupos do povo ovimbundo, que fala umbundo) – para detalhes sobre o município do Libolo, ver: Figueiredo e Oliveira (2013, p. 118-119); Figueiredo (2016, p. 49); entre outros.

A seguir, no mapa da figura 1, localizam-se: (i) o município do Libolo e sua posição geográfica no estado angolano; (ii) os países que fazem fronteira com Angola: Congo (Brazzaville), Congo Democrático (Kinchasa), Zâmbia, Botswana e Namíbia – área centro-sul africana:



Fonte: Figueiredo (2016, p. 20)

Figura 1: Município do Libolo.

O *Projeto Libolo* – em que o estudo apresentado neste trabalho encontra-se diretamente ligado – foi oficializado em 2013 por meio de viagem de campo ao Município do Libolo (Estado do Kwanza Sul, Angola) de dez pesquisadores

¹ A língua quimbundo é falada nas seguintes províncias de Angola: Bengo, Kwanza Norte, grande parte de Luanda, partes do Kwanza Sul e em partes do Malanje.

² Embora não centremos nosso estudo em apresentar possíveis ‘influências’ da língua quimbundo no português falado no Libolo, ou no português falado no Brasil, é importante dizer que o quimbundo não só é parte de um conjunto de mais de 40 línguas que foram introduzidas no Brasil colonial via o tráfico negreiro, mas trata-se ainda, segundo Bonvini (2008, p. 59), do ‘estágio primeiro e generalizado’ de uma língua africana falada no Brasil no século XVI (e possivelmente em parte do XVII). O quimbundo foi ‘gramaticizado’ por meio de uma gramática escrita fora de Angola, no Brasil (e publicada em Lisboa), pelo sacerdote jesuíta Pedro Dias. Trata-se da *Arte da língua de Angola*, datada de 1697 – ver Dias (1697[2006]). Para mais detalhes sobre a gramática de Dias (1697) e o quimbundo que foi falado no Brasil – ver Rosa (2013).

integrados ao projeto e de cinco pesquisadores colaboradores pontuais – ver Figueiredo e Oliveira (2016, p. 45)³. Este projeto entrou em sua segunda fase em 2018 e, neste ano, implementaram-se as ações de pesquisa para a organização do *C-Oral-Angola* que espelha-se nos projetos *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* – ver respectivamente: Cresti e Moneglia (2005) e Raso e Mello (2012).

O *C-Oral-Brasil* (cuja orientação teórico-metodológica tem como objetivo maior o estudo do português brasileiro – centrado na manifestação da fala espontânea – por meio da compilação de um corpus de fala com arquitetura e critérios específicos – ver Raso e Mello (2012)⁴. O *C-Oral-Brasil*, na sua primeira fase, representa a diatopia mineira de fala informal – principalmente da região metropolitana de Belo Horizonte – relativa a contextos familiares/privados e públicos. Assim, no projeto *C-Oral-Brasil*, privilegia-se uma construção de corpus de fala orientada para a ‘linguística diassistêmica’ em que a(s) língua(s) é/são observada(s) não como sistema(s) unitário(s) mas como um grupo de sistemas e subsistemas – ver Mello (2014, p. 31-32); distinguem-se, portanto, as ‘variações’: diamésica, diatópica, diafásica e diastrática⁵. Heliana Mello e Tommaso Raso, coordenadores do *C-Oral-Brasil*, afirmam que a variação que se privilegia e que se busca representar estatisticamente no corpus é a variação diafásica por esta ser significativa na variação estrutural da fala. Assim, segundo Mello e Raso (2009, p. 22-23), a variação diafásica é:

a variação privilegiada na arquitetura em suas diversas ramificações: a divisão entre formal e informal; dentro do informal, a divisão entre contexto público e familiar/particular; dentro de cada contexto, a divisão em três tipologias interacionais diferentes: monólogo, diálogo e conversação; dentro de cada tipologia interacional, a máxima variação possível de situações comunicativas.

Importante ainda mencionar que os projetos *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* orientam-se pela Teoria da Língua em Ato, que é sumarizada na seção 2 deste

³ O projeto *Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, históricoculturais, antropológicos e sócio-identitários*, também conhecido como *Projeto Libolo*, é parcialmente financiado pela Universidade de Macau e por entidades privadas filantrópicas de Angola. Trata-se de um projeto internacional e multidisciplinar cujos pesquisadores intervêm, de forma articulada, em pesquisas nas áreas de Linguística, História, Antropologia, Filologia e Ações Pedagógicas. O *Projeto Libolo* está devidamente patenteado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento (R&DAO) da Universidade de Macau, sob o número de referência SRG011-FSH13-CGF, encontrando-se, desta forma, ao abrigo da vigente proteção de direitos autorais de propriedade intelectual designada por “Copyright © 2016, R&DAO University of Macau”.

⁴ A compilação do corpus de fala do Projeto *C-Oral-Brasil*: “[...] segue a arquitetura e critérios observados pelo projeto *C-ORAL-ROM* (Cresti; Moneglia, p. 2005), constituindo-se assim como seu quinto braço, somando-se às quatro línguas românicas europeias que o compõem: espanhol, francês, italiano e português europeu.” – Mello, Carvalho e Côrtes (2010, p. 110). Logo, o *C-Oral-Angola* promete ser o ‘sexto braço’ do *C-Oral-Rom* e o primeiro do grupo orientado para uma língua falada na África.

⁵ (i) *Variação diamésica* (a abordagem da variação que pretende designar a variável de meio e de canal como fatores que marcam a variação sociolinguística entre a fala e a escrita); (ii) *variação diatópica* (um corpus diatópico abarca diferentes variedades regionais de uma mesma língua); (iii) *variação diafásica* (a variação diafásica em uma dada língua pode ser atestada ainda por meio de diferentes ‘situações’ como os ‘registros formais’ que se diferem dos ‘registros informais’); (iv) *variação diastrática* (pelo tipo de variedade diastrática atestam-se variedades de falas de grupos sociais específicos).

trabalho. Como mencionado acima, o *C-Oral-Angola* (em construção) espelha-se na arquitetura e critérios específicos de compilação de corpus de fala espontânea delineados pelo *C-Oral-Brasil*. Assim, na seção 3 deste trabalho, apontam-se mais alguns detalhes sobre a ‘linguística diassistêmica’ que tem orientado a metodologia para a apreensão e organização do corpus de fala espontânea ‘português falado no Libolo’.

Como mencionado, no *Projeto Libolo*, busca-se a compilação de um corpus de fala espontânea com arquitetura e critérios específicos por meio dos esforços de pesquisadores ligados do projeto *C-Oral-Angola*. A implementação desse corpus (em andamento) já se mostra bastante eficiente em auxiliar os pesquisadores na tarefa de descrever e analisar fenômenos do português falado no Libolo (PLB) que encontra-se em contato direto com a língua quimbundo. Quanto ao PLB, é importante dizer que pesquisadores têm ratificado, a partir dessa subvariedade, que o português falado em Angola já possui identidade própria⁶. Assim, neste trabalho, objetiva-se contribuir com a ampliação da descrição e análise da subvariedade PLB por meio de um estudo inicial de MDs.

Este trabalho está dividido em três seções além desta introdutória e finaliza-se com uma seção dedicada às considerações finais, seguida das referências bibliográficas. Na seção dois, são resenhados alguns aspectos do referencial teórico que serve de orientação para o estudo de base prosódico-pragmática de um conjunto de MDs; na seção três, descrevem-se as questões metodológicas envolvendo o corpus da pesquisa; a seção quatro é dedicada à descrição e análises iniciais dos seguintes MDs no PLB: *tás a ver, eh pa, ya* e *Júlia*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Raso (2014) – que é o trabalho que norteia o estudo acerca de ‘Marcadores Discursivos’ apresentado neste estudo – introduz um ponto de vista inovador no tratamento de MDs centrado na Teoria da Língua em Ato (L-AcT). Assim, nesta subseção, resumem-se alguns pontos centrais da L-AcT a fim de se ratificar a relevância dessa teoria, aliada à metodologia de corpus de fala, para os estudos sobre MDs.

2.1 A Teoria da Língua em Ato

Há certo consenso entre os pesquisadores de que MDs podem ser definidos como itens lexicais (e sintagmáticos) que: (i) não atestam significado semântico e morfossintático ‘originais’; (ii) não participam da semântica e sintaxe da enunciação; (iii) apresentam distribuição livre; (iv) recebem diferentes funções pragmáticas (textuais ou metatextuais) – Raso (2014, p. 412). Em Risso, Oliveira e Silva e Urbano (2015) – que é um estudo inserido dentro do arcabouço da Linguística Textual-

⁶ Em Figueiredo e Oliveira (2013, p. 175), advoga-se a hipótese de “especificidade do português angolano”: “[...] confirmou-se um quadro de mudança consumada [...] que [...] concede evidências para que se reclame uma identidade própria [...]. Desta forma, sugere-se que, a exemplo do que vem acontecendo no Brasil, se olhe para a verdadeira identidade do português angolano e se passe a refletir as suas reais especificidades de uso [...]”

Interativa⁷ com base em corpora do Projeto *Norma Urbana Culta* (NURC), essas características de MDs podem ser atestadas. No entanto, Raso (2014, p. 462, tradução nossa) aponta que, nesses estudos prévios,

[...] não há concordância acerca das funções ou números de MDs e não há concordância especialmente em como identificar MDs. Logo nenhuma solução é apresentada sobre como prever MDs e sobre como identificar suas funções específicas na literatura corrente.

Assim, Raso (2014, p. 462, tradução nossa) conclui que:

[...] esses conflitos não podem ser resolvidos dentro do paradigma tradicional pelo fato desses estudos não integrarem duas recentes e importantes aquisições dos estudos pragmáticos que devem ser considerados como primeiro nível na análise da fala: a teoria da ilocução e a análise da estrutura informacional.

Uma teoria sobre a ‘ilocução’ e a ‘estrutura informacional da fala’ é atestada no modelo Teoria da Língua em Ato, “... centrado em um longo período de observação e estudos de corpora de fala espontânea que proporcionou generalizações progressivas na organização da estrutura da fala”⁸. Questões teórico-metodológicas do modelo L-AcT – uma extensão da Teoria dos Atos de Fala proposta pelo filósofo inglês John L. Austin – Austin (1962) – foram apresentadas por Cresti (2000). Segundo Mello, Carvalho e Côrtes (2010, p. 110), na L-AcT, aponta-se

[...] o enunciado como a unidade linguística mínima que pode ser pragmaticamente interpretada, à qual necessariamente se associa uma ilocução. Por ilocução, entende-se uma das três partes do ato de fala austiniano, a qual diz respeito ao tipo de ação realizada através da língua (se asserção, se expressão, se direção, etc.) com o objetivo de atingir, de uma forma determinada, o interlocutor. As outras partes do ato de fala, a perlocução e a locução, também se manifestam em todo enunciado; a perlocução, por se referir à motivação mínima do falante a iniciar um ato de fala; a locução, pelo fato inerente a todo enunciado de ser dotado de conteúdo locutivo.

Ratifica-se, portanto, segundo a L-AcT, que: (i) o enunciado é a unidade mínima discursiva interpretada pragmaticamente⁹; (ii) o enunciado é a unidade de referência para os estudos da fala em que se levam em conta aspectos prosódicos e ilocucionários e não sintáticos. A sentença é considerada a unidade de referência da escrita já que esta não define satisfatoriamente fenômenos típicos da fala¹⁰ – para detalhes, ver, entre outros, Raso (2013, p. 27), Mello (2014, p. 54).

⁷ Sobre a perspectiva da Linguística Textual-Interativa, ver Jubran (2015).

⁸ Raso (2014, p. 417, tradução nossa).

⁹ Ver, entre outros, Raso (2013, p. 28).

¹⁰ Nos diversos modelos teóricos, a análise sentencial é baseada em uma relação de sujeito-predicado; o predicado é comumente realizado por meio de um núcleo verbal. Assim, *grossa modo*, a sentença é vista como uma projeção máxima de categorias funcionais de um verbo – ver, entre outros (em estudos de Gramática Gerativa), Chomsky (1995). No entanto, em projetos entrados em corpora de fala espontânea, como o *C-Oral-Brasil* (e o *C-Oral-Angola*), a ‘sentença’, embora seja contada, tem

Rocha e Raso (2013, p. 43) explicitam acerca das “quebras prosódicas” – “unidades tonais” – que permitem que um dado enunciado seja detectado:

A divisão do continuum da fala em enunciados é feita com base em quebras prosódicas (variações prosódicas perceptíveis a qualquer falante competente de uma língua): quebras de perfil terminal [...] assinalam fronteiras de enunciado, enquanto quebras de perfil não terminal estabelecem as unidades internas do enunciado [...].

Observe os exemplos¹¹:

- (1)
- *FLA: *cê num quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não//*¹²
Você não quer comprar uma coisinha que espirra para o seu banheiro//
- *REN: *trenzinho que espirra//*
Uma coisa pequenininha que espirra//
- *FLA: *é/ aquele que a gente tem no nosso//*
sim/aquela coisa que a gente tem no nosso//
- *REN: *ah// cês usam //*
ah// vocês usam (isso)

Por meio da fala transcrita em (1) – que pertence ao *C-Oral-Brasil* –, percebe-se que, em termos de sua organização prosódica, os enunciados podem ser do tipo simples ou compostos. Ratifica-se que: “Eles são simples quando são realizados por uma única unidade prosódica e compostos quando mais de uma unidade prosódica são ligadas por sequências não terminais” – Moneglia e Raso (2014, p. 473, tradução nossa).

As ‘quebras prosódicas’, ‘unidades tonais’ (UTs), são representadas nas transcrições das falas em (1) pelos símbolos:

- (i) [/] (quebra de perfil prosódico ‘não terminal’);
 (ii) [//] (quebra de perfil prosódico ‘terminal’).

Assim, na primeira fala de *FLA em (1) – *cê num quer comprar um trenzinho que espirra pro seu banheiro não//* – e na primeira fala de *REN em (1) – *trenzinho que*

frequência baixíssima. Logo, “... não pode ser considerada quantitativamente significante para definir um fenômeno de fala típico.”- Mello (2014, p. 54, tradução nossa).

¹¹ Raso (2014, p. 414; dado (1)). Por simplificação omitiu-se a sigla referente aos metadados. A abreviatura que segue o símbolo (*) marca o nome do falante. A tradução livre, em itálico, que está em inglês no original, foi versada para o português. Todos os dados de Raso (2014) apresentados neste trabalho seguem este formato de apresentação.

¹² Nos *C-oral*, como no *C-oral-Brasil* e *C-oral-Angola* (em preparação), busca-se, na transcrição, critérios primordialmente ortográficos (a fim de que se facilite a ‘leitura’ do corpus). No entanto, não se marca a pontuação nas transcrições de fala, pois a pontuação pertence a critérios da ‘diamesia escrita’. Corroborar-se, portanto, de acordo com a L-AcT, que a escrita não seja uma representação da fala (logo, não se assume a hipótese do ‘continuum fala-escrita’ em trabalhos dos *C-Oral*). Na apresentação dos corpora dos *C-oral*, prevê-se que a transcrição possa ser ‘checada’ por um áudio em que se pode captar a ‘prosódia’ do enunciado, como, por exemplo se ele é do tipo assertivo, exclamativo, etc. Neste trabalho, por questões de simplificação, áudios das transcrições não são apresentados. Assim, por exemplo, nessa primeira fala de *FLA, expressa-se um ‘ato de fala’ do tipo interrogativo. Na primeira fala de *REN, um ‘ato de fala’ do tipo interrogativo/exclamativo.

espirra//, exemplificam-se enunciados simples em que o símbolo [//] indica a ocorrência de uma única UT e do tipo ‘terminal’. Diferentemente, na segunda fala de *FLA em (1) – *é/ aquele que a gente tem no nosso//* – exemplifica-se um enunciado composto, realizado por duas UTs: uma de ocorrência ‘não terminal’ que é marcada pelo símbolo [/] e outra de ocorrência ‘terminal’, marcada pelo símbolo [//]. Na segunda fala de *REN em (1) – *ah// cês usam //* – são atestadas dois enunciados simples. Os símbolos [//] indicam a ocorrência de duas UTs de tipo ‘terminal’ que são: (i) *ah//* e (ii) *cês usam//*.

A segmentação prosódica de um texto é realizada durante sua transcrição já que tanto a tarefa de transcrever quanto a de segmentar a fala em UTs é de natureza perceptual – para detalhes sobre os procedimentos adotados na anotação e validação da segmentação em UTs, ver Mello (2014, p. 52-57), Mello et al (2012, p. 148-149), entre outros.

Como se atesta em Mello et al. (2012, p. 129), pelo fato do sistema de segmentação estar baseado em critérios perceptuais, pesquisadores do *C-Oral-Brasil* realizam um processo rigoroso de validação que se dá através do método de testes e *feedback*. Assim, por meio de ‘acordo inter-juízes’, é medido o quanto o grupo está em concordância quanto à anotação das fronteiras prosódicas através da estatística Kappa – Cohen (1960), Fleiss (1971)¹³.

É importante ressaltar ainda que cada quebra prosódica (ou seja, cada UT) veicula uma unidade informacional, ou seja, uma unidade pragmática como ‘comentário’, ‘tópico’ e outras. Raso et al (2007, p. 150) apresentam exemplos de enunciados pelos quais chamam a atenção para o seguinte fato: um mesmo conteúdo locutivo, como por exemplo *João me ligou ontem*, poder ser executado de maneiras diferentes; com padrões entonacionais distintos apontando para estruturas informacionais específicas: (i) um enunciado simples com comentário (COM) que é a unidade informacional obrigatória em qualquer enunciado – como no exemplo (2); (ii) um enunciado composto com estrutura tópico (TOP)/comentário (COM) como no exemplo (3)), (iii) um enunciado composto com estrutura comentário (COM)-apêndice de comentário (APC) como no exemplo (4) – Raso et al (2007, p. 150)¹⁴:

(2) João me ligou ontem//=COM=

Como apontado pelos autores (op cit):

[...] o enunciado [...] é executado em uma única unidade tonal, correspondente, portanto, a uma unidade informacional de comentário, necessária e suficiente para veicular a força ilocucionária. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

¹³ De acordo com Fonseca, Silva & Silva (2007, p. 81): “Sempre que é preciso classificar um conjunto de dados num dado número de categorias, vários tipos de enviesamentos podem ocorrer. Com vista à sua minimização é frequente o recurso a mais do que um juiz para categorizar os mesmos dados, analisando-se posteriormente o seu grau de acordo e conseqüentemente a fiabilidade da classificação. Entre os vários índices de acordo inter-juízes mencionados na literatura, o coeficiente kappa (Cohen, 1960) é referido como o mais frequentemente utilizado quando as variáveis em estudo são nominais”.

¹⁴ Dados (1), (2) e (3), renumerados. As autoras deste trabalho inseriram os nomes das unidades informacionais, ensanduichados entre os símbolos [=], após a representação da UT sob enfoque. Para tal, seguem o modelo do *C-Oral-Rom* e *C-Oral-Brasil* sobre como marcar unidades informacionais na transcrição de uma fala.

A: Recebeu alguma notícia dos amigos que estão na praia?
 B: João me ligou ontem.

(3). João /=**TOP**= me ligou ontem//=**COM**=

Como apontado pelos autores (op. cit.):

[...] o enunciado [...] seria executado através de duas unidades tonais, uma de tópico e uma de comentário. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

A: Você tem notícias do João?
 B: João / me ligou ontem.

(4) JOÃO /=**COM**= me ligou ontem//=**APC**=

Como apontado pelos autores (op. cit.):

Aqui as maiúsculas em JOÃO tentam imitar a proeminência entonacional. Aqui também temos duas unidades entonacionais e, portanto, duas unidades informacionais; mas, contrariamente ao exemplo 3¹⁵, aqui a primeira unidade é uma unidade de comentário e a segunda, uma unidade de apêndice. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

A: Quem te ligou ontem?
 B: João / me ligou ontem.

Neste trabalho, na descrição e análise de marcadores discursivos, insere-se a etiqueta de unidade de informação apenas na unidade tonal que se pretende focar no exemplo, como COM, TOP e APC em unidades de informação em (2), (3) e (4) acima – ver nota 14. Em Moneglia e Raso (2014, p. 478-491), apresentam-se as principais unidades de informação (21 ao todo) etiquetadas dentro da L-AcT. No entanto, para os fins deste trabalho, chama-se a atenção para as unidades informacionais do tipo ‘dialógicas’, apontadas por Moneglia e Raso (2014, p. 486; 490) e detalhadas em Raso (2014).

2.2 A L-AcT e uma Nova Abordagem nos Estudos de Marcadores Discursivos

Para a L-Act, os MDs são unidades informacionais do tipo ‘dialógicas’, denominadas de ‘unidades dialógicas’ (UDs)¹⁶. No entanto, seguindo Raso (2014), as UDs são referidas neste trabalho como ‘Marcadores Discursivos’ por ser o nome mais conhecido na literatura em referência a essas unidades.

Como mencionado no início da subseção 2.1, não há concordância acerca das funções ou números de MDs e não há concordância especialmente em como identificá-los em trabalhos não centrados na L-AcT. No entanto, em Raso (2014), essas duas questões básicas são focalizadas; o autor (op. cit.) ratifica trabalhos prévios e argumenta que, embora os MDs não participem do conteúdo proposicional do enunciado, a L-AcT fornece condições de se predizer a ocorrência de um item lexical

¹⁵ No original, a numeração do exemplo é (2).

¹⁶ Ver Moneglia e Raso (2014, p. 486-490).

como MD através de restrições prosódicas. Essas restrições permitem também a predição da função específica que um dado MD transmite – Raso (2014, p. 412). Raso (2014) apresenta dois traços prosódicos importantes de MDs:

1. Essas unidades dialógicas são sempre separadas do resto do enunciado por uma perceptível quebra prosódica ‘não terminal’ independentemente da posição que o MD ocupe dentro da enunciação. “Isto significa que MDs estão sempre hospedados em uma unidade tonal exclusiva e que eles são sempre precedidos e seguidos por uma quebra prosódica” – Raso (2014, p. 415, tradução nossa).
2. MDs são alojados dentro de uma unidade tonal que não implementa por si só uma ilocução (um tipo específico de ‘ato de fala’); a ilocução realiza-se por meio de outra unidade tonal da enunciação em que o MD se insere. Assim MDs não são pragmaticamente e prosodicamente interpretáveis em isolado – Raso (2014, p. 414-416).

A seguir, exemplificam-se os traços prosódicos apontados acima por meio da categoria gramatical denominada de ‘interjeição’. Por definição, a ‘interjeição’ é um item não composicionalmente semântico nem sintático. No entanto, segundo Raso (2014, p. 413), a categoria ‘interjeição’ pode atestar duas funções comunicativas distintas: (i) a ‘interjeição’ pode ser um ato ilocucionário: “Quando ela (a interjeição)¹⁷ é uma ilocução, ela transmite uma função comunicativa por si mesma”¹⁸; (ii) a ‘interjeição’ pode ser um MD. Raso (op. cit.) exemplifica a questão por meio da ‘interjeição’ *ab* que é atestada nos exemplos abaixo – Raso (2014, p. 414-415)¹⁹:

- (5)* REN: **ah**//=COM= *cês usam* // =COM=
ab // *vocês usam (isso)* //
- (6)* REN: **ah**//=EXP= *mas esse é ruim* // =COM=
ab / *mas esse é ruim* //

Em muitos casos, como em (5), *ab* seria analisado como um MD. No entanto, *ab* em (5) é pragmaticamente interpretado em isolado; logo, trata-se de um ato ‘ilocucionário’ autônomo e não pode, portanto, ser analisado como um MD. Observe que *ab* (5) realiza-se como um enunciado simples em que o símbolo [//] indica um ato ilocucional que se realiza por meio de uma única UT do tipo ‘terminal’ – ver Raso (2014, p. 414). Essa UT tem função ‘comentário’ (COM): uma unidade prosódica que é o núcleo de uma enunciação por ter plena força ilocucionária – para detalhes sobre COM, ver Raso e Moneglia (2014, p. 473-478). A outra unidade tonal em (5) – *cês usam*// – também é do tipo ‘terminal’ com função informacional ‘comentário’.

Diferentemente, *ab* em (6) é um MD: não é pragmaticamente interpretável em isolado; aloja-se em uma UT exclusiva ‘não terminal’, precedido e seguido por quebras prosódicas; essa UT insere-se em uma enunciação composta por duas UTs:

¹⁷ A inserção da palavra ‘interjeição’ é das autoras.

¹⁸ Raso (2014, p. 413, tradução nossa).

¹⁹ Raso (2014, p. 414-415); dados (1) e (4) renumerados; apenas uma parte do dado (1) foi apresentada. Nas transcrições das falas, o negrito é das autoras que também inseriram o nome das unidades informacionais após as unidades tonais sob enfoque. Para detalhes sobre a apresentação dos dados neste trabalho, ver notas (11) e (14).

ab/ e mas esse é ruim//. Assim, a primeira UT da sequência em (6) é um MD; a segunda é um ‘comentário’.

Como mencionado, as restrições prosódicas de um dado item lexical permitem não apenas identificá-lo como um MD – como *ab* (6) – mas ainda classificar esse MD conforme sua função dentro do enunciado. Observe o excerto abaixo – Raso (2012, p. 110-111)²⁰ – em que se definem seis funções de MDs de acordo com a L-AcT – ver, ainda: Moneglia e Raso (2014, p. 490) e Raso (2014, p. 419-438):

As características das unidades dialógicas são as seguintes: i. o **fático** (PHA) sinaliza a simples abertura ou manutenção do canal através de um perfil prosódico sem movimento, com baixa duração e intensidade e, frequentemente, a escassa realização fonética do conteúdo locutivo [...]; ii. O **incipitário** (INP) sinaliza o começo do turno ou do enunciado, marcando um contraste (de natureza afetiva, não lógica) com o enunciado anterior, tem perfil ascendente-descendente com alta variação de F₀, curta duração e alta intensidade [...]; iii. O **conativo** (CNT) possui a função de induzir o interlocutor a cumprir uma ação ou a desistir dela, com perfil descendente, duração curta e intensidade alta [...]; iv. O **alocutivo** (ALL) serve para individualizar o interlocutor e principalmente para marcar a coesão social [...]; v. o **expressivo** (EXP) funciona como um suporte emotivo para o ato, também marcando a coesão social, com perfis entonacionais variados [...]; vi. O **conector discursivo** (DCT) sinaliza que a sequência informacional está em continuidade com a anterior, com perfil prosódico nivelado ou modulado, intensidade alta e duração longa.

Retomemos, portanto, ao MD *ab* (6). Seguindo Raso (2012, p. 111), é possível classificar *ab* (6) como um MD ‘Expressivo’ (EXP) pois essa unidade dialógica “[...] funciona como um suporte emotivo para o ato, também marcando a coesão social.” Segundo Raso (2014, p. 422-423), MDs ‘Expressivos’ como *ab* (6) apresentam um perfil prosódico de duração e intensidade médias.

A seguir, observe o caso da categoria gramatical conhecida como ‘vocativo’. Segundo gramáticos como Bechara (2006, p. 460),

desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2^a.p, pois por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos.

Apesar de gramáticos como Bechara (op. cit.) – e outros – apontarem para o aspecto prosódico de elementos vocativos, esses estudos centram-se em uma abordagem em que nem a prosódia nem a pragmática apresentam papel fundamental na análise. Em trabalhos linguísticos prévios abordando a temática MDs, e fora do escopo da L-AcT, ‘vocativos’ não estão inseridos no conjunto de classes de palavras que atuam como MDs²¹.

²⁰ O negrito na citação é das autoras.

²¹ Risso, Oliveira e Silva e Urbano (2015, p. 388-389) destacam como fonte gramatical dos MDs, verbos, advérbios, conjunções e ‘classes gramaticais diferentes’ – como expressões do tipo: “como vocês todos sabem”. No entanto, não atestam ‘vocativos’ como MDs.

Chama-se a atenção ainda para trabalhos centrados em abordagem fonológica autosegmental e métrica da entoação em que, até onde se saiba, também não se aborda a possibilidade da análise de ‘vocativos’ como MDs. Segundo Santos (2017, p. 62) – em um trabalho apresentado dentro desse modelo teórico – os vocativos em português

[...] podem transmitir pelo menos dois tipos de significados pragmáticos: o chamamento inicial (ou de saudação) e o chamamento de insistência (ou impaciente), este último produzido quando não se há resposta para o chamamento inicial (Frota et al., 2015a). Entoacionalmente, chamamentos em português europeu e brasileiro foram descritos, em uma abordagem fonológica autosegmental e métrica da entoação [...], apresentando duas melodias principais distintas: vocative chant (L+H* !H%) e low call (L+H* L%); no entanto, cada uma dessas variedades de português utiliza tais melodias, acompanhadas de combinações diferentes de alongamento silábico extra e variação da gama tonal, de forma distinta para expressar o mesmo significado pragmatic [...].

No entanto, de acordo com a L-AcT, certos elementos ‘vocativos’ podem ser classificados como ‘unidades dialógicas’. Observe os exemplos a seguir – Raso (2014, p. 425)²²:

(7) *FLA: **Rena** // =COM=

(8) *FLA: Vai esse / =COM= né / =PHA= **Rena** // =ALL
Nós pegamos este / certo / *Rena* /

O item *Rena* (7) é pragmaticamente interpretado em isolado; logo, trata-se de um ato ilocucionário autônomo e não pode, portanto, ser analisado como um MD. Observe que *Rena* (7) realiza-se como um enunciado simples em que o símbolo [//] indica a ocorrência de uma única UT e do tipo ‘terminal’. Trata-se de unidade informacional ‘Comentário’ (COM). Diferentemente, o item *Rena* (8) não é pragmaticamente interpretado em isolado, logo, não se trata de um ato ilocucionário. Observe que *Rena* (8) aloja-se em um enunciado composto e está inserido dentro de uma unidade tonal própria; é precedido e seguido por quebras prosódicas. Portanto, ao se atentar para suas características prosódicas, *Rena* (8) é um MD ‘Alocutivo’ (ALL) como se observa no dado apresentado por Raso (2014, p. 425).

‘Alocutivos’, como *Rena* (8), têm duas funções como se observa em Raso (2012, p. 110; 2014, p. 426): identificam o interlocutor e marcam coesão social. Raso (2014, p. 436-437) aponta o perfil prosódico de MDs ‘Alocutivos’ como *Rena* (8): têm perfil plano e mais usualmente perfil de queda; atestam curta duração, embora quando estão posicionados no fim do enunciado atestem uma duração mais longa. Há que se notar, no entanto, que, diferentemente de outros MDs, ‘Alocutivos’ não perdem seu valor lexical, pois eles são nomes próprios. Talvez esta seja a principal razão de vocativos não terem sido analisados como MDs em trabalhos fora do escopo da L-AcT.

²² Raso (2014, p. 425); dados (15) e (16), renumerados; os negritos são das autoras. Para detalhes sobre os dados, ver notas (11) e (13).

Observe também na fala transcrita em (8), repetida e renumerada em (9), a presença de outro MD, expresso pelo item lexical *né*²³:

(9) *FLA: Vai esse /=COM= **né**/=PHA= Rena//=ALL
Nós pegamos este/ certo/Rena//

A unidade dialógica *né* é analisada por Raso (2014, p. 425) como um MD ‘Fático’ (PHA). Como apontado no excerto acima – Raso (2012, p. 110), um MD ‘Fático’ sinaliza a abertura ou manutenção do canal através de um perfil prosódico sem movimento, com baixa duração e intensidade. Ainda, segundo Raso (2012, p. 110; 2014, p. 421), os MDs ‘Fáticos’ atestam, frequentemente, escassa realização fonética do conteúdo locutivo. Segundo Raso (2014, p. 421), o MD ‘Fático’ é o mais frequente dos MDs.

Neste trabalho, a ferramenta Praat é utilizada para a análise do perfil prosódico dos MDs no português falado no Libolo, que se apresenta na seção 4. O programa Praat foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink em 1992 – ver Boersma e Weenink (2009).

No entanto, antes de se introduzir a descrição e análise de MDs no PLB, discorre-se, a seguir, acerca das questões metodológicas do corpus da pesquisa.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Nesta seção apresentam-se aspectos metodológicos do estudo sobre ‘Marcadores Discursivos’ no português falado no Libolo. A análise de MDs do PLB foi baseada no que se denominou para esse estudo de *Corpus 1, 2 e 3*, que são parte do acervo do *Projeto Libolo* e resultado direto de trabalhos de campo em Angola nos últimos cinco anos. Os dados do *Corpus 1*, especificamente, integram um projeto de pesquisa de *corpora* orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção) – em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*. A seguir apresentam-se informações resumidas sobre cada corpus. Os metadados e outras informações detalhadas encontram-se no Anexo.

O primeiro corpus é um corpus de fala informal espontânea, de contexto público e de tipologia interacional ‘monólogo’²⁴ em que foi gravada a fala espontânea de um filho de ‘soba’. O sobado é definido como um conjunto de autoridades tradicionais angolanas que lideram alguns grupos étnicos como os *ambundos*. Para detalhes sobre os sobas, ver (entre outros) Souza (2018, p. 85-113). Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 1*.

A transcrição do monólogo *O filho do soba – Corpus 1* – gravado na aldeia da Quissaquina, atesta a segmentação em unidades tonais. Observe a transcrição de um dos enunciados desse texto falado:

²³ O negrito no MD ‘né’ é inserção das autoras.

²⁴ No *Projeto Libolo* em sua segunda fase, a construção de corpus da fala do português do Libolo orienta-se em conformidade com o *C-Oral-Brasil* que leva em consideração a ‘linguística diassistêmica’ como apresentado na subseção (1.2.). O *Corpus 1* é a primeira transcrição de um texto oral que se faz no âmbito do *C-Oral-Angola* (ver subseção (1.2.)).

- (10) *AL: // é tempo de guerra ainda mesmo / sítio as velha / te guardo kabucado²⁵ de sal no bolso pa ir te meter sítio que ele te guardou / tás a ver //
*Ainda é tempo de guerra/ no 'sítio as velha' (nome dado ao lugar onde pessoas eram ou são aprisionadas)/ eu te guardo um pouquinho de sal no bolso para ir meter no lugar onde te aprisionaram/ estás a ver //*²⁶

O segundo corpus é um corpus de fala informal ‘semiespontâneo’²⁷, de contexto público e de tipologia ‘diálogo’ em que foi gravada a conversa de dois jovens em uma suposta discussão. Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 2*. A transcrição do diálogo *Discussão de casal*, gravado em Calulo, atesta a segmentação em unidades tonais como se observa no enunciado abaixo:

- (11) *AL: E a Julinha acha que o postício / vale a pena comprar postício de que dar de comer às crianças //
E a Julinha acha que o postício²⁸/ vale a pena comprar postício de que dar de comer às crianças //

Um terceiro tipo de material, formado por um ‘conjunto de enunciados coletados em campo’ também integra o corpus deste trabalho. Na seção 4, a seguir, eles são inseridos a fim de se comprovar a argumentação acerca de elementos descritos como MDs. Esses dados são parte de pesquisas de campo de Márcia Oliveira e de Carlos Figueiredo – e fazem parte ainda do acervo do *Projeto Libolo*. Essas coletas específicas resultam: (i) de observação direta de ‘atos de fala’ no Libolo; (ii) da técnica conhecida como ‘elicitação formal’²⁹. Na seção 4, enunciados apreendidos desse corpus são referidos como *Corpus 3*.

O *Corpus 1* e o *Corpus 2* foram gravados no município do Libolo, Angola, em 2016 e são parte do acervo do *Projeto Libolo*. Os dados do *Corpus 3* foram coletados em trabalhos de campo individuais no Libolo e em Luanda nos anos de 2016, 2017 e 2018 por Márcia Oliveira e Carlos Figueiredo (como mencionado acima).

²⁵ *Kabucado*, ‘bocadinho’. *Ka-* é o prefixo de diminutivo no quimbundo e é realizado em várias palavras do português falado no Libolo.

²⁶ Agradecemos a João A. A. Pereira pela tradução livre desse enunciado em (10).

²⁷ Nos metadados desse *Corpus 2* no Anexo, explicita-se o que se chama de fala ‘semiespontânea’.

²⁸ Em Angola, chama-se *postício* (também pronunciado como ‘postição’) o aplique de cabelo. É muito comum ouvir-se a referência à ‘cabelo brasileiro’ já que as mulheres angolanas, em grande maioria, privilegiam ‘cabelos naturais’ importados do Brasil.

²⁹ A técnica de ‘elicitação formal’ consiste em ‘provocar’, em campo, a realização de algum(s) dado(s) a fim de que este(s) possa(m) ser ou não comprovado(s) pelo auxiliar linguístico. Para Bower (2010, p. 314; tradução nossa): “[...] o trabalho de campo é qualquer tipo de coleta de dados linguísticos em que o linguista usa informações de um conjunto de falantes interagindo uns com os outros em seu ambiente habitual”.

4 PARA UMA DESCRIÇÃO E ANÁLISE INICIAIS DE MARCADORES DISCURSIVOS NO PLB

Como apresentado nas subseções 2.1 e 2.2, uma teoria direcionada à análise da fala que leva em conta a identificação da composição de enunciados por meio de unidades prosódicas, unidades tonais, e de unidades informacionais pode auxiliar a melhor identificar e analisar as unidades dialógicas, mais citadas na literatura como ‘Marcadores Discursivos’. Em Raso (2014), a descrição e análise de MDs é explicitada por meio da L-AcT e esse estudo é tomado como base para a descrição e análise iniciais de MDs na subvariedade português falado no Libolo (pertencente à variedade português falado em Angola) que se apresenta nesta seção.

Quanto à identificação das UTs apresentadas nos enunciados desta seção – que são demonstradas pelos símbolos [/] e [//] – é importante mencionar que as quebras prosódicas não podem ser identificadas por pausas (embora muitas UTs atestem pausa) nem ainda por critérios como a variação de F0 e a queda/ascendência de F0 no final da fronteira. Para algumas UTs como as que veiculam MDs, é possível atestar um certo padrão prosódico, mas nem mesmo estes podem ser ditos ‘cruciais’ para se delimitar uma UT. Assim, chamamos a atenção para o fato de que a segmentação das quebras prosódicas está baseada em critérios de percepção acústica dos transcritores e por isso é importante que haja sempre mais de um transcritor envolvido na tarefa. Como já mencionado na subseção 2.1, pesquisadores do *C-Oral-Brasil* realizam um processo rigoroso de validação dessa percepção por meio de ‘acordo inter-juízes’; é medido o quanto o grupo está em concordância quanto à anotação das fronteiras prosódicas através da estatística Kappa. Isto se deu com o *Corpus 1* (que integra parte dos corpora do C-Oral-Angola em parceria com o C-Oral-Brasil) em que a maioria de nossas análises de MDs nesta seção está centrada. Sobre detalhamentos acerca do teste Kappa no *C-Oral-Brasil*, ver Mello (2014, p. 56-57), entre outros.

Ainda quanto à identificação de UTs, um dos critérios que têm auxiliado nesta tarefa é atentar para uma análise preliminar pragmática do segmento em questão, pois cada UT veicula uma unidade informacional, ou seja, uma unidade pragmática como ‘comentário’, ‘tópico’, unidade dialógica (MD) e outras. Como também apresentado na seção 2, pesquisadores da L-AcT atestaram 21 unidades pragmáticas – ver Moneglia e Raso (2014, p. 478-491).

A seguir são descritos e analisados os seguintes MDs no PLB: *tás a ver*, *eh pah*, *ya* e *Júlia*. Esses MDs são identificados por meio de UTs marcadas pelos símbolos [/] e [//]; seguem-se a esses símbolos dois outros: [=] que ‘ensanduicham’ o nome do tipo de MD nos dados abaixo.

4.1 A Unidade Dialógica *Tás a Ver*

O conteúdo locutivo *tás a ver* é muito recorrente na fala do PLB (e no português angolano em geral). No entanto, *tás a ver* e outros conteúdos locutivos só podem ser propriamente descritos e analisados como pertencentes a uma dada unidade informacional (textual, dialógica, de lista ou outra) se forem levados em conta parâmetros prosódicos e pragmáticos na descrição e análise.

Em (10), renumerado abaixo em (12) e seguido da Figura 2, atesta-se essa expressão que se situa em um enunciado composto por quatro outras UTs:

- (12) FAL: é tempo de guerra ainda mesmo / sítio as velha / te guardo kabucado de sal no bolso pa ir te meter sítio que ele te guardou / **tás a ver** // =CNT=
Ainda é tempo de guerra/ no 'sítio as velha' / eu te guardo um pouquinho de sal no bolso para ir meter no lugar onde te aprisionaram/ estás a ver //
 (Corpus 1)

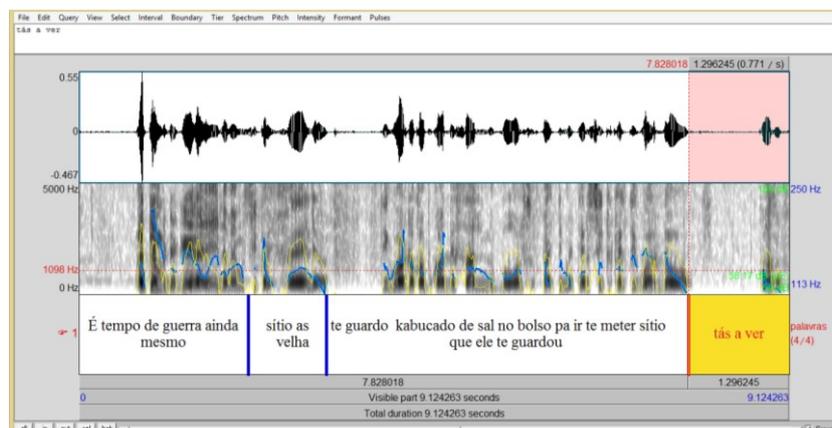


Figura 2: Imagem Praat da sentença (12)

Tás a ver (12) é uma unidade prosódica localizada na posição final de uma ilocução do tipo ‘diretivo-discurso relatado’³⁰. A expressão *tás a ver* está inserida em UT – observar a linha vermelha marcando a UT em questão – que é precedida e seguida por quebras prosódicas e que não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado. Logo, *tás a ver* não pode ser analisada como um ato ilocucionário. O perfil prosódico/pragmático de *tás a ver* (12) permite que esta expressão seja apontada como um MD com função ‘Conativa’ (CNT).

Em Raso (2014, p. 428), verifica-se que um MD ‘Conativo’ atesta a função de induzir o interlocutor a algo e é bem frequente em ilocuições diretivas (embora possa aparecer em diferentes tipos de ilocução). Como mencionado acima, *tás a ver* (12) insere-se em uma ilocução do tipo ‘diretiva’ – ver nota (30). Segundo Raso (2014, p. 428), MDs do tipo ‘Conativo’ atestam um perfil prosódico descendente, de duração curta e de intensidade alta (esse MD pode ter duração maior caso esteja posicionado ao final). Na Figura 2, observa-se que *tás a ver* (12) apresenta: um perfil de queda com duração aproximada de 1,29 e intensidade de 59,17 dC. Note a imagem isolada da UT em questão na Figura 3:

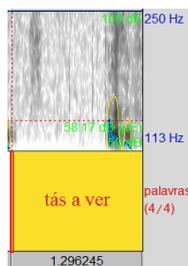


Figura 3: Imagem Praat da UT *Tas a ver*, retirada da sentença (12) acima

³⁰ Em Moneglia e Raso (2014: 477-478), apontam-se os tipos ilocucionários atestados até então por estudiosos da L-AcT. Esses tipos de ilocução se inserem em cinco classes maiores: representativo, diretivo, expressivo, rito e recusa

Importante notar que, em Raso (2014, p. 428-429), apresenta-se o conteúdo locutivo ‘tá vendo’ como um exemplar de MD ‘Conativo’ no português falado no Brasil (PB). *Tás a ver* (um conteúdo locutivo do português falado no Libolo/Angola) atesta características prosódicas e funcionais muito próximas de *tá vendo* (PB).

A fim de se ratificar a análise de *tás a ver* (12) como um MD, chama-se a atenção para o conjunto enunciativo a seguir em (13), que corresponde a um par dialógico ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’³¹. Na primeira ilocução em (13) – de tipo ‘diretivo-pergunta total’ –, atesta-se o conteúdo locutivo *tás a ver* que é analisado como parte da sequência da unidade informacional ‘comentário’ (COM):

- (13) *MA: Julinha/ **tás a ver** aquelas rosas de porcelana³²//=COM=
Julinha/ você está vendo aquelas rosas de porcelana/ /
 *JU: sim/ minha tia³³//
(Corpus 3)

Em (13), *JU também poderia responder à pergunta feita por *MA utilizando o conteúdo locutivo *ya*:

*JU: *ya/ minha tia/ /*

Sobre o conteúdo locutivo *ya*, veja detalhes na subseção (4.3). Atente que, diferentemente de (12), o conteúdo locutivo *tás a ver* (13) não está inserido em uma UT isolada. *Tás a ver* (13) é parte de uma sequência de itens lexicais composicionais que formam, juntos, uma UT cuja unidade informacional é chamada de ‘Comentário’³⁴. Assim, essa expressão mantém seu valor léxico-semântico, fato este que não ocorre com o MD *tás a ver* em (12) – que, naquele contexto, perde seu valor lexical.

A seguir atesta-se o sintagma *tás a ver* inserido em outra ilocução. Embora tenha todas as características de um MD, esse sintagma aponta para uma função dialógica diferente da analisada em (12). Observe a enunciação em (14), seguida da Figura 4:

³¹ Para um estudo sobre respostas afirmativas para perguntas polares no português falado no Libolo, ver Jorge (2018).

³² Para imagens dessa flor belíssima, ver, entre outros:
<https://prazerdeconhecer.wordpress.com/2016/10/30/rosas-de-porcelana>.

³³ Em Angola, e como se observa no Libolo, ‘tia/tio’ (ex. *tio Rui/tia Ká*) é uma ‘expressão de tratamento formal’ endereçada a uma pessoa que não pode ser tratada pelo seu nome próprio (de maneira informal). Equivale, *grosso modo*, ao ‘seu’ (*Seu João*) e ‘dona’ (*Dona Maria*) de formas de tratamento no português falado no Brasil.

³⁴ Neste trabalho, em dados pertencentes ao *Corpus 3* – ver subseção 3.1 –, não se apresenta uma análise prosódica, por meio da figura Praat, do conteúdo locutivo em destaque. Isso se dá pelo caráter da recolha desse tipo de corpus em que os pesquisadores transcreveram a fala espontânea sem possibilidade de tê-la gravado.

- (14) *FAL: avô / quando foi lá / roçar caminho daqui até lá / **tás a ver**
 // =EXP=
 O avô / quando fui lá / eu rocei o caminho daqui até lá / *estás a ver* /³⁵
 (Corpus 1)

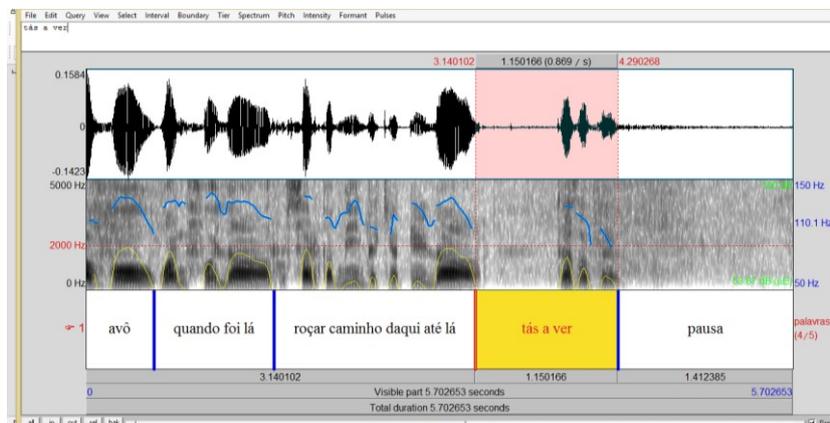


Figura 4: Imagem Praat da sentença (14)

Em (14), a expressão *tás a ver* não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado; assim, esse sintagma não pode ser analisado como um ato ilocucionário. *Tás a ver* (14) aloja-se em uma enunciado que é composto por quatro UTs e está inserido dentro de uma UT própria, ao fim do enunciado em que se atesta uma pausa; a expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Essas características já possibilitam apontar *tás a ver* (14) como um MD.

Em (14) *tás a ver* é analisado como um MD ‘Expressivo’. Segundo Raso (2014, p. 422), MDs do tipo ‘Expressivo’ são caracterizados como um suporte emocional para a ilocução, dividindo, desse modo, uma coesão social com o interlocutor. Em (14) essa coesão social, marcada por meio do MD *tás a ver*, é dividida com o ‘entrevistador’ do auxiliar linguístico *FAL – no caso, Carlos Figueiredo (ver Anexo).

Ainda segundo Raso (op. cit.), MDs ‘Expressivos’ têm distribuição livre (embora a posição inicial seja uma posição predileta desses MDs). MDs ‘Expressivos’ dão suporte a vários tipos de ilocução; em (14) o MD *tás a ver* (14) oferece suporte a um tipo ilocucionário ‘representativo-narrativo’³⁶.

MDs do tipo ‘Expressivo’ atestam perfis prosódicos variados (provavelmente devido a sua função de dar suporte a diferentes tipos ilocucionários) – Raso (2014, p. 422). No entanto, segundo o autor (op. cit.), esses MDs apresentam, muito preferencialmente, perfil modulado com duração e intensidade médias. O MD ‘Expressivo’ *tás a ver* (14) – como se observa na Figura 4 – apresenta perfil de duração de 1.15 e intensidade 53.87.

³⁵ Esse enunciado transcrito em (14) insere-se no seguinte contexto narrativo: “Quando fui ao local onde o meu avô vive, enquanto eu roçava uma pequena empreitada (área), **tás a ver**, o meu avô contou-me muitas histórias.” As autoras agradecem a João A. A. Pereira pelo auxílio com essa ‘versão livre’ do contexto do enunciado (14).

³⁶ Ver nota (30).

4.2 A Unidade Dialógica *Eh pa*

Abaixo atesta-se o conteúdo locutivo *eh pa*, inserido em outra ilocução do português falado no Libolo e seguido da Figura 5. Como *tás a ver* na ilocução (14), *eh pa* (15) é também analisado como um MD ‘Expressivo’ (EXP):

(15) *FAL: **eh pa** /=EXP= vai já lavar prato / foste mbora //
*eh pa/ vá então já lavar prato/ foste embora (vá então) //*³⁷

(Corpus 1)

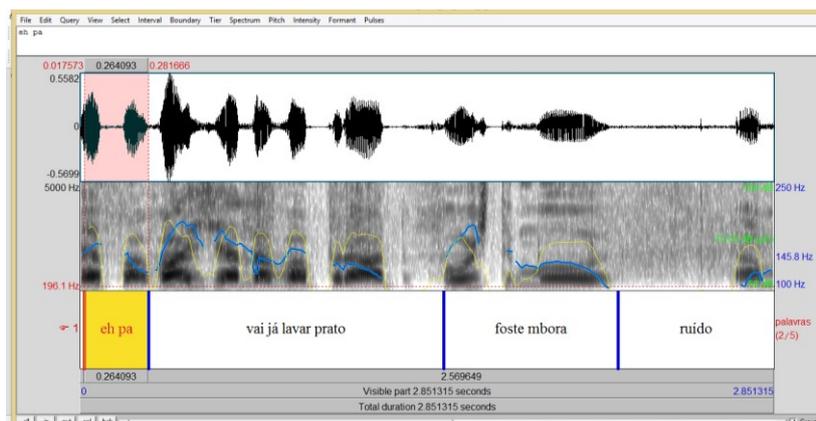


Figura 5: Imagem Praat da sentença (15)

A expressão *eh pa* (15) não pode ser pragmaticamente interpretada em isolado; logo não se trata de um ato ilocucionário. *Eh pa* (15) está situada em um enunciado composto por três UTs e inserida dentro de uma UT própria, no início do enunciado; a expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Em (15), *eh pa* é analisada como um MD ‘Expressivo’ – a mesma análise atribuída a *tás a ver* (14).

Como apontado acima na análise do MD em (14), MDs ‘Expressivos’ atestam suporte emocional para a ilocução, dividindo, assim, uma coesão social com o interlocutor – Raso (2014, p. 422). Ainda, segundo Raso (op cit), MDs ‘Expressivos’ têm distribuição livre mas a posição inicial é a posição predileta desses MDs como se atesta com *eh pa* (15). Nessa posição inicial, um MD ‘Expressivo’ “[...] têm também a função de tomar o turno ou começar uma enunciação, sem apresentar contraste com uma enunciação prévia do interlocutor”³⁸. Esse fato é o que se observa na fala transcrita acima: em (15), por meio de um diálogo relatado, o ‘narrador’ *FAL atesta uma ilicitação em que seu avô toma seu turno e inicia um novo turno por meio do MD ‘Expressivo’ *eh pa* – ver nota (37). MDs ‘Expressivos’ dão suporte a vários tipos de ilocução; em (15), *eh pa* apoia uma ilocução do tipo ‘expressivo-encorajamento’³⁹.

MDs do tipo ‘Expressivo’ atestam perfis variados como afirma Raso (2014, p. 422). O MD ‘Expressivo’ *eh pa* (15) – como se observa na Figura 5 – apresenta perfil de queda com duração curta em relação ao restante da sentença com intensidade de 73.55.

³⁷ O contexto dessa fala transcrita em (15) é apresentado no diálogo a seguir – as autoras agradecem a João A. A. Pereira pelo auxílio com essa ‘versão’:

– *Avô, estou indo tomar banho. Depois vou lavar pratos.*
 – *Epa! vai então já lavar, filho.*

³⁸ Raso (2014, p. 422), tradução nossa.

³⁹ Ver nota (30)

4.3 A Unidade Dialógica *Ya*

Nesta subseção apresenta-se o conteúdo locutivo *ya* também bastante produzido na fala angolana, como se atesta na subvariedade português falado no Libolo.

O conteúdo locutivo *ya* é uma palavra do alemão em que é escrita como *ja*. *Ya* foi introduzido na África por meio da administração de colônias alemãs nesse continente como o Tanganica (atual Zanzibar) e o Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia).

Segundo Figueiredo (2016, p. 84), a chegada das primeiras famílias alemãs na região do município do Libolo (Kwanza Sul, Angola) aconteceu em 1921; para o autor (op cit), esse foi um fato decisivo para a ocupação e desenvolvimento da região, pois a comunidade alemã no Libolo deu grande impulso à indústria agropecuária da região.

Atente para o excerto a seguir, retirado de um ‘blog da língua alemã’⁴⁰. Nesse trecho, explicita-se que

[...] existem três palavras em alemão que são frequentemente usadas como palavras de preenchimento na fala. Ou seja, eles são inseridos em uma frase sem alterar o significado da sentença, mas apenas o tom da voz, por assim dizer. Estas palavras são: ‘mal’, ‘ja’ e ‘doch’.”

Como se observa acima, a palavra *ja* (‘ya’) atestada em alemão é caracterizada como uma unidade dialógica, definida, ao lado de outras, como uma ‘palavra de preenchimento de fala’.

Assim, na ilocução (16), seguida da Figura 6, *ya* é apontado como uma unidade dialógica, ou seja, *ya* é descrito e analisado como um MD de função ‘Fática’ (PHA) no português falado do Libolo e que foi inserido nessa variedade, muito possivelmente, via contato linguístico com falantes de alemão em Angola (e no Libolo especificamente):

(16) *FAL: já vais arranjar o kabanco⁴¹ também pa você pausar muita conversa também velho / é assim <hhh>⁴² nũ sei quê / **ya** // =PHA=
Você vai já arranjar um assento pra gente manter muita conversa velho / é assim <bbb> não sei o quê / ya // ⁴³

(Corpus 1)

⁴⁰ O excerto é traduzido do *German Language Blog*: <https://blogs.transparent.com/german/the-words-%E2%80%9Cmal%E2%80%9D-%E2%80%9Cja%E2%80%9D-and-%E2%80%9Cdoch%E2%80%9D-in-german-speech>.

⁴¹ *Ka-* (diminutivo no quimbundo): *kabanco*, ‘banquinho’.

⁴² Marcação de ruído paralinguístico de acordo com as normas de transcrição da fala do *C-Oral-Brasil* – ver Mello et al (2012).

⁴³ Agradecemos a João A. A. Pereira pela tradução livre desse enunciado.



Figura 6: Imagem Praat da sentença (16)

A seguir, apresenta-se a análise prosódico-pragmática referente a *ya* (16). O conteúdo locutivo *ya* (16) não pode ser pragmaticamente interpretado em isolado; logo não se trata de um ato ilocucionário. *Ya* (16) está situado em um enunciado composto por três unidades tonais e inserido dentro de uma UT própria, ao final do enunciado; essa expressão é precedida e seguida por quebras prosódicas. Em (16), *ya*, como já mencionado, é analisado como um MD ‘Fático’.

Segundo Raso (2014, p. 421), MDs ‘Fáticos’ são os mais frequentes porque eles têm a função de sinalizar que o canal de comunicação está aberto. Esse parece ser o caso de *ya* (16), inserido em uma ilocução do tipo ‘diretivo-sugestiva’⁴⁴.

MDs do tipo ‘Fático’ atestam perfil achatado ou de queda; têm duração bem curta e também uma intensidade muito baixa – Raso (2014, p. 421). Um exemplar desse MD no português falado no Brasil, oferecido por Raso (op cit), é o conteúdo locutivo *né*, que muitas das vezes tem uma realização fonética bem reduzida. O MD *ya* (16) – como se observa na Figura 5 – apresenta perfil de queda, como é possível observar no trecho destacado na figura, com duração de 0,242 e intensidade 67.36.

Importante ainda notar que o conteúdo locutivo *ya* é atestado também em Angola e no Libolo em ilocuições que formam um par dialógico ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’. Abaixo, na ilocução da falante *LA (de tipo ‘representativo-resposta’)⁴⁵, atesta-se o conteúdo locutivo *ya*:

- (17) *RU: Fizeste as tarefas//
 *LA: *ya*//=COM
sim//

(Corpus 3)

Atente que, diferentemente de (16), o conteúdo locutivo *ya* (17) não está inserido em uma unidade tonal isolada em um conjunto de UTs. Diferentemente, *ya* (17) é o único item lexical a compor uma UT cuja unidade informacional é o ‘Comentário’ (COM)⁴⁶. Assim, em (17), *ya* aponta para um valor léxico-semântico

⁴⁴ Ver nota (30).

⁴⁵ Ver nota (30).

⁴⁶ Ver nota (34).

‘sim’ (resposta a uma pergunta), fato este que não se dá com o MD *ya* em (16) – que, naquele contexto, tem o valor lexical esvanecido, apontando apenas para um valor amplo de asserção.

Segundo Carlos Figueiredo, em comunicação pessoal, pares dialógicos ‘pergunta-resposta do tipo sim-não’ cuja resposta se dá com *ya* (e não com *sim*) – como (17) – são cada vez mais atestados no português falado no Libolo. O pesquisador afirma que dados como (17) são bastante producentes entre indivíduos mais jovens do município. Reveja a resposta da pergunta (13) – *Corpus 3* – que pode ser respondida por *sim* ou por *ya*.

4.4 A Unidade Dialógica *Júlia*

Como apontado na subseção 2.2, em trabalhos linguísticos prévios que abordam a temática ‘Marcadores Discursivos’, e fora do escopo da L-AcT, a categoria chamada ‘vocativos’ não foi contemplada no conjunto das classes de palavras que podem também atuar como MDs. No entanto, de acordo com a L-AcT, certos elementos ‘vocativos’ situados em unidades prosódicas específicas podem ser classificados como ‘unidades dialógicas’ que são chamadas de MDs ‘Alocutivos’.

A seguir, em (18), seguido pela Figura 7, atesta-se o conteúdo locutivo *Júlia*, analisado como um MD ‘Alocutivo’ (ALL):

- (18) *AL: **Júlia**/=ALL= você deve perceber que nós tamos em tempo de crise
Júlia/ você deve perceber que nós estamos em tempo de crise/ / (Corpus 2)



Figura 7: Imagem Praat da sentença (18)

Em (18) o conteúdo locutivo *Júlia* não é pragmaticamente interpretado em isolado. *Júlia* (18) aloja-se em um enunciado composto por duas UTs e está inserido dentro de uma unidade tonal própria no início da ilocução, precedido e seguido por quebras prosódicas. Portanto, ao se atentar para suas características prosódicas, *Júlia* (18) pode ser definido como um MD ‘Alocutivo’.

MDs ‘Alocutivos’ como *Júlia* (18) têm duas funções como se observam em Raso (2012, p. 110), (2014, p. 426), entre outros: identificam o interlocutor e marcam coesão social. O MD *Júlia* (18) marca a coesão social entre o falante *AL com sua

interlocutora 'Júlia', logo atesta uma função muito próxima à função de MDs 'Expressivos' como *eh pa* (15). *Júlia* (18) é um MD inserido em uma ilocução do tipo 'expressiva-repreensão'. Atente-se para o fato que MDs 'Alocutivos' não perdem seu valor lexical, pois eles são nomes próprios.

Raso (2014, p. 436-437) aponta o perfil prosódico de MDs 'Alocutivos' que marcam coesão social como *Júlia* (18): têm perfil plano e mais usualmente perfil de queda como é possível observar no trecho destacado na Figura 7 acima; a UT *Júlia* apresenta duração de 0,36 e intensidade de 76.26. Entretanto, este tipo de MD, quando posicionados no fim do enunciado podem atestar uma duração mais longa.

Nos próximos exemplos, apresentam-se itens lexicais 'vocativos' no português falado no Libolo que, dadas as suas características prosódicas, não podem ser analisados como MDs no PLB. Os exemplos são de Santos (2017): um estudo inédito sobre 'vocativos' em uma variedade de português falado na África e inserido no modelo teórico da fonologia autosssegmental e métrica da entoação. O autor (op cit) objetivou explorar a prosódia de unidades lexicais 'vocativos' do PLB por meio de enunciados que atestam dois significados distintos de 'vocativos': (i) o chamamento inicial e (ii) o chamamento de insistência. No estudo, 'vocativos de chamamento' no PLB são cotejados com 'vocativos de chamamento' em variedades do português falado em Portugal e no Brasil.

A seguir, observe exemplos de dois 'vocativos' apreendidos por Santos (op cit) por meio de 'testes específicos' com auxiliares linguísticos no Libolo⁴⁷:

- (19) CONTEXTO: Você quer que a Marina venha pra cozinha pra jantar.
Chama ela.
RESPOSTA: **Marina!** (*Chamamento inicial*)
- (20) CONTEXTO: Passaram dez segundos e ela ainda não veio. Volta a chamar ela.
RESPOSTA: **Marina!!!** (*Chamamento de insistência*)

Os detalhes da análise prosódica desses dois 'chamamentos' podem ser vistos em Santos (2017). No entanto, o que se quer chamar a atenção quanto aos exemplos (19) e (20) é que, de acordo com a L-AcT, os dois tipos de vocativos do PLB apresentados no estudo de Santos (op cit) não podem mesmo ser analisados como MDs. Abaixo os 'vocativos' atestados em (19) e (20) são reapresentados, renumerados, de acordo com a L-AcT:

- (21) Marina//=COM= (*Chamamento inicial*)
(22) Marina//=COM= (*Chamamento de insistência*)

Observe que os dois conteúdos locutivos *Marina* em (21) e (22) atestam um ato *ilocucionário* autônomo; são o único item lexical pertencente a uma única UT do tipo 'terminal' e que pragmaticamente aponta para uma única unidade informacional: 'Comentário' (COM) – observe que os conteúdos locutivos *Marina* em (21) e (22) são claramente interpretáveis em isolado, logo não se tratam de MDs 'Alocutivos'. Assim, o estudo de Santos (2017) sobre 'vocativos de chamamento' no PLB, ainda que indiretamente, une-se a esse estudo pois seus 'resultados' nos permitem afirmar que

⁴⁷ Santos (2017, p. 63); exemplos (1) e (2), renumerados. O negrito nos exemplos é inserção das autoras deste trabalho.

‘vocativos de chamamento’ não se inserem em enunciados como unidades dialógicas (MDs).⁴⁸ Como visto na seção 2.2 e nesta subseção, somente ‘vocativos’ que identificam o interlocutor ou que marcam coesão social (como exemplificado no PLB em (18)) podem ser analisados como MDs ‘Alocutivos’.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentaram-se uma descrição e análise iniciais de ‘Marcadores Discursivos’ apreendidos em enunciados do português falado no Libolo, uma subvariedade do português falado em Angola. Como apontado na seção 3, a análise de MDs do PLB foi baseada no que se denominou no estudo de *Corpus 1, 2 e 3*, que são parte do acervo do *Projeto Libolo* e resultado direto de trabalhos de campo em Angola nos últimos cinco anos. Especificamente, os dados do *Corpus 1* selecionados para a análise integram um projeto de pesquisa de corpora orais para o estudo da fala espontânea chamado de *C-Oral-Angola* (em construção) – em parceria com pesquisadores do *C-Oral-Brasil*.

Na investigação, orientada pela L-AcT, ratificou-se que o fluxo da fala só pode ser propriamente analisado se segmentado em enunciados através de parâmetros prosódicos que apontam para o reconhecimento de unidades informacionais (pragmáticas) específicas. Assim, uma análise de base prosódica-pragmática é crucial para a identificação de um dado conteúdo locutivo como MD. Por exemplo, em um dos conteúdos locutivos estudados, *tás a ver*, foi possível a descrição e análise de duas unidades informacionais distintas: (i) *tás a ver* como integrante de um conjunto de unidades locutivas pertencentes a uma ilocução específica: ‘Comentário’ (COM); (ii) *tás a ver* que, embora se insira em uma unidade prosódica em isolado, não recebe interpretação em isolado (dependendo de outra(s) unidades prosódicas para tal). Logo, nesse caso, *tás a ver* exemplifica um MD. No entanto, em dois enunciados distintos, verificou-se ainda que, dadas as suas características prosódicas, esse item locutivo apresenta duas funções diferentes: ‘Conativa’ (CNT) e ‘Expressiva’ (EXP). No estudo, a função ‘Expressiva’ foi também apontada para o conteúdo locutivo *eh pa*.

Neste trabalho atestou-se ainda a ocorrência de um MD introduzido no português falado em Angola via contato linguístico com falantes de alemão na África – no caso em específico, por falantes alemães organizados em colônias no Libolo. Trata-se do MD *ya*, com função ‘Fática’ (PHA), que também foi localizado em unidade prosódica que forma um enunciado do tipo ‘Comentário’.

Por fim, por meio da unidade locutiva *Júlia*, foi apontado um exemplar de MD com função ‘Alocutiva’ (ALL) – um ‘vocativo’ – no PLB. Essa análise foi centrada em estudos prosódicos-pragmáticos recentes – como Raso (2014) – que possibilitam descrever e analisar unidades ‘vocativas’ como MDs. Como observado, em estudos prévios sobre ‘vocativos’, fora do escopo da L-AcT, não se atesta essa ‘categoria’ como uma unidade dialógica.

⁴⁸ Seria interessante dizer que, nesse caso, a duração do vocativo é maior e o tipo de curva entoacional associada ao vocativo de chamamento é diferente da curva entoacional associada ao vocativo MD. No entanto, pensamos que esta seja uma afirmação que precisa ser melhor desenvolvida em trabalho futuro.

A partir desse estudo inicial, prevê-se a descrição e análise de outros MDs no PLB; prevê-se ainda a realização de cotejos entre esses MDs com outras línguas (e variedades de português) a exemplo do que se apresenta em Raso (2014).

REFERÊNCIAS

- Austin JL. How to do things with words. Oxford: OUP; 1962.
- Bechara E. Moderna gramática portuguesa, 37ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena; 2006.
- Boersma P, Weenink D. Praat: doing phonetics by computer. 2009, 5ª ed. [citado 15 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat>.
- Bonvini E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In Fiorin JL, Petter MT, organizadores. África no Brasil: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto; 2008, p. 16-52.
- Bowern C. Fieldwork in contact situations. In: Hickey R, organizador. The Handbook of language contact. Oxford: Blackwell-Publishing; 2010. p. 340-357.
- Chomsky N. The Minimalist program. Current studies in linguistics. Cambridge, Massachusetts: MIT; 1995.
- Cohen, J. A Coefficient of agreement for nominal scales. Educational and psychological measurement. 1960;20:37-46.
- Cresti E. Corpus di italiano parlato. Firenze: Accademia della Crusca; 2000. 2 vol.
- Cresti E, Moneglia M. C-ORAL-ROM. Integrated reference corpora for spoken Romance languages. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2005.
- Dias P. Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N do rosario, mãe, & senhora dos mesmos pretos. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade; 1697[2006].
- Ferreira RLL. Aspectos da estrutura de complementação no português do Libolo/Angola. [projeto]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2017-2018.
- Figueiredo CFG. Retratos do Libolo. In: Figueiredo CFG, Oliveira MSD, organizadores. Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza Sul, Angola. Vol. 2. Lisboa: Chiado; 2016.
- Figueiredo CFG. Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil. In: Oliveira MSD, Gabriel AA, organizadores. O português na África Atlântica. São Paulo: Humanitas/FAPESP; 2018. p. 47-100.
- Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. PAPIA. 2013;23(3):105-85.
- Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Linguística, história, antropologia e ensino no Kwanza-Sul, Angola. In: Figueiredo CFG, Oliveira MSD, organizadores. Projeto Libolo: município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários. Lisboa: Chiado; 2016. Vol. 1.
- Fleiss JL. Measuring nominal scale agreement among many raters. Psychological bulletin. 1971;76(5):378-382.

- Fonseca RJRMD, Silva PJDSP, Silva RRD. Acordo inter-juízes: o caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia*. 2007;5(1):81-90.
- Guthrie M. *The classification of the African languages*. London: Oxford University Press; 1948.
- Frota S, et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota S, Prieto P, editores. *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press; 2015. p. 235-283.
- Jorge LTL. Respostas afirmativas para perguntas polares no PBL: um estudo em perspectiva gerativista. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2018.
- Jubran CS. *A construção do texto falado. Gramática do português culto falado no Brasil, vol. 1*. São Paulo: Contexto; 2015.
- Lewis MP, Gary FS, Charles DF. *Ethnologue: languages of the world*. 18ª ed. Dallas, Texas: SIL; 2015. International. [citado 15 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>.
- Mello H. Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation: the case of C-ORAL-BRASIL. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in corpus linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 27-69.
- Mello M. Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII). São Paulo: EDUSP; 2018.
- Mello H, Carvalho J, Côrtes P. Modalização na fala espontânea do português brasileiro: um primeiro mapeamento de índices morfolexicais. *Revista de Estudos Linguísticos*. 2010;18(2):105-133.
- Mello H, et al. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-ORAL-BRASIL: critérios de implementação e validação. In: Raso T, Mello H, editores. *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012. p. 125-176.
- Moneglia M; Raso T. Notes on language into act theory. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 468-495.
- Raso T. O C-ORAL-BRASIL e a teoria da língua em ato. In: Raso T, Mello, H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012. p. 91-123.
- Raso T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas; 2013. *Domínios de Linguagem*. 2013;7(2):12-46. [citado 20 nov. 2018]. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23730>.
- Raso T, Mello H. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2012.
- Raso T, Mello H. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in corpus linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014.
- Raso T, Mello H. Introduction. In: Raso T, Mello H, editores. *Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 1-24.
- Raso T, et al. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2007;15(2):147-166.

Raso T. Prosodic constraints for discourse markers. In: Raso T, Mello H, editores. Spoken corpora and linguistic studies. Studies in Corpus Linguistics, vol. 61. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins; 2014. p. 411-467.

Risso MS, Oliveira e Silva GM, Urbano H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: Jubran CS, organizadora. A construção do texto falado. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, v. 1. São Paulo: Contexto; 2015. p. 371-390.

Rocha B, Raso T. O pronome lembrete e a teoria da língua em ato: uma análise baseada em corpora 1. Revista Veredas. 2013;17(2):39-59.

Rosa MC. Uma língua africana no Brasil colônia de seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, SJ. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ; 2013.

Santos VG. A prosódica dos vocativos do português angolano do Libolo: primeira abordagem. In: Cleber A, Azevedo ICM, Fratog RMK, editores. Linguística e Literatura: teoria, análises e aplicações. Anais do GELNE 2017, Aracaju-SE. Recife-PE: Pipa Comunicações; 2017. p. 61-72.

FLP20(esp)

ANEXO

Metadados do *Corpus 1* (Monólogo): *O filho do soba*

- Sigla do Auxiliar Linguístico: AC⁴⁹
- Responsável pela recolha: Carlos Filipe Guimarães Figueiredo
- Data da gravação: 24/07/2016
- Local: Aldeia da Quissaquina; Comuna do Quissongo – Município do Libolo (Angola)
- Gravador: SANYO ICR-EH800D
- Transcritores: A transcrição foi realizada por alunos da turma da disciplina: *Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II* (IELP II) – FFLCH/USP⁵⁰; entre os transcritores está Giovana M. Andrade, uma das autoras deste trabalho.
- Chave de Transcrição: a chave para a transcrição do *corpus* segue Mello, Raso, Mittman, Vale e Córtes (2012). Logo, esse corpus é parte do *corpus mínimo do Libolo* (em construção) e diretamente ligado ao projeto *C-Oral-Angola* – ver subseção 1.2.
- Revisores da Transcrição: Etapa 1 – Márcia Oliveira e Maria de Lurdes Zanoli (USP e *Projeto Libolo*); Etapa 2 – grupo LEEL (UFMG), liderado por Tommaso Raso e Heliana Mello (*C-Oral-Brasil* e *C-Oral-Angola*); Etapa 3 – Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*).

Outras Informações:

- i. A aldeia da Quissaquina foi reassentada semanas depois da recolha, pois, com a construção da Barragem da Lauca, a região ficou submersa. A aldeia situava-se na margem do rio Buigi, que estabelecia a fronteira entre o Município do Libolo e o Município do Mussende. Incompreensivelmente, a população da aldeia foi deslocada para o Município do Mussende com o qual não se identifica culturalmente nem linguisticamente.
- ii. Na Quissaquina, na data da recolha, a população falava a variedade *ngoia* do quimbundo (L1 da população) e o português L2.

Metadados do *Corpus 2* (Diálogo): *Discussão de Casa*⁵¹ – *fala 'semi-espontânea'*⁵²

- Sigla dos Auxiliares Linguísticos: JU e AL
- Responsáveis pela recolha: Márcia Santos Duarte de Oliveira e Vinícius Gonçalves dos Santos
- Data da gravação: 12/07/2016
- Local: Calulo, Município do Libolo (Angola)⁵³
- Gravador: gravador digital MARANTZ, modelo PMD661
- Transcritores: Grande parte da transcrição foi realizada por Rodrigo Luiz Ferreira (GELIC/USP).⁵⁴ No entanto, Márcia Oliveira (USP e *Projeto Libolo*) e Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*) também participaram do processo.
- Chave de Transcrição: a chave para a transcrição do corpus segue – no tocante à marcação de unidades tonais – Mello, Raso, Mittman, Vale e Córtes (2012). Importante notar que, à época do início dos trabalhos com essa transcrição, o *C-Oral-Angola* ainda não havia sido instaurado.
- Revisores da Transcrição: Etapa 1 – Márcia Oliveira (USP e *Projeto Libolo*); Etapa 2 – Carlos Figueiredo (UMAC e *Projeto Libolo*).

⁴⁹ A sigla em lugar do nome visa a salvaguardar a privacidade do Auxiliar Linguístico (AL) em causa.

⁵⁰ A turma referida teve como professora Márcia S. D. de Oliveira.

⁵¹ Neste trabalho, opta-se por verificar MDs no *Corpus 2* por se tratar de um 'diálogo' em que se atesta a presença de muitos 'vocativos'.

⁵² Chama-se este corpus de 'fala semiespontânea' por ter sido gravado durante atividade proposta aos auxiliares linguístico JU e AL de que interagissem um com outro como um casal, expressando uma possível briga de casal. JU e AL foram quem propuseram o tema, pois afirmaram que brigas sobre 'compras' é muito comum entre casais no Libolo.

⁵³ Calulo é a cidade-sede do Município do Libolo. A gravação do diálogo se deu durante atividades de trabalho com auxiliares linguísticos do *Projeto Libolo*.

⁵⁴ Rodrigo L. Ferreira transcreveu grande parte do diálogo como atividade ligada a seu projeto de Iniciação Científica – Ferreira (manuscrito).